



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

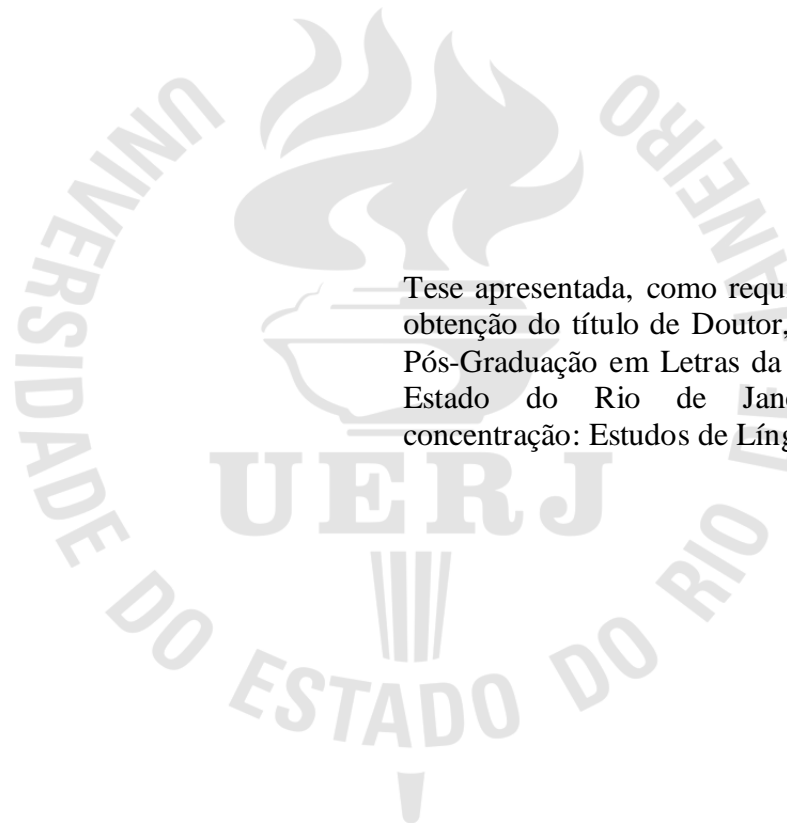
Cristina Normandia dos Santos

A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social
Facebook

Rio de Janeiro
2018

Cristina Normandia dos Santos

A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social *Facebook*



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilar do Abreu

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S237 Santos, Cristina Normandia dos.
A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social
Facebook / Cristina Normandia dos Santos. - 2018.
269 f. : il.

Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de
Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Facebook (Rede social on-line) – Teses.
3. Redes sociais on-line – Teses. 4. Anáfora (Linguística) – Teses. 5. Linguagem
– Teses. 6. Intertextualidade – Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilaro,
1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III.
Título.

CDU 82.085:004.738.5

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Cristina Normandia dos Santos

A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social *Facebook*

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 28 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Michelle Gomez Alonso Dominguez
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Tania Maria Nunes de Lima Camara
Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Carmem Pimentel
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Kátia Cristina do Amaral Tavares
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

DEDICATÓRIA

Para os meus queridos pais, Antonio Normandia e Valeria dos Santos, por me acompanharem, me apoiarem e me ensinarem a importância do ser, a importância do aprender, a importância do ouvir, do observar e do refletir.

Para o meu grande amigo e irmão Antonio, por sempre me amparar e por sempre me cuidar.

Para a minha querida avó Durvalina, por seu olhar de ternura e por seu zelo permanente.

AGRADECIMENTOS

À Professora-PhD Maria Teresa Tedesco Vilaro Abreu, orientadora desta tese, por ter me apresentado os sentidos mais lindos da linguagem e por me ensinar a amar o ensino da linguagem.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a minha segunda casa, que resiste em mim, na minha orientadora e em todos aqueles que acreditam no seu papel de formadora e produtora de conhecimento.

A Deus, por me conduzir, me proteger e alimentar o meu ser.

O problema do texto nas ciências humanas. As ciências humanas são as ciências do homem em sua especificidade, e não de uma coisa muda ou um fenômeno natural. O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.)

Mikhail Bakhtin

RESUMO

SANTOS, Cristina Normandia. **A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social Facebook**. 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

A tese intitulada “A organização discursiva do gênero digital comentário na rede social *Facebook*” apresenta como objetivo avaliar as estratégias de ordem linguística – as expressões definidas anafóricas, direta e indireta – e de ordem discursiva – as relações de intertextualidade explícita e implícita –, com o fim de compreender como é estabelecida a atividade discursiva no gênero digital comentário, no *site Facebook*. Para este fim, a pesquisa fundamentou-se nas abordagens da Linguística Textual com Apothéloz (2003), Koch (2002), Marcuschi (2008, 12), Tedesco (2002); e na abordagem dialógica de Bakhtin (1953/2010). Metodologicamente, a pesquisa organizou-se em perspectiva etnográfica, pois, o método de atuação adotado para a coleta dos dados foi de observação-participante, em perfil público da jornalista Cantanhêde, comentarista do jornal O Estado de São Paulo. Os dados comprovaram a existência de uma superestrutura discursiva, no *Facebook*, a qual é constituída por texto-fonte e comentários que formam pares metatextuais. Assim, no nível micro da superestrutura discursiva, foram analisadas as expressões anafóricas, direta e indireta, a partir de suas funções discursivas e no nível macro da superestrutura discursiva, foram consideradas as relações de intertextualidade explícita (a citação e a referência) e implícita (a alusão). Neste sentido, as categorias linguística-discursivas, no nível micro do gênero comentário, orientaram para: a) a progressão temática de referentes do texto-fonte nos comentários, de acordo com as funções de retomada, de manutenção de referentes e de recategorizações (avaliativas ou não) de referentes; b) a manutenção de ponto de vista em texto verbal de comentários, com base na retomada, na manutenção e na recategorização (avaliativa ou não) de referentes textuais do texto-fonte; c) o sentido generalizado de pontos de vistas, nos textos verbais dos comentários, conforme o uso de expressões definidas encapsuladoras, as quais recategorizam referentes do texto-fonte; d) a inconsistência argumentativa do texto verbal de comentários, conforme o uso de recategorizadores avaliativos; e) a inserção de informações novas, expressões anafóricas indiretas, nos comentários que fazem tanto alusão aos referentes do texto-fonte quanto a textos armazenados na memória semântica dos produtores dos comentários. Enquanto na ordem macro, a análise das categorias linguística-discursivas, no gênero comentário, confirmaram a relação de intertextualidade explícita por citação e por referência, com as funções discursivas de retomada, de manutenção e de recategorização de referentes e a relação de intertextualidade implícita, por alusão, conforme a recategorização avaliativa de referentes, o encapsulamento de referentes e ainda a partir de expressões anafóricas indiretas. Além destas, ainda foram constatadas nos comentários, a intertextualidade explícita composta com citação e com referência, baseada nas funções discursivas de retomada, de manutenção de referentes e recategorização de referentes textuais; a intertextualidade híbrida, de ordem explícita e implícita, conforme as funções discursivas de retomada, de manutenção de referente, de recategorização avaliativa, de encapsulamento e de expressões anafóricas indiretas. Os dados permitem compreender que o gênero comentário não é de perfil conversacional, conforme a superestrutura discursiva. Dessarte, esta é uma contribuição para estudos que buscam esclarecer as particularidades do uso da linguagem virtual.

Palavras-chave: Gênero discursivo digital comentário. Anáfora direta. Anáfora indireta. Intertextualidade. Organização discursiva. *Facebook*.

ABSTRACT

SANTOS, Cristina Normandia. **The discursive organization of the digital genre Commenton the network social Facebook.** 2018. 269 f. Tese (Doutorado em Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This thesis entitled "The discursive organization of the online text type 'commentary' on the social network Facebook" aims to evaluate the strategies of linguistic - the direct and indirect anaphoric expressions - and discursive order - the explicit and implicit intertextual relations -, with the purpose of understanding how the discursive activity is established in the commentaries on the site Facebook. For this purpose, the research was based with Apothéloz (2003), Koch (2002), Marcuschi (2008,), Tedesco (2012) and in the dialogical approach of Bakhtin (1953/2010). Methodologically, the research was organized in an ethnographic perspective, since the research method of participant observation, in a public profile of journalist Cantanhêde, commentator of the journal O Estado de São Paulo. The data proved the existence of a discursive superstructure on Facebook, which is constituted by the source text and its comments that form metatextual pairs. Thus, on the micro level of the discursive superstructure, the direct and indirect anaphoric expressions were analyzed by their discursive functions and on the macro level of the discursive superstructure, explicit (quotation and references) and implicit intertextual relations (allusions) have been considered. In this sense, the linguistic discursive categories, at the micro level of the text type 'commentary', have oriented to: a) the thematic progression of referents of the source text in the comments, according to the functions of resumption, maintenance of referents and recategorization (evaluative or not) of referents; b) the maintenance of the point of view in the comments, based on the resumption, maintenance and recategorization (evaluative or not) of textual references used of the source text; c) the generalized sense of point of views in the verbal texts of the comments, according to the use of defined encapsulating expressions, which recategorize references of the source text; d) the argumentative inconsistency of the verbal comment text, according to the use of evaluative recategorizers; e) the insertion of new information, anaphoric indirect expressions, in the comments that make as much reference to the referents of the source text as to texts stored in the semantic memory of the authors of the comments. While on the macro level, the analysis of the linguistic discursive categories confirmed the relation of explicit intertextuality by means of quotation and reference, with discursive functions of resumption, maintenance and recategorization of referents and the relation of implicit intertextuality by means of allusion, according to the evaluative recategorization of referents encapsulation of referents and still to indirect anaphoric expressions. In addition, there is explicit intertextuality expressed by quotation and reference, based on the discursive functions of resumption, maintenance of referents and recategorization of textual referents, could still be observed in the comments hybrid character of explicit and implicit intertextuality, according to the discursive functions of resumption, maintenance of referent, evaluative recategorization, encapsulation and anaphoric indirect expressions. The data allow us to understand that the comment genre is not conversational, according to its discursive superstructure. So, it is a contribution studies that seek to clarify the peculiarities of the use of digital language.

Keywords: Digital discursive commentary. Direct anaphora. Indirect anaphora. Intertextuality. Discursive organization. Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Apresentação do site do <i>Facebook</i>	43
Figura 2-	Perfil do <i>Facebook</i> (<i>Homepage</i>).....	44
Figura 3-	A referência textual.....	56
Figura 4-	Operações cognitivas da anáfora endofórica.....	56
Figura 5-	Processamento da Anáfora direta de acordo com Marcuschi (2012).....	59
Figura 6-	Processamento anafórico do referente textual “Ministro da Justiça”.....	62
Figura 7-	Processamento da anáfora indireta (MARCUSCHI, 2012, p. 57).....	67
Figura 8-	Anáfora indireta “superlotação dos presídios”.....	68
Figura 9-	Relação intergenérica entre o gênero digital Blog e os gêneros não digitais, diário pessoal, anotações e agendas.....	80
Figura 10-	Relação intergenérica entre o perfil do <i>Facebook</i> e o <i>Blog</i>	81
Figura 11-	<i>Blog</i> da jornalista Cantanhêde.....	81
Figura 12-	Perfil do <i>Facebook</i> da Jornalista Cantanhêde.....	82
Figura 13-	Perfil público da jornalista Eliane Cantanhêde.....	120
Figura 14-	<i>Link</i> do artigo de opinião.....	125
Figura 15-	Tipificação dos comentários.....	128
Figura 16-	A relação metatextual do texto-fonte com os comentários.....	129
Figura 17-	Categorização do <i>corpus</i>	134
Figura 18-	Texto-fonte: <i>Impeachment or not impeachment</i>	136
Figura 19-	Tópicos discursivos e subtópicos de “ <i>Impeachment or not impeachment</i> ” ..	148
Figura 20-	Comentários sobre o texto-fonte “ <i>Impeachment or not impeachment</i> ”	149
Figura 21-	Texto-fonte “ <i>Erga Omnes</i> ”.....	158
Figura 22-	Tópicos discursivos e subtópicos do Texto-fonte “ <i>Erga Omnes</i> ”.....	163

Figura 23-	Comentários sobre Texto-fonte “Erga Omnes”.....	164
Figura 24-	Texto-fonte Governo usa AIDS contra a redução da maioria penal.....	176
Figura 25-	Tópicos discursivos e subtópicos de Governo usa AIDS contra a maioria penal.....	184
Figura 26-	Comentário sobre o texto-fonte “Governo usa AIDS contra a redução da maioria penal”.....	185
Figura 27-	Texto-fonte: “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha”.....	199
Figura 28-	Tópicos discursivos e subtópicos do texto-fonte “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha”.....	206
Figura 29-	Comentários sobre o texto-fonte “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas”.....	207
Figura 30-	Texto-fonte: “O rei do pixuleco?”.....	214
Figura 31-	Tópicos discursivos e subtópicos do texto-fonte “O rei do pixuleco?”.....	219
Figura 32-	Comentários sobre o texto-fonte “o rei do pixuleco?”.....	220
Figura 33-	Superestrutura discursiva: Gênero discursivo digital perfil do <i>Facebook</i>	237
Figura 34-	Relação intertextual entre os textos-fontes e os comentários.....	239

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1-	A perspectiva variacionista segundo Marcuschi (2003).....	25
Tabela 2-	A perspectiva sociointeracionista segundo Marcuschi (2003).....	27
Tabela 3-	Modalidades da linguagem - Tedesco (2013).....	28
Tabela 4-	Terceira modalidade da linguagem.....	35
Quadro 1-	Correlação entre gêneros emergentes e preexistentes (MARCUSCHI E XAVIER, 2010).....	41
Quadro 2-	Características dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário.....	114
Quadro 3-	Organização metodológica da pesquisa.....	126
Quadro 4-	Aspectos de análise em cada gênero discursivo que compõe o par metatextual.....	130
Quadro 5-	Comentários que ativam o referente textual Eliane Cantanhêde.....	207

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	O CONTEXTO DA <i>INTERNET</i> E O USO VIRTUAL DA LINGUAGEM.	17
1.1	O contexto da <i>Internet</i> : as implicações culturais.....	17
1.2	O Uso virtual da linguagem.....	23
1.3	Gênero discursivo, suporte e a rede social <i>Facebook</i> em discussão.....	36
2	A REFERENCIAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS ANAFÓRICAS NO GÊNERO COMENTÁRIO.....	49
2.1	A Referenciação: a (re)construção da realidade.....	49
2.2	A Anáfora direta (AD): Estratégia discursiva de Referenciação.....	55
2.3	A Anáfora indireta (AI): Estratégia discursiva de Referenciação.....	66
3	A INTERDISCURSIVIDADE E A INTERTEXTUALIDADE NO GÊNERO COMENTÁRIO.....	72
3.1	A Relação interdiscursiva e A Relação de intertextualidade.....	72
3.2	A Intertextualidade e suas especificidades.....	77
4	OS ASPECTOS ARGUMENTATIVOS DO ARTIGO DE OPINIÃO E DO COMENTÁRIO.....	86
4.1	Sobre argumentar, argumentatividade e argumentação.....	86
4.2	Os aspectos argumentativos no gênero artigo de opinião.....	93
4.3	Os aspectos argumentativos no gênero comentário.....	104
5	A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	116
5.1	Os objetivos e aspectos de investigação.....	116
5.2	O contexto da pesquisa.....	118
5.3	Os participantes da pesquisa.....	123
5.4	Os instrumentos para a geração de dados e as categorias de análise.....	126
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	135

6.1	Par metatextual I: <i>Impeachment or not impeachment</i> – 22 de maio de 2015.....	136
6.2	O Par metatextual II: <i>Erga Omne</i>.....	158
6.3	O Par metatextual III: Governo usa AIDS contra a maioria penal.....	176
6.4	Par metatextual IV: “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha” – 22 de julho de 2015.....	198
6.5	Par metatextual V – “O rei do pixuleco?” – publicado em 5 de agosto de 2015.....	213
6.6	A Análise qualitativa do <i>corpus</i> da pesquisa.....	229
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
	REFERÊNCIAS.....	251
	ANEXOS.....	255

INTRODUÇÃO

Esta tese estuda as relações discursivas em ambiente de entretenimento da *Internet*, com base em dois conceitos que determinam a textualidade do texto, a saber: a intertextualidade, uma das propriedades da coerência textual, e as estratégias de referenciação, anáforas direta e indireta, uma das especificidades da coesão textual.

Tanto a coerência quanto a coesão referencial são traços de significação, pois, a coerência, de acordo com Koch (1998, p. 40), “é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto”, e a coesão, ainda com Koch (1998, p. 40) é “a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual”. Pretende-se compreender, nesta pesquisa, a organização da textualidade no gênero digital Comentário, em ambiente virtual *Facebook*, *site* considerado o mais popular do país.

Quando acessamos a plataforma da CAPES e se faz uma atividade de busca de estudos sobre linguagem, *Internet* e rede social, percebe-se o quanto os estudos que focam a comunicação digital estão em crescimento em linhas de pesquisas vinculadas ao estudo da linguagem. Isso confirma o interesse de perspectivas linguísticas e discursivas a respeito da comunicação digital.

Numa revisão de literatura no próprio *site* da CAPES, constatei quatro pesquisas, relacionadas com linhas de pesquisa sobre a linguagem, que se aproximavam do perfil deste estudo. Estas pesquisas foram publicadas em 2012. Três destas pesquisas são do mestrado e uma única do doutorado, o que comprova que há “espaço” para pesquisas sobre a comunicação digital. Os quatro estudos são:

a) “A Categorização e Recategorização de objeto de discurso como estratégias de construção da face. Uma análise de depoimento de Orkut”, de Lorena Santana Gonçalves, mestrado em linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo;

b) “Linguagem da *Internet*. Caracterização do processamento da Referenciação na posição de sujeito”, de Viviane Yamane da Cunha, mestrado em Letras, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de 2012;

c) “O Processo de Referenciação em textos do *blog* do Folha teen”, de Flávia Aparecida Soares, mestrado em linguística, da Universidade de Franca, de 2012;

d) “Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital”, de Jaqueline Barreto, doutorado em linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2012.

Há uma identidade teórica entre os três últimos estudos, os quais optam pela abordagem da linguística textual, de modo que se afinam com embasamento teórico desta pesquisa. Além disto, observo que estes estudos se realizaram no período de 2012, o que torna mais relevante a pesquisa em tela, pois, em seis anos houve um crescente uso da linguagem em ambientes da *Internet*, justificado pelas demandas sociais, entre elas estão as necessidades comerciais devido à globalização e as necessidades profissionais. Isso impulsiona o interesse de compreender o funcionamento da língua em contexto digital. Particularmente, determina o interesse de estudar aspectos linguístico-discursivos relacionados com a língua portuguesa, o objeto de estudo da pesquisa, na comunicação digital.

Para se ter consciência a respeito do grau de consumo da comunicação digital apenas no Brasil, a *Internet* já é consumida, praticamente, pela metade da população brasileira (49% dos brasileiros), de acordo com pesquisa¹ realizada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal, em 2016. O que se consome, principalmente, na *Internet* são as redes sociais como o *Facebook*, por isto, esta é considerada a rede social mais popular pelos brasileiros.

O progressivo consumo de redes sociais por brasileiros atrai a curiosidade dos estudos linguísticos e discursivos, como o vigente, o qual pretende discutir um dos modos de uso da linguagem que se realiza em ambientes digitais e também em aplicativos de ordem digital, como o *whatsapp*, em modernos aparelhos de celular que está, totalmente, presente em nossos cotidianos, tanto quanto a prática da oralidade e da escrita. A observação desta recente prática social da linguagem me faz supor, juntamente, com Tedesco (2012) e com outros pesquisadores como Pimentel (2012), que nos tornamos com a evolução tecnológica trimodais.

Reconhecer as particularidades linguístico-discursivas presentes nesta terceira modalidade da linguagem se torna pertinente em gêneros discursivos digitais como os comentários publicados por interactantes, no *Facebook*, a popular rede social. O gênero discursivo comentário é uma das atividades de entretenimento do *Facebook*, acompanhada pelas atividades de linguagem “curtir” e “compartilhar”.

O gênero digital comentário é organizado por textos verbais, não verbais e sonoros. É o interactante que escolhe como deseja expor seu propósito comunicativo. Em perfis jornalísticos, que são públicos, os interactantes costumam organizar os comentários com base

¹ Informação presente na Pesquisa brasileira sobre mídias 2016, da Secretaria de Comunicação do Governo Federal. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em: 03/2017.

em textos verbais, para argumentar outros gêneros discursivos como os artigos de opinião, as notas jornalísticas, as entrevistas, as reportagens e as notícias. Aliás, a apropriação do *Facebook* com fim jornalístico, para a formação da opinião é algo crescente, mas também muito discutível, por causa da fluidez do entretenimento deste *site* social.

Entre as opiniões que questionava a legitimidade do uso jornalístico da *Internet*, para a formação da opinião, estava a visão do respeitado filósofo Umberto Eco. No ano de 2015, num discurso realizado na sua premiação como “Doutor *Honoris Causa*” em comunicação e cultura, na Universidade de Turim, na Itália, o filósofo afirmou: “O drama da internet é que ela promoveu o idiota o portador da verdade”², sem dúvida, uma significativa provocação que pode ser interpretada como um posicionamento preconceituoso de Eco em relação àqueles que opinam na *Internet*, por exemplo, em redes sociais como o *Facebook*.

No entanto, não há como desconsiderar o jogo argumentativo presente no gênero discursivo comentário, em que os interactantes buscam não apenas expor os pontos de vista, mas, intencionalmente, expressá-los para convencer e para persuadir “outros” parceiros do discurso. Neste sentido, se desenvolve o objetivo desta pesquisa que é avaliar a organização discursiva do gênero digital comentário a partir de estratégias linguísticas e discursivas - as anáforas, direta e indireta, e as relações de intertextualidade - que determinariam uma superestrutura discursiva, em perfil público de caráter jornalístico, no ambiente virtual *Facebook*.

Para este propósito, a pesquisa apresenta os seguintes objetivos específicos:

1º determinar, a partir de referentes textuais, os tópicos discursivos e subtópicos presentes no texto-fonte, o qual o gênero discursivo comentário se relaciona, em perfil jornalístico do *Facebook*;

2º identificar nos comentários publicados por interactantes, expressões anafóricas diretas e indiretas que orientam para reativação de tópicos discursivos, e também de subtópicos, do texto-fonte jornalístico;

3º reconhecer no gênero discursivo comentário as relações intertextuais indicadas pelas expressões definidas anafóricas, direta e indireta, em perfil jornalístico do *Facebook*.

As especificidades destes objetivos poderão confirmar as hipóteses:

a) há estratégias anafóricas diretas que orientam para a propriedade interdiscursiva do gênero comentário com os textos que lhes servem de referência;

² Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jomal-de-debates/as-duas-faces-de-umbertoeco/>. Acesso em: 12/ 2016.

b) há estratégias anafóricas indiretas que orientam para a relação de alusão do gênero comentário tanto com os textos a que se referem quanto para outros discursos armazenados na memória semântica, o conhecimento de mundo.

Nesta perspectiva, observa-se que o estudo é vinculado à linha da descrição da língua portuguesa, em que se prioriza a descrição de fenômenos cognitivos e textuais, pautado nas concepções teóricas da linguística textual e, ainda, na proposta dialógica de Bakhtin (2010). Observo a significativa contribuição de pesquisas que tornam a língua portuguesa objeto de estudo em distintas situações comunicativas com propósitos comunicativos diversificados, a fim de não distanciar a nossa língua materna de seus sujeitos sociais.

O estudo será organizado, metodologicamente, na perspectiva etnográfica, porque o objeto de pesquisa é um gênero discursivo interativo produzido por atores sociais que são ativos interactantes da rede social *Facebook*. Entretanto, já se pontua que não faz parte do interesse desta pesquisa características sociais e culturais destes atores, o que implicaria avaliar, também, as influências destes aspectos nas atitudes dos interactantes no processo de entretenimento no *site Facebook*. O principal objetivo é analisar a organização discursiva dos comentários com base nas expressões anafóricas diretas e indiretas e nas relações de intertextualidade desse gênero. A intertextualidade é apontada por Koch (2014, p.225) como um aspecto do hipertexto, “um “texto múltiplo”, que se funde e sobrepõe em inúmeros textos que se tornam simultaneamente acessíveis a um simples toque de mouse”. A presente pesquisa supõe que as estratégias anafóricas, direta e indireta, localizadas em nível micro discursivo, vão permitir a compreensão das relações intertextuais, estabelecidas no nível macro discursivo, que organizam o gênero digital comentário.

A tese ora apresentada está assim organizada: no capítulo 1, apresenta-se o contexto da *Internet* e os gêneros discursivos digitais, particularmente, sobre o gênero digital Comentário no *Facebook*, nosso objeto de estudos. No Capítulo 2, são apresentados os conceitos de referenciação, especificamente, os conceitos de anáfora direta e indireta, além das funções discursivas das estratégias no gênero digital comentário. Por sua vez, o capítulo 3 traz o conceito de intertextualidade e suas relações intertextuais nos comentários do *Facebook*, ponto inovador deste estudo. No capítulo 4, aborda-se a argumentação e as estruturas linguístico-textuais dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário que compõem o *corpus* da pesquisa. No capítulo 5, apresenta-se uma descrição acurada da metodologia da pesquisa, seguida do capítulo 6 em que se propõe a análise do *corpus* da pesquisa, constituído pelo artigo de opinião, o texto-fonte, e pelos comentários dos interactantes. Por fim, seguem as considerações finais e as referências bibliográficas.

1 O CONTEXTO DA INTERNET E O USO VIRTUAL DA LINGUAGEM

Constrói-se, nesse primeiro capítulo, a compreensão a respeito da *Internet*, a mídia de massa contemporânea. Para isso, na primeira seção, denominada “O contexto da *Internet*”, procura-se elucidar as implicações culturais e sociais determinadas na sociedade, a partir da percepção crítica de Lévy (2010) e Castells (1999). Na segunda seção, será abordado o uso da linguagem na *Internet* que é considerada pela presente pesquisa como uma das implicações culturais da mídia de massa na sociedade, com base nos pontos de vista de Tedesco (2013), Marcuschi (2001, 03, 08), entre outros. Na última seção, trata-se da rede social *Facebook* e suas particularidades discursivas, em que serão abordados conceitos a respeito de gênero discursivo e de suporte, baseando-me em Marcuschi (2001, 03, 08), Marcuschi e Xavier (2010), Xavier e Santos (2000), Santaella (2007, 14).

1.1. O contexto da *Internet*: as implicações culturais

Para compreender a prática social da linguagem numa rede social tão popular e conhecida no Brasil como é a rede social *Facebook*, é importante falar do contexto da *Internet*, a partir de perspectivas de estudiosos da mídia. Pontua-se que não existe unanimidade sobre a utilização da mídia na sociedade, pois, há críticas e também há exaltações que mantêm a discussão numa condição maniqueísta. No entanto, é interessante fazer referência a aspectos de ordem cultural sobre a utilização da mídia digital. Para isso, proponho a discussão com dois pesquisadores que se destacam nos estudos sobre mídia de massa, o francês Pierre Lévy (2010) e o espanhol Manuel Castells (1999). Esse aborda a respeito do acesso à informação; aquele trata das relações sociais com o surgimento da mídia.

O filósofo e sociólogo Pierre Lévy (2010), estudioso de ciência da informação e comunicação, é conhecido no mundo por seu otimismo em relação ao aproveitamento da *Internet* na sociedade, especificamente, na produtividade da *Internet* no contexto da educação. Esse otimismo do filósofo é muito criticado por outros estudiosos de mídia que consideram a *Internet* como um fator que reforça a exclusão social e cultural na sociedade, pois, esta, de certo modo, corroborou para o processo de globalização da economia.

No entanto, Lévy (2010) observa que sua perspectiva otimista não é simplista ao ponto de acreditar que a *Internet* surgiu como uma solução para problemas sociais e culturais. O autor sinaliza que é natural a resistência diante do novo. Por isso, observa que o “ciberespaço”, a *Internet*, nasceu do movimento internacional de jovens que desejavam experimentar formas de comunicação coletivas, distintas das formas clássicas de comunicação existentes. Estes jovens não tinham em mente as questões sociais e comerciais tão discutidas sobre a *Internet*, mas o que buscavam e criaram foi “um novo espaço de comunicação” (Lévy, 2010, p. 11), com o propósito de ampliar as possibilidades de utilização de entretenimento da informação. Diante disso, o autor diz:

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 2010, p. 12)

Deste modo, Lévy (2010) convida a sociedade para perceber que a criação da *Internet*, mídia de comunicação de massa, ampliou as possibilidades de comunicação com os mais diversos objetivos e fins, quais sejam: do entretenimento ao profissional. Também, diminui o tempo da propagação da informação, reproduzida com extrema rapidez. Concretamente falando, a informação, agora, é difundida em frações de segundos e chega aos lugares mais distantes.

As diferentes formas de comunicação possibilitadas com a *Internet* afetaram o comportamento social dos indivíduos, aspecto conceituado por Lévy (2010) de “Cibercultura”, neologismo que faz referência às práticas, às atitudes, às formas de pensamentos e de valores que surgiram com o desenvolvimento da *Internet*, referida pelo filósofo (2010) como “ciberespaço”, o meio de comunicação baseado na conexão de computadores.

Para Lévy (2010), uma das mudanças culturais promovidas pela *Internet* na sociedade está nas relações sociais, na maneira como a sociedade se organiza e se relaciona no ciberespaço, com base em comunidades virtuais. As comunidades virtuais são características essenciais da cibercultura, pois, são nestes espaços sociais da *Internet* que ocorrem, coletivamente, as práticas e as atitudes sociais. As formas de pensamento são também construídas coletivamente. Isso é um aspecto novo que provocou estranhamento na sociedade,

mas também gerou encantamento, principalmente, nos jovens. De acordo com o filósofo (2010, p. 130):

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimento, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.(LÉVY, 2010, p. 130).

Aquele movimento internacional de jovens, o qual fez referência Lévy (2010), determinou a existência das comunidades virtuais que tornaram possíveis o encontro e a participação de pessoas de qualquer espaço geográfico. O encontro destas pessoas é motivado por apresentarem interesses comuns. Interesses sobre música, sobre artes, sobre leitura, sobre política, por exemplo. Os interesses originam as comunidades virtuais que, com o tempo, objetivaram não apenas a diversão, mas adquiriram um fim profissional como o jornalístico. Logo, a *Internet* promoveu a cultura da mobilização com os propósitos mais variados. Entretanto, isso não impede a existência de divergências de ponto de vista nas próprias comunidades virtuais, o que comprova a essência heterogênea e coletiva da *Internet*. Portanto,

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal contato. (LÉVY, 2010, p. 132).

Assim, Lévy (2010), em suas reflexões sobre a *Internet*, destaca a expressiva mudança ocorrida nas relações sociais com a organização das comunidades virtuais, o que implica em relações culturais desterritorializadas e livres, as quais movimentam ou mobilizam a sociedade, são “motores” da sociedade, no ciberespaço. A desterritorialização na *Internet* é a essência da realidade virtual que se define na relação entre o universo da informação digital e habitual, segundo Lévy (2010).

Numa outra perspectiva, está o sociólogo Castells (1999), o qual analisa a influência da *Internet* na sociedade com o foco na disseminação da informação, de modo a compará-la com os demais meios de comunicação de massa, no caso os jornais, o rádio e a televisão. O sociólogo não centra a sua percepção em relação às mudanças culturais associadas às práticas, às atitudes e aos valores sociais em comunidades virtuais como faz Lévy (2010). Para Castells (1999), a implicação cultural com o surgimento da *Internet* enquanto mídia de comunicação de massa está na particularidade da difusão da informação, de modo interativo e coletivo, o que o faz reconhecer a existência da “Sociedade em rede”:

A sensação de desorientação é formada por mudanças radicais no âmbito da comunicação, derivadas da revolução tecnológica nesse campo. A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. A construção de uma nova cultura baseada na comunicação multimodal e no processamento digital de informações cria um hiato geracional entre aqueles que nasceram antes da Era da Internet (1969) e aqueles que cresceram em um mundo digital. (CASTELLS, 1999, p. I-II).

O “mundo digital” mencionado por Castells (1999) ou “ciberespaço” de Lévy (2010), recentemente, completou vinte anos e pode ser considerado um período curto para já ser utilizada amplamente pelas pessoas, não apenas por aquelas que cresceram neste horizonte digital, mas também por aqueles de eras anteriores a digital; no caso, as gerações anteriores que foram impactadas com a criação da televisão, que representou, de acordo com Castells (1999), o fim da Galáxia de Gutemberg. Agora, estamos na “Era da *Internet*”.

A ampla utilização da mídia digital foi incentivada, na percepção de Castells (1999), pelo fator comercial, razão da globalização, conceito vinculado aos preceitos capitalistas que incentivam o consumo. Por isso, é comum ser utilizado o termo consumo para definir a interatividade na *Internet*. Portanto, a informação é o principal elemento de consumo da “sociedade em rede”, conceito proposto por Castells (1999, p. II): “Como as redes não param nas fronteiras do Estado-nação, a sociedade em rede se constitui como um sistema global, renunciando a nova forma de globalização característica do nosso tempo”, a globalização da informação.

Castells (1999) observa que os meios de comunicação de massa tradicionais, como o rádio e a televisão, apresentam um papel centralizador na divulgação da informação, dominadas por governos e oligarquias empresariais. Isso reflete um poder no uso das informações, o qual permite, para os estudiosos de mídias como Castells (1999), um controle da sociedade. Por isso, Castells (1999) relembra o uso que Hitler fez do rádio no período da guerra, de forma a permitir seu domínio e seu controle.

A televisão com suas programações, por exemplo, tem a condição de modelar a linguagem e a comunicação da sociedade, porque gera nas pessoas uma sensação de relaxamento que, segundo Castells (1999), permite uma “hipnose”, um controle, dos usuários. Portanto, a *Internet* surge e, de certo modo, procura se esquivar do controle, ao possibilitar a conexão de computadores em rede, em que a informação é propagada coletivamente, nas comunidades virtuais.

Desta maneira, na mídia digital, há uma descentralização da informação, fato que reflete a transformação cultural ocorrida na sociedade. Essa descentralização da informação, possivelmente, dificulta o controle, por ser construída coletivamente. No entanto, se a televisão foi muito criticada pelos estudiosos de comunicação de massa pela centralização da informação, a *Internet* é criticada pela descentralização na divulgação da informação, uma significativa mudança cultural.

Logo, o que temos com a *Internet*, na sociedade, é uma mudança cultural, aqui, apresentada em perspectivas distintas, representadas no posicionamento do filósofo Lévy (2010) e do sociólogo Castells (1999). O primeiro destaca que a *Internet* influenciou culturalmente as relações sociais determinadas pelas comunidades virtuais. As pessoas encontram-se na rede em torno de interesses comuns. Já Castells (1999) diz que a influência cultural da *Internet* é explicitada na forma como as informações são propagadas, não estando apenas centradas por governos e empresas de comunicação, pois, a comunicação é construída coletivamente: “...as pessoas construíram seus próprios sistemas de comunicação em massa, via SMS, blog, vlogs, podcasts, wikis e coisas do gênero” (CASTELLS, 1999, p. XII).

Neste sentido, a *Internet* e as suas comunidades virtuais trouxeram novos agentes disseminadores de informações que não cabe, apenas, a pessoas com formação específica para o trato com a mídia, como os jornalistas que atuam na mídia televisiva e na mídia impressa. Hoje, qualquer comunidade virtual é uma divulgadora de informações seja esta sobre política ou sobre variedades como, por exemplo, os perfis públicos do *Facebook* com o fim de divulgar informações, por exemplo, o perfil público da jornalista Eliane Cantanhêde. As redes sociais são comunidades virtuais com os mais diversos propósitos. Sobre as redes sociais, Recuero (2014, p. 24) diz:

Uma rede é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2014, p. 24).

As redes sociais, em segundos, mobilizam a sociedade e o entretenimento nas mesmas pode até interferir politicamente num país, ocasionando transformações sociais. A eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, Barack Obama, em 2008, é um exemplo de mobilização da sociedade em redes sociais. A revolta contra os regimes ditatoriais como a Primavera Árabe, no Egito, em 2010, também foi uma experiência em redes sociais. No Brasil, as manifestações políticas que levaram ao *Impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, é outro fato que gerou a mobilização da sociedade nas comunidades virtuais.

O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa [...] é a possibilidade de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. (RECUERO, 2014, p. 14).

Para se ter uma noção de quanto é crescente, no Brasil, a utilização dessas redes virtuais para a divulgação da informação, o país já ocupa o segundo lugar no consumo de redes sociais, como o *Facebook*, de acordo com pesquisa publicada pelo *site* da revista Exame³, em 2016. A pesquisa mais recente da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, também, em 2016, não questiona mais sobre o consumo específico das redes sociais pelos brasileiros, mas confirma que o brasileiro faz um uso crescente da *Internet*, pois, esta já ocupa o segundo lugar de consumo por brasileiros, principalmente, a partir de aparelhos celulares.

Recentemente, o Facebook atingiu a marca de 800 milhões de usuários em todo mundo, tornando-se uma das maiores ferramentas de comunicação na Internet em número de usuários. O Orkut, no final de 2009 tinha mais de 30 milhões de usuários apenas no Brasil, de acordo com dados do Ibope/Nielsen. O Twitter, ainda outra ferramenta bastante popular, tem cerca de 200 milhões de usuários estimados em março de 2011. Essas ferramentas pertencem à categoria cada vez mais popular dos “sites de rede social”, ou seja, ferramentas que proporcionam a publicação e construção de redes sociais. As redes sociais são as estruturas dos agrupamentos humanos, constituídas pelas interações, que constroem os grupos sociais. Nessas ferramentas, essas redes são modificadas, transformadas pela mediação das tecnologias e, principalmente, pela apropriação delas para a comunicação. (RECUERO, 2014, p. 15-16).

Deste modo, as mudanças sociais e culturais propiciadas pela *Internet* influenciaram nas relações sociais, a partir das comunidades virtuais; na relação com a informação, que deixou de ser centrada, como é no rádio e na televisão, e passou a ser coletiva e interativa, e, igualmente, influenciaram no uso da linguagem. O uso da linguagem pelos interactantes em comunidades virtuais espelha os dois aspectos culturais indicados por Lévy (2010) e Castells (1999), os quais podem ser sintetizados pelo conceito de coletividade, modo de interação das informações nas redes sociais. Assim, na próxima seção, faço uma reflexão a respeito do uso da linguagem na *Internet* que não é menos discutido e não é menos polêmico na área dos estudos sobre a linguagem. Por isso, merece a apresentação do ponto de vista da pesquisa em tela.

³Disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/dino/pesquisa-coloca-brasil-no-topo-de-ranking-de-acessos-online-mostra-jose-borghi-dino89089766131/Acesso em: 07/ 2017>.

1.2 O uso virtual da linguagem

Os aspectos apresentados, anteriormente, com o filósofo Lévy (2010) e o sociólogo Castells (1999), nos fizeram refletir sobre algumas das mudanças culturais promovidas pela *Internet* na sociedade, uma delas foi a organização de comunidades virtuais e a outra foi a disseminação da informação em rede, pelas comunidades virtuais, por exemplo, um dos eixos de propagação da informação.

Tais mudanças culturais se complementam e definem a realidade virtual que é efetivada por interfaces que são mecanismos de “interação entre o universo digital e o mundo ordinário” (LÉVY, 2010, p. 37). Essa relação entre o universo digital e o mundo ordinário é possibilitada pelo uso virtual da linguagem que possibilita “a integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema” (CASTELLS, 1999).

No universo dos estudos de linguagem, entende-se a integração do texto, da imagem e do som fundamentado na linguagem verbal, não verbal e sonora. Esses perfis de linguagem são concretizados na *Internet* pelo texto, elemento linguístico determinante para a Linguística textual: “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação entre interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos” (KOCH, 2002, p. 17).

O diferencial no uso virtual da linguagem em comunidades virtuais como o *Facebook*, ambiente de estudo proposto pela pesquisa, é a criação de um hipertexto que comporta, simultaneamente, o texto verbal, o texto não verbal e o texto sonoro. Essa interseção textual foi um atrativo a mais para as pessoas participarem das comunidades virtuais, uma novidade, principalmente para os jovens, que são adeptos à excentricidade.

Para o universo da linguagem foi uma mudança cultural relevante que provocou divergências por parte dos teóricos da linguagem. Destaco que a divergência está, especificamente, no nível verbal da linguagem, em que algumas percepções acreditam no gradativo empobrecimento cultural no uso da língua. De certa forma, essa crença também já foi debitada pela televisão, mídia de massa com muita audiência no Brasil, de acordo com pesquisas realizadas pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal. A mídia televisiva foi (em alguns momentos ainda é) culpada pelo processo de enfraquecimento cultural da sociedade e, conseqüentemente, pelo empobrecimento da linguagem com a sua programação. Agora, tal empobrecimento linguístico deve-se a *Internet*, com as redes sociais. É importante entender a razão disto.

Comumente, considera-se que o uso verbal da linguagem em redes sociais é o uso da escrita e, para os puristas da linguagem, essa escrita é desenvolvida com significativos desvios linguísticos, nos níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos, de modo a aproximar o uso da modalidade oral. O ponto de vista purista em relação ao uso da linguagem na *Internet* se deve ao que Marcuschi (2003, p. 27) explica como “uma análise que se volta para o código e permanece na imanência do fato linguístico”; uma abordagem de cunho prescritivo, uma forma descontextualizada de analisar o uso da linguagem verbal nos textos produzidos na *Internet*, especificamente, nas mensagens, as quais no *Facebook* são conteúdos dos comentários publicados por interactantes, gênero digital que compõe o *corpus* do presente estudo.

Quando se diz que o uso verbal da linguagem em mensagens apresenta semelhanças linguísticas com as atividades discursivas desempenhadas na oralidade, isso indica que, para o “olhar” prescritivo, há a oposição entre as modalidades escrita e oral. A oposição das modalidades linguísticas determina a dicotomia nas práticas sociais da linguagem. Assim, tal percepção estabelece características específicas para ambas e afirma que a oralidade é subjetiva e a escrita é planejada e objetiva. Marcuschi (2003, p. 17) adverte:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 17).

Essa é a questão. A oralidade e a escrita não são dois sistemas linguísticos justapostos, ao contrário. Tais modalidades realizam-se com o mesmo sistema linguístico, o que impede a dicotomização das modalidades. Cada prática social da linguagem demanda particularidades linguísticas influenciadas tanto pela situação comunicativa, como a virtual, quanto pela intencionalidade do interlocutor ou do interactante, nas mensagens das redes sociais. Assim, Marcuschi (2003, p. 18) observa:

Contudo, mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo socio-histórico de práticas. Este contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem. Tudo dependerá do ponto de vista observado e das realidades comparadas. (MARCUSCHI, 2003, p. 18).

A partir da natureza das práticas sociais da linguagem, perspectivas teóricas se tornaram mais específicas em relação aos variados usos da língua, como as perspectivas variacionista e a sociointeracionista. A proposta variacionista se dedica à avaliação dos usos da língua, com base na questão dialetal e desconsidera o uso individual. A estrutura linguística para os variacionistas diversifica-se nas práticas sociais orais e escritas, assim, nas duas modalidades, as variações da língua são possíveis, como podemos observar na tabela proposta por Marcuschi (2003, p. 31):

Tabela 1- A perspectiva variacionista segundo Marcuschi (2003)

fala e escrita apresentam	
língua padrão	variedades não padrão
língua culta	língua coloquial
norma padrão	normas não padrão

Fonte: (MARCUSCHI, 2003, p. 31).

As informações organizadas, na tabela, proposta por Marcuschi (2003), orientam que os dois modos de uso da linguagem podem, de acordo com a situação comunicativa, efetuar-se num padrão ou não padrão linguístico, pois, “nem todas as normas podem ser padrão, uma ou outra delas será tida como norma padrão” (MARCUSCHI, 2003, p. 31). Assim, o padrão ou o culto não é particular à escrita. O uso culto da língua é possível tanto na fala quanto na escrita, o que dilui, totalmente, a proposta dicotômica da linguagem, a qual afirma que o padrão é privado da escrita. Felizmente, não o é.

Numa situação comunicativa oral, num simpósio acadêmico, por exemplo, o que prevalece é o uso padrão da língua, mesmo se no contexto discursivo o projeto de dizer acontecer de modo improvisado. A mesma coisa pode ser constatada em perfis públicos distintos na rede social *Facebook*.

Um perfil público criado por interactantes, professores e alunos, para fins acadêmicos, os participantes vão manter em seus textos verbais, nos comentários, uma linguagem que corresponda ao uso padrão da língua, a fim de manter aspectos linguísticos, de acordo com o padrão, como, por exemplo, prevalecer as concordâncias verbal e nominal e a utilização da pontuação de maneira adequada.

Agora, em um perfil público criado por ex-alunos do ensino médio, a linguagem verbal se aproximará mais do coloquial, pois, os participantes, deste perfil, apresentam uma

proximidade afetiva e social que permite a informalidade das mensagens que estruturam os enunciados. Logo, o padrão e o não padrão acontecerão de acordo com as circunstâncias sociais e os propósitos comunicativos.

Por isto, Marcuschi (2003) observa que, em nossas práticas sociais da linguagem, buscamos desenvolver competências linguísticas nas duas modalidades. Assim, por exemplo, o não padrão ocorrerá no uso da escrita quando desenvolvemos o gênero discursivo bilhete, proposto para um familiar, deixando-o anexado na porta da geladeira, por exemplo. De acordo com Coelho, Görski, Souza e May (2015, p. 20),

a variação linguística não é aleatória, não acontece por acaso. Existem regras que a regem – e é por isso que os falantes se compreendem entre si, mesmo que sua fala seja variável. [...] existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala. (COELHO; GÖRSKI; SOUZA; MAY, 2015, p. 20)

Logo, há fatores que permitem o não padrão na escrita do bilhete como: o próprio gênero discursivo, a relação familiar entre os interactantes e o lugar ou o suporte onde é anexado o bilhete, na porta da geladeira.

Portanto, ao retomarmos o exemplo dos perfis públicos do *Facebook*, o acadêmico e o de ex-alunos do ensino médio, poderemos concluir que a perspectiva variacionista observaria que o uso da linguagem vai corresponder às regras e a fatores dentro e fora da língua (COELHO, GÖRSKI, SOUZA e MAY, 2015). No perfil acadêmico, imperam fatores relacionados com a situação comunicativa acadêmica e o grupo de interactantes, pois, a estrutura textual dos comentários deve ser mais formal porque está posta uma relação hierárquica entre os professores e os alunos, frequentadores do perfil acadêmico.

Já no perfil público dos ex-alunos do ensino médio, o fator hierárquico não prevalece. São as relações afetivas que prevalecem. As amizades vão possibilitar o coloquialismo nas escolhas linguísticas. A consideração desses aspectos amplia o ponto de vista a respeito do uso virtual da linguagem, principalmente, em gêneros discursivos digitais das redes ou das comunidades sociais.

Na sequência, ainda proponho uma terceira perspectiva que ajudará a entender a utilização da língua, no nível verbal, nos comentários publicados no *Facebook*. É a perspectiva sociointeracionista, a qual considera o aspecto dialógico da linguagem no uso da língua nas práticas da fala e da escrita. Na perspectiva dialógica da linguagem, elementos de ordem discursiva predominam nas práticas sociais da língua. Marcuschi (2003, p.33) sinaliza estes elementos discursivos a seguir:

Tabela 2 - A perspectiva sociointeracionista segundo Marcuschi (2003)

fala e escrita apresentam
dialogicidade
usos estratégicos
funções interacionais
envolvimento
negociação
situacionalidade
coerência
dinamicidade

Fonte: (MARCUSCHI, 2003, p. 33).

Assim, tanto na fala quanto na escrita é prevista a relação dialógica entre sujeitos sociais; há usos estratégicos com base nos conhecimentos de mundo e linguístico (KOCH, 2002), a exemplo da utilização das expressões anafóricas diretas e indiretas; há as funções interacionais baseadas no conhecimento sociointeracionista (KOCH, 2002); há a negociação, como ocorre na conversação face a face, com as trocas de turnos nas conversações, por exemplo, (MARCUSCHI, 2007); há a situacionalidade na produção e na recepção do texto (KOCH, 1998), sendo a situacionalidade um fator de coerência, outro aspecto indicado pela perspectiva sociointeracionista que, segundo Koch (2002), não é uma simples propriedade do texto, mas é a produção de sentidos a partir de elementos do contexto sociocognitivo. Por último, a dinamicidade, característica relacionada com os gêneros discursivos, os quais determinam as muitas possibilidades de atividade discursiva, segundo Bakhtin (2010).

No ponto de vista sociointeracionista, o uso virtual da língua, realizado nos exemplos dados de perfis públicos, está condicionado pelo aspecto dialógico da linguagem. Aqui, não são apenas a situação comunicativa imediata e o propósito comunicativo que influenciam nas escolhas linguísticas dos interactantes nos perfis públicos do *Facebook*. Os aspectos discursivos estão presentes na produção dos textos verbais, não verbais e sonoros, os quais podem ser usados de maneira simultânea ou não. Logo, se no perfil dos ex-alunos do ensino médio, um dos interactantes optou por produzir o seguinte texto verbal: “ve isso pf kkkk” (“Vê isso, por favor”), isso se deve ao processo dialógico da linguagem que não torna o texto verbal mais informal, incoerente com o processo de interação realizada em tal perfil. No perfil público acadêmico, esse texto verbal estaria desconsiderando a relação estabelecida entre os interactantes, assim, estaria incoerente com o contexto discursivo acadêmico.

Por isso, a visão sociointeracionista pontua a influência do “outro” nas práticas sociais; o uso de estratégia de ordem linguística e discursiva, além dos demais aspectos que estão correlacionados com contexto sociocognitivo. Nessa orientação, Tedesco (2013, p. 481) considera a variação e o dialógico aspectos essenciais nas práticas sociais da linguagem:

... fala e escrita apresentam variedade padrão e não padrão; língua culta e coloquial; norma padrão e não padrão e representam um *continuum*, cujas diferenças serão balizadas não só pelo gênero discursivo que materializa a língua, mas também pelo propósito comunicativo do enunciador, bem como sua intenção comunicativa no seu processo de dizer. Logo, postula-se ser uma escolha do sujeito-produtor os recursos utilizados para dizer o que se deseja. (TEDESCO, 2013, p. 481).

A percepção de Tedesco une a perspectiva variacionista e sociointeracionista com base no conceito de *continuum* entre as práticas sociais da linguagem. A autora observa que o uso da língua apresentará o padrão e o não padrão que confirma o *continuum*, as especificidades destes usos são determinadas pelos gêneros discursivos, pelo propósito comunicativo do enunciador e ainda pela intenção do enunciador; desta forma, Tedesco (2013, p. 481) propõe a seguinte Tabela:

Tabela 3 - Modalidades da linguagem - Tedesco (2013)

Modalidade oral	Modalidade escrita
Maior informalidade	Maior formalidade
Presença da entonação	Presença da pontuação
Interação face a face	Interação a distância
Maior aproximação	Maior distanciamento
Pode predominar o uso de orações por coordenação, das orações absoluta	Pode predominar o uso das orações subordinadas e das orações encaixadas

Fonte: (TEDESCO, 2013, p. 481).

Tedesco (2013) sugere que as diferenças entre as modalidades não são restritas a uma modalidade ou prática social da linguagem específica, mas há aspectos que são mais presentes numa modalidade do que em outra como, por exemplo, a informalidade. Tal aspecto prevalece mais na oralidade do que na escrita. Já a característica da distância incide mais na escrita do que na fala, enquanto as orações coordenadas são mais usadas na oralidade do que na escrita.

Mais uma vez, é importante observar que um dos balizadores destas particularidades são os gêneros discursivos, com os seus propósitos comunicativos compostos de intencionalidades. Nos perfis do *Facebook*, os balizadores são o gênero digital comentário, os propósitos comunicativos dos interactantes e a situação comunicativa determinada pelo perfil do *Facebook*.

Assim, um perfil jornalístico como o da jornalista Eliane Cantanhêde, que discute fatos sobre a política brasileira – a situação comunicativa –, organiza uma comunidade com o propósito comunicativo para tratar de temas políticos. Conforme podemos verificar na mensagem dos interactantes do perfil da jornalista, por exemplo, o participante Hélio, sobre o artigo de opinião: “O rei do pixuleco?”⁴

Exemplo 1:

Esse “abandono” já é parte da ESTRATÉGIA de LULA/PT para 2018. Se descolar do Zé Dirceu para novamente se CANDIDATAR como SALVADOR da pátria. O que importa de verdade prá todos eles são os dedos, por isso deixam os anéis se perderem...

A estrutura verbal do comentário do interactante Hélio apresenta, de acordo com o quadro proposto por Tedesco (2013), uma informalidade, a presença da pontuação, um distanciamento, a interação a distância e, sintaticamente, as orações são coordenadas. Portanto, o uso virtual da linguagem vai apresentar, em sua estrutura verbal, aspectos associados à modalidade oral e à modalidade escrita, continuamente; por isso, conforme Tedesco (2013, p. 481), “...postula-se ser uma escolha do sujeito-produtor os recursos utilizados para dizer o que se deseja”.

Nesse sentido, começa-se a entender que não é possível compreender a natureza da linguagem na *Internet* numa perspectiva dicotômica, porque o seu uso virtual mantém o *continuum* presente nas demais práticas sociais da linguagem. O sistema linguístico é o mesmo para qualquer modalidade, a variação deste sistema será influenciada pelas heterogêneas atividades discursivas. Os comentários publicados por interactantes em perfis do *Facebook* correspondem à prática dialógica.

Assim as particularidades da linguagem, na *Internet*, são determinadas por fatores, tais como os gêneros discursivos, como os comentários publicados por interactantes no *Facebook*;

⁴O comentário do interactante Hélio sobre o artigo da jornalista Cantanhêde “O rei do pixuleco?” encontra-se no capítulo 6, na página 223.

os propósitos comunicativos e as intencionalidades dos interactantes; a faixa etária dos participantes, os temas e o grau de escolaridade dos interactantes. Diante destas circunstâncias, afirma-se que o uso virtual da linguagem permite o reconhecimento de uma terceira modalidade da linguagem, justificada por Tedesco (2013, p. 480):

A interação, portanto, é a essência da comunicação, “do se querer dizer”. Logo, as redes sociais, um dos tipos de esferas sociais existentes, exemplificam de forma plena esse processo. Cada esfera social terá seu tipo de enunciado; a esfera do trabalho tem seus enunciados específicos, assim, como a escola, as artes, as ciências, as leis, as tecnologias, a internet e as redes sociais, de modo geral. Se existe uma ampliação dessas formas de comunicação, inclusive considerando os diferentes suportes, postula-se a possibilidade de reestruturação do que sejam as modalidades da língua. (TEDESCO, 2013, p. 480)

Esta terceira modalidade apresenta uma característica importante, o hibridismo, que não está presente em práticas sociais da linguagem relacionadas com a oralidade e a escrita. A linguagem híbrida permite a simultaneidade da linguagem verbal, não verbal e sonora num mesmo gênero discursivo digital. Algo que não é comum em outras atividades comunicativas, apesar de o jornal impresso associar a imagem estática e o textual e a televisão associar a imagem dinâmica e o som ou até mesmo os quadrinhos com seus desenhos e textos verbais. Os suportes jornais impressos, a televisão e o gênero discursivo quadrinhos não atingiram a intersemiose da linguagem possibilitada pela mediação do computador, como observa Santaella (2007, p. 293):

De fato, a linguagem digital realiza a proeza de transcodificar quaisquer códigos, linguagens e sinais, sejam estes textos imagens de todos os tipos, gráficos, sons e ruídos, processando-os computacionalmente e devolvendo-os aos nossos sentidos na sua forma original, o som como som, a escrita como escrita, a imagem como imagem. Entretanto, por ter a capacidade de colocar todas as linguagens dentro de uma raiz comum, a linguagem digital permite – sua proeza maior – que essas linguagens se misturem no ato mesmo de sua formação. (SANTAELLA, 2007, p. 293)

Santaella (2007) usa a definição linguagem digital para apresentar as características da mesma e ressalta a proeza de unir ou misturar, segundo a autora, o som, a escrita e a imagem, na produção dessa linguagem. O hibridismo da prática social da linguagem na realidade virtual enfatizou a qualidade coletiva da interatividade da *Internet* e tornou-se um importante instrumento para a descentralização da comunicação.

Em relação ao texto não verbal, esse é qualquer proposta imagética (imagens estáticas ou não e ainda desenhos ou pinturas). Já, o texto sonoro se realiza por áudio. Esta intersemiose textual define o hipertexto em realidade virtual. De acordo com Galli (2010, p.

153), o hipertexto, na comunicação mediada pelo computador, “diferentemente de um texto de jornal ou revista em papel, está constantemente em movimento”.

Outra particularidade expressiva do texto não verbal é o uso de “*Emoticons*”, formas semióticas, imagens animadas, segundo Xavier e Santos (2000), cuja finalidade é reforçar um comportamento emocional. Os *Emoticons* surgiram da criatividade dos interactantes na comunicação digital ao realizarem a combinação de sinais da pontuação.

É interessante sinalizar que, com o tempo, os “*Emoticons*”, o texto não verbal, não foram utilizados apenas nas mensagens que estruturam gêneros digitais como os comentários e os *Chats*, por exemplo, como um ato responsivo para publicações realizadas no *Facebook*. Os *Emoticons* passaram a circular em contextos discursivos, diversos como, por exemplo, na publicidade de bancos comerciais, supermercados.

A utilização dos *Emoticons* em outras fronteiras reflete “as condições específicas e as finalidades de cada referido campo” (BAKHTIN, 2010, p. 261) de modo que esse texto não verbal, por causa das inesgotáveis e multiformes atividades humanas mencionadas por Bakhtin (2010), passa a ser conteúdo em outras situações comunicativas.

Os *Emoticons*, uma das possibilidades de uso virtual da linguagem não verbal, adquiriram as condições de gênero discursivo, pois, seu conteúdo não verbal expressa informações lúdicas, altamente, significativas de forma a romper as fronteiras das comunidades virtuais para circular em diferentes situações comunicativas, com distintos propósitos e em suportes variados. Na rede social *Facebook*, os *Emoticons* estruturam as mensagens de comentários e as mensagens de outros gêneros digitais, tal como o gênero *Chat*, de modo a permitir a criatividade nas interações virtuais.

No *Facebook*, há três ações de entretenimento: o popular “curtir”, o “comentar” e o “compartilhar”. O popular curtir no *Facebook* se caracteriza como uma linguagem não verbal ou um texto não verbal, uma significativa opção para o interactante comunicar seu ponto de vista, numa condição não verbal. Por isso, o curtir é muito mais que um botão para ser clicado pelo interactante. Quando um interactante curti algo, o mesmo revela para seu parceiro de interação uma informação, um texto não verbal com sentido de aprovação sobre algo que foi expressado por alguém, a partir de uma foto ou de um vídeo ou ainda de uma reportagem entre outras informações.

No *Facebook*, curtir sempre será um texto (não verbal), uma informação, uma comunicação, um conteúdo, porque no mesmo está implícito o propósito comunicativo do interactante na situação comunicativa de entretenimento. Para se ter uma ideia de quanto é significativo o texto não verbal curtir, em algumas situações, esse é mais produtivo que os

textos verbais dos comentários. Por exemplo, ao expressar uma opinião sobre um fato político no *Facebook*, espera-se alguma contrapartida por parte das pessoas que fazem parte da sua comunidade virtual e, normalmente, em perfis pessoais, os amigos da sua comunidade optam por curtir, poucos comentam. O número de curtidas indica aceitação por parte dos participantes da comunidade. Para os jovens interactantes, quanto mais curtidas uma publicação recebe, mais popular se sente em seu grupo.

Logo, as curtidas são textos não verbais que refletem, igualmente, uma contrapartida, com sentido de concordância. O sentido desta mensagem não verbal está no nível da inferência. Por isso, cabe ao receptor da curtida compreender o sentido implícito neste texto não verbal. A inferência é um fator essencial de coerência textual, pois, segundo Koch (1998, p. 65) “é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor [...] de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos [...] deste texto que ele busca compreender e interpretar”. Ao inferirmos, alcançamos a implicitude do texto.

O texto não verbal curtir apenas é utilizado em circunstâncias que implicam o sentido de concordância ou o sentido de gostar de algo. Dessa forma, os interactantes do *Facebook* perceberam que o texto curtir não dava conta de atender a todas as intencionalidades e propuseram outros botões de entretenimento para expressar amor, risada, espanto, tristeza e raiva.

Deste modo, o uso da linguagem em comunidades virtuais se concretiza na produção de textos verbais, não verbais e sonoros, concomitantemente, ou não. O hibridismo textual confirma as relações hipertextuais presentes no *Facebook*. Logo, a interação pela linguagem no ciberespaço implica num acionamento mais acentuado do conhecimento de mundo, para efetuar a inferência dos sentidos implícitos presentes na estrutura textual dos comentários publicados no *Facebook*, pois:

Quase todos os textos que lemos ou ouvimos exigem que façamos uma série de inferências para podermos compreendê-los integralmente. Se assim não fosse, nossos textos teriam de ser excessivamente longos para poderem explicitar tudo o que queremos comunicar. (KOCH, 1998, p. 65).

O hipertexto é interpretado por Marcuschi (2001) como um espaço cognitivo, em que são acionadas as estratégias de ordem cognitiva (conhecimento de mundo, linguístico e sociointeracionista) para a sua organização textual. A estrutura textual é não linear, sem direção definida, um “texto de múltiplas tramas” (MARCUSCHI, 2001), o qual o escritor e o leitor estão, permanentemente, associados. O interactante, ao produzir o hipertexto, estabelece uma série de *links*, segmentos textuais, que são opções de navegação para o leitor, de modo

que, esse, durante o processamento textual, escolhe entre os *links*. Os *links* levam a novas e muitas possibilidades de informações, em que a compreensão de sentidos é não sequencial e sim fragmentada. Marcuschi (2001, p. 83) observa

A diferença central entre o hipertexto assim desenhado e o texto linear tal como o encontramos nos livros, nos jornais e revistas impressos é a possibilidade de diferentes escolhas para leituras e interfaces on line. No caso de um livro impresso, a sequência do texto está pré-determinada pela linearização e paginação. (MARCUSCHI, 2001, p. 83).

Esta liberdade de escolha na leitura interfere também na produção textual, porque as interfaces *online*, como é o caso do próprio *Facebook*, permitem que os interactantes produzam ou leiam distintos gêneros discursivos digitais. O hipertexto, em ambientes digitais, permite a interatividade, o que determina a qualidade *sine qua nom* da comunicação digital que é a coletividade.

O fator coletivo está sempre presente tanto na produção textual como no processo de leitura e isso é muito interessante porque reforça a concepção dialógica do discurso (BAKHTIN, 2010), em que está pressuposto o “eu e o outro” nas interações sociais, embora em redes sociais, como o *Facebook*, a interação procede entre o “eu e os outros”, o qual dá a dimensão do coletivo. Santaella (2004, p. 49) diz:

Em vez de um fluxo linear de texto como é próprio da linguagem verbal impressa, no livro particularmente, o hipertexto quebra essa linearidade em unidades ou módulos de informação, consistindo de partes ou fragmentos de textos. Nós e nexos associativos são os tijolos básicos de sua construção. Os nós são as unidades básicas de informação em um hipertexto. (SANTAELLA, 2004, p. 49).

No *Facebook*, os nós mencionados por Santaella (2004) são os textos verbais, não verbais e sonoros, isto é, a relação destes, que não se desenvolve de forma linear, mas se desenvolve numa constante interatividade entre estes textos, como se confirma no exemplo seguinte, retirado do perfil do *Facebook* da presente pesquisadora:

Exemplo 2: Texto verbal, não verbal e sonoro.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/cristina.santos.3975>. Acesso em: 07/2017.

O exemplo apresenta quatro diferentes textos que exemplificam o aspecto hipertextual a partir da interatividade dos textos verbais, não verbais e sonoros. O primeiro é constituído pelo texto verbal sobre o fato “Lava jato”, à esquerda; no segundo texto, à direita, há a relação do texto verbal (“Teresópolis, a Europa carioca”) com o texto não verbal, a imagem estática (foto) de um termômetro digital. O terceiro texto, abaixo do texto verbal sobre a “Lava jato”, igualmente, apresenta a relação do verbal com o não verbal, o desenho da Mônica, com objetivo de entreter os usuários da rede social. Já, o último apresenta o texto verbal, não verbal e sonoro. Observa-se, também, que os textos verbais formatados em azul são *Links*, como o nome “Santos Cris”, indicado pela seta. Portanto, no Facebook, os nomes dos usuários são *Links* de entretenimento.

Os *Links* são gêneros digitais que também retratam a interatividade de ambientes hipertextuais como o *Facebook*. A hipermídia é apontada por Santaella (2004, p. 52) como totalmente interativa:

A hipermídia é uma linguagem eminentemente interativa [...]. O leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo. Ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É o usuário que determina qual informação deve ser vista, em que sequência ela deve ser vista e por quanto tempo. (SANTAELLA, 2004, p. 52).

Deste modo, reunindo todos os aspectos desta terceira modalidade que reflete o uso virtual da linguagem, proponho, na tabela seguinte, algumas características dessa prática social da linguagem:

Tabela 4 - Terceira modalidade da linguagem

Uso virtual da linguagem
<i>Hipertextual</i>
<i>Recursos verbais não lexicalizados (Ahamm)</i>
<i>Híbrida</i> <i>(Texto verbal, texto não verbal e Texto sonoro)</i>
<i>Recurso suprasegmental do tipo repetição de vogal no final das palavras (Queroooo, lindaaa)</i>
<i>Intertextual</i>
<i>Frases nominais (Linda!!)</i>
<i>Presença de Emoticons (Recurso paralinguístico)</i>
<i>Períodos simples e compostos, de acordo com a temática proposta</i>
<i>Presença de pontuação (Recurso suprasegmental)</i>
<i>Troca de turnos</i>
<i>Interação a distância</i>
<i>Não linear</i>

Fonte: Tabela proposta pela autora da presente pesquisa.

As particularidades linguísticas desta terceira modalidade indicam a relação de *continuum* com as modalidades oral e escrita. Entre os significativos aspectos da modalidade oral, sinalizam-se a interação a distância e a troca de turnos. Tais aspectos levam estudiosos de outras áreas a afirmarem que este uso virtual da linguagem é uma conversação. No entanto, desconsideram as condições de produção deste perfil de linguagem que é distinto da conversação praticada na oralidade. As trocas de turnos podem ocorrer de modo síncrono ou assíncrono, enquanto a conversação na oralidade é, essencialmente, síncrona, fundamentada na relação face a face.

Em relação aos significativos aspectos linguísticos da modalidade escrita, destacam-se o hipertexto e a intertextualidade (também presente na oralidade). Este é um dos aspectos discursivos de investigação desta pesquisa. A intertextualidade enquanto fenômeno de coerência textual determina as relações interdiscursivas, aspecto que se busca compreender nesta terceira modalidade da linguagem.

Assim, com o desenvolvimento da *Internet*, os usuários da linguagem se tornaram trimodais, por causa das demandas sociais e culturais que surgiram com a globalização, movimento de cunho capitalista. De certo modo, não usar esta contemporânea modalidade da linguagem é se excluir social e culturalmente e isto nos remete a Bakhtin (2010, p. 262) que enfatizou que os usos da linguagem são “tão multiformes quanto os campos da atividade humana”. A terceira modalidade linguagem pertence às multiformes práticas da linguagem, como ocorre na rede social *Facebook*, com seus diversos gêneros discursivos, particularmente, o gênero digital comentário, pelo qual se interessa a pesquisa.

1.3 Gênero discursivo, suporte e a rede social *Facebook* em discussão

Bakhtin (2010), ao reconhecer o quanto são essenciais os sentidos construídos e reconstruídos nas práticas dialógicas, designou, no “enredo” da linguagem, a noção sobre os gêneros discursivos, o qual descomplexifica a compreensão das práticas sociais da linguagem, como corrobora a sua “canônica” definição:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos de atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em formas de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2010, p. 261).

A base da definição dos gêneros discursivos é a compreensão da língua em uso, nas práticas sociais da linguagem, isto é, a língua faz parte das inúmeras atividades discursivas que pressupõem o sujeito como participante ativo do discurso. Por isso, Koch (2002) postula que a língua é o lugar de interação. A língua é dialogismo.

A interação pela linguagem orienta para a relação dialógica entre os sujeitos no discurso, por isso, Bakhtin (2010) ressalta a importância do “outro” no discurso. Os enunciados são produzidos sempre pressupondo a participação do “outro” a partir da sua compreensão, que se define como um processo de (re)construção de sentidos. Logo, a interação social pela linguagem é uma via de “mão dupla”, com constante mudança de papéis dos participantes no processo de (re)construção de sentidos. Por isso, Bakhtin (2010, p.271) propõe o conceito de ato responsivo:

Toda compreensão da fala viva, do enunciado é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz alta. (BAKHTIN, 2010, p. 271)

Bakhtin (2010) não faz menção direta ao termo texto em suas reflexões, mas utiliza o termo enunciado – “enunciados (orais e escritos) concretos e únicos” -, porque, segundo Rodrigues (2005), o filósofo perscruta o texto como fenômeno sociodiscursivo. Em outras palavras, o texto é o próprio enunciado. Um e outro estão, intimamente, vinculados por serem considerados inerentes às práticas sociais da linguagem. Portanto, é no texto - oral ou escrito, verbal ou não verbal ou sonoro – no uso virtual - que a linguagem é materializada com o fim de produção dos sentidos e com a participação dos sujeitos sociais. O gênero discursivo se encontra entre o discurso e o texto, como explica Marcuschi (2008, p. 84), por ser a prática textual-discursiva:

Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. (MARCUSCHI, 2008, p. 84).

Marcuschi (2008) segue a percepção de Bakhtin (2010) em relação aos gêneros, mas opta pelo conceito de gênero textual, sendo esta escolha uma questão terminológica, por causa do posicionamento teórico do autor, baseado na Linguística textual. No entanto, o essencial, na discussão, é que o texto torna o gênero discursivo algo observável, nas palavras de Marcuschi (2008), que ainda defende:

Uma das teses centrais a ser defendida e adotada aqui é a de que é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em gênero textual. (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Koch (2002) observa que no cotidiano os usuários da linguagem estão em constante contato com os textos mais variados para atender às suas necessidades comunicativas, em interações diversas pela linguagem. Desse modo, opera-se um aperfeiçoamento da capacidade metatextual dos usuários na construção e na compreensão de textos. Por isso, ainda para Koch (2002), as situações sociais são responsáveis por determinar os gêneros discursivos com suas particularidades temáticas, composicionais e estilísticas, as quais Bakhtin (2010) assinala como as propriedades estruturais dos gêneros do discurso que explicitam a heterogeneidade discursiva, pois, “um discurso não existe sozinho, ao contrário, está em constante interação

com outros discursos”, como propõe Brandão (2012, p. 27). Sobre a heterogeneidade discursiva, Bakhtin (2010, p. 263) adverte:

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. (BAKHTIN, 2010, p. 263)

Tratar dos gêneros discursivos significa pensar que as práticas sociais da linguagem sempre estão em diálogo. Por isso, a impossibilidade de criar uma listagem com todas as práticas sociais efetuadas pela linguagem. Neste sentido, Bakhtin (2010), a partir dos aspectos tema, composição estrutural e estilo, estabeleceu duas esferas de gêneros: os gêneros primários, simples, e os gêneros secundários, complexos. As duas esferas nos orientam para a compreensão de textos como categorias que apresentam entre si particularidades comuns sem corromper a heterogeneidade.

Assim, Bakhtin (2010) explica que a complexidade dos gêneros discursivos secundários, como, por exemplo, as pesquisas científicas, se deve à esfera comunicativa que demanda uma relação cultural e social mais complexa – nesse caso, o contexto acadêmico - em que predomina a modalidade escrita. Por isso, os textos verbais produzidos em situação acadêmica demandam uma densidade indicada tanto pelas temáticas abordadas, em tal horizonte, quanto pela intencionalidade dos produtores do gênero discursivo acadêmico.

Aqui, relembra-se Tedesco (2013), quando diz que os gêneros discursivos são um dos balizadores da variação de estruturas linguísticas, pois, o uso da linguagem presente nos gêneros acadêmicos demanda um rebuscamento da estrutura verbal dos textos que reflete tal contexto.

O mesmo ocorre na esfera literária. Os gêneros discursivos vão manifestar a complexidade cultural e social de tal esfera e, conseqüentemente, os textos verbais desta esfera de linguagem acompanharão o rebuscamento discursivo da literatura. A complexidade dos gêneros discursivos secundários explicita o valor cultural de interações sociais, amiúde, realizadas pela escrita.

Em contrapartida, os gêneros discursivos primários são tomados como simples por Bakhtin (2010), por causa das circunstâncias discursivas em que se realizam. Como é o caso do gênero discursivo primário diálogo, o qual é, essencialmente, oral e é considerado pelo autor (2010, p. 275) uma “forma clássica de comunicação discursiva”. Por isso, o uso da modalidade oral numa conversação, em contexto familiar, é mais espontâneo. Sobre as tipificações de gêneros primários e secundários, Koch (2002, p. 54) diz:

Enquanto os primeiros (diálogo, carta, situações de interação face a face) são constituídos em situações de comunicação ligadas as esferas sociais cotidianas da relação humana, os segundos são relacionados a outras esferas, públicas e mais complexas, de interação social, muitas vezes mediadas pela escrita e apresentando uma forma composicional monologizada, absorvendo, pois, e transmutando os gêneros primários.(KOCH, 2002, p. 54).

O processo de absorção dos gêneros primários pelos gêneros secundários evidencia o processo *continuum* que ocorre entre as modalidades da linguagem, oral e escrita, como já abordado, anteriormente. O que permite corroborar a terceira modalidade da linguagem, a partir dos gêneros discursivos que se realizam na realidade virtual. Os textos verbais, não verbais e sonoros que circulam em ambientes virtuais, como a rede social *Facebook*, guardam particularidades comuns com outros textos verbais, não verbais e sonoros que estão fora de ambientes virtuais. Em vista disso, Marcuschi e Xavier (2010) propuseram que os gêneros discursivos digitais são gêneros discursivos emergentes, isto é, gêneros que apresentam aspectos linguístico-discursivos, os quais são resultantes de gêneros em outros discursos.

É ressaltado que os autores (2010) reconhecem que predomina nos gêneros discursivos digitais a modalidade escrita: “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita” (2010, p. 21). A percepção dos autores acaba por desconsiderar o aspecto *continuum* da linguagem e a heterogeneidade discursiva. Traços determinantes quando discutimos a respeito de gêneros discursivos, como postulou Bakhtin (2010, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo desta atividade é integral o repertório dos gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2010, p. 262).

As práticas sociais presentes no ambiente virtual da *Internet* explicita o quanto se complexificou o campo da comunicação. A complexidade desta comunicação diversificou os gêneros discursivos para acompanhar as atividades discursivas realizadas na mídia digital. O surgimento do gênero discursivo *E-mail*, por exemplo, demonstrou que as cartas tinham adquirido um concorrente forte, devido à comunicação digital. Paiva (2010, p. 92) reconhece particularidades do gênero *E-mail* que refletem características inerentes nos gêneros memorando, bilhete, carta e, também, aspectos observáveis em conversação face a face e conversação telefônica. Segundo a autora, entretanto, o gênero eletrônico apresenta peculiaridades como o meio de transmissão, a velocidade na transmissão e a assincronia na comunicação.

O gênero *E-mail* consolidou-se e seu *status* na comunicação digital foi ampliado, pois, foi adquirindo, com o tempo e com o uso da linguagem, valor documental, sendo, muitas vezes, utilizado como provas em processos jurídicos, por exemplo. Academicamente, os *E-mails* são instrumentos de trabalho e, nas grandes empresas, o gênero discursivo apresenta função corporativa, o que comprova a importância de considerar os propósitos comunicativos nos gêneros discursivos.

Por essa razão, para Lévy (2010), a *Internet* interferiu bastante nas relações socioculturais, de forma a resultar no desenvolvimento de outros gêneros discursivos digitais que possibilitam a interação entre os usuários a distância, tanto de maneira assíncrona quanto sincronicamente, sendo esses traços um dos diferenciais, significativos, do uso da linguagem em ambiente virtual. Um exemplo de gênero digital sincrônico é o conhecido *Chat*, o qual mais se aproxima da conversação, na modalidade oral. O diferencial está na mediação por computador ou por celular ou por *Tablet*, e também no uso híbrido da linguagem (texto verbal, não verbal e sonoro).

Os *Chats* possibilitam o bate-papo entre os usuários da *Internet*, os quais são encontrados, igualmente, em redes sociais como o *Facebook*, de forma reservada, ou não. Segundo Marcuschi e Xavier (2010, p. 50) “o caráter síncrono e a relação face a face por eles simulados dão as peculiaridades distintivas em relação aos *e-mails*”. Além desses traços, há a troca de turnos, aspecto relacionado com a sincronia do gênero digital. Marcuschi e Xavier (2010, p. 54) advertem que “os turnos não se apresentam necessariamente em uma sequência encadeada, já que pode haver aspectos técnicos que impedem isso”, como, por exemplo, a demora na transmissão das mensagens. Os autores (2010) afirmam que o gênero *Chat* é um dos mais utilizados em ambientes virtuais, presentes inclusive na rede social *Facebook*. A sua estrutura passa a fazer parte de outros aplicativos como o mais recente *Whatsapp*.

Um gênero discursivo da *Internet* que foi muito popular entre os jovens foi o *Blog*. Seu objetivo inicial era ser um diário pessoal, em que os interactantes seguiam proprietários de *Blogs* para acompanhar a rotina ou o cotidiano do mesmo. Conforme Pimentel (2012), os *Blogs* são semelhantes a *sites*. Apresentam temas específicos e são desenvolvidos por qualquer pessoa com propósitos abrangentes, que vão do pessoal a propósitos com fim educacional, por exemplo. Ainda segundo Paiva (2012, p. 59):

Os blogs tomaram conta do ciberespaço. Fáceis de usar, gratuitos, sem censura, os blogs podem ser criados por qualquer pessoa, seguindo um passo a passo simples disponibilizado pela própria ferramenta. Além disso, todos aqueles adereços que recheavam as agendas de adolescentes migraram facilmente para o meio digital,

acrescidos de links para outros sites e blogs, tornando o recheio ainda maior.(PAIVA, 2012, p. 59).

No entanto, com o passar do tempo, o gênero digital passou a ser utilizado com outros propósitos comunicativos em situações comunicativas diversas, como, por exemplo, um instrumento de ensino e de aprendizagem. A volatilidade da *Internet* fez com que o gênero *Blog* obtivesse pouca utilização e isso se deve à influência das redes sociais, como o *Facebook*, pois, tal *site* de entretenimento, além de possibilitar aos usuários da *Internet* a criação de seus perfis pessoais ou públicos para amigos ou seguidores, o *site* ainda apresenta uma grande capacidade de armazenamento de informações, atrativos que tiraram a atenção do gênero *Blog*. Neste sentido, é pertinente o conceito de intergenericidade, proposto por Marcuschi (2008), para a compreensão da plasticidade dos gêneros. Esse conceito que será discutido no capítulo 3, referente à intertextualidade.

Assim, de acordo com Marcuschi e Xavier (2010, p. 15): “Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”, e se estabeleceram na sociedade. Dessa forma, Marcuschi e Xavier (2010, p. 37) apresentam os gêneros digitais que surgiram com o desenvolvimento da *Internet* e sua contrapartida discursiva, baseada em gêneros não virtuais:

Quadro 1 - Correlação entre gêneros emergentes e preexistentes
(MARCUSCHI E XAVIER, 2010)

	Gêneros emergentes	Gêneros preexistentes
1	<i>E-mail</i>	Carta pessoal/bilhete/correio
2	<i>Chat</i> em aberto	Conversações (em grupos abertos?)
3	<i>Chat</i> reservado	Conversações duais (casuais)
4	<i>Chat</i> ICQ (agendado)	Encontros pessoais (agendados?)
5	<i>Chat</i> em salas privadas	Conversações (fechadas?)
6	Entrevistas com convidado	Entrevista com pessoa convidada
7	<i>E-mail</i> educacional (aula por <i>e-mail</i>)	Aulas por correspondência
8	Aula- <i>chat</i> (aulas virtuais)	Aulas presenciais
9	Videoconferência interativa	Reunião de grupo/conferência/debate
10	Lista de discussão	Circulares/ séries de circulares (?)
11	Endereço eletrônico	Endereço postal
12	<i>Blog</i>	Diário pessoal, anotações, agendas

Fonte: (MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 37).

Além dos gêneros digitais, Marcuschi e Xavier (2010) abordam a respeito de ambientes ou entornos virtuais, isto é, os espaços em que os gêneros digitais se localizam. Os autores observam que os ambientes virtuais são distintos dos gêneros, pois, os ambientes virtuais são responsáveis por abrigarem os gêneros e, algumas vezes, podem condicionar os gêneros digitais. Logo, os ambientes virtuais “Não são domínios discursivos, mas domínios de produção e processamento textual em que surgem os gêneros”(MARCUSCHI; XAVIER, 2010, p. 31).

Entre os ambientes virtuais, os autores citam a *Web* (WWW), o *E-mail*, o *Chat*, os foros de discussão, os ambientes de áudio e vídeo (videoconferências). Os autores (2010) explicam que tais ambientes não correspondem a uma tipologia, mas orientam que os gêneros se originam em ambientes constituídos de culturas diversas.

A *Web*, a própria *Internet*, reúne bibliotecas, jornais, redes sociais etc. Portanto, a *Web/Internet* não é um gênero discursivo, mas é um serviço eletrônico composto por informações diversas. Por isso, não representa um domínio discursivo, mas apresenta uma diversidade de gêneros discursivos, os quais refletem as distintas instâncias discursivas.

A *Internet*, serviço eletrônico, oferece para os seus internautas uma diversidade de *sites* ou *homepages* (páginas pessoais) para a navegação. Os *sites* e as páginas possuem endereços eletrônicos na *Web*, os quais são identificados com os três “W” - “WWW” – como, por exemplo, a rede social *Facebook*, cujo endereço eletrônico é WWW.facebook.com.br, que fica em tom azulado para indicar que se trata de um *Link* da *Web*.

O *Facebook* é um *site* de relacionamento ou de entretenimento criado por Mark Zuckerberg, em 2004. Sua apresentação inicial contém a imagem de um mapa mundo e, sobre esse, figuras que representam pessoas em conexão, em rede, como pode ser visto na figura:

Figura 1 - Apresentação do *site* do *Facebook*



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/>. Acesso em: fevereiro de 2018.

O endereço eletrônico do *Facebook* indica que esta rede social é um *site* com o principal propósito de oferecer, para os internautas, entretenimento, a partir da conexão com outros usuários do *site* social, o que possibilita a organização de comunidades virtuais de entretenimento com os mais distintos temas, assuntos e objetivos.

Para isto, o *site* do *Facebook* abriga ou hospeda perfis pessoais/privados ou públicos, os quais são individualizados a partir de um endereço eletrônico para os seus interactantes. Isso impede o acesso de outros usuários e mantém os seus dados privados. Observa-se que a rede social possui o principal objetivo de possibilitar a comunicação de forma global, para que os usuários compartilhem, nesta comunidade, momentos que julguem importantes.

Assim, o *site Facebook* pode ser reconhecido não apenas como um ambiente virtual, mas também como um suporte de gêneros digitais. Já os perfis pessoais ou públicos dos usuários são gêneros discursivos digitais que carregam uma multiplicidade de gêneros, um deles é o gênero digital comentário.

As especificidades que confirmam os perfis do *Facebook* como gêneros discursivos são: a constante atualização das informações no gênero, baseado em datas e horários de postagens; as estruturas textuais verbais, não verbais e sonoras; a interação entre participantes, a função interpessoal ou profissional; as temáticas; o estilo da linguagem, que depende dos propósitos comunicativos dos interactantes e da situação comunicativa de interação. Além desses aspectos, é importante destacar a hipertextualidade que viabiliza, nos perfis do *Facebook*, a existência de uma multiplicidade de gêneros como o próprio gênero comentário.

Marcuschi (2008) observa que o *site* é um suporte estabelecido, discursivamente, e não é um gênero digital. Pois, o *site* é o espaço virtual, onde circulam os gêneros discursivos. Sendo assim, o *site* do *Facebook* é o espaço virtual que possibilita a organização dos perfis pessoais e públicos.

Observo que o perfil do *Facebook* ampliou, com o tempo, as suas possibilidades comunicativas e passou a adquirir propósitos comunicativos vinculados tanto a interesses pessoais quanto a interesses públicos, um dos interesses públicos é o jornalístico. O jornalismo vem explorando bastante a facilidade do entretenimento da informação do *Facebook*, com o fim de atingir muitas pessoas com informações. Exemplifico o perfil público da jornalista Eliane Cantanhêde, cujo propósito é abordar temas políticos com a publicação dos seus artigos de opinião. A seguir apresento o perfil público da jornalista:

Figura 2 - Perfil do *Facebook* (*Homepage*)




Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 07/2015.

Na figura, podemos verificar distintos gêneros digitais, o próprio perfil da jornalista Cantanhêde e o gênero discursivo comentário, o qual a sua publicação pode ocorrer tanto pelo acionamento de seu ícone ou “botão”, indicado pela seta 1, quanto produzido ao clicar com o *mouse* no espaço destinado para a estrutura textual do gênero, consoante sinalizado pela seta 2 na figura.

Os textos dos comentários ficam expostos no perfil, como a seta 3 indica na figura. Ao lado dos comentários, há a foto dos interactantes e seus nomes, grifados em azul. Os textos verbais publicados nos comentários são circunstanciados pela data e a hora da publicação. Há o fator da interação entre os interactantes da rede social *Facebook*, que explicita o aspecto dialógico do gênero comentário. Os comentários são temáticos. Os textos verbais do gênero digital podem tanto ter função interpessoal quanto ter função institucional, de forma a depender dos propósitos comunicativos dos participantes e da situação comunicativa de interação.

Além do ícone do gênero comentar, temos o ícone do gênero Curtir. O gênero Curtir é muito utilizado pelos interactantes na interação e, em vista disso, possibilitou que fossem criadas outras atividades discursivas que indicassem os sentimentos de amar, de rir, de chorar e de raiva, como já referido, anteriormente, na seção a respeito do uso virtual da linguagem. Aliás, os traços que confirmam o *status* de gênero do curtir são: o texto não verbal; a função temática que pode ser lúdica ou interpessoal; o estilo informal.

Recuero (2014) refere-se ao gênero curtir, no perfil do *Facebook*, como uma forma de fazer parte de uma conversação, por meio de texto não verbal -  - com sentido de apreciação, de divertimento ou de concordância sobre algo. Recuero (2014, p. 119), ainda, observa:

Nesse sentido, “curtir” algo adquiria uma série de contornos de sentido. Primeiro, seria uma forma menos comprometida de expor a face na situação, pois não há a elaboração de um enunciado para explicitar a participação do autor. Segundo, seria visto como uma forma de apoio e visibilidade, no sentido de mostrar para a rede que se está ali. (RECUERO, 2014, p. 119).

A autora salienta que não ocorre a elaboração de um enunciado, o que é contestável, pois, o texto Curtir é o desenvolvimento de um enunciado de composição não verbal, de estilo lúdico. Outros aspectos interessantes observados por Recuero (2014) são os sentidos inerentes nesse texto não verbal. O curtir é uma maneira de não se expor, o que implica em não se comprometer diretamente. É uma forma de apoio, de viabilização de algo, que confirma a interação pela linguagem na rede social.

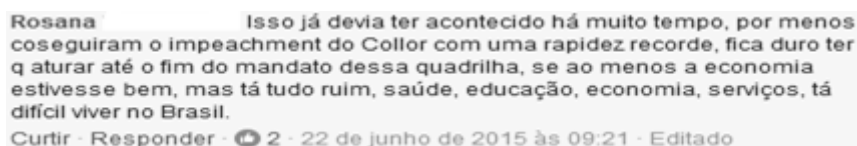
Acrescenta-se a estes sentidos, um terceiro. O curtir é um texto não verbal que expressa popularidade para o proprietário do perfil, pois, a quantidade de curtidas sobre uma postagem no *Facebook* gera a sensação de ser muito popular ou reconhecido num grupo social, tanto para o público jovem quanto para interactantes maduros. A produção de sentido é um aspecto essencial de um gênero discursivo.

Há ainda, no perfil do *Facebook*, a ação de entretenimento com base no compartilhar informações. A ação de compartilhar implica em divulgar informações que o interactante julga ser de interesse para outros participantes da rede social. Recuero (2014) considera que o sentido de compartilhar uma mensagem é dar visibilidade para uma mensagem, de forma a ampliar o alcance da mesma. É interessante destacar que os usuários do *Facebook* têm predileção por compartilhar vídeos de variados temas. A ação de compartilhar informações não é um gênero discursivo, porque não apresenta os traços que poderiam caracterizá-lo como tal.

Ainda a respeito do texto comentário, este é considerada por autores, como Recuero (2014), uma prática evidentemente conversacional, por causa das trocas de turnos que são marcadas por datas e horas, embaixo dos textos publicados. Entretanto, é importante ressaltar que o gênero discursivo digital comentário não é, especificamente, uma conversação, pois, não é um gênero que se realiza nas mesmas circunstâncias da conversação oral. O comentário é um gênero que se realiza virtualmente. É interessante observar que é possível ocorrer entre os comentários trocas de turnos, tanto de modo síncrono quanto assíncrono, o assemelha o gênero com o *Chat*. A possibilidade da troca de turnos está atrelada aos propósitos comunicativos dos interactantes. A troca de turno é mais um aspecto que confirma o comentário como gênero discursivo.

Os textos dos comentários ficam expostos para a leitura dos interactantes, o que permite o entretenimento da informação de maneira coletiva. Relembro, ainda, que sua estrutura composicional é híbrida e se apresenta textualmente, em linguagem verbal, não verbal e sonoro, juntamente, ou não, como podemos observar nos dois exemplos de comentários, essencialmente, estruturados por textos verbais:

Exemplo 3 – Gênero discursivo digital Comentar



Rosana · Isso já devia ter acontecido há muito tempo, por menos coseguiram o impeachment do Collor com uma rapidez recorde, fica duro ter q aturar até o fim do mandato dessa quadrilha, se ao menos a economia estivesse bem, mas tá tudo ruim, saúde, educação, economia, serviços, tá difícil viver no Brasil.
Curtir · Responder · 2 · 22 de junho de 2015 às 09:21 · Editado

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal.
Acesso em: 06/2015.

Exemplo 4- Gênero discursivo digital Comentar

Lucy Gosto muito de ler...seus artigos são ótimos...parabéns...LUCYPRADOBADARO
 Curtir · Responder · 2 - 22 de junho de 2015 às 11:34

Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal.
 Acesso em: 06/2015.

Os dois exemplos de comentários foram “*Print⁵ screen*” do perfil público da jornalista Eliane Cantanhêde, no *Facebook*. Ambos são textos estruturalmente verbais e a temática destes se refere ao artigo da jornalista de título “*Erga Omne⁶*”, publicado em 2015, que aborda sobre a crise política e financeira do segundo mandato da ex-presidente Dilma Rousseff.

A temática dos exemplos determina o aspecto hipertextual do gênero do discursivo comentário e também a relação intertextual que o gênero estabelece com outros textos publicados no perfil, assunto que será tratado no capítulo 3 sobre intertextualidade. Neste sentido, com base na relação intertextual, verifica-se que tanto o gênero comentário quanto o perfil do *Facebook* sinalizam, em suas estruturas composicionais, vínculos com domínios discursivos diversificados.

O perfil público da jornalista Cantanhêde, que constitui parte do *corpus* desta pesquisa, pertence à instância discursiva jornalística, em que a jornalista trata de fatos e de temas relacionados à política brasileira em seus artigos jornalísticos, os quais são publicados em seu perfil público. Em contrapartida, os comentários publicados pelos interactantes no perfil da jornalista Cantanhêde, outra parte do *corpus* desta pesquisa, pertencem à instância discursiva do entretenimento e não do jornalismo. Marcuschi (2008, p. 155) observa que o domínio discursivo

Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.(MARCUSCHI, 2008, p. 155).

O conceito sobre domínio discursivo é mais um aspecto que determina o perfil do *Facebook*, seja este pessoal ou público, um gênero discursivo digital que, por seu caráter híbrido, possibilita a circulação de outros gêneros discursivos digitais como o gênero comentário. Além disso, o domínio discursivo confirma a essência heterogênea das atividades

⁵ O vocábulo “*Print Screen*” faz referência a uma tecla que, ao ser pressionada, captura uma imagem exposta na tela do computador.

⁶ O artigo de opinião “*Erga Omne*” e os comentários sobre este estão disponíveis no capítulo 6. O artigo e os comentários determinam o *corpus* da presente pesquisa.

discursivas, em que está pressuposta a intencionalidade nas relações discursivas em estruturas hipertextuais como o perfil do *Facebook*, que, segundo Koch (2014), é composta de intertextualidade.

No primeiro capítulo do presente estudo, buscou-se, inicialmente, a reflexão sobre a influência cultural da *Internet*, mídia de massa, considerada um símbolo da globalização no mundo. Com Lévy (2010), compreendemos que a *Internet* foi criada com o fim de possibilitar uma comunicação, numa realidade virtual, que conectaria as pessoas, a partir de comunidades virtuais, as quais são “locais” onde os interactantes se encontram com base em interesses comuns. Esta conexão em rede é vista por Castells (1999) como uma descentralização da informação e, assim, destoa da comunicação centralizada de outros meios de comunicação de massa como o rádio e a televisão. Agora, os usuários da *Internet* são os propagadores da informação e fundamentam a existência da “Sociedade em rede” (CASTELLS, 1999).

Estes dois fatores culturais apresentados por Lévy (2010) e Castells (1999) permitiram a discussão a respeito do uso da linguagem na *Internet*, o que possibilitou cogitar a existência de uma terceira modalidade da linguagem que mantém o princípio do *continuum* entre as modalidades linguísticas, mas é caracterizada por traços que lhe confere uma especificidade. É uma modalidade de uso constituída pelo texto híbrido (verbal, não verbal e sonoro), o que implica nas qualidades hipertextual e coletivo. Tais particularidades estão presentes nos gêneros digitais que circulam na *Internet* como os gêneros, aqui, mencionados: o *E-mail*, o *Chat*, o *Blog*, os Perfis do *Facebook* e os Comentários, os quais apresentam particularidades funcionais e formais comuns entre si. Isso possibilita a consolidação dos gêneros digitais e permite o surgimento de novos gêneros que podem ser emergentes de gêneros não virtuais ou emergentes de gêneros virtuais, porque, de acordo com Bakhtin (2010), as possibilidades de uso da língua são heterogêneas, logo, inesgotáveis.

Torna-se um capítulo importante, pois a pesquisa está centrada no gênero digital comentário com o objetivo de buscar compreender as relações linguístico-discursivas na sua estrutura verbal. No capítulo 2, dá-se início à compreensão das relações linguístico-discursivas, em nível micro discursivo, tomando como base a teoria da referenciação e das estratégias anafóricas.

2 A REFERENCIAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS ANAFÓRICAS NO GÊNERO COMENTÁRIO

Propõe-se, no capítulo 2, a discussão, na primeira seção, do processo cognitivo-discursivo de referenciação, cujo encadeamento textual ocorre a partir de duas estratégias discursivas, a saber: a catáfora e a anáfora. A pesquisa visa ao estudo da estratégia discursiva anafórica e suas tipificações, direta e indireta, além de suas funções discursivas (TEDESCO, 2002). Tais aspectos serão tratados em duas seções. A segunda seção do capítulo sobre a anáfora direta e a terceira sobre a anáfora indireta.

Fundamenta-se o capítulo 2, teoricamente, com os seguintes autores: Koch (1999, 2002, 2012), Mondada e Dubois (2003), Apothéloz (2003), Milner (2003), Conte (2003), Lima e Feltes (2013), Marcuschi (2002, 2012), Tedesco (2002), Cavalcante (1998) e, ainda, Cavalcante e Mesquita (2011).

2.1 A Referenciação: a (re)construção da realidade

Com o objetivo de situar o estudo sobre a referenciação, observa-se, que esta questão foi examinada por estudiosos franco-suíços que eram ligados ao projeto científico *cogniscience*, em que se destacaram os postulados de Apóthelóz, Kleiber, Charolles, Rechler-Béguelin, Apothéloz & Chonet, Mondada e Dubois (KOCH, 2014). Estes estudiosos consideram a referenciação uma atividade discursiva e, neste sentido, se desenvolveu uma percepção que se opunha a outras que julgavam as palavras, apenas, como reflexos da realidade, como os estruturalistas. As autoras Mondada e Dubois (2003, p. 18), importantes estudiosas de noções linguística-cognitivas, fazem a seguinte observação sobre a questão da linguagem:

A questão de saber como a língua refere o mundo tem sido colocada há muito tempo em diversos quadros conceituais. Se as respostas são diferentes, a maior parte pressupõe ou visa uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas, correspondência dada, preexistente e perdida, ou recuperar, encontrar no exercício da atividade científica, por exemplo. Esta perspectiva se exprime através das metáforas do espelho e do reflexo, e, mais recentemente, do “mapeamento” (*mapping, matching*), que se referem todas a uma concepção especular do saber e do discurso, considerada como uma re-presentação adequada da realidade. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 18).

Mondada e Dubois (2003) problematizam o fato de a língua ser considerada por algumas linhas de estudos linguísticos como algo dado e preexistente que apresenta a função de relacionar as palavras às coisas do mundo, sem influência de fatores discursivos, assim sendo um “reflexo da realidade”, uma “re-presentação” adequada da realidade”. As autoras, ao proporem o uso do prefixo “re-”, separado do restante do radical da palavra ‘-*apresentação*’, conotam, justamente, o sentido metafórico do reflexo do espelho, para expressar o pragmatismo do processo de reprodução da realidade por meio da língua. Assim, a língua, para algumas percepções teóricas, é um espelho da realidade, unicamente, responsável pela transmissão de informações.

Em face do exposto, adquiriram destaque os estudos *cognisciences*, os quais, no Brasil, são contemplados pela Linguística textual. Perspectiva linguística fundamentada na concepção interacionista (dialógica) da língua. Nesse sentido propõe que os sujeitos sejam “vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação...” (KOCH, 2002, p. 17). A proposta da Linguística textual foi uma mudança de posicionamento em relação à língua. Nessa perspectiva, a língua realiza-se amplamente em textos orais ou escritos - ou ainda em textos no horizonte virtual-, como uma atividade sociointerativa. As contribuições da Linguística textual, pautada nos estudos *cognisciences*, surgem para apresentar uma proposta cognitiva para análise e para percepção de aspectos da linguagem, na sua materialização textual.

Alinhada com os estudos *cognisciences*, a Linguística textual preconiza avaliar e interpretar os aspectos linguísticos na superfície textual associados ao contexto sociocognitivo, de acordo com Koch (2002). Por essa razão, a Linguística textual considera os sujeitos, os atores do seu projeto de dizer, aspecto que dilui com a passividade do sujeito, conforme preconiza a percepção estruturalista (KOCH, 2002). Para a Linguística textual, a língua é “uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (KOCH, 2002, p. 17).

Nesta lógica, Marcuschi (2002, p. 45) reflete que um dos fatos mais importantes do cotidiano é a possibilidade de interagirmos uns com os outros e percebermos que “o que vimos, ouvimos e sentimos” é compreendido pelos outros, pois, os outros constroem percepções e experiências similares a nós, a partir da interação pela linguagem. Segundo o autor, (2002, p. 45):

A explicação caminha na direção das atividades linguísticas situadas e não das estruturas da língua descarnadas de seus usuários. Esse é o caminho que vai do código para a cognição e, neste percurso, tudo indica que o conhecimento seja um

produto das interações sociais e não de uma mente isolada e individual. (MARCUSCHI, 2002, p. 45).

Há, nas percepções de Marcuschi (2002) e de Mondada e Dubois (2003), um entendimento de que a linguagem é um produto das interações sociais que se determina pelo *continuum* entre a práxis, a percepção e a linguagem, pois, é na relação de contiguidade que a língua deixa de ser, apenas, instrumento para refletir a realidade. Na relação de contiguidade entre a práxis, a percepção e a linguagem, a língua é o meio social que permite qualquer interação.

Logo, não há condições para a existência do assujeitamento, o qual pressupõe que “o indivíduo não é dono de seu discurso e de sua vontade” (KOCH, 2002, p. 14). O indivíduo é dono do seu projeto de dizer, o qual é carregado de intencionalidade. O indivíduo, ator social, segundo Koch (2002), age pautado pelo cognitivo. É o sistema cognitivo - estruturado pelos conhecimentos de mundo, linguístico e sociointeracionista - que permite perceber tanto a situação comunicativa, o contexto imediato, quanto compreender os propósitos comunicativos a respeito daquilo que “vimos, ouvimos e sentimos” (MARCUSCHI, 2002, p. 45). Portanto, ainda com Mondada e Dubois (2003, p. 19),

... no lugar de pressupor uma estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua, é possível reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

A realidade não é algo estável no mundo, mas é concebida na instabilidade que envolve as experiências sociais, cognitivas e linguísticas, as quais dão sentido ao mundo. Lima e Feltes (2013, p. 32) observam: “isso significa deslocar o olhar das entidades da língua para a análise dos processos pelos quais se constituem, garantindo-lhes relativa evidência e estabilidade”. Entre estes processos está a referenciação, a “atividade discursiva” (KOCH, 2002, p. 79).

Para Lima e Feltes (2013), o processo discursivo de referenciação demonstra que a realidade, a partir dos referentes, deixa de ser um objeto de mundo para ser um objeto de discurso “elaborados, pelos interlocutores, no interior dessa atividade”(LIMA E FELTES, 2013, p. 32). Sendo assim, o referente, entidade linguística, enquanto objeto de discurso rompe com a “re-presentação adequada da realidade” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 18). As nossas escolhas linguísticas estão pautadas nas interações discursivas.

Como os objetos de discurso são elaborados discursivamente, os interactantes em suas relações sociais acionam o sistema cognitivo para, coerentemente, (re)elaborar os objetos

discursivos, na superfície textual. Isso significa que as nossas escolhas linguísticas, objetos de discurso, estão sempre associadas as nossas percepções sociais e culturais que estruturam o nosso conhecimento de mundo, também denominado de conhecimento enciclopédico. Logo, o processo de referenciação é, justamente, a “conexão” do conhecimento linguístico com o conhecimento de mundo; uma ação de significação da realidade, o que implica dizer que os sentidos estão sempre presentes em nossos usos linguísticas.

Por isto, o ato de nomeação implica uma atividade de significação da realidade que não ocorre individualmente, isolada. O processo de significação da realidade, a referenciação, é uma questão social praticada por atores sociais, porque envolve crenças e valores individuais e coletivos. A referenciação é imperativo da linguagem e sobre isso Mondada e Dubois (2003, p. 19) advertem:

A questão não é mais avaliar a adequação de um rótulo “correto”, mas de descrever em detalhes os procedimentos (linguísticos e sociocognitivos) pelos quais os atores sociais se referem uns aos outros – por exemplo, categorizando qualquer um como sendo um “homem velho”, em vez de um banqueiro, ou de um “judeu”, etc., tendo em conta o fato de algumas destas categorias poderem ter eventualmente consequências importantes para a integridade da pessoa. (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 19).

A rotulação da realidade é uma forma de padronização desta, sem considerar as relações sociais. Por isso, é impossível significar qualquer homem com mais de sessenta anos apenas como “um homem velho”, como nos diz as autoras (2003). Em função disso, o agir ou o interagir pela linguagem implica a mobilização de estratégias linguísticas e sociocognitivas, as quais vão possibilitar distintos sentidos na reconstrução do homem com mais de sessenta anos, o objeto de discurso. De acordo com o contexto sociocognitivo, o “homem velho” pode ser ressignificado como o homem judeu ou o homem banqueiro. Logo, Van Dijk (2012, p. 85) diz: “Isso significa que os usuários da língua não estão apenas envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva on-line”.

Nesta perspectiva, Mondada e Dubois (2003), ao exemplificarem o uso da categoria “homem velho”, explicam que, nas atividades discursivas, as nossas percepções discursivas influenciam no procedimento como categorizamos ou avaliamos a realidade ou os referentes, no cotidiano. Por isso, nada impediria que um “homem velho” fosse (re)categorizado por outros participantes sociais como um homem banqueiro ou um homem judeu. Em função disso, a referenciação é uma atividade discursiva que rompe com a percepção estereotipada, porque a língua é interação, é dialógica.

Esse exemplo de (re)categorização da realidade ou do objeto do discurso confirma a significativa heterogeneidade presente nas atividades discursivas, porque o propósito comunicativo dos sujeitos sociais é repleto de intencionalidade, essência de qualquer projeto de dizer. Ainda nesse raciocínio, Mondada e Dubois (2003, p. 26) apresentam um exemplo interessante de variação de sentidos do referente “xícara” em determinados contextos:

Por exemplo, o mesmo delineamento de um continente pode ser chamado “xícara” em um contexto em que se bebe café ou naquele que Labov chama de contexto “neutro”, quer dizer em um contexto em que o tipo de líquido contido não é especificado; pelo contrário, este rótulo pode resvalar para “tigela” em um contexto relacionado a alimento e sopa, ou mesmo para “copo” ou “vaso” em um contexto relacionado a flores. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 26).

Este caso apresentado pelas autoras (2003) demonstra a influência do contexto e suas nuances sociais, culturais e cognitivas ao nomearmos os objetos discursivos. O sentido atrelado à categoria “xícara” se deve, normalmente, ao alimento que esse contém, que pode ser tanto um café quanto um chá. Mas, num contexto em que se pressupõe o alimento sopa, haveria a variação do objeto discursivo para “tigela” e, por fim, num contexto associado com flores, ocorreria a variação do referente discursivo para “vaso”. Esses exemplos demonstram que o processo de (re)categorização da realidade implica numa relação semântica, vinculada à situação comunicativa que pode ser definido como o contexto imediato.

Ainda no exercício da exemplificação, é interessante observar a variação do objeto discursivo “mulher” no Brasil e em Portugal, os quais compartilham a mesma língua, sendo os valores sociais e culturais diversificados. No Brasil, quando o referente discursivo “mulher” sofre uma mudança de categoria e passa a ser significada como “rapariga”, o sentido construído pelos interactantes é de valor pejorativo, pois, “rapariga” conota prostituição. Já, em Portugal, a (re)construção do referente “mulher” como “rapariga” não conota a pejoratividade inerente nos valores sociais e culturais do Brasil. Em Portugal, a (re)categorização “rapariga” tem sentido de mulher jovem e adolescente (HOUAISS, 2009). Koch (2002, p. 80/1) postula:

O que se admite, então, é que os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual. (KOCH, 2002, p. 80/1).

Então, tanto os exemplos apresentados pelas autoras Mondada e Dubois (2003), com “homem velho” e “xícara”, quanto o exemplo da recategorização do objeto discursivo “mulher”, no Brasil e em Portugal, demonstram que a linguagem não está dissociada das

experiências sociais e cognitivas. As entidades linguísticas são (re)construídas discursivamente.

Neste sentido, existe a interferência dos fatores sociocognitivos, operacionalizados pelo conhecimento de mundo, a nossa memória semântica, constituído por diversos tipos de modelos cognitivos; pelo conhecimento linguístico, que nos permite avaliar qual forma linguística pode ser usada, significativamente, numa situação comunicativa, e ainda pelo conhecimento sociointeracionista, que orienta para as diversidades empíricas textuais (KOCH, 2002).

Assim, entende-se que o conceito expresso pelo termo referenciação é a ação de se referir à realidade, por meio da linguagem, de maneira a acrescentar ao processo de significação as nossas crenças, vivências sociais e culturais, sempre dialogicamente. Por isso, Marcuschi (2002, p. 51) diz:

...os processos de referenciação ocupam um lugar central na construção do mundo de nossas vivências. Além disso, postula que as referências são elaboradas e transmitidas discursiva e interativamente. Por fim, admite que a referenciação é uma atividade criativa e não um simples ato de designação. Diante disso, a construção referencial deve ser tida como central na aquisição da língua, estendendo-se a todas as ações da linguísticas. Considerando que a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sociointerativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente. (MARCUSCHI, 2002, p. 51).

“Nada se dá isoladamente” para Marcuschi (2002) e para os estudos da Linguística textual, pautados nos fundamentos cognitivos; o que leva a compreender as palavras, natureza linguística, não apenas na relação significante e significado. As palavras, no discurso, são significação, ações linguísticas. Explicitamente falando, a significação de referentes discursivos ocorre na mobilização do intradiscurso que, cognitivamente, está situado em nossa memória semântica ou conhecimento partilhado.

Portanto, a materialidade linguística denuncia o “lugar” do discurso (BRANDÃO, 2012), com base em formas assinaladas, no nível explícito, e não assinaladas, no nível implícito. A significação desenvolvida durante o processamento textual reflete o modo como dialogamos com a realidade. Koch (2002, p. 80), sobre referência, diz:

a. referência diz respeito sobretudo às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve; b. o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, “publicamente” alimentada pelo próprio discurso [...]. c. eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas “mundanamente” ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização

lexical, sendo o inverso também verdadeiro [...]. d. o processamento do discurso, sendo realizado por sujeitos ativos, é estratégico, isto é, implica, da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece. (KOCH, 2002, p. 80).

Isto posto, a referenciação ou a significação da realidade ocorre pela linguagem. As informações são (re)construídas em interações sociais que abrangem as nossas crenças, as culturas diversas, as percepções política e filosófica da sociedade. Não se (re)constrói a realidade a par disto. Não se (re)constrói a realidade a par do discurso.

A ação de (re)nomear os seres e as coisas reflete que o sentido é “construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação” (KOCH, 2002, p. 17). A visão de Bakhtin (2010) sobre a concepção dialógica da linguagem destaca que os sentidos são a essência das atividades discursivas concretizadas pelos gêneros discursivos. Apesar de Bakhtin (2010) não mencionar o fator cognitivo nas atividades discursivas, o autor faz menção a heterogeneidade discursiva referente aos atores ou sujeitos sociais, que explicita as intencionalidades inerentes aos propósitos comunicativos destes atores.

Isto possibilita que os interlocutores (re)construam os referentes durante o processamento textual/discursivo (LIMA E FELTES, 2013), possível por estratégias referenciais como a catáfora e a anáfora, estratégias que dão “movimento” ao texto e determinam a coesão textual referencial, responsável pela textualidade. Vamos nos ater, neste estudo, à análise das anáforas no *corpus* analisado.

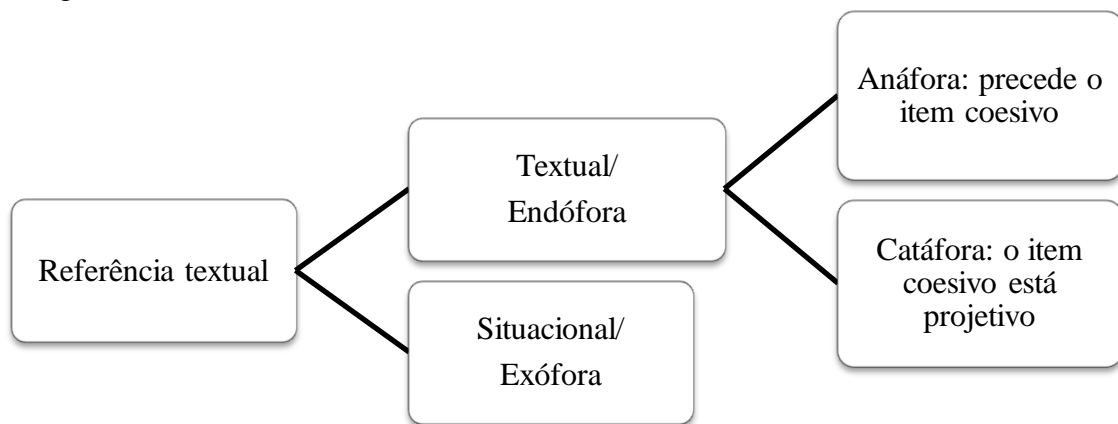
2.2 A Anáfora direta (AD): Estratégia discursiva de Referenciação

O processo de referenciação é uma estratégia cognitiva que apresenta uma função coesiva, no texto, que permite o estabelecimento da relação sintática e semântica, a qual possibilita que as informações sejam significativas. O processo é determinado por mecanismo linguísticos como (KOCH, 2002):

- a) o uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
- b) o uso de expressões nominais definidas;
- c) o uso de expressões nominais indefinidas.

Estes mecanismos linguísticos estabelecem relações de sentido com outros elementos do texto que vão determinar a compreensão. Tais mecanismos envolvem, segundo Koch (1999), especificações do processo de referenciação, o qual pode ser situacional, caracterizada como exofórica, em que o referente está fora do texto (expressões dêiticas); e ainda na superfície do texto, sendo caracterizada como endofórica. A referência textual ou endofórica apresenta dois perfis operacionais: a anáfora e a catáfora, conforme proponho na figura 3, baseada em Koch (1999, p. 20):

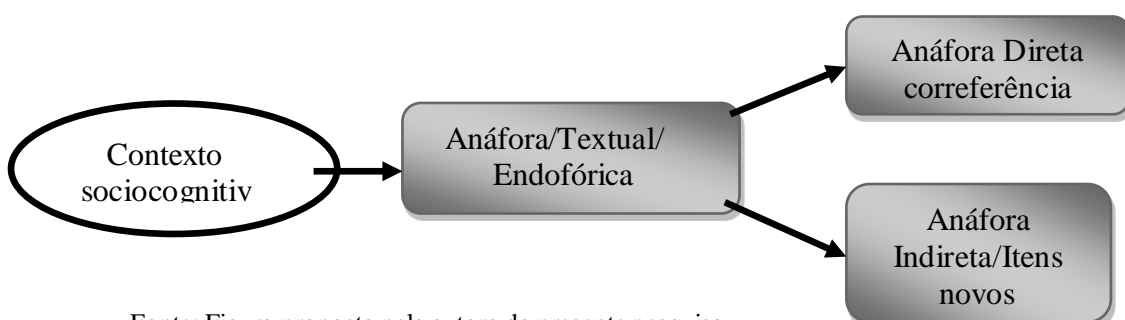
Figura 3 - A Referência textual



Fonte: (KOCH, 1999, p. 20).

O processamento textual catafórico se constrói na referência a um item coesivo que se encontra projetivo no texto, é uma operação “para frente”. Em contrapartida, o processamento textual anafórico opera na reativação de elementos precedentes no texto e também na ativação de novos referentes, com base nas informações textuais (KOCH, 2002). Assim, na superfície textual a anáfora opera, semanticamente, numa ordem direta e numa ordem indireta, apoiada no contexto sociocognitivo. Logo, os elementos linguísticos com função anafórica realizam dois tipos de operação cognitiva, conforme proponho na figura 4, a seguir:

Figura 4 - Operações cognitivas da anáfora endofórica



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

O esquema da figura 4 explica que os dois tipos de anáfora – direta e indireta - operam com informações ativadas e reativadas na superfície do texto, em que acarreta intervenções de correferência (anáfora direta) e intervenções as quais inserem novas informações no texto (anáfora indireta). Koch (2012) observa que a operação anafórica direta (AD) sinaliza a ocorrência de uma recuperação de informações que foram, anteriormente, descritas no texto e que estão armazenadas na memória discursiva. Desta forma, a AD não é uma básica retomada de um referente já proposto no texto, mas é uma retomada significativa para a efetivação da continuidade tópica e para efetivação do propósito comunicativo, pois, há de considerar não só a relação de item a item, mas o contexto discursivo. Sobre anáfora direta, Marcuschi (2012, p. 55) observa:

Em geral, postula-se que as AD retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Parece haver uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado. A noção de correferencialidade é nestes casos crucial, embora nem sempre se dê de modo estrito. (MARCUSCHI, 2012, p. 55).

A correferencialidade é construída tanto com expressões nominais definidas, indefinidas quanto com pronomes e formas elípticas, mas são as expressões nominais que, segundo Koch (2012), dão ao texto, no seu todo, a orientação argumentativa do seu produtor.

As expressões nominais são formas linguísticas constituídas por um determinante (definido ou demonstrativo) seguido por um nome e esta estrutura linguística é empregada em operações anafóricas diretas e indiretas. Em relação, às expressões nominais de perfil definida, Koch (2002) salienta que estas são propostas como consequência de um processo de seleção de propriedades que poderiam ser atribuíveis a um referente, por isso, a essência argumentativa das descrições definidas. Desta maneira, as formas anafóricas diretas (ADs)

1) categorizam ou recategorizam referentes, o que determina a atividade de significação e ressignificação de referentes, sempre de acordo com o contexto;

2) orientam para as crenças, para as distintas opiniões e para o ponto de vista do produtor do texto;

3) asseguram a progressão temática do texto, com base na utilização de itens lexicais vinculados ao mesmo grupo temático.

Koch (2012) ainda observa que ao recategorizarmos os referentes do texto, estamos realizando escolhas lexicais com o interesse de buscar a melhor categoria nominal ou a

melhor adjetivação que enriqueça a discussão e esta operação está, intimamente, condicionada ao gênero discursivo. Por exemplo, a recategorização de referentes em gêneros discursivos de perfil opinativos não apenas direciona o leitor para o propósito comunicativo do produtor do texto, mas também pode garantir a persuasão e o convencimento do leitor/ouvinte sobre determinada temática abordada. Observe o trecho, a seguir, do artigo “*Impeachment or not impeachment*”⁷, da jornalista Cantanhêde:

Exemplo 5: Trecho do artigo “*Impeachment or not impeachment*”:

Quanto mais frágeis a presidente e seu fiador, mais o país depende da liderança e da responsabilidade do seu Congresso e dos seus partidos políticos. Pois os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha, e do Senado, Renam Calheiros, estão ambos sob investigação do Supremo Tribunal Federal, aliás, pela mesma Lava Jato que envolve Lula numa névoa de desconfiança.

O artigo “*Impeachment or not impeachment*”, da jornalista Cantanhêde, aborda sobre a discussão dos partidos de oposição sobre o *Impeachment* da, então, presidente Dilma Rousseff. Na época, a discussão a respeito do processo movido contra a ex-presidente gerava um conflito entre os partidos políticos. Os mesmos propunham uma solicitação de afastamento, a qual, para os políticos, não configura num processo de impedimento, uma discussão de ordem semântica, segundo a jornalista Cantanhêde.

No exemplo, a jornalista reativa, no texto, o referente Dilma Rousseff, que já tinha sido previamente ativado, com a forma anafórica direta “a presidente” e, em seguida, utiliza outra forma anafórica “seu fiador” para reativar o mesmo referente discursivo.

A expressão definida “a presidente” é uma recategorização utilizada pela jornalista que indica a condição de Dilma, naquele momento. Já a forma anafórica “seu fiador”, constituída pelo pronome possessivo ‘seu’ mais o nome ‘fiador’, apresenta um valor argumentativo que explicita o ponto de vista da jornalista. O fiador é o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, assim, os atos de Dilma são responsabilidade do ex-presidente. Isto implica que o leitor compreenda a dependência de Dilma Rousseff com o ex-presidente. A recategorização ou a correferencialidade é a forma linguístico-discursiva de revelar essa intencionalidade constituída.

⁷ O artigo de “*Impeachment or not impeachment*” faz parte do *corpus* da presente pesquisa, apresentado no capítulo 6, Análise dos dados.

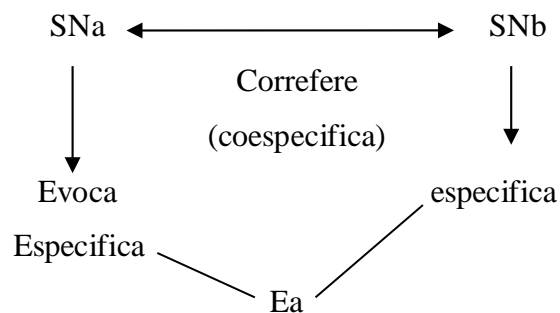
A questão da recategorização leva à necessidade de se realizar uma ressalva sobre a anáfora direta. Marcuschi (2012) adverte que a correferencialidade não é uma operação que exija uma identidade total com o item que está sendo referido na superfície textual. Por isso, o autor (2012, p. 55) argumenta: “Na sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de clonagem referencial”, o que se verifica com a forma anafórica “seu fiador”.

Entretanto, o grau de inferência com o uso de pronomes é menor, pois, os pronomes recuperam diretamente ou mantêm uma identidade direta com o núcleo do sintagma nominal. Já o uso de sinonímias amplia a significação do referente e, conseqüentemente, eleva o grau de inferência a ser realizada na interpretação do referente no texto. Milner (2002), sobre a anáfora direta, trabalha com a noção de correferência real e correferência virtual e as distingue:

A primeira só pode, evidentemente, ser definida como uma relação simétrica entre dois elementos que possuem uma referência real, tendo, então, na ocorrência, o estatuto de grupo nominal. Ela implica identidade material absoluta dos segmentos designados, mas não necessariamente a identidade das unidades lexicais empregadas. [...] a correferência virtual é a relação que existirá entre duas unidades lexicais diferentes, tendo em todos os aspectos as mesmas propriedades lexicais; ela equivale, então, à sinonímia lexical absoluta. (MILNER, 2002, p. 88).

Para Marcuschi (2012), a percepção de Milner é restrita, por considerar a anáfora direta uma continuidade ou uma retomada parcial de referentes e por, também, considerar a necessidade de existir uma identidade entre a forma anafórica e seu antecedente textual. O autor sugere um esquema para compreender como se realiza o processamento da anáfora direta, tal como exposto na figura:

Figura 5 - Processamento da Anáfora Direta de acordo com Marcuschi (2012)



Fonte: (MARCUSCHI, 2012, p. 57).

O esquema de Marcuschi (2012, p. 57) indica que o SNa (sintagma nominal ‘a’) apresenta a função de antecedente, o qual evoca ou especifica um referente. O SNb (sintagma nominal ‘b’) pode ser tanto um sintagma nominal quanto um pronome, em que anaforicamente correferre ou coespecifica sem introduzir uma informação nova. O elemento “Ea”, de acordo com Marcuschi (2012, p. 57), determina que a “especificação referencial é uma só e corresponde ao introduzido inicialmente”.

A fim de verificar o processamento da anáfora direta, com base no esquema de Marcuschi (2012), proponho o exemplo de um segmento do artigo “Governo usa a Aids contra a redução da maioria penal”, da jornalista Eliane Cantanhêde, publicado no *Facebook*, em 2015; e o comentário da interactante Susi a respeito do artigo de opinião (texto-fonte). Os referentes discursivos estão destacados tanto no texto-fonte quanto nos comentários, observe:

Exemplo 6: Anáfora direta (Artigo de opinião e comentários)

*Governo usa Aids contra redução da maioria penal*⁸:

A taxa de contaminação por aids no sistema prisional brasileiro é 60% superior à taxa na população total do País. São 1.215 contaminados a cada cem mil presidiários, contra 20,2 por cem mil fora das prisões.

Os dados fazem parte de um detalhado estudo que será divulgado oficialmente nesta segunda-feira, 22, pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, em sua cruzada contra os projetos em tramitação no Congresso para a redução da idade penal de 18 para 16 anos.

"Está evidente que um jovem que entrar no sistema carcerário terá uma propensão muitíssimo maior de sair de lá com aids. Se é que vai conseguir sair vivo de lá", disse o ministro à reportagem.

Além da questão de saúde, Cardozo aponta outros problemas graves da eventual redução da maioria penal, em fase de votação pela Câmara dos Deputados. Um deles é a da superlotação dos presídios.

"O sistema vai explodir. Aliás, o sistema já está explodido", disse o ministro, estimando que, caso a redução seja aprovada, esse sistema será sobrecarregado a cada ano por mais 40 mil jovens que responderem por apenas um tipo de crime, o tráfico de drogas.

⁸ O artigo de opinião “Governo usa AIDS contra redução da maioria penal” e o comentário da interactante Susi encontram-se no capítulo 6, referente à Análise dos dados.

Ele explicou que os projetos em estudo preveem a redução no caso de crime hediondo. O tráfico é enquadrado nessa categoria.

Comentário Susi:

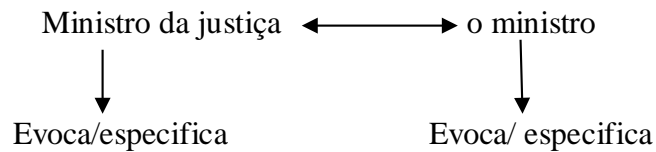
*Eu não acredito que o **ministro** disse td isso ... tem consciencia de TODOS os problemas... não coloca o que está sendo feito ou fará para melhorias no **sistema carcerário**.... e defende então que criminosos fiquem soltos assim... pq são menores deixe os á margem da lei.... praticando crimes... pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas.... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz.... que pais é este??????*

Os referentes textuais presentes no trecho do artigo “Governo usa Aids contra redução da maioria penal” são: “a taxa de contaminação por aids”, “sistema prisional brasileiro” e “ministro da justiça”. Estes referentes discursivos são os tópicos discursivos do artigo, pois, durante o processamento textual, eles são reativados, formando cadeias anafóricas que orientam para a progressão referencial dos mesmos tópicos.

Assim, a partir do esquema de Marcuschi (2012), a cadeia anafórica do referente textual ‘ministro da justiça’ apresenta sintagmas nominais que fazem a sua especificação na superfície textual, são os sintagmas nominais: ‘sua cruzada’ e ‘o ministro’. A cadeia ainda apresenta a especificação por recategorização do referente, a partir do nome próprio “José Eduardo Cardozo”, que se torna uma opção da produtora do texto para reativar o referente e, com isso, é evitada a repetição do SN ‘o ministro’. Em alguns trechos do artigo, a produtora reativa o referente textual com a manutenção do sobrenome: ‘Cardozo’, conforme pode ser verificado no exemplo 6.

Em seguida, temos o comentário da participante Susi, em que apresenta as formas anafóricas diretas “o ministro”, “sistema carcerário”, “governo”. Com base no esquema das anáforas diretas proposto por Marcuschi (2012), as formas anafóricas presentes no comentário de Susi especificam os referentes textuais presentes no artigo da jornalista. No caso, os referentes textuais reativados por Susi são o ‘ministro da justiça’ e o ‘sistema prisional’. Considerando, apenas, o referente ‘ministro da justiça’, a produtora opta pela utilização do SN ‘o ministro’ para especificar o referente discursivo na estrutura textual do seu comentário, conforme apresento na figura seguinte, baseada no esquema de Marcuschi (2012):

Figura 6 - Processamento anafórico do referente textual “ministro da justiça”



Fonte: Figura propostas pela autora da presente pesquisa.

A forma anafórica “o ministro” especifica no discurso, endoforicamente, o referente textual “ministro da justiça”. Verifica-se que é mantida entre o referente textual e a forma anafórica uma identidade com base no nome “ministro”.

Igualmente, o processo anafórico direto é estabelecido com a forma anafórica “sistema carcerário”, em que faz a especificação do referente textual “sistema prisional brasileiro”, com o diferencial no uso do adjetivo “carcerário”, que é um sinônimo de “prisional”. A identidade é mantida entre o referente e a recategorização, mas de modo parcial.

Tedesco (2012), em cuidadoso estudo a respeito da estratégia anafórica direta em estruturas textuais vinculadas ao gênero discursivo redação, refere-se às funções discursivas exercidas por expressões definidas anafóricas diretas, segundo as cadeias referenciais. A autora verifica nas cadeias anafóricas diretas que a reativação de referentes textuais agrega finalidades discursivas as quais ampliam o processo de especificação na superfície textual. Segundo a autora, ao reativar o referente textual, o produtor imprime o seu propósito comunicativo. Dessa forma, o propósito do interlocutor pode apenas realizar a retomada do referente, com a repetição deste; também pode fazer a manutenção do núcleo do referente textual, conforme o exemplo da manutenção da categoria linguística ‘Cardozo’, no exemplo 6. O produtor do texto é capaz de ir além da retomada e da manutenção de referentes, ao propor recategorizações do referente textual e, assim, acrescenta mais informações na reconstrução do objeto do discurso. Logo, Tedesco (2012) propõe a existência de cinco funções discursivas durante a progressão do referente no texto: a introdução, a recategorização, a recategorização avaliativa, a manutenção do (mesmo) referente e a retomada. Todas são relacionadas com expressões anafóricas diretas.

Tais funções discursivas ampliam as operações básicas de referenciação, sinalizadas por Koch (2002): a ativação, a reativação e a de-ativação. Além disso, as funções discursivas verificadas por Tedesco (2012), nas cadeias anafóricas, especificam melhor a função de recategorização de referentes textuais, ao propor o recategorizador avaliativo como outro modo de recategorizar os referentes, no processamento textual.

Para tanto, é interessante fazer uma relação das operações básicas de referenciação proposta por Koch (2002) com as funções discursivas das expressões anafóricas diretas apresentadas por Tedesco (2002).

Na progressão referencial, Koch (2002) observa que a operação básica é a ativação de um referente no processamento textual. Segundo a autora (2002), o referente ativado passa a ocupar um “endereço cognitivo” (2002, p. 83) na superfície textual. Tedesco (2012) reconhece essa operação de ativação de referente textual como um processo de introdução de um elemento na cadeia referencial, o qual, normalmente, apresenta a estrutura de um sintagma nominal simples, conforme pode ser verificado na cadeia anafórica do referente textual “o ex-presidente Lula”, presente no artigo de opinião “De “marolinhas” a “crisezinha””⁹:

Cadeia anafórica do referente “o ex-presidente Lula”

O ex-presidente Lula (introdutor - 1º parágrafo) ↔ sempre tão boquirroto (1º parágrafo) ↔ Lula (7º parágrafo) ↔ Lula (8º parágrafo) ↔ o antes endeusado Lula (10º parágrafo).

Como orienta Koch (2002), o referente textual ‘o ex-presidente Lula’ é ativado e passa a ocupar um endereço cognitivo no processamento textual e como explica Tedesco (2002) esse sintagma nominal simples é o elemento introdutor na cadeia referencial. Logo, a ativação de referente textual significa a introdução de um elemento, uma informação nova introduzida (TEDESCO, 2002) no processamento textual.

Na progressão do referente ‘o ex-presidente Lula’ ocorre a segunda operação básica de acordo com Koch (2002), a operação de reativação. A reativação de referente poderá ser por retomada, por manutenção de referente, por recategorização ou por recategorização avaliativa, conforme nos diz Tedesco (2002). No exemplo da cadeia anafórica do ex-presidente Lula, o referente textual é reativado pelos recategorizadores avaliativos “sempre tão boquirroto” e o “antes endeusado Lula” e por meio da manutenção do núcleo do referente “Lula”. Outro exemplo é de recategorização avaliativa do referente textual “crisezinha” presente no comentário do interactante Flavio¹⁰, também sobre o artigo de opinião “De “marolinhas” a “crisezinha””, na página 210:

⁹ O artigo “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’” está apresentado no Capítulo 6, referente à análise dos dados.

¹⁰ O comentário de Flavio encontra-se na página 210, no capítulo 6.

Exemplo 7: Comentário de Flavio

está mias prá zona do que pra zinha.

Pode ser observada a recategorização avaliativa com o uso do sufixo derivacional “-zona”, em que o valor do sufixo expressa uma crítica ou um “deboche” em relação à crise econômica no país. A jornalista Cantanhêde utiliza no seu artigo o termo “crisezinha”, em contrapartida o interactante Flavio propõe em oposição ao sufixo “-zinha”, de “crisezinha”, o sufixo “-zona”, de forma a expressar, implicitamente, o sentido de “crisezona”. Aliás, quando o interactante Flavio utiliza o sufixo “-zona”, o mesmo faz alusão à palavra “zona”, que significa bagunça ou desordem. O uso deste recategorizador avaliativo reflete que neste processo de progressão do referente textual no discurso, o produtor do texto imprime a sua escolha linguística a sua percepção, a qual está fundamentada em sua memória semântica.

As funções discursivas sinalizadas por Tedesco (2002), na progressão de referentes ou tópicos discursivos, evidenciam a continuidade das operações básicas no processamento textual, por isso, a autora (2002, p. 129) diz:

É neste sentido que o processo de referenciação é importante, pois o produtor do texto elabora esses tópicos discursivos (e subtópicos), podendo expandir seu significado com novas informações e re-significações, o que derrota um processo contínuo, porém complexo, de acréscimos sucessivos que contribuirão para o processo de compreensão textual. (TEDESCO, 2002, p. 129).

Além das funções discursivas anafóricas apresentadas por Tedesco (2002), há outro perfil de recategorização, conceituada como encapsuladora. Segundo Conte (2003), o encapsulamento funciona como uma paráfrase, a qual resume uma porção precedente do texto. O sintagma nominal encapsulador é constituído por um nome, que conota um sentido generalizador, mais os pronomes adjetivos demonstrativos, com função sintática de determinadores no nome. Conte (2003) salienta que o encapsulamento é um recurso coesivo relevante em textos de tipologia argumentativa, como pode ser observado no exemplo do comentário da interactante Corina, sobre o artigo de opinião “*Erga Omnes*”:

Exemplo 8: Comentário de Corina¹¹

¹¹O comentário da interactante Corina encontra-se na página 170, no capítulo 6.

Esses caras já deveriam estar presos por tudo que foi dito e comprovado, o que acontece que nada acontece, essa impunidade e aviltante, fora PT.

No exemplo, o sintagma nominal encapsulador “esses caras” sumariza os políticos referidos pela jornalista Cantanhêde em seu artigo de opinião. Verifica-se no SN encapsulador que o núcleo “caras” é determinado pelo pronome demonstrativo “esse”, além disso, o sentido conotado pelo nome ‘caras’ orienta para uma percepção generalizadora e, até mesmo, pejorativa.

Os recategorizadores encapsuladores nas cadeias anafóricas, segundo Cavalcante e Mesquita (2011), adquirem uma função metadiscursiva, conceito que se relaciona com a heterogeneidade discursiva. Conforme as autoras (2011, p. 57):

Como organizador textual, o encapsulamento anafórico funciona como um princípio de integração semântica, já que, ao mesmo tempo em que interpreta uma porção textual precedente, funciona como ponto de partida para a sequência textual seguinte, podendo atuar como um princípio argumentativo que não só organiza o texto, como também realiza operações avaliativas que direcionam o leitor em função de uma determinada orientação argumentativa elaborada pelo locutor.(CAVALCANTE E MESQUITA, 2011, p. 57)

Logo, os recategorizadores encapsuladores são usados pelos interactantes, intencionalmente, com o fim de não apenas parafrasear uma informação anteriormente proposta, mas com o fim de destacar, de sumarizar, de topicalizar uma informação que julga ser essencial no processamento textual. Enquanto um generalizador, o recategorizador encapsulador é uma forma de rotular o objeto de discurso. Sobre isso, é interessante reapresentar o comentário da produtora Susi¹², sobre o texto-fonte “Governo usa Aids contra a maioria penal”:

Exemplo 9: Comentário Susi

*Eu não acredito que o ministro disse td isso ... tem consciencia de TODOS os problemas... não coloca o que está sendo feito ou fará para melhorias no sistema carcerário.... e defende então que criminosos fiquem soltos assim... pq são menores deixe os á margem da lei.... praticando crimes... pq **o governo** não tem projeto ou solução para seus problemas.... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz.... que pais é este???????*

¹² Comentário da interactante Susi encontra-se na página 188, no capítulo 6.

No comentário de Susi, está destacado o sintagma nominal ‘o governo’. Esse SN não reativa o referente textual ‘o ministro da justiça’, mas é uma integração semântica, como nos explicam Cavalcante e Mesquita (2011), que direciona o leitor para a orientação argumentativa do produtor do texto. No caso do comentário de Susi, o encapsulador ‘o governo’ orienta que a produtora está indignada não apenas com o referente ‘ministro justiça’, mas com o poder executivo de que faz parte. É uma crítica generalizada.

Cavalcante (1998) diz que o processo de referenciação reflete a noção de metadiscursividade. Os usuários da língua, no discurso, buscam a melhor forma de expressar um objeto de discurso, mas, em algumas situações, parece que “a linguagem não está bastando, de alguma forma, para expressar satisfatoriamente uma intenção comunicativa, de vez que parece não nomear a contento [...], o que se quer expressar”, conforme constatamos nas recategorizações encapsuladoras, conforme a utilizada por Corina, na expressão anafórica definida “esses caras”. Outro exemplo que reflete a metadiscursividade é o uso do recategorizador encapsulador “nisso tudo” no comentário do interactante Gilmar¹³:

Exemplo 10: Expressão anafórica metadiscursiva:

*O mais curioso **nisso tudo** é que ele fala dos problemas carcerários como se não fosse problema dele. Passa a impressão que é em outro país.*

O comentário do interactante Gilmar é sobre o artigo da jornalista Cantanhêde de título “Governo usa aids contra a maioria penal”. A expressão anafórica direta “nisso tudo” recategoriza por encapsulamento o texto de Cantanhêde em sua totalidade. Observa-se que a expressão anafórica reflete uma intenção comunicativa, porém, a expressão anafórica aparenta “não nomear a contento” os referentes discursivos.

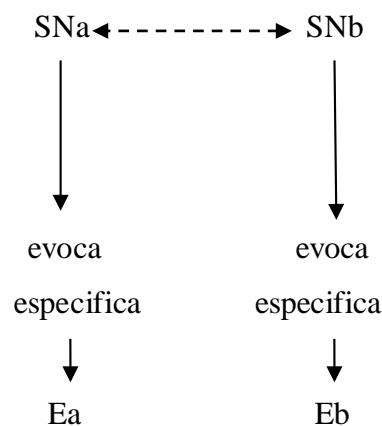
A par do processo textual da anáfora direta, agora, se faz necessário considerar outro perfil de anáfora textual, a anáfora indireta, a qual também opera fundamentada no nível textual e semântico (conhecimento de mundo), embora no texto não se realize de modo linear com a retomada de um referente textual previamente sinalizado.

2.3 A anáfora indireta (AI): Estratégia discursiva de Referenciação

¹³ O Comentário do interactante Gilmar encontra-se na página 189, no capítulo 6.

A anáfora indireta resulta na apresentação de uma forma referencial, que demanda a interpretabilidade respaldada nas informações desenvolvidas no texto. Portanto, este perfil de anáfora não retoma, diretamente, um referente já introduzido na superfície textual. É uma operação que ativa uma informação nova no texto, e esta nova informação mantém uma relação semântica, de forma indireta, com o conteúdo abordado na superfície textual. Marcuschi (2012, p. 57.) propõe o seguinte esquema para o processo por anáfora indireta:

Figura 7 - Processamento da anáfora indireta (MARCUSCHI, 2012, p. 57)



Fonte: (MARCUSCHI, 2012, p. 57)

O esquema de Marcuschi (2012) para a anáfora indireta, primeiramente, indica que tanto o sintagma nominal “a” (SNa) quanto o sintagma nominal “b” (SNb), no texto, evocam e especificam. A seta pontilhada determina a existência de relação semântica entre tais sintagmas, mas que não é uma relação direta e, sim, indireta entre as duas formas anafóricas.

O sintagma nominal “b” vai operar de forma a introduzir uma informação “nova” no horizonte textual. A interpretabilidade deste sintagma nominal “b” demanda dos participantes o acionamento do conhecimento de mundo. Distintamente da anáfora direta (AD), a anáfora indireta (AI) não possui uma “âncora”, base, expressão referencial do contexto semântico. Há entre a AI e a expressão referencial uma estreita relação conceitual, que dá a forma anafórica indireta a qualidade de uma informação nova. Esse é um dos aspectos que diferencia a anáfora indireta da anáfora direta, sendo significativo elencar outras especificidades da anáfora indireta (AI), segundo Marcuschi (2012):

- 1) faculta um ampliamto na noção sobre anáfora;
- 2) é um processo de referenciação não extensionista;

3) demanda processos cognitivos e estratégias inferenciais, que são necessários para a textualização;

4) por não ocorrer linearmente, causa uma interferência no conceito de coerência, por isso, Marcuschi propõe que a coerência seja entendida como um princípio de interpretação;

5) incidem formas anafóricas de perfil nominal (expresses nominais), havendo a possibilidade de ocorrerem AI com pronomes;

6) mantém a referência global;

7) a ancoragem se estabelece no universo textual;

8) é considerada uma ação remática e temática simultaneamente, logo traz a informação nova e velha, concomitantemente.

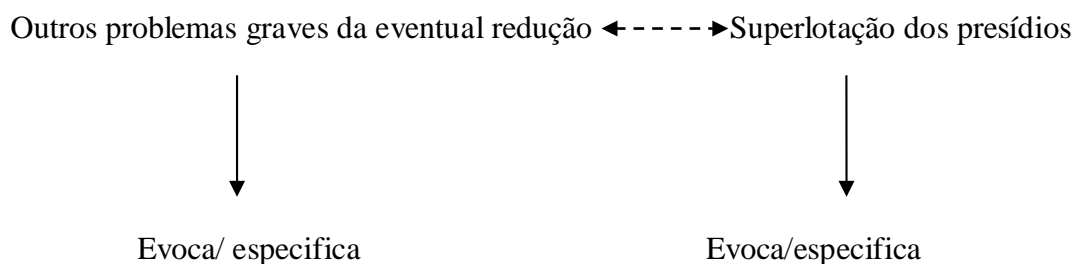
A título de exemplo para a operação anafórica indireta, reapresento um trecho do artigo “Governo usa aids contra a redução da maioria penal”, que foi explicitado, acima, na exemplificação da anáfora direta e um comentário publicado pelo interactante Antônio:

Exemplo 11: Trecho do texto-fonte “Governo usa aids contra redução da maioria penal”

*Além da **questão de saúde**, Cardozo aponta outros problemas graves da eventual redução da maioria penal, em fase de votação pela Câmara dos Deputados. Um deles é a da superlotação dos presídios.*

Neste trecho, a forma anafórica “questão de saúde” não retoma nenhum referente, anteriormente, proposto. O interactante entenderá que esta forma é uma informação nova que está relacionada conceitualmente ao referente “A taxa de contaminação por aids”. Assim, proponho:

Figura 8 - Anáfora indireta “superlotação dos presídios”



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa

A forma anafórica “superlotação dos presídios” adquire o *status* de informação nova, pois, se torna um novo argumento para se evitar a aprovação da “redução da maioria penal”. Esta expressão definida anafórica indireta não está ancorada no referente, não o retoma, mas mantém uma relação conceitual com este. Observe, ainda, o comentário do interactante Fidelis¹⁴ a respeito do mesmo artigo:

Exemplo 12: Comentário do interactante Fidelis

*Pois é. O objetivo é que as pessoas pensem antes e não cometam crimes. Prisão é para isso e para isolar os violentos para que não cometam violência contra pessoas inocentes. Esses são os principais objetivos. **Ressocialização** é uma tentativa importante e necessária, mas vai ser feita na medida do possível, se possível.*

O interactante Antônio opina e observa que a prisão é uma punição prevista para quem comete crimes e enfatiza a importância da ressocialização para quem é preso. Assim, Fidelis apresenta em seu comentário a forma anafórica indireta “Ressocialização” que não retoma nenhum referente anterior na superfície textual do comentário e também não retoma nenhuma informação do artigo. Entretanto, conserva uma relação semântica com o conteúdo que foi desenvolvido pelo artigo de opinião.

A forma anafórica indireta “Ressocialização” efetua, simultaneamente, a ação nova e dada, ou seja, é uma informação nova calcada em informações dadas. A propósito, esta informação nova, “ressocialização”, implica numa relação intertextual implícita com as informações abordadas no artigo e ainda com outras informações presentes na ordem do discurso.

O que podemos depreender a respeito dos dois tipos de anáfora textual é que as duas operações cognitivas mantêm um vínculo semântico, um *continuum*, na superfície textual, de modo que apresentam as suas particularidades sem o comprometimento da coerência. Há o princípio do *continuum* entre as operações anafóricas diretas e indiretas, percebido a partir de quatro princípios específicos, segundo Marcuschi (2012, p. 79):

- a) referentes previamente introduzidos (vinculação correferencial),
- b) conhecimentos semânticos (atribuição temática presente no léxico),
- c) conhecimentos conceituais (modelos cognitivos estabilizados),

¹⁴ O comentário do interactante Fidelis encontra-se na página 187, no capítulo 6.

d) modelos de mundo textual (inferenciações textuais/práticas/culturais).

O item “a”, referentes previamente introduzidos, é um atributo da anáfora direta. Já os demais itens, conhecimentos semânticos, conceituais e modelos de mundo textual são atributos da anáfora indireta. As anáforas indiretas de tipo semântico são baseadas no léxico, as anáforas indiretas do tipo conceitual têm por base o conhecimento de mundo e as anáforas indiretas do tipo inferencial se organizam por meio de inferências instituídas no texto.

Marcuschi (2012) observa que a anáfora direta também se vale dos conhecimentos semânticos e conceituais e modelos do mundo textual quando as retomadas se dão por sinonímia, antonímia, metonímia, metáfora e entre outros perfis, formas com função discursiva recategorizadora (TEDESCO, 2012).

O entendimento do vínculo *continuum* entre a anáfora direta e indireta reflete para a fluidez dos sentidos na superfície textual, pois, cada retomada equivale a uma categorização ou recategorização de um referente. Cada forma anafórica indireta no texto é o aparecimento de uma informação nova que não (re)categoriza um referente previamente apresentado, mas traz em si uma vinculação semântica com a informação dada no texto ou presente em nossa memória semântica.

Logo, as expressões definidas anafóricas diretas vão operar, no texto, como argumentos, utilizados para a defesa de uma ideia central, o próprio ponto de vista. Isso torna as expressões definidas essenciais não apenas na “costura” sintática da estrutura textual dos gêneros discursivos de essência opinativa, como o artigo de opinião e os comentários do *Facebook*, mas, principalmente, por estas expressões anafóricas determinarem o processo de (re)significação no discurso.

O mesmo deve ser reconhecido nas formas anafóricas indiretas, as quais inserem informações novas com base em informações dadas como se observou no comentário do participante “Fidelis” ao inserir em seu texto a expressão “ressocialização”, no Exemplo 12. A expressão “ressocialização” é um argumento importante e substancial, um dado novo que indica uma autonomia do produtor do texto, um índice de autoria do produtor do comentário, de modo a ampliar a reflexão da jornalista Cantanhêde. Logo, essa é uma particularidade significativa da AI na progressão do texto verbal. A informação nova, ancorada no discurso, reflete que o produtor do texto é proprietário do seu dizer. A autoria pela informação nova a partir da AI orienta para a alusão de outros discursos.

Portanto, no segundo capítulo da pesquisa, realizou-se uma reflexão a respeito da operação linguístico-discursiva, referenciação. Assim sendo, procurou-se tratar do conceito de referenciação, o qual se define como uma operação cognitiva, realizada em nossas interações

sociais ao (re)construirmos a realidade, discursivamente. Logo, a referenciação é uma ação de significação da realidade, baseada na relação do conhecimento de mundo com o conhecimento linguístico, os quais são acionados em nossas interações sociais de maneira que viabilizem a organização do projeto de dizer. A relação dos conhecimentos de mundo e linguístico acontecem, na superfície textual, por meio de estratégias anafóricas, direta e indireta, também, no capítulo, abordadas.

Desta forma, entendemos, a partir de exemplos retirados do *corpus* da pesquisa, que, ao ativarmos e reativarmos referentes textuais (KOCH, 2002), é estabelecida uma operação de correferencialidade (anáfora direta), baseada em funções discursivas (TEDESCO, 2002) como a introdução de referentes, a manutenção de núcleo de referente, a retomada de referente, a recategorização e a recategorização avaliativa de referentes discursivos. Além destas funções, a anáfora direta determina, no processamento textual, a recategorização por encapsulamento que, de acordo com Cavalcante e Mesquita (2011) e Cavalcante (1998), orienta para a função metadiscursiva. Essa função organiza o texto como ainda direciona o leitor para a orientação argumentativa do produtor/autor do texto.

Sobre a anáfora indireta, compreendemos que a estratégia discursiva não estabelece uma relação de correferencialidade com referentes textuais, mas é uma operação semântica “ancorada” em informações da superfície do texto. Por isso, segundo Marcuschi (2012), é uma operação de referenciação não extensionista.

Com as considerações teóricas sobre a referenciação e as estratégias anafóricas – direta e indireta-, considera-se que as expressões anafóricas podem orientar para o fenômeno da intertextualidade no gênero digital comentário do *Facebook*, assunto que será discutido no próximo capítulo.

3 A INTERDISCURSIVIDADE E A INTERTEXTUALIDADE NO GÊNERO COMENTÁRIO

Este capítulo da pesquisa é destinado à discussão da intertextualidade, um fenômeno significativo de coerência textual (KOCH, 1998), o qual reflete de modo explícito ou implícito as relações interdiscursivas presentes nos textos, que estruturam gêneros discursivos, como o gênero digital Comentar.

Com este fim, organizo o capítulo 3 em duas seções que tratam das relações interdiscursivas. Na primeira seção, é desenvolvida a discussão sobre interdiscursividade e intertextualidade; na segunda seção, são apresentadas as especificidades da intertextualidade no perfil do *Facebook* e dos comentários. O propósito da análise é compreender, a partir das funções discursivas das expressões anafóricas direta e indireta, as possíveis relações intertextuais no gênero comentário, que serão analisadas no capítulo 6, destinado à análise do *corpus*.

Para tanto, o presente capítulo se afina, teoricamente, com Bakhtin (2010), Koch, Bentes, Cavalcante (2012), Barros (1994), Marcuschi (2008), Brandão (2012), Marcuschi e Xavier (2010), Genette (2010), Fiorin (1994), Possenti (2003), Orlandi (2003).

3.1 A Relação interdiscursiva e a Relação de intertextualidade

No capítulo 1, foi observada uma particularidade importante acerca dos gêneros discursivos que faz referência ao conceito de instância discursiva ou domínio discursivo. O conceito de instância discursiva, de acordo com Marcuschi (2008), está vinculado à percepção de Bakhtin (2010) sobre “as esferas da atividade humana”.

As esferas discursivas são variadas, por causa das múltiplas situações sociais e culturais de que o sujeito social participa. A diversidade de atividades sociais e culturais, como ressalta Marcuschi (2008), são responsáveis pelo surgimento de diferentes gêneros discursivos, como os gêneros digitais que surgiram com a *Internet* e com as suas comunidades virtuais. Consequentemente, os gêneros digitais refletiram as instâncias discursivas pela estrutura linguística. Por exemplo, a estrutura textual do gênero perfil do *Facebook* indica para o interactante, deste gênero, o seu domínio discurso que pode ser jurídico, religioso,

jornalístico, por exemplo. Aliás, a própria especificação do perfil do Facebook, pessoal e público, já orienta para o domínio discursivo do gênero. Analogamente, as estruturas textuais dos gêneros discursivos presentes nestes perfis do *Facebook* vão estar coadunadas ao domínio discursivo destes perfis. Nesse sentido, me refiro ao gênero digital comentário. Portanto, comentários publicados em perfis públicos com finalidade jornalística vão corresponder ao domínio discursivo jornalístico e a estrutura linguística, a estilo e as temáticas presentes nos comentários refletem para o leitor e para os demais interactantes a diversidade de propósitos comunicativos no gênero.

A percepção a respeito das esferas de atividades humanas (BAKHTIN, 2010) e a respeito dos domínios discursivos (MARCUSCHI, 2008) direcionam a discussão para um aspecto importante deste estudo, a heterogeneidade discursiva ou a relação interdiscursiva, presente nos gêneros. A heterogeneidade discursiva reflete o processo dialógico da linguagem, em que se confirma a existência do sujeito social que usa a linguagem para construir e reconstruir sentidos, pois, como postula Orlandi (2003, p. 21), “a linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”, é nesta perspectiva que o conceito de discurso se fundamenta.

Isso posto, depreende-se que o sujeito social encontra-se historicamente atravessado por discursos, por dizeres, por sentidos, porque “o dizer não é uma propriedade particular” (ORLANDI, 2003, p. 32), é uma propriedade discursiva. O projeto de dizer é constantemente (re)significado, marcado por ideologias que explicitam as crenças sociais, culturais, políticas, religiosas, filosóficas, concretizadas em pontos de vista que tanto podem unir quanto podem gerar sérias oposições entre sujeitos em práticas sociais. Segundo Brandão (2012, p. 35):

O discurso não é fechado nele mesmo, ele está o tempo todo remetendo ao “outro”, o “outro” aqui entendido como o outro/meu interlocutor e também os outros discursos, produzidos alhures e que atravessam toda enunciação; nessa perspectiva entende-se que todo discurso é produto do interdiscurso. (BRANDÃO, 2012, p. 35).

Qualquer proposta discursiva pressupõe a presença do “outro”. Por isso, o discurso não é fechado nele mesmo. A pressuposição do “outro” implica ainda a presença de “outros” discursos em qualquer que seja o projeto de dizer, de modo que todo discurso é produto do interdiscurso; isto é, os discursos interagem entre si, nas atividades sociais de linguagem. Em função disto, Orlandi (2003, p. 32) diz: “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia”.

Deste modo, o que está sendo dito ou formulado, o intradiscorso, vincula-se com o já-dito, o interdiscorso. Orlandi (2003) explica que no interdiscorso estão todos os dizeres já-dito e o intradiscorso representa a formulação do dizer, com base em informações já ditas. Retoma-se o exemplo do comentário da interactante Rosana¹⁵, sobre o artigo “*Erga Omnes*”, em que seu texto, o dito (intradiscorso), está fundamentado em informações já-ditas (interdiscorso):

Exemplo 13: Interdiscorso e intradiscorso

Rosana Isso já devia ter acontecido há muito tempo, por menos
coseguriram o impeachment do Collor com uma rapidez recorde, fica duro ter
q aturar até o fim do mandato dessa quadrilha, se ao menos a economia
estivesse bem, mas tá tudo ruim, saúde, educação, economia, serviços, tá
difícil viver no Brasil.
Curtir · Responder · 2 · 22 de junho de 2015 às 09:21 · Editado

Fonte: Disponível em:
https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 06/2015.

A interactante Rosana responde à interactante Eliane Cantanhêde, que publicou em seu perfil público o artigo de opinião “*Erga Omnes*”, que aborda a respeito do temor de políticos do PT com as operações da Polícia Federal e as dificuldades econômicas atravessadas no governo de Dilma Rousseff, em 2015. Logo, se estabelece a relação dialógica entre dois sujeitos sociais, de instâncias discursivas distintas. A Cantanhêde é jornalista e Rosana é sua leitora e seguidora do *Facebook*, isto é, uma interactante que curte a jornalista na rede social.

Na resposta de Rosana, há a mobilização das informações que foram argumentadas no artigo da jornalista e também o acionamento de outras informações armazenadas em sua memória discursiva, como a menção ao *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, que ocorreu em 1992, devido a atos de corrupção. Assim, o texto verbal de Rosana é constituído por outros discursos que vão fundamentar seu projeto de dizer e vão ao encontro de seu ponto de vista, para argumentar sobre o fato tratado pela jornalista Cantanhêde. Evidentemente, o artigo produzido pela jornalista é também um diálogo com outros discursos e percepções que determinam seu ponto vista jornalístico, com a finalidade de convencer ou de persuadir quem lê o seu texto em que expressa sua opinião.

Na percepção da Linguística textual, o interdiscorso é reconhecido como a nossa memória semântica ou conhecimento de mundo ou partilhado, que, cognitivamente, é

¹⁵ O Comentário da interactante Rosana encontra-se na página 166/7, no capítulo 6.

responsável pelo armazenamento de informações e de experiências discursivas vivenciadas pelos sujeitos sociais. Por isso, Dijk (2012, p. 97) afirma:

A maior parte desse conhecimento compartilhado socioculturalmente não precisa ser explicitada – pela simples razão de que se supõe que já o conhecemos [...]. Nesse sentido, os textos são incompletos ou implícitos. Seus autores pressupõem grandes quantidades de ‘conhecimento do mundo’, e os leitores constroem, assim, modelos mentais dos eventos sobre os quais estão lendo, ativando partes relevantes desse conhecimento, e então preenchem o modelo com a informação que está implicada ou pressuposta no texto. (DIJK, 2012, p. 97).

A ativação do conhecimento de mundo que Dijk (2012) conceitua como compartilhado é a ativação do interdiscurso. Por esta razão, a concepção sociointeracionista da linguagem propõe que as informações que estão no nível da explicitude (intradiscurso) são essenciais para a apreensão das informações implícitas (interdiscurso), de modo a efetivar o processo de interação pela linguagem. Por isso, costuma-se usar a metáfora do “*iceberg*” para explicar a relação do sentido que está explícito com o sentido que está implícito. Logo, no *iceberg* discursivo, o exposto ou explícito é o intradiscurso e o submerso ou implícito é o interdiscurso.

Desta forma, as relações interdiscursivas são essenciais para a construção dos sentidos no texto e essas se encontram marcadas por estruturas linguísticas que são as “pistas” para a compreensão dos sentidos implícitos que orientam para a intencionalidade do sujeito em seu propósito comunicativo. As pistas linguísticas também se encontram no nível cognitivo, determinadas pelo conhecimento linguístico, o qual vai se tornando substancial a partir das nossas práticas ou vivências discursivas. O conhecimento linguístico é uma estratégia discursiva que costura as informações no texto e demarca nesse a esfera comunicativa de que faz parte, como é o caso das expressões anafóricas diretas e indiretas.

Logo, o exemplo do comentário da produtora Rosana apresenta a expressão anafórica direta “dessa quadrilha”, cuja função é encapsular informações mais amplas do artigo “Erga Omnes”, e também apresenta a expressão anafórica indireta “Impeachment de Collor”, informação nova que amplia a argumentação do enunciado. As duas expressões anafóricas são “pistas” essenciais para compreender o ponto de vista da produtora do comentário, interactante do *Facebook*, o qual orienta para informações interdiscursivas.

As pistas linguísticas indicam de forma explícita ou implícita informações presentes na memória semântica, que nos permite lembrar um texto já-dito ou produzido em uma circunstância específica, o qual é retomado por citação ou por alusão, para construir sentidos numa outra situação discursiva. Isto define o intertexto, a relação semântica, em que um texto

deriva-se de outros textos (ORLANDI, 2003), ou seja, um texto é a intertextualidade de outros textos que transitam no discurso. A intertextualidade é um aspecto de ordem cognitiva, uma das estratégias do conhecimento de mundo, um processo interdiscursivo.

Novamente, faço referência ao exemplo do comentário da interactante Rosana. As expressões anafóricas – direta e indireta – indicam uma relação intertextual com o artigo “Erga Omnes” e com outros discursos armazenados em sua memória discursiva. Tais discursos evidenciam a formação discursiva da produtora Rosana que, de certa forma, está em harmonia com a jornalista Cantanhêde, produtora do artigo de opinião, e em harmonia com discursos que consideram o processo de *Impeachment* uma solução para a crise política e econômica vivenciada, na época, pelo Brasil, solução utilizada para o ex-presidente Collor de Mello.

Por formação ideológico entende-se o conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas dizem respeito, direta e indiretamente, às posições de classe social, política, econômica de onde se fala ou escreve e têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si. (BRANDÃO, 2012, p. 23).

Possenti (2003), em reflexão sobre o conceito de interdiscurso, propõe que as formações discursivas são constituídas de discursos pré-construídos, de forma a definir o interdiscursivo. Assim, o sujeito quando está numa atividade discursiva mobiliza algum (ou alguns) discurso(s) pré-construído(s), o que implica dizer que o acionamento dos discursos pré-construídos não se efetiva amplamente, mas parcialmente. Possenti (2003) observa que o acionamento dos discursos pré-construídos é evidenciado no intradiscurso, segundo as relações de intertextualidade explícita (com a citação e a referência) e também implícita (com a alusão). A intertextualidade é um princípio interdiscursivo. Souza - e - Silva (2012, p. 100) postula:

Chamo a atenção para o princípio da interdiscursividade tal como formulado por Maingueneau: não se trata de considerar cada discurso uma identidade fechada, nem de levar em conta o fato de haver dois ou mais discursos em contato, ou de um enunciado ter mais de um sentido ou a presença de várias vozes, trata-se de olhar para o espaço discursivo, que é o local onde se dá a relação Eu x Outro, é o local onde Eu e Outro se constituem, tomam forma.(SOUZA- E- SILVA, 2012, p. 100).

O local ou “lugar” onde o Eu e o Outro se constituem e tomam forma é no texto, a atividade discursiva (KOCH, 2002). As atividades discursivas estimulam que os sujeitos sociais mobilizem o sistema cognitivo, o qual é organizado com base nos conhecimentos de mundo, linguístico e sociointeracional. Por isso, ao ler um texto ou ao ouvir um texto,

automaticamente, cria-se uma representação textual (KOCH, 2002) que explicita a situação ou o episódio de que faz parte o texto, assim, num episódio similar, o sistema cognitivo é ativado e o texto anteriormente experimentado é (re)construído para efetuar as práticas dialógicas, deste modo, resulta-se a heterogeneidade discursiva.

3.2 A Intertextualidade e suas especificidades

As experiências sociais pela linguagem se realizam fundamentalmente por textos. Assim, na produção e na compreensão textual costuma-se acionar, cognitivamente, outros textos de instâncias discursivas diversas. Os campos da literatura, da publicidade e da música se destacam em fazer conexões textuais para a fabricação dos sentidos e mesmo em gêneros discursivos simples, como um diálogo, se desenvolve uma reciprocidade semântica entre textos. Desta forma, o fenômeno da intertextualidade é uma relação de sentidos em que se invocam outros textos para consolidar um projeto de dizer.

O processo de derivação textual não implica afirmar que a intertextualidade é o mesmo que interdiscursividade, como observa Fiorin (1994, p. 35), “A interdiscursividade não implica a intertextualidade, embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere também, ao discurso que ele manifesta”. Esta diferença é importante de ser pontuada, pois, a intertextualidade é uma ocorrência de base textual e a interdiscursividade é um aspecto particular do discurso, em que a propriedade textual indica as particularidades discursivas.

Neste sentido, o intertexto é o interdiscursivo, um pré-discurso (POSSENTI, 2003) produzido previamente. Para Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 17), o intertexto “faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores”. Assim, a intertextualidade vai além do acionamento de um elemento textual previamente utilizado no discurso. É importante que se entenda o propósito comunicativo e a situação comunicativa que leva o produtor do texto a acionar, cognitivamente, esse intertexto estruturado num lexema, por exemplo. O acionamento cognitivo do intertexto por ser efetivado explicita e implicitamente.

Nesta perspectiva, há três modos de efetivar, cognitivamente, as relações intertextuais: por citação, por referência e por alusão. Autores como Koch, Bentes e Cavalcante (2012) optam em dizer que as relações intertextuais se constroem explícita e implicitamente. A

citação e a referência são relações intertextuais no nível da explicitude e a alusão se caracteriza como uma relação intertextual no nível da implicitude. As relações entre textos serão explícitas quando se nota a menção – por citação ou referência – ao texto original:

É o caso das citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções; em textos argumentativos, quando se emprega o recurso à autoridade; e, em se tratando de situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar interesse na interação... (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012, p. 29)

A relação intertextual implícita se realiza por menção subentendida do texto original, “com o objetivo de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário”(KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012, p. 31). Outros perfis de relações intertextuais podem ser verificados, como a estilística, a temática, a metatextualidade, proposta por Genette (2010), e ainda a intertextualidade intergenérica, segundo Marcuschi (2008).

A intertextualidade estilística é desenvolvida por meio da repetição, da imitação ou da paródia de estilos ou de variedades linguísticas; e a intertextualidade temática ocorre com o compartilhamento de temas, muito comum em textos de ordem acadêmica e jornalística (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012, p. 18/19). A metatextualidade é uma especificação proposta por Genette¹⁶ (2010), referente à transtextualidade, que também trata da presença de um texto no outro. Já a intertextualidade intergenérica está pautada nas relações entre gêneros discursivos, conforme Marcuschi (2008).

Estas tipificações intertextuais são utilizadas amplamente para a compreensão das relações de sentidos construídas entre textos de perfil oral ou escrito e também podem ser consideradas no perfil digital, pois, as práticas sociais da linguagem se processam num *continuum*.

Na prática de linguagem híbrida e interativa como a digital, a intertextualidade não se estabelece apenas entre estruturas linguística de forma explícita ou implícita, como as mencionadas antes, mas também ocorre entre gêneros discursivos, sendo fundamental para se compreenderem as relações de sentidos em suportes hipertextuais. Assim, os gêneros digitais que circulam na *Internet* apresentam vínculos intertextuais com outros gêneros praticados em outras modalidades da linguagem e isto representa um *continuum*, segundo Tedesco (2013).

¹⁶ Genette trabalha com o conceito de transtextualidade e propõe cinco tipos de transtextualidade, entre elas está a intertextualidade restrita e a metatextualidade. A intertextualidade restrita de Genette tem o mesmo perfil da intertextualidade explícita por citação e da intertextualidade implícita, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Marcuschi (2008, p. 130) observa que a “intertextualidade é um fator importante para o estabelecimento dos tipos e dos gêneros de texto na medida em que os relaciona e os distingue”.

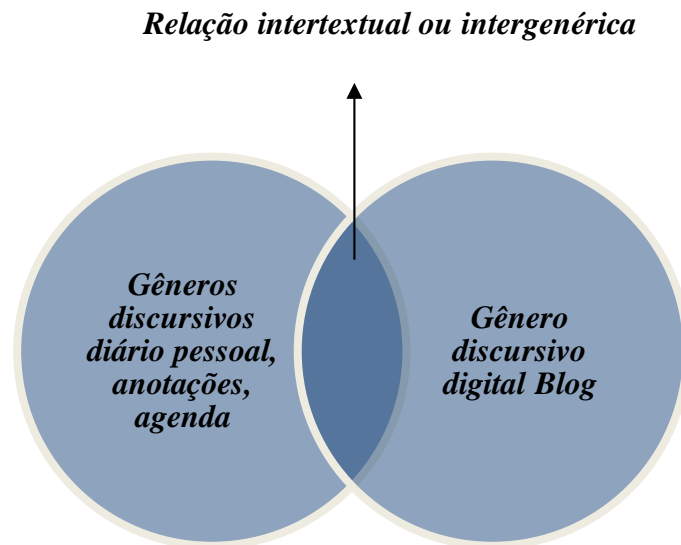
Nesse ponto, é retomada a proposta de Marcuschi e Xavier (2010), ao definirem que os gêneros digitais são gêneros emergentes de outros gêneros discursivos, conforme seção dois, do capítulo 1. Portanto, se um gênero é emergente de outro, há uma relação intertextual ou intergenérica, em que um gênero discursivo deriva-se da forma ou da estrutura de outros gêneros. Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 63):

As práticas sociais de que participamos determinam a existência de gêneros do discurso, com forma composicional, conteúdo temático, estilo, circunstâncias de uso e propósito comunicativo próprios. Os exemplares de cada gênero, evidentemente, mantêm entre si relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo, permitindo ao falante, devido à familiaridade com elas, construir na memória um modelo cognitivo de contexto. (KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2012, p. 63).

Logo, a sensação de ‘novidade’ que os gêneros digitais criaram nas práticas comunicativas são, de certa forma, impressões subjetivas, pois, a “raiz” destes gêneros digitais é de outros gêneros discursivos, isto implica num fenômeno intergenérico, que nos remete a uma expressão de Lavoisier, “Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, o mesmo acontece na linguagem.

Marcuschi e Xavier (2010) propõem que o gênero discursivo digital *Blog* é emergente dos gêneros discursivos diário pessoal, anotações e agendas, os quais são práticas sociais da linguagem escrita. Isto orienta para uma relação intertextual ou intergenérica entre os gêneros que se efetivam em práticas de linguagem de contextos distintos, mas com afinidades de formato, propósito comunicativo e estilo, que pode ser compreendida na figura que apresento a seguir:

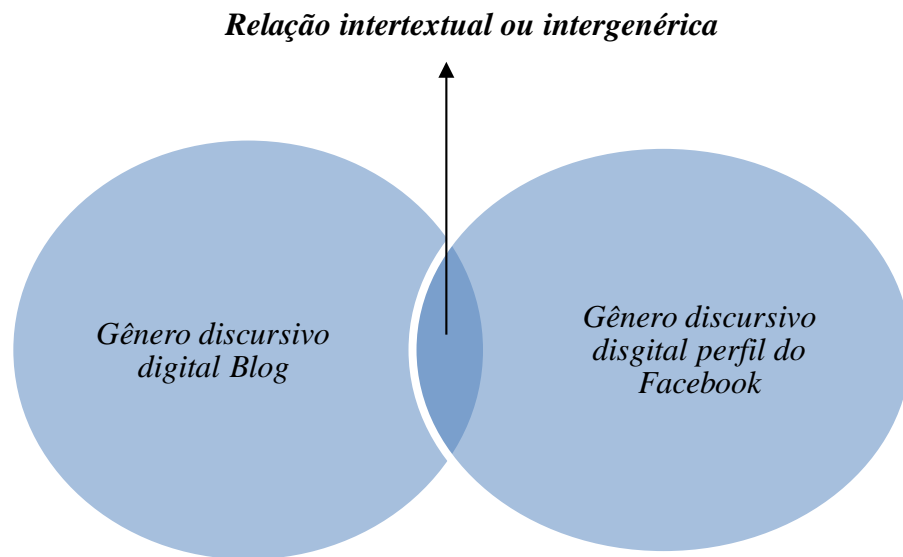
Figura 9 - Relação intergenérica entre o gênero digital Blog e os gêneros não digitais diário pessoal, anotações e agendas



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

A relação intertextual ou intergenérica não ocorre apenas entre gêneros discursivos de práticas sociais de linguagem distintas. Pode também ocorrer em uma mesma modalidade de linguagem como a digital. O gênero discursivo digital perfil do *Facebook* mantém uma relação intergenérica com o gênero digital *Blog*, pois, o perfil do *Facebook* apresenta uma correlação de estilo, formato e propósito comunicativo similar ao *Blog*. Além destes aspectos, há outros que determinam esta relação intergenérica entre os gêneros digitais como: a coletividade; a hipertextualidade; a marcação temporal das publicações; a relação entre os participantes, que ocorre com base em interesses comuns; a ampla capacidade de armazenamento de dados; a sincronia e a assincronia além da circulação de outros gêneros discursivos como o gênero comentário, conforme proponho na figura:

Figura 10 - Relação intergenérica entre o perfil do *Facebook* e o *Blog*



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa

Marcuschi (2008) observa que na intergenericidade “imperam o predomínio da função sobre a forma na determinação interpretativa do gênero, o que evidencia a plasticidade e a dinamicidade dos gêneros”, no caso, a função ou o propósito comunicativo dos gêneros discursivos digitais é o entretenimento de informações de maneira coletiva, em rede. A seguir, a intergenericidade pode ser compreendida nas figuras que apresentam o *Blog* da jornalista Eliane Cantanhêde e o seu perfil público da jornalista no *Facebook*:

Figura 11 - *Blog* da jornalista Cantanhêde



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2017.

Figura 12 - Perfil do *Facebook* da Jornalista Cantanhêde



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2017.

Com as figuras, ratifica-se que o *Blog* e o perfil do *Facebook* são gêneros digitais que ainda permitem a circulação de outros gêneros discursivos como os comentários publicados por interactantes. No exemplo do perfil público da jornalista Cantanhêde, verifica-se que os

comentários dos interactantes mantêm uma conexão com *Link* do artigo de opinião da jornalista Cantanhêde. Esse *Link* é do *Site* do jornal paulista o Estado de São Paulo, popularmente conhecido por Estadão, onde estão hospedados os artigos da jornalista. Assim, os comentários publicados por interactantes, que curtem o perfil da jornalista, efetuam uma interação com o texto-fonte, que no caso do perfil da jornalista Cantanhêde é o artigo de opinião, por ela publicado, de sua autoria. Tomando como base a definição de Genette (2010), denomino esta interação dos comentários com o artigo de opinião como relação metatextual.

Genette (2010) postula que a relação metatextual é o vínculo que um comentário estabelece, semanticamente, com um texto-fonte, em que o sentido do texto verbal apresenta o valor de crítica. A crítica reflete o ponto de vista apresentada pelo interactante. Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 134) observam que “Muitas vezes, a crítica, ou a convocação do texto-fonte, aparece sob a forma de uma alusão. Em vista dessa definição, é bastante provável que ela se constitua, por sua vez, de processos intertextuais de copresença”.

As autoras ainda observam que a metatextualidade assemelha-se à intertextualidade temática porque é constatada, nos comentários, uma progressão temática “de informações e conceitos de uma mesma área ou de uma mesma corrente de conhecimento” (KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2012, p. 134). Assim, os comentários dos interactantes, no *Facebook*, normalmente, apresentarão a progressão temática de um texto-fonte, com o qual estabelece relação. Além disto, a metatextualidade entre o comentário e o texto-fonte pode se manifestar explicitamente ou implicitamente, a partir das especificações citação, referência e alusão, o que marcará graus de explicitude e implicitude conforme a estrutura linguística do texto, particularmente, do texto verbal proposto no comentário. Ainda de acordo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), a citação se enquadra num alto grau de explicitude intertextual; já a referência está num grau menor de explicitude intertextual. Em contrapartida, a alusão é a intertextualidade na implicitude. Assim, “Na alusão, não se convocam literalmente as palavras nem as entidades de um texto, porque se cogita que o coenunciador possa compreender nas entrelinhas o que o enunciador deseja sugerir-lhe sem expressar diretamente” (KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 127).

Neste sentido, a alusão seria uma sinalização implícita, uma referenciação indireta. Abaixo, há dois exemplos de comentários que ilustram a relação intertextual explícita e implícita do comentário com o texto-fonte. Os dois exemplos têm como o texto-fonte o artigo

“Governo usa Aids contra redução da maioria penal”, da jornalista Cantanhêde. O primeiro exemplo é o comentário da interactante Susi¹⁷:

Exemplo 15: Comentário de Susi

*Eu não acredito que o **ministro** disse td isso ... tem consciencia de TODOS os problemas... não coloca o que está sendo feito ou fará para melhorias no **sistema carcerário**.... e defende então que criminosos fiquem soltos assim... pq são menores deixe os á margem da lei.... praticando crimes... pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas.... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz.... que pais é este??????*

O comentário da interactante Susi estabelece relação intertextual com o texto-fonte ao fazer a citação de referentes textuais do texto-fonte: “o ministro”, “sistema carcerário”, a partir de retomadas com os sintagmas nominais “o ministro” e “sistema carcerário”. O propósito da produtora ‘Susi’ é fazer uma crítica ao posicionamento do ministro da justiça Eduardo Cardoso sobre a temática, a redução da maioria penal. O comentário de ‘Susi’ apresenta a intenção de “contra-argumentar” o ponto de vista do ministro da justiça que está presente no texto-fonte. A explicitude intertextual no comentário de Susi também se concretiza ao retomar a mesma temática do texto-fonte. Já, uma relação intertextual implícita com o mesmo texto-fonte se desenvolve no comentário do interactante Fidelis¹⁸:

Exemplo 16: Comentário de Fidelis

*Pois é. O objetivo é que as pessoas pensem antes e não cometam crimes. Prisão é para isso e para isolar os violentos para que não cometam violência contra pessoas inocentes. Esses são os principais objetivos. **Ressocialização** é uma tentativa importante e necessária, mas vai ser feita na medida do possível, se possível.*

No comentário do interactante Fidelis, o termo “ressocialização” é uma anáfora indireta que acrescenta uma informação nova ao comentário, implicitamente, é uma relação semântica com o conteúdo que está sendo desenvolvido no texto-fonte, ou seja, a palavra “ressocialização”, indiretamente, faz alusão ao texto-fonte e também alude a textos

¹⁷ O comentário da interactante Susi está na página 188, no capítulo 6.

¹⁸ O comentário do interactante Fidelis está na página 187, no capítulo 6.

armazenados na memória semântica, o conhecimento de mundo. Com estes exemplos, observa-se que as formas anafóricas diretas e indiretas podem especificar as relações de intertextualidade que vinculam os comentários publicados no *Facebook* aos textos-fontes, como os artigos de opinião da jornalista Cantanhêde. A relação intertextual baseada em formas anafóricas diretas e indiretas, ainda, pode orientar se os leitores foram persuadidos e convencidos pela jornalista.

A reflexão sobre interdiscursividade e intertextualidade demonstra que as relações intertextuais refletem o processo dialógico do discurso. Em nossas atividades sociais, os nossos propósitos comunicativos nos levam a fazer retomadas de textos “já- ditos” para concretizar algo que precisa ser dito ou ainda será dito (KOCH, 2002), o que implica num processo de (re)construção da realidade, de acordo com as informações armazenadas em nossa memória semântica. Este processo de (re)construção da realidade é definido como referenciação, o qual será tratado no capítulo III, com o fim de instrumentalizar a análise de comentários publicados no perfil do *Facebook* da jornalista Cantanhêde, o qual busco avaliar, com base na anáfora direta e indireta, a existência ou não de um vínculo intertextual, semântico, entre o texto-fonte, postado no *status* do *Facebook*, e os comentários publicados pelos interactantes.

4 OS ASPECTOS ARGUMENTATIVOS DO ARTIGO DE OPINIÃO E DO COMENTÁRIO

No presente capítulo, serão elencados aspectos que determinam a prática discursiva da argumentação, como a persuasão, o convencimento, a intencionalidade, as expressões anafóricas, a relação de informação dada e nova e o tópico discursivo. Esta abordagem é fundamentada conforme as percepções teóricas de Koch (2000), Abreu (2009), Cavalcante (2009, 2011), Fiorin (2016).

Neste mesmo capítulo, ainda serão explicitadas as particularidades argumentativas dos gêneros discursivos que compõem o *corpus* da presente pesquisa, a partir das perspectivas de Rodrigues (2001), Tedesco (2002), Cunha (2012), Koch (2002/03) e Marcuschi (2007/08).

4.1 Sobre argumentar, argumentatividade e argumentação

Argumentar, argumentatividade e argumentação são palavras gramaticalmente distintas. Entretanto, há entre estas uma relação semântica que as identificam entre si. Ao partir de seus conceitos denotativos, explicitados, por exemplo, no dicionário Houaiss (2009), percebe-se que a palavra argumentar é definida como ação de apresentar fatos, ideias, razões lógicas e provas que visam à comprovação de um fato ou de uma tese. Já a argumentação (HOUAISS, 2009) é a nomeação do ato em si de argumentar como, por exemplo, as práticas de discussão no contexto jurídico, em que se objetiva o convencimento e a persuasão. O convencimento e a persuasão também estão no jogo da linguagem no *Facebook*, com base em comentários publicados por interactantes que se tornam Feedbacks em perfis jornalísticos, como o de Eliane Cantanhêde, que buscam conquistar a opinião de interactantes sobre fatos sociais do cotidiano.

No entanto, no dicionário Houaiss (2009), não se verifica a definição da palavra argumentatividade. O dicionário trabalha com o significado da palavra argumentativo, que significa “que envolve assunto” (HOUAISS, 2009, p. 181), isto é, uma declaração ou uma exposição de perspectiva sobre um assunto qualquer.

A palavra argumentatividade é uma palavra composta por justaposição - argumentar + atividade-, em que o significado está fundamentado na base desses dois radicais e sugere ‘o

ato ou a ação de discutir sobre um determinado assunto'. Por isso, a argumentatividade é o próprio exercício de argumentar, a partir de um projeto de dizer, a argumentação.

Com esta reflexão sobre os significados da palavra, percebe-se a relação semântica com a ideia de ato, de ação, de atividade determinada pela intenção de convencer (âmbito da razão) ou de persuadir (âmbito da emoção) o outro, o que vai ao encontro com a perspectiva da linguagem, compreendida como um ato ou ação de interação social, que envolve sujeitos sociais. Logo, a argumentatividade é uma prática social da linguagem, pois, como postula Koch (2000, p. 19):

A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade, o homem, constantemente, avalia, julga, critica, isto é, forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia – a da sua própria objetividade. (KOCH, 2000, p. 19).

Koch (2000) observa que a interação social pela linguagem é um exercício de argumentatividade e, nesse exercício, o homem está de modo constante desempenhando avaliações, julgamentos ou ainda críticas com o intuito de influenciar em pontos de vistas e também formar pontos de vista, o que explicita um dos aspectos significativos da argumentação que é a intencionalidade.

A natureza da intencionalidade é marcada por referências ideológicas que estão presentes em nossas argumentações para persuadir e convencer o outro participante do discurso a respeito de uma verdade subjetiva, de modo a esvaziar a percepção de neutralidade no discurso. Como observa Koch (2000), a neutralidade com o propósito da objetividade é, por si, uma intenção ideológica. Por isso, Orlandi (2003, p. 46) afirma que: “Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito de sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito por ideologia para que se produza o dizer”.

Logo, ao se afirmar que o ato de argumentação presume o processo de persuasão e de convencimento do outro, discursivamente, está se evidenciando o caráter intencional da argumentação. Koch (2000, p. 20) define a persuasão e o convencimento como “atos”, isto é, ambas são ações de linguagem ou atos de linguagem, o espírito ou a essência da argumentação, e ainda os diferencia:

Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um “auditório universal”, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal [...], o ato de persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutore(s), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um “auditório particular”: o primeiro conduz a certezas, ao passo que o segundo leva a inferências que podem levar esse auditório – ou parte dele – à adesão aos argumentos apresentados. (KOCH, 2000, p. 20).

Fiorin (2016) explica que os argumentos tornam-se persuasivos quando os mesmos são convincentes, o que indica a aceitação de uma tese. Neste sentido, o convencimento está no âmbito das ideias e a persuasão no lugar das emoções. Entretanto, Abreu (2013) observa que nem sempre o convencimento implica a persuasão e o contrário também é possível, estar persuadido não significa estar convencido, isto se justifica pelas relações de sentido que fazem parte do processo de argumentatividade.

As relações de sentido são desenvolvidas linguisticamente com base nas informações que estão explícitas no texto, os quais são “pistas” para a compreensão das informações implícitas, como pode ser verificado no uso dos sintagmas nominais anafóricos “tão dilmista” e “algum companheiro confiável” no 4º parágrafo do artigo de opinião “Lula lá, Dilma cá”¹⁹ da jornalista Cantanhêde, publicado em 2015, que aborda sobre os desentendimentos entre a então presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula:

Exemplo 17: 4º parágrafo do artigo de opinião “Lula lá, Dilma cá”

*“O ministro do planejamento, Nelson Barbosa, é uma das pedras no sapato do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, e, apesar de **tão dilmista** quanto Aloizio Mercadante, Edinho Silva, Miguel Rossetto, Ricardo Berzoini e José Edurado Cardozo, ele vive de ti-ti-ti com Lula, ou diretamente ou via **algum companheiro confiável**”.*

O sintagma nominal ‘tão dilmista’ reativa o referente textual ‘o ministro do planejamento’ e neste processo de reativação a jornalista Cantanhêde recategoriza de modo avaliativo o referente ministro da justiça; assim, o leitor, ou o seu interactante do *Facebook*, depreenderá a intencionalidade da jornalista no uso do sintagma nominal ‘tão dilmista’, que está na implicitude do sintagma nominal. O mesmo ocorre no uso do sintagma nominal ‘algum companheiro confiável’ que é um sintagma anafórico indireto, carregado de

¹⁹ O artigo “Lula lá, Dilma cá” está na página 255, em Anexos.

intencionalidade, em que os sentidos implícitos, nesta informação, são depreendidos discursivamente. De acordo com Koch (2000, p. 29):

Para o reconhecimento do implícito, faz-se necessário que o ouvinte tenha condições de reconhecer no enunciado a forma particular sob qual a proposição vem expressa. Por isso, o falante lhe dá indicações que permitam esse reconhecimento: é o modo do mostrar, do indicar, do implicar que constitui a forma do enunciado. A significação se dá, portanto, sob dois modos distintos: o da mostração (implícito) e o da representação (explícito), que correspondem à diferença entre o mostrar e o dizer, a que se fez referência. (KOCH, 2000, p. 29).

O reconhecimento dos sentidos “guardados” na implicitude do texto é possibilitado pelos aspectos cognitivos: conhecimento de mundo, conhecimento linguístico e conhecimento sociointeracional. O acionamento destes perfis cognitivos permite que o leitor ou interactante compreenda o uso dos sintagmas nominais ‘tão dilmistas’ e ‘algum companheiro confiável’, os quais orientam para o ponto de vista da jornalista desenvolvido em sua tese e ainda possibilitam a percepção de que estes sintagmas nominais são verdadeiros argumentos, os quais não foram propostos, no artigo de opinião, de modo aleatório, mas, intencionalmente, com a finalidade de convencer e de persuadir os leitores, que, no caso desta pesquisa, são interactantes do *Facebook*. Para Cortez e Koch (2013, p. 10):

... a construção dos objetos de discurso homologa traços de um diálogo interior do sujeito enunciadador consigo mesmo e com ou outros, desempenhando, papel importante na orientação argumentativa do texto, com base nisto, partimos do pressuposto de que os objetos do discurso são reveladores do ponto de vista, e seu modo de apresentação é um meio pelo qual se pode apreender a subjetividade. (CORTEZ ; KOCH, 2013, p. 10).

Linguisticamente, o processo de argumentação é possibilitado por elementos como operadores argumentativos, os quais viabilizam o encadeamento dos argumentos entre períodos compostos do texto; os tempos verbais que determinam o “mundo comentado” (KOCH, 2003, p. 37), o presente do indicativo, o pretérito composto do indicativo, futuro do presente, futuro do presente composto e locuções verbais com base nestes tempos verbais (KOCH, 2003); os modalizadores como advérbios ou locuções adverbiais, orações modalizadoras, verbos auxiliares modais e construções verbais de auxiliar com o infinitivo (KOCH, 2003) e, além destes aspectos linguísticos, a argumentação é possibilitada por elementos coesivos como pronomes ou elipses, expressões nominais definidas e expressões nominais indefinidas que, como visto no exemplo, explicitam para o ponto de vista do produtor texto. Para Koch (2002, p. 106):

... a função das expressões referenciais não é apenas referir. Pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. (KOCH, 2002, p. 106).

Tedesco (2002) postula que o discurso argumentativo não se caracteriza somente por sua estrutura prototípica, mas igualmente pelas escolhas linguísticas feitas pelo falante e entre as escolhas está o uso do processo de referenciação, o qual se efetiva com uso de estratégias como a utilização de expressões nominais definidas:

Essa é uma estratégia utilizada pelo produtor, que recategoriza a informação, a partir de propriedades/características, estrategicamente selecionadas, determinando a intenção comunicativa deste ou sendo marcada co(n)textualmente, tendo como objetivo a viabilização do projeto de dizer (TEDESCO, 2002, p. 56).

Além da estratégia de expressões nominais definidas, há ainda o uso, no projeto de dizer, de expressões nominais indefinidas que, de acordo com Koch (2002), apontam para a introdução de uma informação nova no texto.

As expressões referenciais anafóricas assinalam, no texto argumentativo, para a progressão referencial e para progressão tópica. A progressão referencial diz respeito à introdução, à continuidade e à retomada de referentes textuais, “formando o que se pode denominar cadeia referencial, construída no processamento de informações variadas” (TEDESCO, 2002, p. 60). Já, a progressão tópica “diz respeito ao assunto ou tópico discursivo tratado ao longo do texto” (TEDESCO, 2002, p. 60).

A progressão tópica se desenvolve a partir informações que são ativadas ou introduzidas no texto e são reativadas na cadeia anafórica desenvolvida no texto, o que implica numa continuidade temática. Koch (2014, p. 136) explica que a progressão tópica pode ocorrer de modo contínuo ou descontínuo:

Isto é, após o fechamento de uma sequência tópica, tem-se continuidade, quando ocorre a manutenção do tópico em andamento ou, então, mudança tópica (*shift*); caso ocorra uma quebra ou ruptura antes do fechamento de um segmento tópico, tem-se a descontinuidade tópica, provocada pelo que se costuma denominar de segmentos ruptores ou digressivos. (KOCH, 2014, p. 136).

No desenvolvimento do texto argumentativo, particularmente, novas informações são introduzidas, se construindo, assim, uma relação de informações dadas com informações novas. Marcuschi (2006) ainda propõe que a informação dada seja considerada “o tema discursivo”, isto é, “aquilo sobre o se está falando no discurso” (MARCUSCHI, 2006, p. 9).

No exemplo do artigo da jornalista Cantanhêde “Lula lá, Dilma cá²⁰”, os referentes textuais ‘a presidente Dilma Rousseff’ e ‘o Lula’ são informações dadas são reativadas na progressão argumentativa do artigo, como podemos observar na cadeia anafórica do referente ‘a presidente Dilma Rousseff’:

Cadeia anafórica de ‘a presidente Dilma Rousseff’:

A presidente Dilma Rousseff (1º parágrafo) ↔ Dilma (2º parágrafo) ↔ seu governo (2º parágrafo) ↔ Dilma (3º parágrafo) ↔ Dilma (3º parágrafo) ↔ sucessora (3º parágrafo) ↔ Dilma (5º parágrafo) ↔ Dilma (6º parágrafo) ↔ ela (7º parágrafo) ↔ Dilma (7º parágrafo) ↔ à presidente (7º parágrafo) ↔ Dilma (9º parágrafo) ↔ à presidente da República (10º parágrafo) ↔ da presidente (11º parágrafo).

A cadeia sinaliza que o referente textual ‘a presidente Dilma Rousseff’, ao ser introduzido no 1º parágrafo, foi reativado em outros parágrafos do artigo de modo a se tornar, cognitivamente, uma informação dada. A quantidade de reativações desta informação indica ainda que o referente ‘a presidente Dilma Rousseff’ é um tópico discursivo, que, de acordo com Marcuschi (2006), apresenta uma função equivalente ao tema. Logo, as informações dadas e novas orientam que as informações presentes no texto argumentativo (também em textos de outra natureza tipológica) são tópicos discursivos, macroestruturas semânticas ou o tema discursivo, segundo Marcuschi (2006, p. 9), o qual observa:

De natureza mais holística e heurística, o tópico discursivo é levado adiante em porções maiores e se desenvolve nos processos enunciativos. No caso de uma interação face a face, por exemplo, ele é desenvolvido interativamente. Pode ser introduzido, desenvolvido, retirado, reintroduzido, reciclado ou abortado. (MARCUSCHI, 2006, p. 9).

A (re)construção do tópico discursivo na argumentação orienta para o desenvolvimento do ponto de vista do produtor texto que implica num posicionamento em relação ao conteúdo e em relação ao parceiro do discurso que pode ser um leitor ou um ouvinte. Neste tocante, Cavalcante (1998) trabalha com os conceitos de posicionamento e engajamento. O posicionamento é uma atitude centrada no ‘eu’, o escritor, ou seja, “como ele constrói seus julgamentos, opiniões e comprometimento, para demonstrar sua autoridade no

²⁰ O texto “Lula lá, Dilma cá” encontra-se em anexo, na página 255. No texto, a cadeia do referente textual ‘Dilma Rousseff’ está em destaque para permitir a visualização da progressão do referente textual.

meio” (CAVALCANTE, 1998, p. 348). Enquanto o engajamento é centrado no ‘tu’, o leitor ou ouvinte, em que “o escritor reconhece a presença dos leitores, invocando-os ao longo da argumentação, focalizando sua atenção, (re)conhecimento e incertezas, de maneira a guiar suas interpretações” (CAVALCANTE, 1998, p. 349). Logo, as reativações do referente textual e tópico discursivo ‘a presidente Dilma Rousseff’ apontam para o posicionamento da jornalista.

Numa interação argumentativa que ocorre no *Facebook*, pode-se verificar o engajamento dos leitores ou interactantes com base nos comentários publicados pelos mesmos, por exemplo, no comentário do interactante Luiz²¹ sobre o artigo “Lula lá, Dilma cá”:

Exemplo 18: Comentário de Luiz

“Governo da Dilma está completamente perdido. Trabalha de forma improvisada. Não tem plano, equipe coesa e competente, credibilidade, popularidade, apoio político e o pior de tudo carência total de liderança. Quando a presidente abre a boca só fala abobrinha”.

No comentário de Luiz, verifica-se a reativação do tópico discursivo, presente no artigo de opinião, ‘a presidente Dilma’ por meio do sintagma nominal ‘a presidente’ e por meio do encapsulador ‘governo de Dilma’, que explicitam o engajamento do interactante com o artigo da jornalista Cantanhêde. Aliás, sobre o uso de expressões encapsuladoras, Cavalcante (2011) adverte que essas revelam a atitude reflexiva do locutor em seu projeto de dizer. Além disso, o engajamento de Luiz, ao reativar o tópico discursivo, orienta para a relação intertextual que se constrói entre o comentário e o artigo de opinião, ou seja, a relação intertextual apresenta a orientação argumentativa presente no comentário de Luiz. Koch (2000, p. 23) diz:

...partindo do postulado de que a argumentação está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão mas principalmente de coerência textual.(KOCH, 2000, p. 23).

A orientação argumentativa é ideologicamente marcada por pontos de vistas que são reativados por meio de citações, de referências ou ainda de alusões linguisticamente marcadas

²¹ O comentário do interactante Luiz está na página 258, em Anexos.

por expressões definidas anafóricas, por exemplo. Logo, a intertextualidade é um recurso, de ordem macro discursiva, para a estruturação da argumentação que vai orientar para as relações interdiscursivas inerentes no projeto de dizer. Neste sentido, a progressão de um texto argumentativo “se dá com base no já dito, no que será dito e no que é sugerido, que se codeterminam progressivamente” (KOCH, 2002, p. 85).

Conforme o que foi abordado, até então, verifica-se que a argumentatividade é uma atividade de interação, constituída de intencionalidade, a qual visa a convencer ou a persuadir, por isso, não é neutra. É constituída de heterogeneidade discursiva, conforme as relações interdiscursivas presentes e sinalizadas pelo intertexto, marcado linguisticamente por estratégias referenciais.

Considerando a importância desses conceitos para a pesquisa, serão apresentadas, na próxima seção, as particularidades argumentativas dos gêneros discursivos que compõem o *corpus* da pesquisa: o artigo de opinião, produzido pela jornalista Eliane Cantanhêde, e os comentários de interactantes no *Facebook*.

4.2 Os Aspectos argumentativos no gênero artigo de opinião

O gênero artigo de opinião é um gênero discursivo desenvolvido em distintos contextos, como é o caso do contexto jornalístico e do contexto acadêmico. Em qualquer destes, a intenção é de convencer ou de persuadir o leitor ou o ouvinte ou, ainda, o interactante de redes sociais, como o *Facebook*, sobre uma tese que se refere a um assunto qualquer.

Na área técnica, por exemplo, como a acadêmica, o gênero artigo de opinião apresenta, na sua essência, uma objetividade no tratamento de temáticas específicas concernentes a pesquisas de diversas naturezas. Entretanto, o caráter objetivo dos artigos de opinião acadêmicos não implica na neutralidade, pois, a intencionalidade do projeto de dizer acadêmico, igualmente, visa ao convencimento e à persuasão.

Na área jornalística, o gênero opinativo também pode ser intencionalmente objetivo, mas a subjetividade acaba sendo refletida em algum momento, no uso de uma expressão definida avaliativa como ‘tão dilmista’, por exemplo. A subjetividade é mais suscetível em temáticas em que há controversas de pontos de vista, como as relacionadas com a política. Assim, o uso de uma expressão definida anafórica como ‘tão dilmista’ num artigo de opinião,

do contexto jornalístico, desconstrói a máxima da neutralidade jornalística que é apregoada por quem desconhece o traço intencional do discurso. De acordo com Cunha (2012, p. 75):

... a situação de interação que se materializa por meio do artigo de opinião engaja dois agentes, o autor e o leitor, os quais, no entanto, assumem posições ou *status* sociais diferentes e assimétricos. Nesta interação, o autor assume o *status* de autoridade em dado assunto, de figura de prestígio no espaço social, cujo saber é endossado e validado pela instituição (política, jornalística, industrial, acadêmica) que representam.(CUNHA, 2012, p. 75).

No caso da jornalista Eliane Cantanhêde, os seus artigos de opinião refletem que a jornalista é conhecedora de fatos políticos, especificamente, relacionados com a política brasileira, e sua opinião é endossada pelo jornal paulista o Estado de São Paulo, instituição jornalística na qual atua a jornalista, por isso, o discurso de Cantanhêde é institucionalmente marcado, como propõe Marcuschi (2008), ao tratar do conceito de domínio discursivo. Ao ser reconhecida social e profissionalmente, a opinião da jornalista Cantanhêde adquire credibilidade social que representa não apenas seu ponto de vista, mas representa igualmente o posicionamento da instituição jornalística de que faz parte. Este é um aspecto muito importante do artigo de opinião, pois, o gênero reflete o lugar social tanto daquele que é o autor quanto daquele que é o leitor, pois, enquanto o autor adquire o lugar social de quem domina um assunto e representa um discurso, neste caso o jornalístico, o leitor do artigo de opinião constitui-se no “cidadão, geralmente integrante da classe média, que busca no autor a interpretação, a análise de um fato ocorrido no espaço social” (CUNHA, 2012, p. 75).

O aspecto que se refere ao lugar social do articulista e do leitor revela a influência do suporte que possibilita a circulação do gênero discursivo. Os artigos de opinião podem circular em suportes distintos como jornais, revistas, *sites* jornalísticos, *blogs* jornalísticos e, recentemente, em redes sociais como o *Facebook*. Os artigos da jornalista Eliane Cantanhêde são publicados no jornal paulista o Estadão que apresenta respeitabilidade no contexto jornalístico e os leitores deste jornal se enquadram numa categoria social e cultural diferenciada e que, na sua maioria, são paulistas.

Esse mesmo perfil de leitor é do interactante do *Facebook*, o qual é seguidor da jornalista e pertence a uma categoria social e cultural diferenciada, interessado por temáticas políticas tratadas pela jornalista e, principalmente, a reconhecem como alguém que entende e apresenta competência para abordar sobre fatos relacionados ao contexto político. Desta forma, a rede social *Facebook*, comparado ao jornal paulista Estadão, é um suporte que amplia o reconhecimento da jornalista e das suas publicações, a partir de curtidas, de comentários e de compartilhamentos.

Sobre as temáticas tratadas por artigos de opinião do contexto jornalístico, essas são abrangentes. Os articulistas costumam tratar de temas relacionados aos contextos educacionais, culturais, científicos, ambientais, sociais, econômicos e políticos. A articulista Eliane Cantanhêde trata, especificamente, de temas relacionados com o contexto político. Aliás, é interessante fazer a distinção de conceitos como tema, assunto e fato, os quais são muito utilizados ao tratarmos de gêneros argumentativos como o gênero artigo de opinião.

Segundo Houaiss (2009, p. 208), o assunto é “sobre o que se conversa ou discorre”. De acordo com Garcia (2007), o tema é a interpretação que um autor faz a respeito de um determinado assunto. Já o significado de fato, ainda com Houaiss (2009), é o algo que se concretizou, realizou ou está em processo de acontecimento. Garcia (2007, p. 381) diz que os fatos estão relacionados com evidências de provas e explica: “Fatos – Os fatos – termo de sentido muito amplo, com que se costuma até mesmo designar toda a evidência – constituem o elemento mais importante da argumentação em particular...”.

Assim, os artigos de opinião costumam abordar sobre fatos, evidências, elemento mais significativo da argumentação, os quais estão relacionados com um tema que é um recorte que o autor faz sobre um assunto relacionado com os mais diversos contextos, como o político. Neste sentido, o articulista apresenta seu ponto de vista sobre um tema, o qual provoca opiniões que indicam anuência de pontos de vista ou divergência e conflito de pontos de vista. Este é o principal objetivo do gênero artigo de opinião. Cunha (2012) salienta que

Nessa interação, o universo temático é preenchido por fatos recentemente ocorridos na esfera social, os quais dada essa regência, interferem na vida do cidadão de modo geral e colocam parcelas da população em posições divergentes ou antagônicas. Em outros termos, o universo temático do gênero artigo de opinião é povoado por fatos mais polêmicos. Por essa razão, autor e leitor dialogam sobre um “já-dito”, sobre um fato que, após ter sido abordado pelo noticiário, mobilizou a atenção da opinião pública e agora pede que os veículos de comunicação apresentem as análises “esclarecidas” de especialistas da área.(CUNHA, 2012, p. 75).

Interessantemente, o artigo de opinião desenvolve o diálogo entre o ponto de vista do articulista com o leitor sobre um fato “já-dito”, em mídias televisas ou impressas ou ainda digitais, o que explicita o caráter intertextual deste gênero discursivo. Sobre a relação dialógica com o “já-dito”, no gênero artigo de opinião, Rodrigues (2001, p. 163) explica:

No artigo, a opinião, expressa em forma de um comentário, um ponto de vista determinado, constitui-se como uma resposta valorativa frente aos acontecimentos sociais, objeto da comunicação jornalística. O artigo é um gênero que se caracteriza discursivamente como uma réplica ao dialógico a esses acontecimentos sociais, diante dos quais o autor se posiciona. (RODRIGUES, 2001, p. 163).

Ainda de acordo com Rodrigues (2001), o posicionamento do articulista pode apresentar características que indicam crítica ou questionamento, concordância ou comentário positivo, apoio e ponto de partida. Tais características explicitam o aspecto interdiscursivo inerente em enunciados como o artigo de opinião, aspecto que Bakhtin (2010) refere-se ao abordar a respeito da alternância de sujeitos no discurso:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...]: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Por que o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. (BAKHTIN, 2010, p. 297).

Bakhtin (2010) determina o traço heterogêneo do discurso, o qual é inerente ao gênero discursivo artigo de opinião. Neste, a opinião do articulista mantém diálogo com outros discursos com a intenção de convencer e de persuadir os interactantes ou os leitores. Para isto a estrutura linguística é significativa, pois, serve de ‘pista’ para a compreensão dos sentidos do texto, como podemos verificar na estrutura verbal em um dos parágrafos do artigo *“Impeachment or not impeachment”*, de Eliane Cantanhêde, publicado em 2015, cujo tema é o impedimento da, então, presidente da República Dilma Rousseff:

Exemplo 19: 2º parágrafo do artigo *“Impeachment or not impeachment”*²²

“O esforço da oposição é para se equilibrar entre a pressão da opinião pública pelo impeachment e a constatação, nua e crua, de que não há ambiente jurídico e político para a empreitada. Por isso, oposicionistas debatem com entusiasmo uma questão de ordem semântica: a palavra “impeachment” não integra nenhum texto legal no Brasil e o importante é pedir, em bom e claro português, o “afastamento” da presidente. Não importam os meios (jurídicos), importam os objetivos (práticos e políticos). Logo, a oposição não trabalha pelo impeachment, mas pelo afastamento de Dilma. Dá para entender?”

Na estrutura linguística do parágrafo, predomina o presente do indicativo como o tempo verbal base, o qual correlaciona este gênero discursivo com o “mundo comentado”,

²² O artigo *“Impeachment or not impeachment”* encontra-se na página 137, no capítulo 6, referente à análise do corpus.

segundo Koch (2003). O presente do indicativo é o tempo base porque determina a perspectiva ou ponto de vista sobre uma situação específica que, no caso do exemplo, acima, é o possível *Impeachment* ou o afastamento de Dilma Rousseff. Além do presente do indicativo, há a ocorrência de sequências textuais no pretérito perfeito do indicativo, as quais apontam para um momento de retrospectiva do artigo, como pode ser verificado nos trechos seguintes que se referem aos 3º e 4º parágrafos:

Exemplo 20: 3º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“Esse contorcionismo vem desde que o ex-presidente Fernando Henrique desautorizou a estratégia do pedido de impeachment...”.

Exemplo 21: 4º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“Collor caiu por uma Elba...”.

Estes dois momentos de retrospectiva indicados pelo verbo desautorizar, no 3º parágrafo, e cair, no 4º parágrafo, são significativos para o desenvolvimento da tese apresentada no artigo, pois, são fatos ou argumentos que embasam a estrutura argumentativa do texto. Nessa relação entre os tempos verbais presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo há, ainda, o futuro do presente do indicativo que orienta para uma situação prospectiva, isto é, algo que se especula que possa acontecer, como se verifica no trecho do 6º parágrafo do artigo:

Exemplo 22: 4º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

*“Há um longo caminho entre a vontade e a concretização. Na terça-feira, os cinco partidos **entrarão** com ação penal contra Dilma na Procuradoria-Geral. Depois, cabe a Janot dizer sim ou não”.*

O verbo ‘entrar’ no futuro do presente do indicativo sinaliza para o leitor uma ação que será praticada pelos partidos de oposição contra Dilma Rousseff e esta ação futura, dado importante para a argumentação do artigo.

O detalhamento do tempo verbal, base do gênero artigo de opinião, permite que se compreenda outro aspecto da estrutura linguística do gênero, a pessoa verbal. No caso do artigo da jornalista Cantanhêde é a terceira pessoa, pois, a jornalista, ao longo da argumentação, faz referência aos políticos dos partidos de oposição e à Dilma Rousseff, conforme destaque no exemplo do parágrafo introdutório:

Exemplo 23: 1º parágrafo do artigo *“Impeachment or not impeachment”*

“O PSDB e seus aliados, DEM, PPS, PSC e Solidariedade, miraram no que viram e acertaram no que não viram: ao entrarem com uma ação penal contra a presidente Dilma Rousseff, deixam o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, na maior saia justa. A principal decisão depende dele”.

Como se trata do gênero artigo de opinião, há possibilidade do produtor²³ do texto utilizar em sua discussão a primeira pessoa ou a forma impessoal. Esta escolha estará vinculada ao projeto de dizer do autor e sofre influência do tema que é no artigo. No entanto, esta flexibilidade da pessoa verbal no gênero textual artigo de opinião não se verifica em gêneros textuais argumentativos como, por exemplo, o editorial, em que prevalece a terceira pessoa, pois, a opinião que está sendo apresentada no editorial representa o ponto de vista, a tomada de posição institucional, conforme ocorre em jornais e em revistas, por exemplo.

É interessante observar que a jornalista Cantanhêde procura desenvolver a argumentação de modo distanciado, por isso, a incidência da terceira pessoa, algo que é justificável quando nos lembramos da função referencial da linguagem. O jornalista sempre busca tratar dos fatos de maneira distanciado, para prevalecer a função referencial nos textos jornalísticos, ao levar para o leitor as informações concernentes à política brasileira.

Com base na pessoa verbal, verifica-se ainda o estilo da linguagem deste gênero textual, o qual mantém o estilo formal, mas sem impedir momentos de informalidade na estrutura linguística. Desta forma o autor deixa a sua marca autoral ou estilo pessoal. Isto é verificado no artigo da jornalista Cantanhêde. Seu texto mantém o estilo formal que o gênero exige, mas isto não impede a jornalista de deixar traços do seu estilo pessoal em alguns momentos, o que torna a discussão sobre temas políticos menos enfadonha, como se percebe nos trechos grifados dos exemplos abaixo:

²³ Ainda que a autoria dos artigos de opinião seja de uma jornalista, do gênero feminino, estou optando por manter a expressão produtor do texto na referência da autoria, por uma questão eufônica.

Exemplo 24: 2º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“Logo, a oposição não trabalha pelo impeachment, mas pelo afastamento de Dilma. Dá para entender?”.

Exemplo 25: 10º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“Isso se repete com o impeachment, ops!, com o afastamento da presidente”.

Exemplo 26: 11º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

*“Presidentes têm **muitas armas**. E a vida da oposição é **dura**”.*

No exemplo 24, destaca-se a pergunta expressiva proposta pela jornalista, que faz com que o leitor reflita sobre a atitude dos partidos de oposição. O questionamento estabelece uma aproximação da jornalista com o leitor. É um questionamento que visa a provocar a opinião do leitor em relação ao que se discute no artigo, com valor crítico. No exemplo 25, a interjeição conota uma “alfinetada” da jornalista, um ato, igualmente, expressivo e bem subjetivo, o qual conota um deboche da jornalista, uma ironia e no exemplo 26, ganham destaque os vocábulos “armas” e “dura”, em que o primeiro apresenta um valor figurativo que conota a ideia de defesa, as muitas maneiras de presidentes se defenderem. O segundo vocábulo conota as dificuldades que os partidos de oposição enfrentam com o governo de Dilma Rousseff. Estes três exemplos explicitam o estilo irônico da jornalista Cantanhêde. Fiorin (2016) assinala que a ironia é um recurso utilizado para desestabilizar o adversário, o que cria um tom de humor, como se percebe nos trechos do artigo da jornalista Cantanhêde.

O gênero artigo de opinião é, predominantemente, argumentativo, mas há sequências descritivas que mantêm o valor de argumento como o 5º parágrafo do artigo explicitado no exemplo 27:

Exemplo 27: 5º parágrafo – sequência descritiva do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“O artigo 86 da Constituição é **claro**. No crime de responsabilidade, o (ou a) presidente é **jugado(a)** politicamente pelo Senado e, no crime comum, é **jugado(a)** juridicamente pelo Supremo Tribunal Federal”.

A descrição do artigo 86 da Constituição é um argumento importante para a argumentação de Cantanhêde. Na descrição, prevalecem as estruturas linguísticas compostas pelo predicado nominal, em que o predicativo do sujeito descreve aspectos relativos aos sujeitos do enunciado: o artigo 86 da Constituição, o (a) presidente. Os gêneros textuais argumentativos apresentam, ainda, sequências expositivas ou dissertativas como:

Exemplo 28: 2º parágrafo – sequências expositivas do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“O esforço da oposição é para se equilibrar entre a pressão da opinião pública pelo impeachment e a constatação, nua e crua, de que não há ambiente jurídico e político para a empreitada”.

As sequências dissertativas vão expor o ponto de vista do produtor do texto, como se verifica no exemplo 28, em que a jornalista explica a dificuldade dos partidos políticos de oposição para atender à opinião pública, sem as possibilidades jurídicas e políticas para solicitar o *Impeachment* de Dilma Rousseff.

Tedesco (2002) também propõe funções discursivas de sequências textuais como a contextualização, a posição, a justificação, a sustentação, que pode ocorrer por interrogação, por alusão e por exemplificações.

A função de contextualização não ocorre em todos os gêneros discursivos e, normalmente, se realiza no 1º parágrafo do texto, o qual é denominado de parágrafo introdutor, em que Tedesco (2002, p. 79) observa que é uma “preparação para a entrada propriamente dita do tema”, como podemos observar na introdução do artigo “Histórias mal contadas”, publicado em 2015, por Cantanhêde:

Exemplo 29: 1º parágrafo do artigo “Histórias mal contadas”²⁴

²⁴ O artigo de opinião “Histórias mal contadas” encontra-se na página 261, em Anexo.

“O ex-presidente Lula entrou de cabeça na defesa do deputado Eduardo Cunha e da presidente Dilma Rousseff, mas ele deve estar tenso e preocupado mesmo com ele próprio e com a sua família. E, atenção, isso não tem a ver com um confronto entre esquerda e direita, é genuinamente uma questão de polícia e de justiça”.

Neste parágrafo, percebe-se que a articulista faz a contextualização do tema, o qual será abordado pela mesma, no artigo, tema este referente aos problemas vivenciados pelo ex-presidente Lula, em 2015, no âmbito político e jurídico.

A função de posição é o momento em que o produtor do texto, no caso do gênero artigo de opinião, o articulista, apresenta o seu ponto de vista, o qual, segundo Tedesco (2002, p. 79), “é marcado por vocábulos de campo semântico que apontem concordância ou discordância da posição defendida pelo destinatário”. No gênero, a posição do jornalista, como Cantanhêde, ocorre de modo sutil, com base em sintagmas nominais modificadores avaliativos, como o sintagma “os defensores incondicionais de Lula” presente no mesmo artigo – “Histórias mal contadas” -, no 5º parágrafo:

Exemplo 30: 5º parágrafo do artigo “Histórias mal contadas”

“Para os defensores incondicionais de Lula, o presidente interferia a favor das empreiteiras em defesa dos “interesses nacionais”. O problema é que as dúvidas sobre Lula não são isoladas. Ocorrem em meio a grandes suspeitas envolvendo o seu governo com histórias do arco velho na Petrobrás e arrastando seus filhos e uma nora para o centro do noticiário que deveria ser político”.

O sintagma nominal modificado ‘os defensores incondicionais de Lula’ aponta para uma crítica, talvez irônica, da jornalista que determina a sua posição em relação ao assunto discutido sobre o ex-presidente Lula.

A função de justificação explicita as “causas e razões da posição defendida pelo produtor texto”, segundo Tedesco (2002, p. 80), como podemos observar no 2º parágrafo do artigo da jornalista Cantanhêde “*Impeachment or not impeachment*”, de 2015:

Exemplo 31: 2º parágrafo do artigo “*Impeachment or not impeachment*”

“O esforço da oposição é para se equilibrar entre a pressão da opinião pública impeachment e a constatação, nua e crua, de que não há ambiente jurídico e político para a empreitada. Por isso, opositoristas debatem com entusiasmo uma questão de ordem semântica: a palavra “impeachment” não integra nenhum texto legal no Brasil...”

A oração introduzida pelo articulador argumentativo ‘por isso’, orienta para uma justificação que explica o esforço dos partidos de oposição para atender à pressão da opinião pública em relação ao *Impeachment* de Dilma Rousseff.

O último tipo de função é o de sustentação que pode ocorrer com base na interrogação, na alusão e na exemplificação. Tedesco (2002, p. 81) explica que a sustentação “são evidências apresentadas pelo produtor do texto que sustentam o ponto de vista defendido”, como, por exemplo, por interrogação, no 1º parágrafo, do artigo “O rei do pixuleco?”²⁵:

Exemplo 32: 1º parágrafo do artigo “O rei do pixuleco?”

“Se o PT lava as mãos e entrega José Dirceu à própria sorte, o que fará quando, e se, o juiz Sérgio Moro e a operação Lava Jato chegarem até o ex-presidente Lula? Ok, Lula é Lula, mas Dirceu também é Dirceu. Ou será que, de repente, deixou de ser e virou o rei do “pixuleco”?”

As perguntas propostas pela jornalista, no parágrafo introdutório, são julgadas necessárias pela mesma para sustentar a sua discussão, no artigo. O próximo exemplo de sustentação por alusão é retirado do 7º parágrafo, do artigo “Histórias mal contadas”, de 2015:

Exemplo 33: 7º parágrafo do artigo “Histórias mal contadas”,

Segundo o O Globo, o delator Fernando Baiano, operador do PMDB na Petrobrás, disse em depoimento que pagou R\$ 2 milhões de despesas pessoais de outro filho de Lula, Fábio Luiz (o “Ronaldinho” da Gamecopr), que também virou empresário de sucesso depois que virou presidente.

²⁵ O artigo de opinião “O rei do pixuleco?” encontra-se na página 213, no capítulo 6, referente à análise do corpus.

A alusão ao jornal O Globo tem perfil de argumento de autoridade, pois, “o produtor do texto recorre a afirmações ou a testemunhos de outrem para mostrar evidências que sustentam (ou podem sustentar) o ponto de vista defendido (TEDESCO, 2002, p. 82). O último caso é de sustentação com exemplo, presente no 7º parágrafo do artigo “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’”²⁶:

Exemplo 34: 7º parágrafo do artigo “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’”

“Se diplomatas irritam por falar muito e não dizer nada, políticos falam muito, dizem cobras e lagartos dos adversários e muitas vezes morrem pela boca. Os anais políticos são pródigos em expressões que ficam como carimbos indelévels. O “duela a quien duela” de Collor, o “esqueçam o que escrevi” de Fernando Henrique (que ele nega), o “estupra, mas não mata”, de Paulo Maluf, o “relaxa e goza” de Marta Suplicy, Lula chamando o filho Lulinha de “Ronaldinho” dos negócios e, claro, Dilma enaltecendo a “mulher sapiens” e a “mandioca”. Ela, aliás, bate todos os records”.

Os aspectos descritos do gênero artigo de opinião demonstram que as particularidades linguísticas estão sempre relacionadas com o estilo da atividade discursiva, o qual se refere ao contexto jornalístico e à intencionalidade da própria jornalista Cantanhêde. Rodrigues (2001, p. 187) observa

Na construção do artigo, o articulista vai buscando outros elos da comunicação discursiva, orientando-se por entre o já-dito; o artigo mesmo já é uma reação-resposta aos acontecimentos sociais. O sentido do artigo é tecido pela incorporação de outros sentidos. Mas esses outros enunciados com os quais o articulista se relaciona discursivamente nem sempre se “diluem” completamente no seu enunciado; antes, eles deixam certos traços no artigo. As relações dialógicas manifestam-se não só no plano do conteúdo temático; também no plano estilístico-composicional podem ser percebidos esses traços do outro discurso. Os outros enunciados já-ditos “sulcam” o artigo: a incorporação ou o “reflexo” de outras vozes, que são outros enunciados, criam o efeito de heterogeneidade, tornam o artigo multiplanar (a mônada). (RODRIGUES, 2001, p. 187).

Logo, se verifica a importância deste gênero para o contexto jornalístico, para a formação da opinião de sujeitos sociais e constata-se, ainda, que a propriedade argumentativa do gênero é concretizada por relações dialógicas (RODRIGUES, 2001), explicitadas pelo

²⁶ O artigo de opinião “De marolinha a crisezinha” encontra-se na página 199, no capítulo 6, referente à análise do corpus.

plano do conteúdo e pelo plano estilístico-composicional, como as funções discursivas das sequências textuais (TEDESCO, 2002), os tempos verbais e as expressões referenciais.

4.3 Aspectos argumentativos no gênero comentário

Os comentários são práticas discursivas que ocorrem em ambientes digitais de entretenimento como as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, por exemplo. São produzidos por interactantes com propósitos comunicativos muito distintos que vão do entretenimento à informatização, conforme o perfil do *Facebook*, rede social, campo desta pesquisa. O gênero discursivo interativo é uma recente prática social da linguagem, muitas vezes, utilizado por interactantes para expressarem opiniões a respeito de assuntos diversos.

Se, no artigo de opinião, o ponto de vista é a expressão de um comentário frente aos acontecimentos sociais (RODRIGUES, 2001), os comentários do *Facebook* também são enunciados que expressam a opinião ou ponto de vista sobre temas diversos dos textos que lhes servem de fonte. Neste gênero discursivo, as relações interpessoais são fundamentais para compreender os propósitos comunicativos dos seus produtores, que agregam duas funções: de leitores de textos-fonte e de comentários de outros participantes e de produtores dos comentários, concomitantemente.

Ao considerar o perfil da jornalista Cantanhêde, percebe-se que as relações interpessoais indicam que os interactantes buscam estabelecer uma relação de proximidade com a jornalista, em que costumam produzir comentários, os quais expressam uma admiração, como pode ser verificado nos exemplos dos comentários dos interactantes Marcelo, Conceição e Ilio sobre o artigo “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinha’”²⁷:

Exemplo 35: Comentário de Marcelo

“Gosto de ler as suas colunas, Eliane Cantanhêde!”

Exemplo 36: Comentário de Conceição

²⁷ Os comentários dos interactantes Marcelo, Conceição e Ilio encontram-se na página 208, no capítulo 6.

“Adoro vc, aqui em casa vc tem um fã clube”.

Exemplo 37: Comentário de Ilio

“Essa Eliane é demais!!!”

Os exemplos mostram os interactantes Marcelo, Conceição e Ilio cordiais com a jornalista Cantanhêde. Esses buscam estabelecer uma aproximação com a jornalista, algo que é importante para os profissionais da informação, que esperam uma reação do público.

Os enunciados de Marcelo e Ilio possuem uma entonação exclamativa, muito comum nos enunciados. Observa-se que o enunciado proferido por Conceição é de perfil afirmativo, com sentido de declaração, que é frequente neste gênero discursivo, principalmente, no perfil da jornalista Cantanhêde.

Como se observa, nos exemplos, os comentários dos interactantes são, essencialmente, verbais. Entretanto, há a possibilidade do uso de textos não verbais com base em *Emoticons*. Esta escolha está a critério dos produtores textuais, mas o que se percebe em perfis jornalísticos como de Eliane Cantanhêde é que os comentários são, normalmente, textos verbais, em que as sequências textuais podem variar entre argumentativos, expositivos, declarações. Sempre em sequências textuais mistas. Os exemplos, acima, são de perfil de declarações, cuja estrutura linguística é constituída por verbos que expressam sentimentos de admiração como é o caso do verbo ‘gostar’, no comentário de Marcelo, e do verbo adorar, no comentário de Conceição.

Verifica-se, também, o uso de adjetivos e de advérbios, com função adjetiva, conforme observado no comentário de Ilio, que utiliza o advérbio ‘demais’ como predicativo do sujeito para elogiar a jornalista. É importante sinalizar a função sintática do vocativo, de emprego recorrente, nos comentários, com o nome da jornalista, como o publicado por Marcelo.

Os comentários de perfil misto podem conter sequências textuais que elogiam e ainda que exponham o ponto de vista do interactante, como do participante Sergio sobre o artigo *“Impeachment or not impeachment”*, de Cantanhêde:

Exemplo 38: Comentário de Sergio²⁸

²⁸ O Comentário do interactante Sergio encontra-se na página 150/1, no capítulo 6.

“Eliane, jornalista do melhor jornal do Brasil, não é porque seja paulistano, mas é o melhor, no que se refere ao Impeachment, o Collor por muito pouco levou esse remédio jurídico, a Dilma quebrou o Brasil, é psicopata, e que ela e o PT, implantou a ditadura, cercear o povo se manifestar, veja no facebook, jornalista faz comentários cortar. infelizmente nós estamos num país sem lei. Parabéns novamente”.

O interactante Sergio começa seu texto com o nome da jornalista na função vocativa para depois elogiá-la e ainda exaltar o jornal paulista o Estado de São Paulo. Em seguida, o participante expõe seu ponto de vista sobre o tema *Impeachment*, abordado no artigo de opinião (texto-fonte). A estrutura linguística do comentário de Sergio apresenta verbos no presente do indicativo, que refletem a perspectiva de Sergio sobre o tema, e verbos no pretérito perfeito do indicativo, que são retrospectivos, isto é, o tempo verbal é usado para indicar fatos passados, propostos para sustentar a perspectiva do participante (KOCH, 2003). No final de seu comentário, Sergio utiliza o indicador atitudinal (KOCH, 2003) ‘infelizmente’, que conota a insatisfação do interactante diante das circunstâncias políticas apresentadas no artigo da jornalista. Há comentários que são, essencialmente, expositivos como os dos participantes Narenda e Sandra²⁹, sobre o artigo de opinião *“Impeachment or not impeachment”*:

Exemplo 39: Comentário de Narenda

“Seguidor assíduo dos comentários no Globonews em pauta com outros de igual naipe. Vc tem pensado e falado didaticamente tudo que eu não aprendi a expressar. Já meio véinho ainda estarei sempre aprendendo com essa linda jornalista”.

Exemplo 40: Comentário de Sandra

“Impeachment ou afastamento é o que todos brasileiros mais desejam nesse momento Eliane Cantanhêde!”

Destaca-se, na estrutura linguística do comentário do interactante Narenda, o uso da primeira pessoa, quando o produtor do texto se refere a si mesmo, e da terceira pessoa do

²⁹ Os comentários dos interactantes Narenda e Sandra encontram-se nas páginas 153, no capítulo 6.

singular ao se referir à jornalista por meio do pronome de tratamento ‘você’. A participante Sandra, no final da sua exposição, também se refere à jornalista, ao mencionar o seu nome. Antes, a mesma expõe o seu ponto de vista sobre a temática tratada no artigo de opinião. A partir destes dois exemplos, observa-se o quanto os interactantes buscam em seus textos estabelecer um diálogo com a articulista, que sinaliza ainda para uma concordância entre os pontos de vista. Neste diálogo, o interactante está na 1ª pessoa e a jornalista na 3ª pessoa; para Koch (2003), o uso da primeira pessoa determina o interlocutor e o uso da terceira pessoa determina o referente, “de que se fala” (KOCH, 2003, p. 12).

O exemplo do comentário da participante Sandra evidencia que os comentários publicados por interactantes mantêm uma relação dialógica com outros discursos, que no caso do perfil da jornalista Cantanhêde é uma relação dialógica com os artigos da própria jornalista. Isto assinala para a existência de um aspecto semelhante ao artigo de opinião, que é a relação com o já-dito, isto é, os comentários dos interactantes estabelecem uma interação com o ponto de vista da jornalista Cantanhêde, exposto em seu enunciado. Esta interação com o já-dito é caracterizado por Rodrigues (2001) como relações dialógicas de crítica ou questionamento; concordância (comentário positivo), apoio e ponto de partida. Os exemplos dos comentários dos participantes Marcelo, Conceição e Ilio apresentam uma relação dialógica que expressam apoio à tese da jornalista em sua produção textual.

O comentário da interactante Sandra apresenta a relação dialógica de concordância. Já, um exemplo de comentário que sinaliza para relação dialógica de questionamento é do interactante Mauro³⁰, publicado a respeito do artigo “Histórias mal contadas”, da jornalista Cantanhêde:

Exemplo 41: Comentário de Mauro

Até que ponto os 50% mais simples da nossa população são influenciados por estes fatos? Eles sabem sobre isto? Faço esta pergunta porque é nos mais “simples”, ou apenas economicamente “pobres”, que parece residir o estoque de votos do Lula. Dos 50% mais instruídos e com mais acesso a informação, só votam no Lula os “ideológicos”. Então, o X da questão para 2018 é saber dos 50% mais simples. E saber até que ponto ligam a atual crise econômica ao Lula. Para os 50% mais simples, a importância da economia é muito

³⁰ Comentário do interactante Mauro sobre o texto-fonte “Histórias mal contadas” encontra-se na página 263, em Anexos.

maior. Aí, veremos se o leão já envelheceu politicamente ao ponto de estar à beira da morte por inanição dos votantes.

O interactante Mauro apresenta em seu comentário questionamentos com perfil de perguntas capciosas (FIORIN, 2016) que determinam uma oposição ao posicionamento da jornalista em seu artigo, confirmado, em seguida, com a justificativa: *“Faço esta pergunta por que é nos mais “simples”, ou apenas economicamente “pobres”, que parece residir o estoque de votos do Lula”*. No final do comentário, o interactante expõe seu ponto de vista, ironicamente: *“Aí, veremos se o leão já envelheceu politicamente ao ponto de estar à beira da morte por inanição dos votantes”*.

Um exemplo de comentário que evidencia a relação dialógica no perfil de ponto de partida é o produzido pelo participante Cassio³¹ sobre o artigo “De ‘marolinhas’ e ‘crisezinhas’”, de Eliane Cantanhêde:

Exemplo 42: Comentário de Cassio

Eliane Cantanhêde, infelizmente quase todos estamos chegando à conclusão que os políticos (com raras exceções) são “farinha do mesmo saco”, e deteriorada. Os empreiteiros por sua vez, se não derem dinheiro, não tem obras, se não superfaturam não podem dar tanta propina. Em muitos casos o superfaturamento também serve para benefício próprio. Está na hora de “acabar tudo e começar tudo de novo”. Novas eleições, troca de farinha deteriorada, pois quase não há opções de escolha. Precisamos mudar a cultura dos que se propõe a cargos eletivos, e de quem os elegem.

Por exemplo: exigir nível superior para os candidatos, e para os que são obrigados a votar. Para tentar melhorar. Parabéns pela matéria.

O interactante Cassio inicia o seu comentário com o ponto de partida a respeito dos políticos brasileiros e dos empreiteiros. O participante também inicia seu comentário com o nome da jornalista no vocativo, o qual indica a mesma como a terceira pessoa do discurso, um chamamento da jornalista (AZEREDO, 2013). Além disso, o tempo verbal preponderante é o presente do indicativo, há o uso de indicador atitudinal ‘infelizmente’, que orienta para a desaprovação do interactante em relação aos políticos, há a utilização de aspas na expressão

³¹ Comentário do interactante Cassio está na página 208, no capítulo 6.

popular “farinha do mesmo saco”, que designa outras percepções discursivas, a qual Koch (2003, p. 63) define como “presença de outra voz”.

As funções discursivas das sequências textuais (TEDESCO, 2002), anteriormente apresentadas e analisadas no gênero artigo de opinião, também são relevantes para a compreensão do gênero comentário. No perfil da contextualização se enquadra o comentário do interactante ‘Rede’³² que foi publicado com referência ao artigo “Histórias mal contadas”, de Cantanhêde:

Exemplo 43: Comentário de Redes

*A mídia está trucidando o filho do Lula, mas até agora os fatos e a prisão do vice-presidente da ANFAVEA só provam que os beneficiários do esquema foram as montadoras de veículos. A corrupção não tem apenas um lado, o corruptor é sempre o maior beneficiado. A mídia protege seus anunciantes, é claro. **Eu não estou em defesa do filho do Lula, mas demonstrando como as pessoas são manipuladas facilmente.** Sabe quanto as montadoras ganharam nesse esquema? Bilhões de reais. O filho do Lula, se culpado, dois milhões. Se as pessoas são manipuladas a trucidar o corrompido, o corruptor sempre estará livre para corromper outros. Pense nisso!*

O interactante inicia seu comentário com a contextualização sobre a temática abordada no artigo da jornalista Cantanhêde, para, em seguida, apresentar seu ponto de vista com a tese que as pessoas são facilmente manipuladas.

Os comentários de interactantes, no perfil da jornalista Cantanhêde, estruturados com sequência textual que sinaliza para posição (TEDESCO, 2002), principalmente, de concordância, são marcados por expressões de felicitações como a utilização do substantivo ‘parabéns’, por exemplo, o comentário do participante Luiz³³, também sobre o artigo “Histórias mal contadas”:

Exemplo 44: Comentário de Luiz

*Como vc **bem** descreve, sua história é mal contada e suas estórias é que nos deixam de cabelo em pé. **Parabéns.***

³² Comentário do interactante Redes está na página 263, em Anexos. .

³³ Comentário do interactante Luiz encontra-se na página 258, em Anexos.

No início do comentário, há o emprego do adjetivo ‘bem’ – “como vc bem descreve” – que determina uma posição de concordância com a jornalista. No final, o participante utiliza o substantivo ‘parabéns’ que intensifica a sua posição de concordância. Por outro lado, o comentário do interactante Rede, antes proposto, apresenta uma expressão que, indiretamente, determina uma posição de discordância, observe:

Exemplo 45: Comentário de Rede

*A mídia está trucidando o filho do Lula, mas até agora os fatos e a prisão do vice-presidente da ANFAVEA só provam que os beneficiários do esquema foram as montadoras de veículos. A corrupção não tem apenas um lado, o corruptor é sempre o maior beneficiado. A mídia protege seus anunciantes, é claro. Eu não estou em defesa do filho do Lula, mas demonstrando como as pessoas são manipuladas facilmente. Sabe quanto as montadoras ganharam nesse esquema? Bilhões de reais. O filho do Lula, se culpado, dois milhões. Se as pessoas são manipuladas a trucidar o corrompido, o corruptor sempre estará livre para corromper outros. **Pense nisso!***

A frase exclamativa ‘pense nisso!’ manifesta que o ponto de vista do participante Guarani é discordante do ponto de vista da jornalista Cantanhêde. Como se observa, o posicionamento de concordância e de discordância nos comentários se dão por meio de expressões que, implicitamente, sinalizam para aprovação ou desaprovação.

No perfil da justificação (TEDESCO, 2002), há comentários como da interactante Neusa³⁴ sobre o artigo “Lula lá, Dilma cá”, de Eliane Cantanhêde, o qual a jornalista aborda sobre os conflitos de pontos de vista entre Lula e Dilma Rousseff, no segundo mandato da mesma, que prejudicavam, na época, o país, política e economicamente:

Exemplo 46: Comentário de Neusa

*...Olha! Eu não gosto de fazer fofoca, mas que o PT ta esperando um Milagre **pois tiveram tempo demais para reverter a situação em que se encontra nosso País maravilhoso Brasil. Saiam feche a porta e jogue a chave bem longe. Vamos trocar todas as fechaduras e***

³⁴ Comentário de Neusa encontra-se na página 257, em Anexo.

novas chaves vamos consertar o que tem que ser feito. DEMOROU Será que conseguiremos!???

A interactante Neusa observa que o PT espera por um milagre e justifica, a partir do articulador ‘pois’, o longo tempo que tiveram para reverter a situação do país e não reverteram, e propõe numa linguagem figurada a realização de mudanças a partir da troca de “fechaduras”.

Os últimos exemplos de comentários são os que sustentam o ponto de vista em relação ao que foi abordado nos artigos de opinião da jornalista Cantanhêde. Exemplifico as sequências textuais com base em interrogações, em alusões, em exemplificações, em contra-argumentação e conclusão. O exemplo constituído por sequência textual com função de interrogação é o da interactante Marinalva³⁵, a respeito do artigo “O rei do pixuleco?”, de Cantanhêde, publicado em 2015:

Exemplo 47: Comentário de Marinalva

“Estou aqui a pensar de como triste é o seu relato Eliane Cantanhêde. Estou vendo o Zé Dirceu do “meu tempo”, líder estudantil, ao lado do Luiz Travassos e Vladimir Palmeira, a defender seus ideais, que eram os nossos. Que guri inteligente e admirável! E agora, isso? Como pode ter acontecido tanta mudança? Não sei explicar, mas lamento, lamento muito ...”

A participante Marinalva, ao final da sua reflexão, apresenta o par adjacente pergunta e resposta. Ela questiona a mudança do político José Dirceu e também responde de modo a explicitar a sua decepção com o político.

No perfil de sustentação por alusão, enquadra-se o comentário do interactante Thomé³⁶ sobre o artigo “Lula lá, Dilma Cá”, o qual faz alusão a um fato histórico ocorrido na Alemanha, após a Primeira Guerra Mundial:

Exemplo 48: Comentário de Thomé

³⁵ Comentário da interactante Marinalva encontra-se na página 220, no capítulo 6.

³⁶ Comentário do interactante Thomé encontra-se na página 257, em Anexos.

“O Brasil em pleno 2015 está cada vez mais parecido com a República de Weimar dos anos 20; guardadas as devidas proporções, a ingovernabilidade é a mesma; o vácuo do poder se criou e nada mais o segura; rezemos para que Lula não seja Bormann...”.

O interactante ainda faz alusão ao personagem histórico Martin Bormann, o qual está vinculado ao fato histórico “República de Weimar”. Aliás, neste trecho do comentário, indiretamente, o interactante Thomé faz uma comparação com o personagem histórico Bormann, o que explicita uma sequência textual que sustenta o ponto de vista com base em comparação.

No perfil de sequência textual por sustentação do tipo contra-argumentação (TEDESCO, 2002) segue o exemplo do comentário da interactante Layla³⁷, a respeito do artigo “Governo usa aids contra a maioria penal”, de Cantanhêde, publicado em 2015:

Exemplo 49: Comentário de Layla

“Perfeito!! A lei é ára coibir os crimes e não para formentá-los!!!”.

O uso do advérbio de negação, no segundo período do enunciado, orienta para uma contra-argumentação, que nega a possibilidade da lei facilitar o cometimento de crimes. Essa sustentação por contra-argumento determina o ponto de vista da participante Layla sobre a temática trabalhada no artigo de opinião. Por último, o exemplo de comentário com sequência textual por sustentação do tipo conclusão, publicado pela interactante Vania³⁸ sobre o artigo “*Impeachment or not Impeachment*”:

Exemplo 50: Comentário de Vania

Saber votar ainda é o melhor caminho.

É um comentário absolutamente sucinto que explicita a conclusão da interactante diante dos fatos apresentados no artigo da jornalista Cantanhêde. Segundo Tedesco (2002, p. 85), a conclusão “abre possibilidades para uma nova tese” que, no caso do comentário da participante Vania, se refere à do voto nas eleições, o qual é determinante para a democracia.

³⁷ Comentário da interactante Layla encontra-se na página 187, no capítulo 6.

³⁸ Comentário da interactante Vania encontra-se na página 154, no capítulo 6.

Com as especificações das relações dialógicas (RODRIGUES, 2001) e das funções discursivas das sequências textuais (TEDESCO, 2002), constata-se, que a temática dos comentários exemplificados está relacionada com a temática proposta pelo artigo da jornalista Cantanhêde, relacionados com os fatos políticos. Além disso, é interessante sinalizar que os interactantes que comentam sobre os temas tratados nos artigos da jornalista Cantanhêde possuem um nível sociocultural abrangente, de modo a possibilitar a interação verbal no *Facebook*. Esses interactantes são leitores que buscam a opinião da jornalista Cantanhêde, a qual apresenta a chancela institucional, como observa Cunha (2012), para abordar temáticas do âmbito político.

Logo, as temáticas dos comentários estão associadas às publicações de textos em perfis do *Facebook*, conceituados como textos-fonte, segundo Genette (2010), para tratar de relações metatextuais entre o texto-fonte e o comentário. Além do tema, as funções discursivas das sequências textuais igualmente confirmam a relação metatextual entre o texto-fonte e o comentário.

As funções discursivas das sequências textuais explicitadas nos exemplos de comentários de interactantes, no perfil da jornalista Cantanhêde, no *Facebook*, determinam ainda para o aspecto textual das expressões definidas referenciais, as quais têm significativo valor argumentativo, característica observada no comentário da interactante Susi³⁹, sobre o artigo “Governo usa aids contra a maioria penal”, de Cantanhêde:

Exemplo 51: Comentário de Susi

*“Eu não acredito que o ministro disse td isso ...tem consciência de TODOS os problemas. Não coloca o que está sendo feito ou fará para melhoria no sistema carcerário...e defende então que **criminosos** fiquem soltos...assim...pq são **menores**...deixe os à margem da lei... praticando crimes ...pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas ... mas que báh!!! O último q sair apaga a luz ... que país é este???”*

A interactante Susi constrói o seu comentário com uma sequência textual com função discursiva de posição que expressa discordância com o que foi dito pelo ministro da justiça do governo da, então, presidente Dilma Rousseff, no artigo da jornalista Cantanhêde. O reforço argumentativo de discordância é marcado pela introdução do referente textual ‘criminosos’ e

³⁹ Comentário da interactante Susi encontra-se na página 188, no capítulo 6.

a recategorização deste referente com o nome ‘menores’, pois, tanto o referente textual introdutor quanto o seu recategorizador sinalizam o ponto de vista sobre a temática abordada no artigo de opinião. Outro exemplo é o comentário do interactante Luiz sobre o artigo “Lula lá, Dilma cá”:

Exemplo 52: comentário de Luiz

“Governo da Dilma está completamente perdido. Φ Trabalha de forma improvisada. Φ Não tem plano, equipe coesa e competente, credibilidade, popularidade, apoio político e o pior de tudo carência total de liderança. Quando a presidente abre a boca só fala abobrinha...”

O comentário de Luiz apresenta no início o referente textual ‘governo da Dilma’ que é reativado por dois momentos de elipse do referente e pela recategorização com o sintagma nominal simples ‘a presidente’, de modo que as funções discursivas destes elementos linguísticos orientam para a posição do interactante Luiz em relação ao que tema proposto no artigo de Cantanhêde.

Estas particularidades elencadas, nesta seção, possibilitam que seja proposto um quadro com as particularidades dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário, sem objetivo de sistematizar estes aspectos, pois, como “estão ligados ao uso da linguagem”, como postula Bakhtin (2010, p. 261), as especificidades textuais e discursivas podem sofrer mudanças, pela razão de serem “tipos relativamente estáveis de enunciados”, segundo Bakhtin (2010, p. 262). Neste sentido, proponho o quadro com as características dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário:

Quadro 2 - Características dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário

Gênero discursivo artigo de opinião	Gênero discursivo digital comentário
Gênero discursivo constituído de intencionalidade que visa ao convencimento e à persuasão.	Gênero discursivo constituído de intencionalidade que pode ou não estar relacionado com as funções argumentativas de convencer e de persuadir.
Domínio discursivo jurídico, jornalístico, acadêmico, etc.	Domínio discursivo do entretenimento de informações de temáticas diversas.
Pode prevalecer ou a primeira pessoa ou a terceira pessoa ou ainda a forma	Pode prevalecer ou a primeira pessoa ou a terceira pessoa ou, ainda, a forma impessoal.

impessoal.	
Apresenta um foco temático	O foco temático é estabelecido pelo texto-fonte.
Tempo verbal base é o presente do indicativo	Normalmente, o tempo base é o presente do indicativo. Isto dependerá do tipo de sequência textual que estrutura o gênero comentário.
Engaja o leitor ao autor articulista	Engaja interactantes, que estão na condição de leitor e de produtor do texto, ao produtor do texto-fonte.
O artigo de opinião é um gênero discursivo de caráter intertextual, pois, se estabelece a relação dialógica com o já-dito.	O comentário é um gênero discursivo de caráter metatextual, pois, estabelece relação dialógica com o texto-fonte.
Relações dialógicas que indicam crítica ou questionamento, concordância, apoio e ponto de vista (RODRIGUES, 2001).	Relações dialógicas que indicam crítica ou questionamento, concordância, apoio e ponto de vista (RODRIGUES, 2001).
Funções discursivas das sequências textuais: contextualização, posição, justificação, sustentação. (TEDESCO, 2002).	Funções discursivas das sequências textuais: contextualização, posição, justificação, sustentação. (TEDESCO, 2002).
Uso de expressões referenciais anafóricas que reforçam a argumentatividade do gênero discursivo.	Uso de expressões referenciais anafóricas que reforçam a argumentatividade do gênero discursivo.

Fonte: Quadro proposto pela autora da presente pesquisa.

As características descritas dos gêneros discursivos artigo de opinião e comentário são significativas para a análise das expressões anafóricas diretas e indiretas, que indicarão se nos comentários são mantidos os tópicos discursivos e subtópicos dos textos-fonte, os artigos de opinião da jornalista Cantanhêde. Além disto, as expressões definidas referenciais anafóricas vão orientar para o perfil de relação interdiscursiva presente nos enunciados dos comentários, com base nas particularidades da intertextualidade. Acredita-se que a verificação destes aspectos linguísticos e discursivos fornecerá mais informações que permitam conhecer mais as características do gênero discursivo comentário, pertencente à prática social digital da linguagem, o que determinou o objetivo do capítulo 4.

O próximo capítulo apresentará o procedimento metodológico da presente pesquisa, em que exponho o perfil da coleta de dados, as categorias de análise e, ainda, faço uma descrição do *corpus* da pesquisa.

5 A METODOLOGIA DE PESQUISA

Proponho-me, neste capítulo, a apresentar a metodologia da pesquisa. É importante registrar que se trata de uma pesquisa de perfil etnográfico, sobretudo, no que tange à coleta do corpus analisado, constituído de textos veiculados nas redes sociais. Dentre os objetivos delineados para o desenvolvimento do capítulo 5 está a caracterização da investigação realizada, do contexto de pesquisa, dos participantes, dos instrumentos de dados, dos procedimentos de geração dos dados e, por fim, apresento as categorias de análise.

5.1 Os objetivos e aspectos da investigação

A presente pesquisa está vinculada à linha da descrição da língua portuguesa, em que investiga, no plano do conteúdo, a organização discursiva de gênero digital com as suas particularidades linguísticas e contextuais, na conhecida rede social *Facebook*. O estudo adentra no contexto digital e investiga o uso virtual da linguagem, materializado no gênero digital comentário, utilizado por interactantes no *Facebook*.

É reconhecida a estrutura de um jogo argumentativo entre os interactantes nos comentários publicados em perfis jornalísticos do *Facebook*. Os interactantes, ao exporem seus pontos de vista sobre fatos do cotidiano, nos comentários, o propósito comunicativo é de persuadir e de convencer os “outros” parceiros da interação.

Considerando essa forma de interação neste gênero discursivo, o objetivo desta pesquisa é avaliar a organização discursiva do comentário, a partir do uso de estratégias linguísticas e discursivas - as anáforas direta e indireta -, as quais permitem compreender as relações de intertextualidade presentes no gênero comentário, em perfil público jornalístico. Nesta pesquisa, parte-se de duas hipóteses:

a) há estratégias anafóricas diretas que orientam para a propriedade interdiscursiva do gênero comentário com os textos que lhes servem de referência;

b) há estratégias anafóricas indiretas que orientam para a relação de alusão do gênero comentário tanto com os textos a que se referem quanto para outros discursos armazenados na memória semântica.

Com o objetivo geral e as hipóteses apresentadas, organizo o estudo com os objetivos específicos seguintes:

1º determinar, a partir de referentes textuais, os tópicos discursivos e subtópicos presentes no texto-fonte, o qual o gênero discursivo comentário se relaciona, em perfil jornalístico do *Facebook*;

2º identificar nos comentários publicados por interactantes, expressões anafóricas diretas e indiretas que orientam para reativação de tópicos discursivos, e também de subtópicos, do texto-fonte jornalístico;

3º reconhecer no gênero discursivo comentário as relações intertextuais indicadas pelas expressões definidas anafóricas direta e indireta, em perfil jornalístico do *Facebook*.

A pesquisa apresenta perfil qualitativo, pois, o que se pretende compreender é se as funções discursivas de expressões anafóricas direta e indireta podem indicar, ou não, as relações de intertextualidade presentes no gênero comentário, o qual é publicado por interactantes na rede social *Facebook*.

Por ser um estudo de fenômenos linguístico-discursivos, os quais são usados por sujeitos sociais na condição de interactantes do *Facebook*, a pesquisa terá uma perspectiva etnográfica, pois, a pesquisadora, atuou como observadora de textos verbais e participante de perfil público jornalístico, no *Facebook*.

O processo metodológico etnográfico é utilizado em pesquisas que analisam o comportamento ou a atitude social e cultural dos sujeitos, por isso, é amplamente utilizado por sociólogos especialistas em estudo de mídias sociais como a *Internet*, em que já existe o conceito de etnografia virtual (RECUERO, 2016). A etnografia é um método utilizado, também, em pesquisas linguísticas, como as relacionadas com a análise da conversação e a sociolinguística. Nesses dois tipos de estudos, as avaliações sobre os elementos linguísticos estão, intimamente, ligadas ao indivíduo em seu contexto social. Por exemplo, a avaliação de falas simultâneas e sobreposições na análise da conversação. Neste caso, a etnografia determina as variações no uso da língua nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos relacionadas com fatores condicionantes, um exemplo é o fator escolaridade. Tais estudos podem demandar a utilização de instrumentos como questionários, entrevistas, além da observação participante do estudioso ou pesquisador.

É muito importante frisar que a pesquisa em voga não visa a ser uma pesquisa etnográfica com os fins da análise da conversação ou da sociolinguística, mas reconheceu-se a necessidade de adotar uma postura de observação-participativa para a avaliação qualitativa dos textos verbais em comentários publicados pelos interactantes em perfil jornalístico.

Na pesquisa, ora apresentada, o interesse está no processo de referenciação e nas relações de intertextualidade que aparecem nos textos, a saber: o texto-fonte e os comentários, corpus de nossa pesquisa, que refletem a organização discursiva do gênero digital comentário. Não houve, em nosso caso, necessidade (e interesse) de analisar o contexto social e cultural dos interactantes, que participam da rede social *Facebook*, pois o processo de observação-participante não implicou na utilização de instrumentos de coletas de informações socioculturais, já que o foco do estudo é a estrutura verbal dos comentários publicados no perfil jornalístico do *Facebook*.

Nos estudos etnográficos, a observação-participante implica que o pesquisador esteja no campo de pesquisa em observação do objeto de estudo, em que o mesmo realiza anotações diárias sobre as atitudes e os comportamentos dos sujeitos de pesquisa que interfiram no objeto de estudo. O processo de participação pode ocorrer de maneira próxima, isto é, fazendo parte da interação dos sujeitos de pesquisa, ou de maneira distanciada, em que o pesquisador está presente sem participar ou interferir na interação dos sujeitos de pesquisa. A opção adotada para esta pesquisa foi observar os aspectos de textualidades em textos verbais que estruturam os comentários do *Facebook*, numa participação distanciada.

A justificativa na escolha desta perspectiva metodológica está centrada no meu objeto de estudo, qual seja a organização discursiva do gênero digital comentário, que está na *Internet*, em um de seus inúmeros ambientes virtuais que é a rede social *Facebook*. Portanto, nesta perspectiva metodológica, foi preciso estar em campo, em observação-participante dos textos verbais dos comentários publicados por interactantes do *Facebook*, no perfil público da jornalista Cantânhele. A observação-participante foi desenvolvida de forma distanciada, sem interação com os interactantes do perfil jornalístico e sem a participação com a publicação de comentários no perfil da jornalista. Nessa lógica, as autoras Frago, Recuero e Amaral (2016, p. 173) advertem para a contribuição dos estudos etnográficos que permitem “a compreensão do papel e da complexidade da comunicação mediada por computador e das TICs”. A perspectiva etnográfica permitiu-me compreender o processo de organização discursiva desse gênero emergente.

5.2 O contexto de pesquisa

O contexto de pesquisa deste estudo foi desenvolvido na rede social *Facebook*, site de entretenimento muito popular no Brasil, que apresenta finalidades diversificadas.

A rede social *Facebook* oferece para seus interactantes muitas opções de navegação, de modo que é construída uma complexa rede de dados, as quais se tornam endereços ou *links* de acesso. Por isso, como postulado no capítulo 1, a rede social *Facebook* é conceituada como um suporte de perfis informativos. Os perfis informativos são configurados como pessoais ou públicos e, conforme o propósito comunicativo dos interactantes, o conteúdo poderá ser de diversão ou um propósito comunicativo voltado para o profissional e até mesmo voltado para o fim comercial. Tanto o propósito comunicativo dos conteúdos dos perfis do *Facebook* e a situação comunicativa destes perfis tornam-nos genuínos gêneros digitais.

O meu interesse em pesquisar a rede social *Facebook* foi motivado, inicialmente, pela interação dos meus alunos dos níveis fundamental e médio, do Colégio Pedro II, no ano 2000, nas redes sociais. Nesta época, a rede social surgiu como uma nova comunidade virtual para o entretenimento, que ocasionou o fim da rede social *Orkut*, por causa da sua capacidade de armazenar uma grande quantidade de dados. No ano 2000, a popularidade do *Facebook* era considerável entre os jovens brasileiros, hoje, a rede social possui um público bem mais diversificado.

Observo que o *Facebook* é uma rede social simples para navegação e para consumo de informações. Estruturalmente, é constituído por duas seções: o perfil do usuário e a página inicial. No perfil do usuário, que tanto pode ser pessoal quanto público, são apresentados os dados específicos sobre o proprietário do perfil, como, por exemplo, a idade, o endereço, o lugar de trabalho ou estudo, o gênero do proprietário, o estado civil, entre outros dados.

No perfil, tanto pessoal quanto público, os usuários costumam publicar informações variadas, estruturadas em textos verbais, não verbais ou sonoros. Tais informações publicadas, nos perfis, são textos-fonte. A contrapartida dos textos-fonte ocorre com a publicação dos comentários pelos interactantes, no *Facebook*, como abordado nos capítulos 1 e 4. Na figura do perfil público da jornalista Cantanhêde, são apresentados o gênero digital perfil, o texto-fonte e o gênero comentário:

Figura 13 - Perfil público da jornalista Eliane Cantanhêde

Eliane Cantanhêde
21 de junho de 2015 · Facebook Creator · 🌐

Para quem não consegue abrir o link, segue a cópia da coluna de hoje no Estadão:
ERGA OMNE
Eliane Cantanhêde
21 Junho 2015 | 03h 00

O PT tem razão: o cerco está se fechando sobre Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, ao mesmo tempo e cada vez mais perigosamente. O TCU deu a Dilma 30 dias para tentar escapar de um processo por crime de responsabilidade, que, em tese, pode lhe custar o mandato. E a PF prendeu, na fase **Erga Omnes** da Lava Jato, o presidente da maior empreit...

Continuar lendo

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 1,1 mil Comentários mais relevantes ▾

623 compartilhamentos

Comente nesta publicação...

Lisette T. Beck Schmidt Muito Obrigada por postar o conteúdo do Link. Gosto da forma simples e objetiva com que trata os assuntos. Sou assídua assistente do "Em Pauta". Também não gosto de fofocas..... mas gosta de bolsas vermelhas !

Curtir · Responder · 2 a

Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2017.

A figura do perfil de Cantanhêde é um exemplo dos inúmeros perfis públicos existentes no *site Facebook*. Os interactantes desse tipo de perfil não são denominados “amigos”, como nos perfis pessoais. Nos perfis públicos, os interactantes são pessoas que seguem ou curtem uma página pública e, por conseguinte, passam a ter acesso às informações publicadas neste horizonte público.

Ressalto que, nos perfis pessoais, o acesso é somente para pessoas consideradas “amigos”, o que determina a privacidade do usuário dos perfis pessoais. Já o perfil público pode ser acessado por qualquer interactante. Ao curtir uma página pública, como o exemplo da página da jornalista Cantanhêde, o interactante passa a seguir uma comunidade, por causa dos temas que lhe interessa. Assim, os perfis do *Facebook* refletem a existência de relações sociais mais privadas e de relações sociais mais públicas.

A condição de ser portadora de um perfil no *Facebook*, com uma rede de relacionamentos, atualmente, com 300 amigos e 100 perfis públicos curtidos, permitiu o processo de observação-participante da rede social. Na primeira etapa da observação-participante, naveguei nos perfis pessoais de amigos que foram ex-alunos, pois, o meu projeto inicial propunha o perfil destes ex-alunos para coleta e análise das estruturas textuais dos comentários.

O número de perfis pessoais de alunos vinculados à minha rede de relacionamento é numeroso e expressivo. Esse fator, para pesquisa, foi significativo. Entretanto, a prática de observação-participante realizada no período de um ano, a opção de analisar os perfis de ex-alunos apresentou um importante obstáculo.

O obstáculo constatado foi a quantidade pouco significativa de textos verbais nos comentários publicados pelos interactantes mais jovens. Os textos verbais, quando ocorriam, apresentavam uma estrutura textual pouquíssima extensa, o que dificultava a seleção dos dados, e, conseqüentemente, afetaria a análise e dificultaria a comprovação das hipóteses.

A observação-participante possibilitou constatar que os jovens costumam publicar textos, em seus perfis, principalmente, de estruturas não verbais, como fotos pessoais, vídeos e os famosos “memes”, que são textos verbais e não verbais com o propósito de brincar ou de debochar de algo ou de alguém. Tais textos publicados não motivavam os interactantes “amigos” produzirem textos verbais de extensão mais complexa nos comentários. Ao contrário, os textos verbais publicados costumam apresentar pouca extensão e a maioria é estruturada, apenas, com frases nominais, frequentemente, com uma única palavra adjetiva, por exemplo, “lindaaa!” ou “bacanaaa” ou “irado”. Além dos textos verbais pouco extensos, os jovens optam por publicar textos não verbais nos seus comentários.

Isto me fez perceber que os perfis pessoais dos meus ex-alunos, no *Facebook*, são utilizados com objetivo de diversão ou de brincadeira ou ainda com objetivo de exibição. Algo possível e comum em rede social para entretenimento.

O objetivo primeiro do projeto de pesquisa era compreender o uso da língua em seus níveis linguísticos, mas as estruturas textuais verbais eram insuficientes para o objetivo preliminar. No entanto, as sucintas frases nominais refletiram para dois aspectos discursivos relevantes, a referenciação por anáforas e as relações de intertextualidade. Ao produzirem textos verbais como “lindaaa”, os jovens realizavam recategorizações avaliativas a respeito de publicações feitas nos perfis de amigos. As recategorizações avaliativas indicavam a relação de intertextualidade, propriedade de coerência textual definidora do hipertexto. Esta constatação me fez direcionar o objetivo geral da pesquisa para o estudo da organização linguística-discursiva do gênero comentário. Mas, mesmo assim, os textos verbais dos comentários dos meus ex-alunos, em seus perfis, continuavam insuficientes para o novo objetivo geral da pesquisa.

Diante disto, ainda nos doze meses, do ano de 2015, houve um esforço maior na análise e na observação participante de perfis públicos que curto e dos quais sou seguidora. A minha constatação inicial foi de que os perfis públicos possuíam uma quantidade de textos

verbais em comentários mais expressivos e constantes. Além disso, dependendo do perfil público, os interactantes são adultos, com idade superior aos vinte anos, como, por exemplo, no perfil público da jornalista da Eliane Cantanhêde. O fato de o interactante estar numa faixa etária mais madura parece propiciar que os comentários possuam uma estrutura textual mais extensa ou complexa, embora se tenha observado também comentários com enunciados de pouca extensão textual, com frases nominais, publicados por interactantes experientes. Aliás, deve-se registrar que as frases nominais são características sintáticas das estruturas textuais verbais em situações comunicativas virtuais, conforme pontuado no primeiro capítulo do presente estudo.

A observação-participante, mesmo distanciada, possibilitou perceber o quanto as pessoas curtem e seguem os perfis públicos jornalísticos, por exemplo, para obtenção de informações. Para se ter noção, o perfil do jornalista Noblat, colunista do jornal O Globo, apresenta 114.383 pessoas que curtem a sua página no *Facebook*, número que pode aumentar ou até mesmo diminuir, a depender do interesse dos interactantes na rede social.

Por sua vez, a jornalista Eliane Cantanhêde, do jornal O Estado de São Paulo, apresenta 100.623 pessoas que curtem e seguem a sua página no *Facebook*. Estas pessoas não curtem, somente, os perfis jornalísticos, elas, inclusive, manifestam as suas percepções a respeito das informações apresentadas pelos jornalistas, segundo os exemplos de perfis jornalísticos do colunista Noblat e da jornalista Eliane Cantanhêde. A propósito, tais aspectos também foram revelados nos perfis públicos dos jornalistas: Ancelmo Gois (O Globo), Lauro Jardim (O Globo) e Luís Fernando Veríssimo (O Globo e O Estadão), perfis jornalísticos que são curtidos e seguidos por mim para a obtenção de informações que vão além da notícia.

Um aspecto adicional e interessante dos perfis públicos jornalísticos é que não há uma relação de proximidade entre os interactantes. Suponho que esse aspecto permite às pessoas apresentarem suas opiniões de maneira mais desinibidas ou despreocupadas. Apresentar textos verbais mais críticos em perfis pessoais, algumas vezes, implica em sérios conflitos, como foi constatado, durante a crise política de 2015, por exemplo, que culminou com o *Impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Muitas “amizades” foram desfeitas por causa de opiniões desinibidas ou subjetivas a respeito do *Impeachment* de Dilma Rousseff. É interessante observar que a crise política de 2015 adquiriu importância no período da minha observação-participante, pois, tal contexto de crise era a principal temática tratada nos perfis dos jornalistas e motivavam a constante participação de interactantes no *Facebook*, com textos verbais nos comentários.

Os perfis públicos jornalísticos, dessa forma, se mostraram produtivos para pesquisa, porque dependendo das temáticas abordadas pelos jornalistas os comentários apresentam criticidade, ponto de vista crítico; o que chamou a minha atenção para o jogo argumentativo nestes ambientes.

A apresentação de ponto de vista em textos verbais, nos comentários publicados no perfil da jornalista Eliane Cantanhêde, por fim, tornou-se minha opção de corpus para composição desta pesquisa, pois me permitiu a realização do processo de análise ora proposto.

5.3 Os Participantes da pesquisa

Conforme apresentado na seção sobre o contexto de pesquisa, o projeto inicial propunha jovens que frequentavam os ensinos fundamental e médio e que foram meus ex-alunos de colégio público federal e de colégio privado como participantes da pesquisa. Entretanto, a partir da observação-participante concluí que a estrutura textual dos comentários produzidos pelos meus ex-alunos não eram producentes, suficientemente, para a análise dos dados da pesquisa.

Desta forma, ao longo da observação-participante, defini o perfil público de caráter jornalístico como campo de coleta de dados ideal e, particularmente, foi escolhido o perfil jornalístico de Eliane Cantanhêde. Assim, a jornalista Cantanhêde é uma participante da pesquisa, pois, os seus artigos de opinião, que avaliam o panorama político brasileiro, foram escolhidos como textos-fonte de comentários publicados por interactantes do *Facebook*.

É importante dizer que a jornalista Cantanhêde é especializada na área política, particularmente, na política brasileira. Tem uma coluna no renomado jornal paulista o “Estado de São Paulo” e participa do programa jornalístico “Em Pauta”, na Globonews. Seus textos opinativos são publicados no *site* do jornal paulista e também nas redes sociais, *Facebook* e *Twitter*, três vezes por semana, especificamente nos domingos, nas terças-feiras e nas sextas-feiras. Em relação ao número de pessoas que curtem seu perfil, até junho de 2018, o perfil já possuía 100.619 pessoas que curtem a sua página e seu trabalho. São esses milhares de interactantes, que curtem a sua página no *Facebook*, os sujeitos participantes da pesquisa em tela, pois, a estrutura textual dos comentários destes interactantes foi observada e analisada, durante o processo de estudo.

O quantitativo de 100.619 interactantes demonstra que o perfil de Cantanhêde oferece participantes da pesquisas heterogêneos, diversificados e desconhecidos. No entanto, estes apresentam um interesse comum, os assuntos que envolvem a política brasileira. Logo, o interesse comum é uma “pista” importante que nos dá noção de quem são estes participantes que explicitam seus pontos de vista em comentários publicados no perfil da referida jornalista.

A heterogeneidade dos participantes não foi negativa para o estudo, ao contrário, foi produtiva para pesquisa, pois, pude verificar a riqueza textual na produção de comentários, não encontrada nos textos verbais dos meus ex-alunos. Aliás, os produtores dos comentários são participantes colaboradores, porque os mesmos são os autores dos comentários, o objeto de estudo desta pesquisa.

Ainda em relação à jornalista Cantanhêde, há algo interessante a ser destacado. A jornalista passou a ter uma conta ou um perfil público na rede social *Facebook*, apenas em 2015, ano que foi desencadeada a crise política que culminou com o *Impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. A jornalista, antes do *Facebook*, tinha uma conta na rede social *Twitter* e no *Blog* do jornal paulista “O Estado de São Paulo”. Logo, houve uma intencionalidade ao abrir uma conta no *Facebook* para a postagem dos *Links* de seus artigos de opinião. A intenção de popularizar mais seus textos opinativos, porque o *Facebook* é uma rede social, a qual apresenta um perfil de usuário que não costuma “navegar” na rede social *Twitter*, como indicado por relatório⁴⁰ realizada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal.

No momento que a jornalista abriu a sua conta no *Facebook*, os seus artigos de opinião postados no *site* do jornal Estadão, como é popularmente conhecido o jornal paulista, adquiriram uma maior circulação na *Internet* e, conseqüentemente, seus leitores e admiradores, que utilizam o *Facebook*, começaram a curtir o seu perfil público.

É necessário ressaltar que o *Link* do artigo de Cantanhêde postado no *Facebook* dá acesso para o *Blog* da jornalista que é uma seção no *site* do jornal *on-line* “O Estadão”. Quando o interactante clica no *Link*, automaticamente, ele entra no *Blog*, na página do jornal “O Estadão” e tem acesso ao texto do artigo de opinião, conforme a figura destaca:

⁴⁰ Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa>. Acesso em: 03/2017.

Figura 14 - *Link* do artigo de opinião

Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 07/2015.

Observo que, inicialmente, os interactantes acessavam os *Links* dos artigos com facilidade e sem restrição ao número de ingresso, o que me fez acreditar que o *Facebook* permitia a visualização dos textos de Cantanhêde sem a necessidade de assinatura do jornal paulista. No entanto, com o tempo, o acesso aos artigos da jornalista passou a ser negado. Quando era atingido o total de dez visualizações dos textos jornalísticos, armazenados no *site* do jornal paulista, surgia, em tela, um convite para a assinatura do jornal paulista. Assim, o interactante era impedido de abrir o *Link* e de ler os artigos. Então, aguardava-se o mês seguinte para acessar mais dez artigos pelo *Facebook*.

Reafirmo que o aspecto mais relevante na escolha do perfil público da jornalista Cantanhêde foi o gênero discursivo produzido por ela, o artigo de opinião. Esse é um gênero discursivo que busca influenciar a opinião de leitores, a partir da argumentação que explicita o ponto de vista do produtor do texto. O artigo de opinião, como tratado no capítulo 4, demanda por parte do leitor um acionamento do sistema cognitivo, do qual faz parte o conhecimento de mundo, para compreender a intencionalidade ou as implicitudes do texto.

Diante disso, os participantes colaboradores da pesquisa são a jornalista Eliane Cantanhêde e os interactantes que curtem ou seguem o perfil da jornalista no *Facebook*. Os comentários produzidos pelas pessoas que leem o artigo de opinião da jornalista (o texto-fonte) é o principal instrumento para a coleta e a análise dos dados, conforme, explicito na próxima seção. Isto possibilitou estabelecer o contexto e os temas dos textos-fonte e dos comentários, os quais dizem respeito aos fatos da política brasileira. Com estas informações

determinadas pela observação-participante, explícito o processo metodológico desta pesquisa, organizado da seguinte forma:

Quadro 3 - Organização metodológica da pesquisa

Campo de pesquisa	Participantes-colaboradores da pesquisa	Contexto e tema da pesquisa	Coleta de dados	
Rede social Facebook	Jornalista Eliane Cantanhêde	Fatos sociais da política brasileira	Artigo de opinião da jornalista Eliane Cantanhêde	Texto-fonte
	Interactantes do perfil jornalístico no <i>Facebook</i>		Comentários	

Fonte: Quadro proposto pela autora da presente pesquisa.

5.4 Os instrumentos para geração de dados e as categorias de análise

Os artigos de opinião produzidos pela jornalista Eliane Cantanhêde e os comentários dos interactantes que curtem o perfil da jornalista Cantanhêde se estruturam em pares adjacentes, os quais foram denominados pares metatextuais, com base na percepção teórica de Genette (2010), a respeito da relação metatextual⁴¹. Assim, o instrumento de dados desta pesquisa é constituído por pares metatextuais.

As categorias de análise são expressões anafóricas, direta e indireta, que serão avaliadas tanto no artigo de opinião – o texto-fonte – quanto nos comentários dos interactantes. Nesse sentido, as funções discursivas⁴² das expressões definidas anafóricas, segundo Tedesco (2002), vão indicar as relações intertextuais, no gênero discursivo comentário, o que permitirá compreender a sua organização linguístico-discursiva.

Para a verificação da organização linguístico-discursiva do gênero comentário, conforme as estratégias textuais de referência – anáfora direta e indireta - e a estratégia

⁴¹ Conceito tratado no capítulo 3, sobre Interdiscursividade e Intertextualidade no gênero comentário, na página 85.

⁴² As funções discursivas propostas por Tedesco (2002) foram abordadas no capítulo 2, a respeito do Processo de Referência e estratégias anafóricas no gênero digital comentário, na página 66.

discursiva de intertextualidade, foram selecionados dez artigos e dez comentários para cada artigo. O critério de escolha dos artigos de opinião levou em consideração o ano de 2015, período de crise política e social no Brasil, tema abordado pelos textos verbais que compõem os pares metatextuais. Os dez artigos com seus respectivos comentários, inicialmente, selecionados foram:

- 1) “*Impeachment or not Impeachment*” – 22 de maio de 2015.
- 2) “*Erga Omnes*” - 21 de junho de 2015;
- 3) “Governo usa aids contra a redução da maioria penal – 22 de junho de 2015;
- 4) “De ‘marolinhas’ e ‘crisezinha’” – 22 de agosto de 2015.
- 5) “O Rei do Pixuleco?” – 05 de agosto de 2015.
- 6) “Lula lá, Dilma cá⁴³” – 18 de setembro, 2015.
- 7) “O Centro do universo”- 14 de outubro de 2015.
- 8) “Histórias mal contadas⁴⁴” – 18 de outubro de 2015.
- 9) “Arrastão familiar”- 08 de novembro de 2015.
- 10) “Mais liberdade”- 4 de novembro de 2015.

Quanto ao critério de escolha dos comentários referentes aos textos-fonte levou-se em consideração uma tipificação presente no perfil público do *Facebook*, em que os comentários ficam expostos no perfil de acordo com o interesse de leitura do interactivante que curte a página, como indica a figura a seguir:

⁴³ O artigo “Lula lá, Dilma cá” não fez parte do Capítulo 6, referente à análise do *corpus*. O mesmo e os comentários sobre este foram utilizados em exemplos, na pesquisa, conforme o Capítulo 4.

⁴⁴ O artigo “Histórias mal contadas” não fez parte do Capítulo 6, referente à análise do *corpus*. O mesmo e os comentários sobre este foram utilizados em exemplos, na pesquisa, conforme o Capítulo 4.

Figura 15 - Tipificação dos comentários



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejomalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2017.

A partir da lista, o interactante pode ler ou visualizar os comentários que desejar. Observa-se, na figura, a descrição dada para os três tipos de comentários. Essa tipificação foi constatada apenas em perfis públicos. Assim sendo, para a pesquisa, foi escolhido o tipo “Mais relevantes”, porque são os comentários com mais visualizações, reações e também com possíveis respostas de outros participantes do perfil. Por conseguinte, optou-se pela análise dos dez comentários mais relevantes para cada artigo postado pela jornalista Cantanhêde.

Entretanto, devido à extensão das análises, optou-se pela quantidade de cinco artigos de opinião (textos-fonte) da jornalista Cantanhêde e dez comentários de interactantes para cada texto-fonte, publicados no ano de 2015 (período da observação-participante). Os dez comentários são os primeiros publicados por interactantes a respeito de determinado artigo de opinião e são caracterizados no perfil da jornalista como os comentários mais relevantes sem filtro.

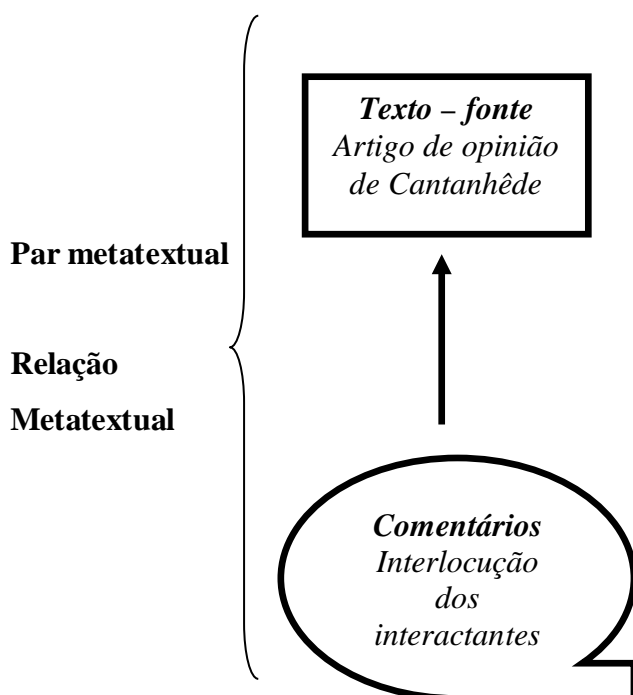
Os artigos de opinião de Cantanhêde são os textos-fonte, os assuntos, que podem ser desenvolvidos ou não pelos interactantes em seus textos verbais nos comentários. Esta relação entre a estrutura textual do texto-fonte e a estrutura textual dos comentários determina a intertextualidade de perfil metatextual (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Logo, com base neste conceito, o *corpus* da pesquisa é constituído pelos seguintes pares metatextuais:

1. *Impeachment or not impeachment*, de 22 de maio de 2015;
2. *Erga Omnes*, 21 de junho de 2015;
3. Governo usa aids contra a redução da maioria penal, 22 de junho de 2015;

4. De ‘marolinhas’ e ‘crisezinhas’, 22 de julho de 2015;
5. O rei do pixuleco?, 5 de agosto de 2015.

Os textos verbais dos comentários dos interactantes podem manter, ou não, uma relação intertextual com os textos-fontes, o que explicitará a possível existência da heterogeneidade discursiva (KOCH, 2002), que linguisticamente é apontado por categorias anafóricas de referenciação e discursivamente pela intertextualidade. Assim, o que ocorre no *Facebook* é uma relação metatextual entre o artigo de opinião de Eliane Cantanhêde e os comentários de seus leitores seguidores, conforme apresento na figura a seguir:

Figura 16 - A relação metatextual do texto-fonte com os comentários



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

Com base na proposta de Tedesco (2002), na primeira etapa de análise do *corpus*, foram analisados e identificados nos textos-fonte os referentes textuais e as suas funções discursivas. Este momento da análise foi indicado, a partir das funções discursivas, os referentes textuais, tópicos discursivos e subtópicos. Os referentes textuais reativados pelas funções discursivas estão relacionados com a anáfora direta, logo, se tornam informações dadas, tópicos discursivos do artigo de opinião. Os referentes introduzidos e não reativados são anafóricos indiretos, informações novas, subtópicos do artigo de opinião.

Na segunda etapa da análise, nos comentários, serão avaliadas as funções discursivas, a saber: retomada, manutenção de referentes, recategorização e recategorização avaliativa, em sintagmas nominais (simples, compostos ou modificados) que reativariam tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte e indicariam a estratégia anafórica direta, ou ainda introduziriam novos referentes textuais, estratégia anafórica indireta. As estratégias textuais anafóricas não vão apenas orientar para as relações temáticas, o que se espera, portanto, é que estas indiquem indicassem as relações intertextuais que confirmam a heterogeneidade discursiva do gênero digital comentário.

Por fim, na terceira etapa da análise, será verificado, nas funções discursivas das expressões anafóricas diretas e indiretas, o tipo de intertextualidade que explicitará a relação interdiscursiva existente entre os gêneros que compõem os pares metatextuais. Deste modo, apresento os instrumentos de dados e as categorias de análise que serão contemplados nos textos verbais que compõem os pares metatextuais (texto-fonte + comentário):

Quadro 4 - Aspectos de análise em cada gênero discursivo que compõe o par metatextual

Par metatextual	Artigo de opinião (Texto-fonte)	Funções discursivas de expressões anafóricas direta e indireta
		Tópicos discursivos ou subtópicos
	Comentários	Funções discursivas de expressões anafóricas, direta e indireta, que reativam tópicos discursivos ou subtópicos ou ainda ativam novos referentes textuais introdutórios e estratégias textuais anafóricas
		O tipo de intertextualidade a partir das funções discursivas das expressões anafóricas, direta e indireta, que determinam o fenômeno da intertextualidade dos comentários

Fonte: Quadro proposto pela autora da presente pesquisa.

Conforme abordado no Capítulo 2, sobre referenciação e estratégias anafóricas, no processo de progressão referencial, os referentes textuais são ativados, reativados e desativados no discurso, segundo Koch (2002). O processo de ativação de referentes é a atividade discursiva de introdução de referente textuais na superfície textual, conforme propõe Tedesco (2002). Constitui-se, sempre, à primeira citação do referente realizada na cadeia anafórica,

como pode ser verificado no exemplo a seguir, retirado do texto-fonte do par metatextual III – “Governo usa aids contra a maioria penal” (p. 129):

1) Cadeia anafórica - a taxa de contaminação por aids (texto-fonte):

A taxa de contaminação por aids ↔ à taxa na população total do país ↔ os dados.

Ao ser ativado no texto, o referente textual pode ser reativado pelas funções discursivas: recategorização, recategorização avaliativa, retomada e manutenção de referentes textuais. A função de recategorização é estabelecida por itens acompanhados ou não de determinantes (artigos ou pronomes, por exemplo) que substituem o referente textual, o que não implica em acréscimo semântico na cadeia, como pode ser constatado na cadeia do referente textual sistema prisional brasileiro, também retirado do texto-fonte do par metatextual III (p. 170/1):

2) Cadeia anafórica - sistema prisional brasileiro (texto-fonte):

Sistema prisional brasileiro ↔ sistema carcerário ↔ o sistema ↔ o sistema ↔ esse sistema ↔ sistema prisional

O sintagma nominal simples ‘sistema carcerário’ reativa, por recategorização, o referente textual sistema prisional brasileiro, mas não ocorre uma ampliação semântica com o uso do termo sinônimo ‘carcerário’. O uso deste evita a repetição do adjetivo ‘prisional’. Nos casos em que a reativação do referente textual leva a uma reelaboração semântica, temos o recategorizador avaliativo, com base no acréscimo de um adjetivo (atributo), o qual manterá a progressão do referente, mas também realçará o ponto de vista do produtor do texto, de forma a ampliar a argumentativa no texto, como podemos observar na cadeia anafórica do referente textual ‘o ministro da justiça’, no comentário do interactante Marcos, que integra o par metatextual III (p. 170/1):

3) Cadeia anafórica – O ministro da justiça (Comentário do interactante Marcos):

O ministro da justiça ↔ o ministro ↔ esse ministrinho ↔ ridículo esse senhor

A reativação por meio do recategorizador avaliativo ‘ridículo esse senhor’ determina o ponto de vista de Marcos sobre o referente textual ‘o ministro da justiça’, como sinalizado, o sintagma nominal amplia semanticamente o referente textual ‘o ministro da justiça’.

A função discursiva manutenção do referente textual ocorre, ao realizar a manutenção do núcleo do referente na cadeia anafórica, verificado no exemplo da cadeia do referente textual ‘sistema prisional brasileiro’:

4) Cadeia anafórica - sistema prisional brasileiro (texto-fonte):

Sistema prisional brasileiro ↔ sistema carcerário ↔ o sistema ↔ o sistema ↔ esse sistema ↔ sistema prisional

Na cadeia, nota-se a manutenção do núcleo do referente textual ‘sistema’. A manutenção de referente textual, no discurso, se desenvolve de modo distinto da função discursiva que retoma o referente textual na cadeia anafórica, porque a retomada ocorre na cadeia intercaladamente (TEDESCO, 2002), como podemos verificar na cadeia do referente textual ‘ministro da justiça’ do texto-fonte que compõe o par metatextual III (p. 170/1):

5) Cadeia anafórica - Ministro da Justiça (texto-fonte):

Ministro da Justiça ↔ José Eduardo Cardozo ↔ em sua cruzada ↔ **o ministro** ↔ Cardozo ↔ **o ministro** ↔ sua opinião ↔ **o ministro** ↔ o governo ↔ Eduardo Cardozo.

Na cadeia anafórica, a retomada do referente textual ‘ministro da justiça’ ocorre de forma intercalada, antes da retomada do núcleo do referente há o uso de recategorizações.

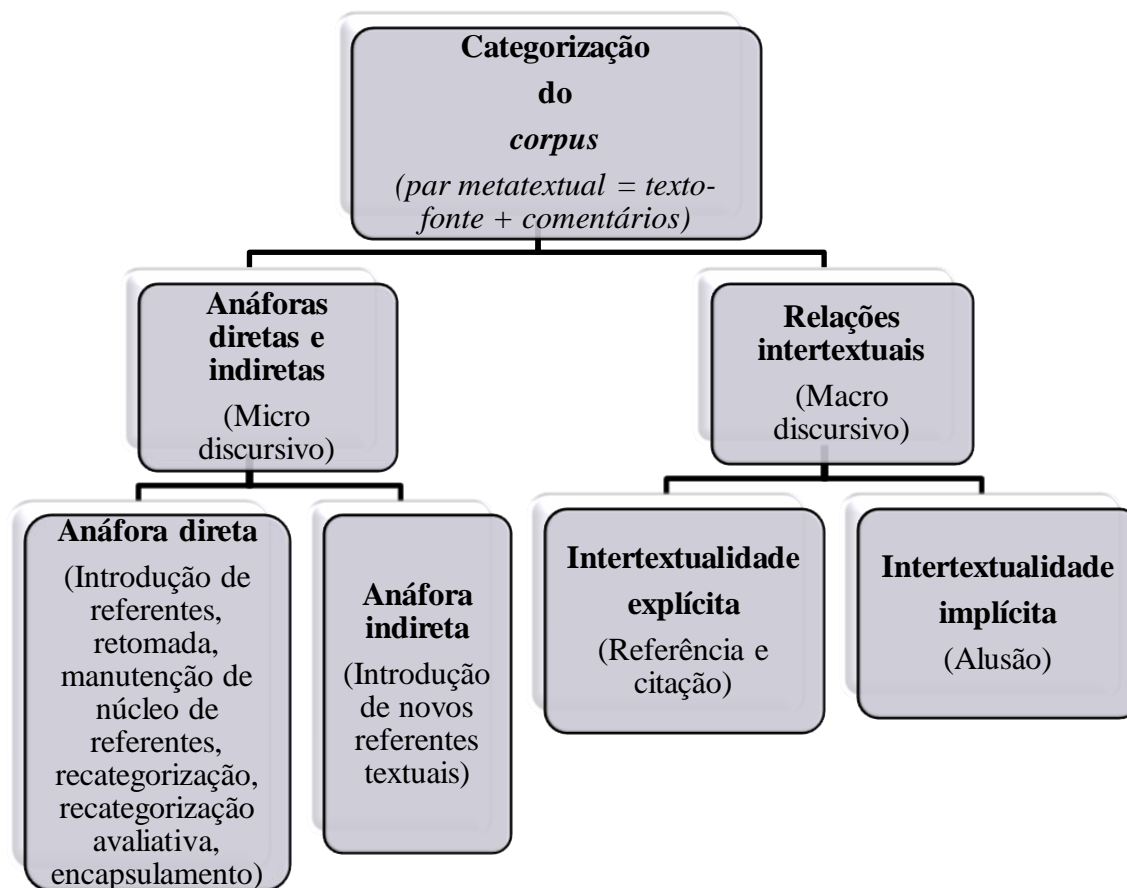
O processo de de-ativação (KOCH, 2002) de referentes textuais se enquadra na introdução de novos referentes no texto, os quais não possuem relação direta com outros referentes textuais. Entretanto, há uma relação indireta entre as informações na superfície textual, pautada no contexto discursivo. A introdução de novos referentes no texto corresponde à estratégia anafórica indireta, como podemos observar no exemplo do comentário interactante Jango (p. 184), que compõe o par metatextual III (p. 170/1):

Exemplo 53: Comentário de Jango

*Esse ministro da justiça lembra o **Delfim Neto** quando ministro da agricultura. Só fala besteira... Lembram: - “as batatas que batatear, não vejo outra saída...”.*

Pode ser observado, no comentário de Jango, a ativação ou a introdução do referente textual ‘o Delfim Neto’, que não foi ativado ou introduzido no texto-fonte, mas o participante achou relevante esta informação que mantém uma relação discursiva com o referente textual ‘esse ministro da justiça’, reativado pelo interactante em seu comentário. Esta categoria é uma informação nova, um anafórico indireto.

Estas funções discursivas vão orientar para o perfil de intertextualidade presente nos comentários que permitem compreender a relação interdiscursiva presente nestes comentários. A intertextualidade, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), se tipifica em explícita e implícita. No nível da explicitude está a intertextualidade por citação ou por referência e no nível da implicitude está a intertextualidade por alusão. Deste modo, apresenta-se a organização estrutural do corpus desta pesquisa:

Figura 17 - Categorização do *corpus*

Fonte: Figura propostas pela autora da presente pesquisa.

A análise do par metatextual, que estrutura o objeto de estudo desta pesquisa cogita a avaliação do nível macrotextual e do nível microtextual, em que, na ordem do macrotextual, está a interdiscursividade e, na ordem do microtextual, estão as anáforas direta e indireta e suas funções discursivas, que constituem a materialidade linguística dos gêneros discursivos na composição dos pares metatextuais determinados e selecionados para a análise.

A partir destas especificações das categorias de análise, inicia-se, no próximo capítulo, a análise do *corpus*, propriamente dita, apresentando o modo que se organizam as análises dos pares textuais

6 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo apresenta a análise dos dados da pesquisa, conforme as categorias que estão no nível micro do discurso – as estratégias anafóricas diretas e indiretas e suas funções discursivas – e no nível macro do discurso – a intertextualidade e suas particularidades discursivas.

Como orientado no capítulo anterior, a análise dos dados se desenvolve em três etapas. A primeira etapa da análise avalia as categorias textuais anafóricas e suas funções discursivas no texto-fonte artigo de opinião, para definir os referentes textuais que são tópicos discursivos e subtópicos. Em consequência desta primeira etapa da análise, a segunda avaliará as categorias textuais anafóricas nos comentários, para verificar se o gênero reativa os tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte. Esta constatação fundamenta a terceira etapa da análise, pois, a partir das funções discursivas exercidas pelas estratégias textuais anafóricas (direta e indireta), será sinalizada a intertextualidade nos comentários.

Como esta análise é de perfil etnográfico de base qualitativa, logo, após a avaliação dos dados, há uma seção destinada à reflexão qualitativa dos dados baseadas nas hipóteses apresentadas na introdução da pesquisa.

A análise inicia-se como o par metatextual “*Impeachment or not impeachment*”, artigo de opinião que foi a primeira publicação feita por Eliane Cantanhêde em seu perfil público, no *Facebook*, em 2015. A jornalista inaugurou este espaço de entretenimento com a temática sobre o *Impeachment* de Dilma Rousseff que foi de grande repercussão, na época, e dividiu a opinião pública.

Esta primeira publicação não obteve muitas publicações de comentários, tendo um total de 12 comentários publicados, com 145 curtidas e 20 compartilhamentos. Destes 12 comentários, dois são de interactantes que compartilharam, apenas, *Links*.

Antes do texto do artigo, há a imagem printada do perfil da jornalista, a qual apresenta o *Link* do artigo (com o símbolo do jornal Estado de São Paulo), os ícones dos gêneros discursivos Curtir, Comentar e Compartilhar, a quantidade de curtidas e compartilhamentos do *Link* do artigo, na parte inferior da imagem printada. Na parte superior, tem a foto da jornalista, seu nome e a data logo abaixo deste.

6.1 Par metatextual I: *Impeachment or not impeachment*⁴⁵ – 22 de maio de 2015

Figura 18 – Texto-fonte: *Impeachment or not impeachment*



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 05/2015.

O PSDB e seus aliados, DEM, PPS, PSC e Solidariedade, miraram no que viram e acertaram no que não viram: ao entrarem com uma ação penal contra a presidente Dilma Rousseff, deixam o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, na maior saia justa. A principal decisão depende dele.

O esforço da oposição é para se equilibrar entre a pressão da opinião pública pelo impeachment e a constatação, nua e crua, de que não há ambiente jurídico e político para a empreitada. Por isso, opositoristas debatem com entusiasmo uma questão de ordem semântica: a palavra “impeachment” não integra nenhum texto legal no Brasil e o importante é pedir, em bom e claro português, o “afastamento” da presidente. Não importam os meios (jurídicos), importam os objetivos (práticos e políticos). Logo, a oposição não trabalha pelo impeachment, mas pelo afastamento de Dilma. Dá para entender?

Esse contorcionismo vem desde que o ex-presidente Fernando Henrique desautorizou a estratégia do pedido de impeachment e piorou agora, quando o jurista Miguel Reale Jr. apresenta um detalhado parecer concluindo que não há elementos que justifiquem um pedido

⁴⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal, Acesso em: 31/07/2017.

de afastamento de Dilma com base em crime de responsabilidade, mas há elementos para enquadrá-la em crime comum.

A oposição acusa Dilma de, no seu primeiro mandato, ter fechado artificialmente as contas públicas atrasando os repasses do Tesouro Nacional para bancos públicos pagarem benefícios sociais. A manobra, ou maquiagem, foi apelidada de “pedalada fiscal” e é considerada crime. “Collor caiu por uma Elba, Dilma vai cair por uma bicicleta”, anima-se o líder tucano, Cássio Cunha Lima. Dilma, porém, não pode ser acusada de crime de responsabilidade – ou seja, não pode sofrer processo de impeachment tradicional – por atos anteriores ou estranhos ao exercício do cargo. Logo, o jeito tucano é processá-la por crime comum.

O artigo 86 da Constituição é claro. No crime de responsabilidade, o (ou a) presidente é julgado(a) politicamente pelo Senado e, no crime comum, é julgado(a) juridicamente pelo Supremo Tribunal Federal. Nos dois casos, o presidente é afastado (na prática, “impeachado”), se o Supremo recebe a denúncia ou quando o Senado instaura o processo.

Há um longo caminho entre a vontade e a concretização. Na terça-feira, os cinco partidos entrarão com ação penal contra Dilma na Procuradoria-Geral. Depois, cabe a Janot dizer sim ou não. Se disser sim, o Supremo terá ainda de consultar a Câmara. O processo só irá em frente se dois terços dos deputados autorizarem. E, “last but not least”, se passar por tudo isso, a ação depende da decisão final dos 11 ministros do Supremo.

Ou seja: há muitos “se”, muitos “mas” e muitos “talvez” nessa operação toda para que se possa levar realmente a sério a denúncia de tucanos e afins contra Dilma. Haverá muitas declarações, fotos e documentos, mas a hipótese de prosperar é remota.

De outro lado, não seria muito diferente se o processo fosse com base em crime de responsabilidade, ou “impeachment”. Nesse caso, a Câmara também teria de se manifestar e a decisão final seria do Senado. A conclusão é a mesma, com outro tempo verbal: a hipótese de prosperar seria remota.

A Câmara pressiona Dilma, o Senado estica a corda, o próprio PT é um empecilho para um bom ajuste fiscal e os senadores petistas Lindbergh Farias e Paulo Paim passaram das palavras aos atos contra as mexidas trabalhistas e previdenciárias. Mas, no final, mesmo que meio estropiado, o ajuste vai acabar passando.

Isso se repete com o impeachment, ops!, com o afastamento da presidente. Cidadãos e cidadãs clamam por isso, as pesquisas dão resultados alarmantes para o Planalto, as

oposições vão entrar com a ação penal. Mas, no final, mesmo que meio estropiada, Dilma vai acabar passando.

Presidentes têm muitas armas. E a vida da oposição é dura.

O artigo de Cantanhêde discute a mobilização dos partidos de oposição contra o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, em prol do *Impeachment* de Dilma Rousseff ou do seu afastamento das funções de Presidente da república. O objetivo dos partidos de oposição era responder às manifestações políticas que pediam o *Impeachment* de Dilma Rousseff.

I – Análise dos elementos dos referentes textuais no texto-fonte e as suas respectivas funções discursivas

No parágrafo inicial do artigo, a jornalista Cantanhêde inicia a contextualização da discussão e faz referência à ação penal movida pelos partidos políticos de oposição contra, a então, presidente Dilma Rousseff, como destaque no exemplo a seguir:

Exemplo 54: 1º parágrafo –introdução do texto-fonte *Impeachment or not impeachment*

O PSDB e seus aliados, DEM, PPS, PSC e Solidariedade, miraram no que viram e acertaram no que não viram: ao entrarem com uma ação penal contra a presidente Dilma Rousseff, deixam o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, na maior saia justa. A principal decisão depende dele.

No exemplo do primeiro parágrafo de introdução do artigo, a jornalista Cantanhêde introduz ou ativa os referentes textuais ‘o PSDB’, ‘a presidente Dilma Rousseff’ e ‘o procurador-geral da República’. Estes referentes textuais são os principais “personagens” do contexto que envolve a discussão sobre o tema *Impeachment*. De um lado, o PSDB, DEM, PPS, PSC e Solidariedade, os partidos de oposição que articulam a ação penal de *Impeachment*; no outro lado, a presidente Dilma Rousseff que recebe a acusação de crime de responsabilidade. Num posicionamento jurídico, o procurador-geral da República Rodrigo Janot, responsável por acolher ou não a solicitação de afastamento ou *Impeachment* da presidente. Ao ativar estes referentes textuais no texto, o leitor aciona o sistema cognitivo para depreender os sentidos que estão implícitos na discussão.

Com a progressão do texto, estes referentes textuais são reativados e outras informações importantes são introduzidas pela jornalista, como pode ser constatado logo no segundo parágrafo do artigo. A jornalista reativa os políticos de oposição do governo Dilma Rousseff com a finalidade de introduzir o referente textual *Impeachment*, informação relevante no artigo. No parágrafo, a jornalista explicita que o interesse da oposição é atender os apelos das manifestações políticas, mesmo sem condições jurídicas e políticas para o processo, conforme destaque no segundo exemplo que apresenta o segundo parágrafo do artigo:

Exemplo 55: 2º parágrafo do texto-fonte *Impeachment or not impeachment*

O esforço da oposição é para se equilibrar entre a pressão da opinião pública pelo impeachment e a constatação, nua e crua, de que não há ambiente jurídico e político para a empreitada. Por isso, oposicionistas debatem com entusiasmo uma questão de ordem semântica: a palavra “impeachment” não integra nenhum texto legal no Brasil e o importante é pedir, em bom e claro português, o “afastamento” da presidente. Não importam os meios (jurídicos), importam os objetivos (práticos e políticos). Logo, a oposição não trabalha pelo impeachment, mas pelo afastamento de Dilma. Dá para entender?

A jornalista, no início do segundo parágrafo, usa o sintagma nominal “o esforço da oposição”, muito expressivo, com função discursiva de recategorizador encapsulador dos partidos políticos de oposição (PSDB, DEM, PPS, PSC e Solidariedade), usado para sinalizar o empenho dos partidos de oposição para atender à pressão da opinião pública, que, na época, era expressa em passeatas, pelo país, que pediam o *Impeachment* de Dilma Rousseff. A expressividade deste encapsulador indica para o leitor a presença da jornalista na discussão.

O recategorizador encapsulador “o esforço da oposição” apresenta função metadiscursiva, de maneira a organizar o texto do artigo e também orienta o leitor para o interesse argumentativo da jornalista Cantanhêde. Assim, o recategorizador encapsulador adquire significativo valor coesivo no texto, pois, tanto permite a progressão textual e referencial quanto faz alusão ao ponto de vista do produtor do texto. Nesse caso, faz alusão ao ponto de vista da jornalista Cantanhêde.

Neste momento do artigo, ao introduzir o referente textual *Impeachment*, a jornalista também introduz o referente textual ‘o “afastamento” da presidente’, informações que são a essência da discussão dos oposicionistas, pois, o termo jurídico *Impeachment*, que significa

impedimento, não integra nenhum texto legal do Brasil, segundo informa a jornalista no segundo parágrafo. Por isso, os partidos de oposição propunham o processo de afastamento da presidente, que não deixa de ser um impedimento (HOUAISS, 2009) ou “*Impeachment*”, o que justifica a jornalista utilizar o termo afastamento entre aspas, pois, ao afastar a presidente, esta se torna impedida de exercer cargo público, por via de eleição direta.

Desta forma, o artigo da jornalista busca elucidar se o “crime” cometido pela presidente Dilma Rousseff é enquadrado ou não num processo de impedimento, ou *Impeachment*. Isto implica na reativação dos referentes textuais introduzidos nos dois primeiros parágrafos do texto, em que a progressão destes referentes textuais indica quais referentes são os tópicos discursivos. Os tópicos discursivos estão relacionados com a estratégia discursiva da anáfora direta, pois, os referentes textuais reconstruídos no texto são, potencialmente, tópicos discursivos, isto é, informações dadas, cognitivamente armazenadas, reativadas de modo a adquirir no processo de argumentação propriedades que justificam ou explicam o ponto de vista do produtor do texto. Consoante à ordem de introdução dos referentes no texto-fonte, observa-se a progressão do referente textual ‘o PSDB’, em sua cadeia anafórica:

1) Cadeia anafórica: O PSDB

O PSDB (introdutor - 1º parágrafo) ↔ seus aliados (1º parágrafo) ↔ o jeito tucano (4º parágrafo).

A cadeia anafórica do referente ‘o PSDB’ revela que a reativação do referente ocorreu, primeiro, com o sintagma nominal simples ‘seus aliados’, uma recategorização com sentido de cumplicidade. O sentido está reforçado pelo uso do pronome possessivo ‘seus’, em que a reativação ocorreu no 1º parágrafo do texto-fonte. Em seguida, o sintagma nominal simples ‘o jeito tucano’, reativação no 4º parágrafo’, similarmente, com função discursiva recategorizadora, a qual expressa o modo de agir dos políticos do PSDB. O emprego da expressão anafórica ‘o jeito tucano’ é outro vestígio do ponto de vista da jornalista Cantanhêde que direciona para o estilo do gênero discursivo artigo de opinião. Isso implica observar que por mais que o produtor do gênero artigo opinião busque manter a objetividade, a sua intencionalidade é expressa em suas escolhas linguísticas. As informações explícitas orientam para a implicitude do texto; “lugar” do intradiscorso.

Após o recategorizador ‘seus aliados’, a jornalista, a partir do aposto explicativo, especifica para o leitor os partidos aliados do PSDB, que são DEM, PPS, PSC e Solidariedade. O nome ‘aliados’, neste contexto, apresenta o sentido de cumplicidade, portanto, os partidos DEM, PPS, PSC e Solidariedade são cúmplices do PSDB na ação penal contra a presidente Dilma Rousseff. A força semântica do termo ‘aliados’, num contexto político de crise, é essencial para compreender o posicionamento dos partidos políticos em relação ao mandato de Dilma Rousseff.

O significado do nome ‘jeito’, que compõe o sintagma nominal ‘o jeito tucano’, expressa modo e ainda caráter, natureza. Assim, a jornalista, ao propor o sintagma recategorizador, ironiza, com a intenção de revelar o modo de agir dos políticos tucanos, relacionado com os acordos políticos.

O referente textual subsequente é ‘uma ação penal’. Verifica-se a sua progressão no texto-fonte com base nas funções discursivas indicadas na cadeia anafórica direta de ‘uma ação penal’:

2) Cadeia anafórica: Uma ação penal

Uma ação penal (introdutor - 1º parágrafo) ↔ ação penal (6º parágrafo) ↔ o processo (6º parágrafo) ↔ a ação (6º parágrafo) ↔ a denúncia dos tucanos (7º parágrafo) ↔ o processo (8º parágrafo) ↔ a ação penal (10º parágrafo).

O referente textual ‘uma ação penal’ foi reativado por retomada do sintagma – ação penal – no 6º e 7º parágrafos, pela manutenção do núcleo do referente com o sintagma ‘a ação’, ainda no 6º parágrafo e pelas recategorizações com os sintagmas nominais simples ‘o processo’, 6º e 8º parágrafos, e ‘a denúncia dos tucanos’, no 7º parágrafo.

A retomada, segundo TEDESCO (2002), é a reativação que não ocorre logo em seguida da introdução do referente textual. A retomada se realiza de forma distanciada do referente introdutor para não prejudicar a coerência do texto, como pode ser verificado na cadeia anafórica. A retomada efetiva-se no 6º e no 10º parágrafos do artigo. Já a manutenção do núcleo do referente pode suceder-se, após, a introdução do referente no texto, conforme a reativação com o sintagma ‘a ação’, no 6º parágrafo.

Juridicamente, a ação penal é um processo legal, por esta razão, a jornalista recategoriza o referente com o sintagma nominal simples ‘o processo’, que é utilizado no 6º e no 8º parágrafos.

O sintagma nominal simples recategorizador ‘a denúncia dos tucanos’ é uma informação que reforça a liderança do partido político no processo de acusação da presidente Dilma Rousseff, recategorização esta que se diferencia da anterior, ‘o processo’, o que lhe dá um grande valor argumentativo, pois, indica o partido que liderou o processo de impedimento da, então, presidente Dilma Rousseff. O PSDB é reconhecido, politicamente, como o principal partido de direita que se opõe ao PT, partido de esquerda, o qual Dilma Rousseff é filiada.

Percebe-se que o uso do recategorizador ‘a denúncia dos tucanos’ no gênero argumentativo é significativo porque determina o repertório diversificado de elementos coesivos apresentado pela jornalista em seu texto. Esse repertório diversificado contribui para a intenção da jornalista que é de convencer e persuadir o leitor. A próxima cadeia anafórica é do referente ‘a presidente Dilma Rousseff’, reativado em muitos momentos pela jornalista Cantanhêde na progressão do artigo:

3) Cadeia anafórica: ‘a presidente Dilma Rousseff’

A presidente Dilma Rousseff (introdutor – 1º parágrafo) ↔ enquadrá-la (3º parágrafo) ↔ Dilma (4º parágrafo) ↔ seu primeiro mandato (4º parágrafo) ↔ φ ter fechado (4º parágrafo) ↔ Dilma (4º parágrafo) ↔ Dilma (4º parágrafo) ↔ φ não pode ser acusada de crime de responsabilidade (4º parágrafo) ↔ φ não pode sofrer processo de impeachment tradicional (4º parágrafo) ↔ processá-la (4º parágrafo) ↔ Dilma (6º parágrafo) ↔ Dilma (7º parágrafo) ↔ Dilma (9º parágrafo) ↔ meio estropiada(10º parágrafo) ↔ Dilma (10º parágrafo).

Podemos constatar que a cadeia do referente ‘a presidente Dilma Rousseff’ apresenta reativações em vários momentos do artigo de opinião. Essas reativações ocorrem por meio de funções discursivas como

a) a manutenção de referente textual com a repetição do nome Dilma, em sete parágrafos do artigo;

b) a retomada com o uso de pronome oblíquo em ‘enquadrá-la’, 3º parágrafo, e ‘processá-la’, 4º parágrafo;

- c) as elipses no 4º parágrafo;
- d) a recategorização ‘seu primeiro mandato’
- e) a recategorização avaliativa ‘meio estropiada’.

Nas repetidas manutenções do nome Dilma, verifica-se, por parte da jornalista, um modo informal de se referir à presidente, que se justifica pela mesma ser uma pessoa pública. Em relação ao sintagma nominal simples ‘seu primeiro mandato’, o uso deste localiza o leitor na situação comunicativa abordada pela jornalista, pois, a presidente foi acusada de ocultar informações relacionadas às contas públicas em seu primeiro mandato, de modo a fechá-las artificialmente.

Já o sintagma nominal modificador ‘meio estropiada’ é constituído pelo advérbio ‘meio’ que indica metade, e pelo adjetivo ‘estropiada’ que significa fatigada. A utilização do recategorizador avaliativo pela jornalista é mais um índice de subjetividade que evidencia o propósito comunicativo de Cantanhêde.

Após a introdução do referente, ‘a presidente Dilma Rousseff’, a jornalista se refere ao ‘procurador geral da República’, sintagma que apresenta uma pequena progressão, conforme se observa na cadeia:

4) Cadeia anafórica: o procurador geral da República

O procurador geral da República (Introdutor - 1º parágrafo) ↔ Rodrigo Janot (1º parágrafo) ↔ dele (1º parágrafo) ↔ Janot (6º parágrafo) ↔ se φ disser sim (6º parágrafo).

As reativações do referente ocorrem, apenas, no 1º parágrafo e no 2º parágrafo do artigo. As funções discursivas efetuadas são a recategorização com o nome próprio do procurador, a manutenção do nome Janot, do recategorizador ‘Rodrigo Janot’ e a retomada pronominal ‘dele’, aglutinação da preposição ‘de’ com o pronome de terceira pessoa ‘ele’. As funções discursivas que reativam o referente textual o procurador geral da República assinalam para uma reativa de valor semântico neutro, pois, o Procurador da República neste processo político e jurídico deve ocupar um lugar de imparcialidade.

As próximas cadeias anafóricas são de referentes textuais que foram introduzidos no segundo parágrafo. Logo, no início do parágrafo, a jornalista usa o encapsulador ‘o esforço da oposição’, o qual se torna referente textual, com a progressão textual, de forma a adquirir

diferentes matizes semânticos e discursivos, esclarecendo o ponto de vista da jornalista Cantanhêde.

5) Cadeia anafórica: ‘o esforço da oposição’

O esforço da oposição (introdutor – 1º parágrafo) ↔ oposicionistas (2º parágrafo) ↔ a oposição (2º parágrafo) ↔ a oposição (4º parágrafo) ↔ os cinco partidos (6º parágrafo) ↔ as oposições (10º parágrafo) ↔ a vida da oposição (10º parágrafo).

A reativação do referente textual ocorre com a recategorização do substantivo que compõe a locução conjuntiva do sintagma nominal simples ‘o esforço da oposição’, com a palavra ‘oposicionistas’, que será reativado com os sintagmas nominais recategorizadores ‘a oposição’, no 2º e no 4º parágrafos, e ‘as oposições’, no 10º parágrafo do texto. A utilização do conceito de oposição, pela jornalista, especifica para os leitores que os partidos sinalizados no 1º parágrafo do artigo são os que se opõem politicamente ao governo de Dilma Rousseff e, também, são estes os responsáveis ou os autores pela mobilização da ação penal contra a presidente que visa ao seu impedimento administrativo.

A jornalista ainda utiliza a recategorização com o sintagma nominal simples ‘os cinco partidos’, que encapsula (resume) os partidos: PSDB, DEM, PPS, PSC e Solidariedade, de modo a reforçar o que foi justificado anteriormente.

Na cadeia, se realça o sintagma nominal simples ‘a vida da oposição’, um recategorizador utilizado pela jornalista para dizer o que significa ser oposição política de um governo em vigência. Na situação comunicativa do artigo, a ‘vida da oposição’ é buscar, juridicamente, um fato que justifique o afastamento de Dilma Rousseff.

Quando a jornalista introduz o encapsulador ‘o esforço da oposição’, ela cria as condições discursivas para introduzir o referente textual ‘*Impeachment*’, pois, este esforço da oposição está relacionado com a pressão da sociedade que exigia o *Impeachment* de Dilma Rousseff. Por esta razão, o referente *Impeachment* é, muitas vezes, reativado no texto, conforme se demonstra a seguir:

6) Cadeia anafórica: *Impeachment*

Impeachment (introdutor – 2º parágrafo) ↔ a empreitada (2º parágrafo) ↔ a palavra impeachment (2º parágrafo) ↔ impeachment (2º parágrafo) ↔ a estratégia do pedido de impeachment (3º parágrafo) ↔ processo de impeachment tradicional (4º parágrafo) ↔ impeachado (5º parágrafo) ↔ o processo (5º parágrafo) ↔ ou impeachment (8º parágrafo) ↔ Impeachment (10º parágrafo).

A partir da cadeia anafórica, constata-se que o referente *Impeachment*, ao ser introduzido, no segundo parágrafo, vai sendo reativado por funções discursivas que vão reconstruindo, discursivamente, o referente no artigo, pois, esta é uma informação essencial para compreender a crise política que envolvia a presidente da República.

A primeira reativação se dá com o uso do sintagma nominal simples ‘a empreitada’, que significa tarefa ou missão. Ainda, no segundo parágrafo, o referente é reativado com o uso do sintagma nominal simples ‘a palavra impeachment’, um recategorizador, e pela retomada do referente.

No 3º parágrafo, o sintagma simples recategorizador ‘a estratégia do pedido de impeachment’ a existência de uma trama organizada pelos oposicionistas para impedir ou afastar a presidente Dilma Rousseff, que foi desautorizada pelo ex-presidente Fernando Henrique.

No 4º parágrafo, o recategorizador avaliativo ‘processo de impeachment tradicional’ é constituído pelo adjetivo ‘tradicional’, que, neste contexto, apresenta o sentido de ‘clássico’, pois, explica que o perfil de crime cometido por Dilma Rousseff, no seu primeiro mandato, impossibilita, juridicamente, o processo de impeachment clássico. Observa-se que o adjetivo ‘tradicional’ é um modificador e isso muda o perfil da categoria do sintagma de simples para complexo.

No 5º parágrafo, o recategorizador “impichado”, usado pela jornalista entre aspas, qualifica o presidente que é afastado de suas funções. Isto, na prática, é um impedimento, um *Impeachment*. A jornalista procura deixar evidente que afastamento e impedimento, de certo modo, apresentam o mesmo sentido. Neste mesmo parágrafo, a jornalista utiliza o sintagma nominal simples ‘o processo’, o qual é uma manutenção do nome presente no recategorizador ‘o processo de impeachment tradicional’. No 8º parágrafo e no 10º parágrafo, a jornalista reativa o referente com a retomada do mesmo.

Com base nas cadeias, nota-se que a progressão do referente textual *Impeachment* lhe configura a condição de tópico discursivo, como também a cadeia anafórica do referente ‘a

presidente Dilma Rousseff' explicita que este é o tópico discursivo do artigo. De fato, o Impeachment é da presidente Dilma Rousseff, o que justifica a extensão destas cadeias anafóricas.

É necessário destacar a progressão do referente textual 'o "afastamento" da presidente', informação que embasa a ação penal movida pelos partidos de oposição. Conforme se verifica em sua cadeia anafórica, entretanto, este referente é pouco reativado na progressão do texto.

7) Cadeia anafórica: O afastamento da presidente

O "afastamento" da presidente (introdutor – 2º parágrafo) ↔ afastamento de Dilma (2º parágrafo) ↔ um pedido de afastamento de Dilma (3º parágrafo) ↔ o afastamento da presidente (10º parágrafo).

A reativação do referente ocorreu de forma espaçada nos parágrafos, num total de três reativações, com o uso de dois sintagmas nominais simples recategorizadores: 'afastamento de Dilma', 2º parágrafo, e 'um pedido de afastamento de Dilma', no 3º parágrafo; além da última reativação por retomada no 10º parágrafo. Isto evidencia que a jornalista orienta os seus leitores a entenderem que o "afastamento" é, na prática, um *Impeachment* disfarçado. O que está em destaque no artigo é o que representa o processo político do Impeachment no contexto social e no contexto discursivo, tendo em vista a abordagem do referente artigo pela articulista.

No artigo, a jornalista introduz os referentes textuais 'crime de responsabilidade' e 'crime comum', os quais são argumentos apontados, no 3º parágrafo, pelo jurista Miguel Reale Jr.. Estas duas tipificações são ressaltadas para explicar que crime foi cometido pela presidente em seu primeiro mandato, que, segundo o jurista, se caracteriza por crime comum. Logo, as suas reativações ocorrem para fundamentar as informações Impeachment e afastamento da presidente, como pode ser constatado nas cadeias:

8) Cadeia anafórica: Crime de responsabilidade

Crime de responsabilidade (introdutor - 3º parágrafo) ↔ Crime de responsabilidade (4º parágrafo) ↔ Crime de responsabilidade (5º parágrafo) ↔ Crime de responsabilidade (8º parágrafo).

9) Cadeia anafórica: Crime comum

Crime comum (introdutor - 3º parágrafo) ↔ Crime comum (4º parágrafo) ↔ Crime comum (5º parágrafo).

As cadeias apontam que estes referentes foram reativados por retomadas, apenas. Tais retomadas ocorreram no 4º parágrafo, pois, neste há a referência à “pedalada fiscal”, que não é um crime de responsabilidade, mas é um crime comum; e no 5º parágrafo, em que a jornalista menciona a Constituição, para explicar que, no crime de responsabilidade, o julgamento, politicamente, cabe ao Senado, e no crime comum, o julgamento cabe, juridicamente, ao Supremo Tribunal Federal.

O que se pode verificar com as cadeias anafóricas dos referentes textuais introduzidos no 1º e no 2º parágrafos é que o desenvolvimento da argumentação está atrelado à progressão dos referentes textuais introduzidos. O propósito da jornalista é levar o leitor a refletir sobre o real interesse dos partidos de oposição com a ação penal apresentada ao procurador geral da República, por isso, os referentes textuais: *Impeachment, a presidente Dilma Rousseff, o esforço da oposição e ação penal* apresentam uma quantidade significativa de reativações da jornalista, de modo que estes são os tópicos discursivos do artigo “*Impeachment or not Impeachment*”, e os demais referentes introduzidos são subtópicos, pois, a quantidade de reativação no texto é menor em relação aos que se enquadram como tópicos discursivos.

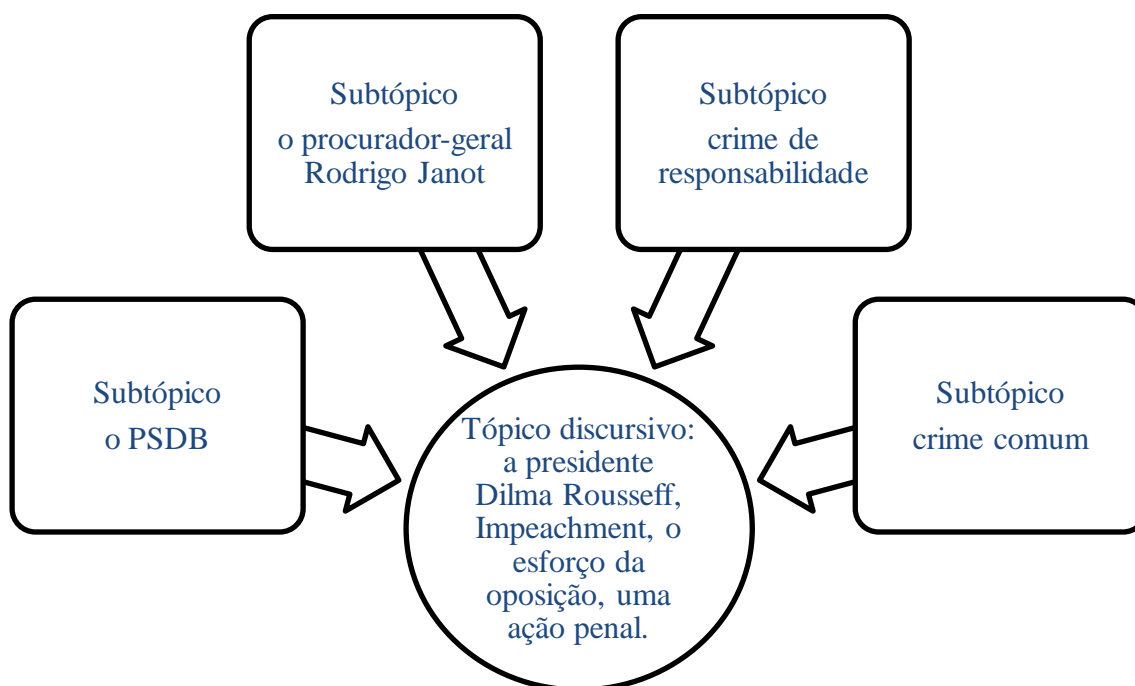
Assim, cada referente textual introduzido, no artigo, é uma informação dada ou temática, a sua continuidade se realiza ou com retomadas ou com recategorizações ou com ambas as funções discursivas (KOCH, 2002). As descontinuidades das informações dadas possibilitam a inserção de informações novas na superfície textual. Assim, as funções discursivas que reativam as informações dadas dão condições para o produtor do texto fazer inserção de novas informações ou referentes textuais, desenvolvendo, assim, o processamento textual.

O processo de reativação de referentes, por meio de funções discursivas, determina a estratégia da anáfora direta. Os novos referentes textuais que inseridos no co-texto, sem

relações semânticas diretas com outros referentes textuais reativados, se enquadram na estratégia anafórica indireta. Segundo Marcuschi (KOCH; MORATO; BENTES, 2012) é um processo de referenciação implícita, em que a sua ancoragem se estabelece no discurso.

Nesse sentido, os referentes textuais ‘a presidente Dilma Rousseff’, ‘Impeachment’, ‘esforço da oposição’, ‘uma ação penal’ são tópicos discursivos discutidos no artigo de Cantanhêde e os demais referentes textuais, ‘o PSDB’, ‘o procurador-geral da República’, ‘crime de responsabilidade’ e ‘crime comum’ são subtópicos, informações novas, elementos discursivos que organizo na figura a seguir.

Figura 19 - Tópicos discursivos e subtópicos de “*Impeachment or not impeachment*”



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa

É importante frisar que outros referentes textuais foram introduzidos no texto, como informações novas. Entretanto, tais referentes textuais não foram reativados como, por exemplo, Fernando Henrique, Miguel Reale Jr. e a Constituição Federal. A progressão com subdivisão informação dada e informação nova é uma particularidade de seqüências textuais expositivas – argumentativas como o artigo de opinião.

Com a verificação dos referentes textuais que tanto correspondem aos tópicos discursivos quanto aos subtópicos do artigo, a etapa seguinte é a análise das funções discursivas nos comentários dos interactantes que integram o par metatextual “*Impeachment*

or not Impeachment”, para observar se as funções discursivas exercidas por expressões anafóricas diretas ou indiretas recuperam as informações dadas (tópicos discursivos) ou as novas (subtópicos) ou ainda a possibilidade de inserção de outras informações novas pelos interactantes.

II - Análise das funções discursivas nos comentários do par metatextual “*Impeachment or not impeachment*”

Nesta seção, os comentários publicados no perfil da jornalista Cantanhêde serão analisados para verificar se os tópicos discursivos e subtópicos do texto-fonte foram reativados pelos interactantes, a partir das funções discursivas relacionadas com a estratégia anafórica direta e a estratégia anafórica indireta. Com o fim de orientar o processo de análise, há a apresentação da imagem printada dos comentários que serão avaliados. No caso do artigo jornalístico *Impeachment or not impeachment*, serão analisados nove comentários. É importante observar que a avaliação considera os dez primeiros comentários publicados pelos participantes, porque favorece o processo de recorte (*Print*) do gênero digital no *Facebook*.

Figura 20 - Comentários sobre o texto-fonte “*Impeachment or not impeachment*”



Fonte: Disponível em:
https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em:
 05/2015.

Dos dez comentários printados, apenas o comentário do interactante Araken não apresenta estrutura textual que favorece a análise das funções discursivas. Por esta razão não foi printado para a análise. Assim sendo, o primeiro exemplo de comentário que será discutido é do interactante Sergio:

Exemplo 56: Comentário do interactante Sergio

*Elane, jornalista do melhor Jornal do Brasil, não é porque seja paulistano, mas é o melhor, no que se refere ao **Impeachment**, o Collor por muito pouco levou esse remédio jurídico, a Dilma quebrou o Brasil, é psicopata, e quer ela e o PT, implantar a ditadura, cercear o povo se manifestar, veja no facebook, jornalista faz comentários cortar. infelizmente nós estamos num país sem lei. Parabéns novamente.*

No comentário do interactante Sergio, constata-se o uso de funções discursivas que reativam referentes textuais do texto-fonte “*Impeachment or not impeachment*”, além disto, o participante faz a inserção de novos referentes textuais em seu comentário, que são: ‘o PT’ e ‘a ditadura’. Estas informações novas são casos de anafóricos indiretos, pois, não são informações presentes no artigo da jornalista. Elas são inseridas no comentário e se tornam subtópicos em relação ao texto-fonte. O vínculo de sentido que estas estabelecem com o artigo se dá cognitiva e discursivamente.

O referente textual ‘o PT’ não reativa tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte, mas está, cognitivamente, ancorado no referente textual ‘a presidente Dilma Rousseff’. A inserção de informações novas no comentário de Sergio é semelhante ao processo de conversação, gênero da modalidade oral, em que a inserção de subtópico tira o foco do tema central da conversa, momentaneamente. O subtópico torna-se uma informação significativa no processo de interação, assim como, o comentário de Sergio. O interactante apresenta novas informações que interrompem, momentaneamente, o tema central ou o tópico discursivo, *Impeachment*, para ativar subtópicos como ‘Collor’. Fazer menção ao referente ‘Collor’ é relacionar cognitivamente com o tópico *Impeachment*.

O processo de compreensão do referente ‘a ditadura’, igualmente, implica a mobilização do conhecimento de mundo e do contexto. O uso desta nova informação, no

comentário, refere-se às passeatas que ocorriam no país, as quais solicitavam o *Impeachment* de Dilma Rousseff. As passeatas sofriam repressão das forças policiais, pois, terminavam com atos de vandalismo.

Para compreender a inserção do referente ‘Elane’, no comentário de Sergio, o leitor se apoia em informações contextuais, que o orienta para a relação do referente ‘Elane’ com o artigo de opinião e também com o perfil da mesma no *Facebook*. Este referente é reativado pela função discursiva de retomada. Eliane Cantanhêde é um referente textual ativado no perfil do *Facebook*, por isso, o participante retoma o referente em seu comentário. Sobre isso, é interessante observar a relação que é estabelecida entre gêneros discursivos. A retomada do referente textual Cantanhêde implicou na conexão do gênero comentário com o gênero perfil do *Facebook* e ainda com o texto-fonte (o artigo de opinião). Esse perfil de interação é possibilitado pelo hibridismo e pela hipertextualidade de ambientes digitais como o *Facebook*. O enunciado de Sergio ainda possibilita a progressão dos referentes ‘Impeachment’ e ‘a Dilma’:

Impeachment ↔ esse remédio jurídico. *A Dilma* ↔ psicopata ↔ ela.

Na cadeia do referente textual *Impeachment* é utilizado o recategorizador avaliativo “esse remédio jurídico”, um sintagma nominal simples, em que o nome (N) ‘remédio’ é utilizado de modo metafórico. A utilização do recategorizador sinaliza para o ponto de vista do interactante Sergio a respeito do *Impeachment* de Dilma, que é favorável ao processo jurídico.

Na cadeia do referente textual Dilma, observa-se o uso do predicativo do sujeito ‘psicopata’, um adjetivo modificador e o uso do pronome de terceira pessoa ‘ela’, que retoma o referente. O modificador “psicopata” revela a percepção negativa de Sergio sobre Dilma Rousseff.

Neste comentário, o participante Sergio recupera os tópicos discursivos e os mantém como tópicos discursivos do seu comentário. O próximo exemplo de reativação de referente textual é o comentário da interactante Malu:

Exemplo 57: Comentário do interactante Malu

Maravilha!

O comentário de Malu indica que a participante, simplesmente, elogia o artigo da jornalista. O uso do recategorizador avaliativo ‘maravilha’ amplia o *status* do artigo. Além de texto-fonte, o artigo transforma-se em tema do comentário de Malu, referente textual. Tornar o texto-fonte um tópico discursivo revela o modo como os interactantes no *Facebook* utilizam o gênero discursivo comentário. O projeto de dizer pode ser organizado, textualmente, por um único recategorizador avaliativo. A compreensão deste texto acarreta maior acionamento de sistema cognitivo. A interactante Marylia, igualmente, reativa o texto-fonte, além de reativar a jornalista Cantanhêde e o assunto desenvolvido no artigo.

Exemplo 58: Comentário do interactante Marylia

Coerente. Absolutamente pertinente. Excelente texto. Que bom que temos você para dizer tudo isso pra nós. Um abraço com a sua ética e dignidade.

O texto-fonte é reativado pelos recategorizadores avaliativos ‘coerente’ e ‘absolutamente pertinente’, os quais orientam para um julgamento positivo do texto-fonte, como expressa o recategorizador ‘excelente texto’. A jornalista Cantanhêde também é reativada por meio do pronome de terceira pessoa ‘você’, que apresenta a função discursiva de retomar o referente textual, como ocorre com outros pronomes de 3ª pessoa. A jornalista, ainda, é recategorizada com o uso dos recategorizadores ‘sua ética’, ‘dignidade’. O sintagma nominal simples ‘tudo isso’ é um encapsulador anafórico, o qual resume o referente ‘conteúdo’. A interactante Marylia opta por centralizar seu comentário na referente textual texto-fonte, o que não implica uma ruptura em relação ao conteúdo do texto-fonte.

Os três referentes são os tópicos discursivos do comentário da interactante Marylia, que não reativa nenhum tópico discursivo e subtópicos do texto-fonte e não faz a inserção de informação nova. A anáfora direta ocorre, mas não em relação aos referentes textuais desenvolvidos no artigo, o que não indica incoerência em relação ao texto-fonte, é mantida uma relação indireta com o mesmo. O comentário do interactante Narendra não faz qualquer retomada ou manutenção ou recategorização de tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte:

Exemplo 59: Comentário do interactante Narendra

Seguidor assíduo dos comentários no Globonews em Pauta com outros de igual naipe. Vc tem pensado e falado didaticamente tudo que eu não aprendi a expressar. Já meio véinho ainda estarei sempre aprendendo com essa linda jornalista.

O participante reativa o referente textual Cantanhêde por retomada com o uso do pronome de terceira pessoa ‘você’ e com o uso do sintagma nominal modificado ‘essa linda jornalista’ que um recategorizador avaliativo, usado para elogiar a jornalista, para conotar a admiração do interactante pela jornalista. O exemplo seguinte é do comentário da participante Sandra:

Exemplo 60: Comentário do interactante Sandra

Impeachment ou afastamento é o que todos brasileiros mais desejam nesse momento Eliane Cantanhêde!

No comentário de Sandra, há a retomada do referente textual “*Impeachment*” e a manutenção do referente “afastamento”, em que a participante recupera o tópico discursivo do artigo e o subtópico ‘o “afastamento” de Dilma Rousseff’. A participante também reativa a jornalista Cantanhêde. Diante disto os referentes *Impeachment* e afastamento são os tópicos discursivos do comentário de Sandra. O exemplo da interactante Vania está focado numa informação nova:

Exemplo 61: Comentário do interactante Vania

Saber votar ainda é o melhor caminho.

No texto da interactante não há progressão referencial de objetos discursivos do texto-fonte, pois, apresenta um enunciado constituído por um único período. Entretanto, Vania apresenta uma informação nova que não se desvincula do que é discutido no texto-fonte e, assim, o seu comentário se diferencia das formas de dizer dos demais participantes. A participante Vania introduz o referente “saber votar” que é uma forma anafórica indireta, uma informação nova, estruturada por uma locução verbal com função de sujeito, este é o tema do comentário de Vania.

Para compreender a intencionalidade do projeto de dizer de Vania é necessária maior mobilização do conhecimento de mundo por parte do leitor. A participante faz uma crítica em relação às escolhas de representantes políticos feitas pelos eleitores nas eleições. Agora, o exemplo do comentário produzido pelo interactante Claudio:

Exemplo 62: Comentário do interactante Claudio

Assunto para atrair leitores. Em breve, apoio ao impeachment!!!

O participante reativa o referente textual ‘conteúdo’ com o recategorizador ‘assunto’, como fez a participante Marylia, a qual usou o sintagma nominal simples ‘tudo isso’ para se referir ao conteúdo abordado no artigo. É importante observar que conteúdo é uma referência mais global, abrangente.

Além disso, o interactante, ainda, retoma o referente textual *Impeachment*, logo, o texto de Claudio põe os referentes ‘conteúdo’ e ‘*Impeachment*’ na condição de tópico discursivo. O último exemplo foi o comentário publicado pelo interactante Francisco:

Exemplo 63: Comentário do interactante Francisco

NO DIA 16 DE AGOSTO DE 2015 EM SÃO PAULO, MINAS GERAIS, BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO, BAHIA, PERNAMBUCO, ESPIRITO SANTO, ALAGOAS, SÃO LUIZ DO MARANHÃO O BRASIL TODO NA RUA NO IMPEACHMENT DE DILMA...TODOS FORA PT.....JÁ ERA NO DIA 16 DE AGOSTO DE 2015O BRASIL TODO NA RUA.....AGORA.

O comentário de Francisco recategoriza o referente *Impeachment* com o sintagma nominal simples “Impeachment de Dilma”. Esta reativação conserva o referente *Impeachment* como tópico discursivo. O que se verifica com a análise das funções discursivas presentes nos comentários dos interactantes é que essas sinalizam para a existência de coerência destes pequenos textos com o texto que lhes serve de fonte. Isto sinaliza para um fenômeno particular da coerência que é a intertextualidade, que pode ser explícita (citação e referência) ou implícita (alusão). Na próxima seção, a análise avaliará a intertextualidade em expressões anafóricas direta e indireta a partir das funções discursivas que estas apresentam no gênero comentário.

III - Análise das relações de intertextualidade conforme as funções discursivas presentes nos comentários

Nesta etapa da avaliação do gênero comentário, vamos compreender a relação entre textos conforme as funções discursivas das categorias linguísticas. Sabe-se que os perfis de intertextualidade mais comuns são a citação, a referência e a alusão. No entanto, o uso de expressões anafóricas nos comentários sinaliza para relações intertextuais que podem ir além da citação, da referência e da alusão. Assim, se inicia a análise pelo comentário do interactante Narendra, em que é constatada a relação explícita do tipo referência:

Exemplo 64: Comentário do interactante Narendra

*Seguidor assíduo dos comentários no Globonews em Pauta com outros de igual naipe. Vc tem pensado e falado didaticamente tudo que eu não aprendi a expressar. Já meio véinho ainda estarei sempre aprendendo com **essa linda jornalista**.*

Há, no comentário do interactante Narendra, uma referência à jornalista, com base nas funções discursivas que reativam a jornalista Cantanhêde, no pronome de terceira pessoa você (Vc) e com a recategorização avaliativa ‘essa linda jornalista’. Nesta análise, proponho que a referência seja compreendida como ato de menção à jornalista Cantanhêde. Isto indica que o ponto de vista do leitor-participante não discorda da percepção explicitada pela jornalista no artigo. O próximo exemplo de intertextualidade é o comentário do participante Francisco que apresenta a relação intertextual do tipo citação:

Exemplo 65: Comentário do interactante Francisco

*NO DIA 16 DE AGOSTO DE 2015 EM SÃO PAULO, MINAS GERIAS, BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO, BAHIA, PERNAMBUCO, ESPIRITO SANTO, ALAGOAS, SÃO LUIZ DO MARANHÃO O BRASIL TODO NA RUA NO **IMPEACHMENT DE DILMA**. TODOS FORA PT JÁ ERA NO DIA 16 DE AGOSTO DE 2015 O BRASIL TODO NA RUA AGORA.*

A recategorização ‘*Impeachment* de Dilma’ estabelece uma relação de intertextualidade explícita do tipo citação, porque a recategorização mantém, no núcleo do sintagma nominal simples, o nome *Impeachment*. O comentário da interactante Sandra é um

exemplo de intertextualidade explícita composta, com referência e com citação, como se verifica a seguir:

Exemplo 66: Comentário da interactante Sandra

*Impeachment ou afastamento é o que todos os brasileiros mais desejam nesse momento **Eliane Cantanhêde!***

A reativação do tópico discursivo *Impeachment* e do subtópico afastamento definem o grau de explicitude no comentário de Sandra em relação ao texto-fonte, o que demonstra que a participante se apropria das informações centrais do texto-fonte para explicitar seu ponto de vista que está em concordância com as manifestações que pediam o Impeachment de Dilma Rousseff. O comentário do participante Sergio apresenta muitas informações que refletem a intertextualidade explícita, mas também há um índice de implicitude:

Exemplo 67: Comentário do interactante Sergio

***Eliane**, jornalista do melhor Jornal do Brasil, não é porque seja paulistano, mas é o melhor, no que se refere ao **Impeachment**, o Collor por muito pouco levou esse remédio jurídico, **a Dilma** quebrou o Brasil, é psicopata, e quer ela e o **PT**, implantar **a ditadura**, cercear o povo se manifestar, veja no facebook, jornalista faz comentários cortar. infelizmente nós estamos num país sem lei. Parabéns novamente.*

No início do comentário, o participante se dirige à jornalista, “Eliane”, o que determina a intertextualidade explícita de referência. Sergio reativa do texto-fonte as informações: *Impeachment*, Dilma Rousseff, Collor e o PT, o que implica a intertextualidade explícita do tipo citação. Em relação à informação nova ‘a ditadura’ esta é uma alusão à repressão policial que, na época, ocorria contra as manifestações a favor do *Impeachment*. Deste modo, a relação de intertextualidade neste comentário é híbrida. A relação intertextual híbrida pode ser percebida igualmente nos textos dos participantes Marylia e Claudio:

Exemplo 68: Comentário da interactante Marylia

Coerente. Absolutamente pertinente. Excelente texto. Que bom que temos você para dizer tudo isso pra nós. Um abraço com sua ética e dignidade.

Exemplo 69: Comentário da interactante Claudio

Assunto para atrair leitores. Em breve, apoio ao impeachment.

No comentário de Marylia, o pronome de terceira pessoa ‘você’ faz referência à jornalista, de modo impessoal, o que determina a relação intertextual de referência. O sintagma nominal simples “tudo isso” é um encapsulador do texto-fonte, por isso, este sintagma encapsulador faz alusão ao que foi tratado no texto-fonte, o que caracteriza a intertextualidade implícita. A referência e a alusão determinam a intertextualidade híbrida.

O participante Claudio usa, também, o encapsulador ‘assunto’, que faz alusão ao que foi abordado pela jornalista no texto-fonte, o que caracteriza a intertextualidade implícita. Já ‘ao impeachment’ é uma retomada de tópico discursivo, o qual revela a relação intertextual do tipo citação. A alusão e a citação juntas são características de intertextualidade híbrida. O comentário da interactante Vania apresenta, somente, a relação intertextual implícita:

Exemplo 70: Comentário da interactante Vania

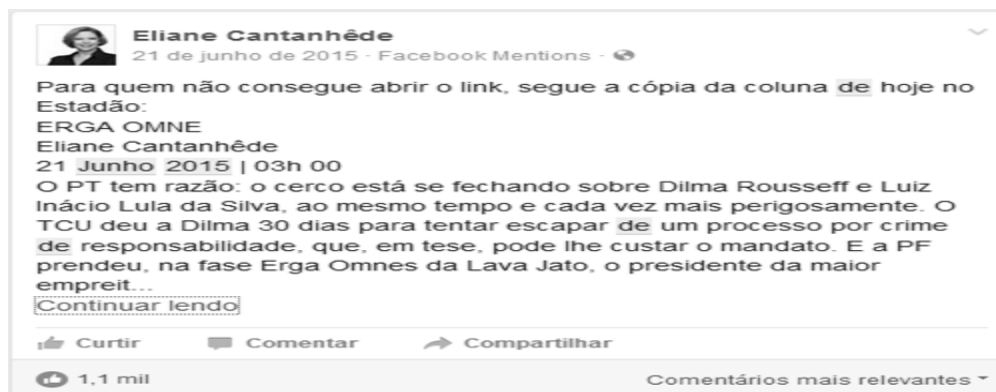
Saber votar ainda é o melhor caminho.

A forma anafórica indireta, em destaque no comentário, “Saber votar” não retoma e não recategoriza quaisquer referentes textuais do texto-fonte. Este sintagma é um referente textual introdutor, o qual, implicitamente, faz alusão ao que é discutido no texto-fonte “*Impeachment or not impeachment*”.

O próximo par metatextual é constituído pelo texto-fonte “*Erga Omnes*”, publicado em junho de 2015. Erga Omnes é uma designação latina que faz parte do contexto jurídico e seu significado explicita que a lei é para todos. A designação latina serviu de alcunha para a operação da polícia federal que desde 2014 investiga a corrupção de renomados empresários. Nesta operação, foi preso o empresário Marcelo Odebrecht, presidente de uma das maiores empresas de engenharia do Brasil, fato que foi de grande repercussão no contexto político.

6.2 Par metatextual II: “Erga Omnes”

Figura 21 – Texto-fonte “Erga Omnes”



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 06/2015.

O PT tem razão: o cerco está se fechando sobre Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva, ao mesmo tempo e cada vez mais perigosamente. O TCU deu a Dilma 30 dias para tentar escapar de um processo por crime de responsabilidade, que, em tese, pode lhe custar o mandato. E a PF prendeu, na fase Erga Omnes da Lava Jato, o presidente da maior empreiteira do País, Marcelo Odebrecht, que pode empurrar Lula para o olho do furacão.

Mesmo sem o processo contra Dilma e mesmo se a Odebrecht não chegar objetivamente a Lula, o desgaste político de ambos e do PT é gigantesco. Já teria enorme dramaticidade se a presidente tivesse índices pelo menos razoáveis nas pesquisas, as relações entre Executivo e Legislativo corressem dentro da normalidade, a economia fosse de vento em popa e a opinião pública estivesse acomodada. Ao contrário, o tranco ocorre quando a popularidade de Dilma é de dar dó e o ambiente é justamente o oposto.

Quanto mais frágeis a presidente e seu fiador, mais o País depende da liderança e da responsabilidade do seu Congresso e dos seus partidos políticos. Pois os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha, e do Senado, Renan Calheiros, estão ambos sob investigação do Supremo Tribunal Federal, aliás, pela mesma Lava Jato que envolve Lula numa névoa de desconfiança.

Quanto mais Dilma e Lula perdem credibilidade e aura, mais desesperadamente precisam que a economia demonstre fôlego, mas, a cada dado, a recuperação parece ainda mais distante. A nova previsão de crescimento e os últimos indicadores de inflação e de emprego

são de nocautear até os otimistas mais aguerridos. Recuamos 20 anos – sem falar de Petrobrás e do setor elétrico.

Por fim, quanto mais Dilma e Lula diminuem, mais aumenta o grau de participação da sociedade. Congressos, seminários e debates se multiplicam freneticamente pelo País, com as manifestações ainda fresquinhas na memória e a internet inundando a discussão de radicalização com viés anárquico – contra tudo, contra todos.

Além da irritação, o clima é de grande perplexidade mesmo em Brasília, onde habitam os mais experientes e frios observadores da cena nacional, sempre tão agitada, geralmente imprevisível, às vezes chocante. A diferença, desta vez, é que não há previsões, não se vê luz no fim do túnel, não se trabalha a convergência para uma saída segura.

As perguntas já pululavam quando Dilma queimou a largada do segundo mandato, mas agora elas pairam como fantasmas e se concentram, naturalmente, sobre quem está no poder: Lula escapa? Dilma tem condições de concluir o mandato? O que acontece se ela cair? E o que acontece se ela ficar? Como serão os próximos meses? E os próximos anos?

Assim com há as “dores do crescimento”, há a agonia dos estertores. A sensação, neste momento, é de que o País se sente num fim de ciclo, sufocado, sem entender direito o que se passa e sem ter a mínima ideia do que o espera ali na frente, a curto prazo, ou lá no horizonte, a longo prazo.

É como se o governo estivesse à deriva, ao sabor de ventos e marés nem sempre amistosos, às vezes cruéis, e sem líderes e partidos que possam assumir o leme. Há, assim, uma imobilidade perturbadora: a falta de liderança gera a falta de perspectiva, e a falta de perspectiva abala ainda mais as já anêmicas lideranças.

Dilma encerra o ciclo e o mundo político, em vez de buscar respostas e criar mutirões para a emergência, só pensa, come, dorme e sonha com 2018. Mas, como já lembrou machadianamente o petista José Guimarães, líder do governo na Câmara, “antes de 2018, tem 2015, 2016, 2017...”. Vale para o PT, mas que a oposição não se engane: vale também para todo o resto. Erga Omnes.

Com o artigo “Erga Omnes”, a jornalista discute, especificamente, os problemas “atravessados” no segundo mandato de Dilma Rousseff. Segundo a jornalista, a crise política do segundo mandato de Dilma afetou a econômica do país e, conseqüentemente, a popularidade da mesma, além de “fragilizar” a influência política de Luís Inácio Lula da Silva.

I - Análise dos elementos dos referentes textuais no texto-fonte e as suas respectivas funções discursivas

Os referentes Dilma Rousseff e Luís Inácio Lula da Silva são elementos introduzidos, ativados, desde início do artigo e, durante o processamento textual, são reativados, como poderá ser verificado nas cadeias anafóricas dos referentes textuais. A progressão destes referentes explicita a continuidade tópica como propõe Koch (2002) que torna ‘Dilma’ e ‘Lula’ os tópicos discursivos do texto-fonte, “Erga Omnes”. O foco da discussão de Cantanhêde está nestes dois referentes textuais.

Estes referentes introduzidos no texto-fonte possibilitam a introdução de outros referentes textuais, classificadas como informações novas. Isto resulta na relação dado e novo. Essa relação indica um fluxo das informações no texto. Um processo cognitivo de ativação e de reativação das informações, em que a ativação implica na introdução de referente textual e a sua reativação determina, de acordo com o propósito comunicativo do produtor do texto, as funções discursivas de manutenção, de retomada, de recategorização, de recategorização avaliativa e ainda de recategorização por encapsulamento.

Portanto, o referente textual ativado na superfície textual é uma informação nova. Já, a reativação deste referente textual indica que é uma informação dada, por estar, cognitivamente, localizada na superfície textual. O conceito de tópico discursivo se aplica nas informações dadas, isto é, nas informações reativadas. Assim, os referentes textuais com função de tópicos discursivos são:

- 1) Dilma Rousseff
- 2) Luis Inácio Lula da Silva.

As funções discursivas presentes nas cadeias anafóricas destes referentes textuais nos permitem compreender a condução temática que a jornalista efetua em sua argumentação. Corroborando o pensamento de Cortez e de Koch (2013), as escolhas linguísticas feitas pelo produtor do texto na (re)construção dos objetos do discurso são bastante reveladoras do ponto de vista do produtor. Logo, observemos as funções discursivas na cadeia de “Dilma Rousseff”:

Dilma Rousseff (Introdutor – 1º parágrafo) ↔ a Dilma (1º parágrafo) ↔ lhe (1º parágrafo) ↔ a presidente (2º parágrafo) ↔ a presidente (3º parágrafo) ↔ seu fiador (3º

parágrafo) ↔ Dilma (4º parágrafo) ↔ Dilma (4º parágrafo) ↔ Dilma (6º parágrafo) ↔ Dilma (6º parágrafo) ↔ ela (6º parágrafo) ↔ ela (6º parágrafo) ↔ Dilma (9º parágrafo).

Predominam, na cadeia, muitas retomadas do nome ‘Dilma’, duas repetições do recategorizador ‘a presidente’ e o uso do recategorizador ‘seu fiador’. Este último sintagma nominal recategorizador faz uma alusão a Luís Inácio Lula da Silva, que expressa uma crítica e uma sutil ironia da jornalista Cantanhêde, para a falta de autonomia de Dilma Rousseff em seu governo. Esta recategorização é extremamente intencional, tem potencial de argumento e exige por parte do leitor o acionamento do conhecimento de mundo para entender a razão do uso deste recategorizador.

Considero que há nas repetidas retomadas do nome Dilma um modo informal ao se referir à Dilma Rousseff. A formalidade é mantida quando a jornalista utiliza o sintagma nominal recategorizador ‘a presidente’, no segundo e no terceiro parágrafos do artigo.

A cadeia anafórica de Dilma Rousseff é a mais extensa do texto ‘Erga Omnes’, diferentemente, da cadeia anafórica do referente textual Luís Inácio Lula da Silva, que não é tão extensa. Além disso, a jornalista em nenhum momento do artigo usa qualquer recategorizador ou qualificador para o referente Lula, de modo contínuo, a jornalista opta pela retomada da manutenção do nome ‘Lula’ feita logo após a introdução do tópico discursivo, como pode ser constatado em sua progressão referencial:

Luís Inácio Lula da Silva (Introdutor – 1º parágrafo) ↔ Lula (1º parágrafo) ↔ Lula (2º parágrafo) ↔ Lula (3º parágrafo) ↔ Lula (4º parágrafo) ↔ Lula (5º parágrafo) ↔ Lula (7º parágrafo).

A ausência de recategorizadores não fragiliza a argumentação sobre o tópico discursivo Lula. As constantes retomadas com o nome ‘Lula’ não agregam outros sentidos, mas mantém este referente ativado na memória de curto termo, pois, a sua reativação implica, neste artigo, uma relação com o referente textual Dilma, conforme pode ser constatado no primeiro, segundo, terceiro, quarto, sétimo parágrafos. Ao reativar o referente Dilma Rousseff, a jornalista em seguida reativa o referente Lula, pois, é sabida a afinidade política existente entre os dois.

Em função destes tópicos discursivos, são introduzidos, no artigo, novos referentes, subtópicos, como, por exemplo, as informações ‘o PT’ (Introdutor-1º parágrafo), ‘o mandato’

(Introdutor-1º parágrafo), ‘um processo de crime de responsabilidade’ (Introdutor-1º parágrafo), ‘fase Erga Omnes da Lava Jato’ (Introdutor-1º parágrafo), ‘Marcelo Odebrecht’ (Introdutor-1º parágrafo), ‘a economia’ (Introdutor- 2º parágrafo), ‘a nova previsão do crescimento’ (Introdutor- 4º parágrafo), ‘as manifestações’ (Introdutor-5º parágrafo), entre outras novas informações. A introdução destas novas informações, na discussão da jornalista, apresenta significativo valor argumentativo para o desenvolvimento das temáticas ‘Dilma Rousseff’ e ‘Luís Inácio Lula da Silva’.

As informações novas inseridas na superfície textual podem apresentar poucas reativações ou ainda podem não ser reativadas. As cadeias abaixo são de referentes textuais que obtiveram poucas reativações:

- 1) *O PT (Introdutor – 1º parágrafo) ↔ PT (2º parágrafo) ↔ O PT (10º parágrafo)*
- 2) *O mandato (Introdutor - 1º parágrafo) ↔ segundo mandato (5º parágrafo)*
- 3) *Um processo de crime de responsabilidade (Introdutor - 1º parágrafo) ↔ o processo (2º parágrafo)*
- 4) *Fase Erga Omnes da Lava Jato (Introdutor – 1º parágrafo) ↔ Lava Jato (3º parágrafo) ↔ Erga Omnes (10º parágrafo)*
- 5) *A economia (Introdutor – 2º parágrafo) ↔ a economia (4º parágrafo)*
- 6) *O governo (Introdutor/encapsulador – 9º parágrafo) ↔ o leme (9º parágrafo)*
- 7) *2018 (Introdutor - 10º parágrafo) ↔ antes de 2018 (10º parágrafo)*

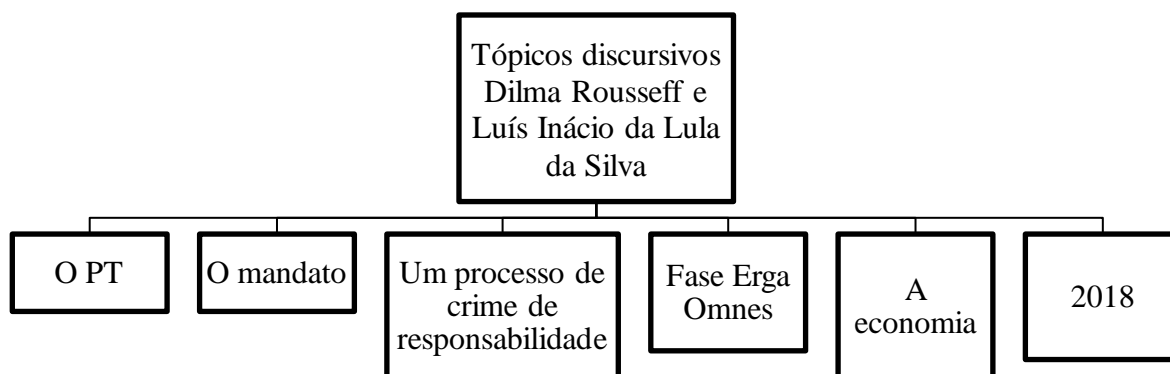
Nestas pequenas cadeias anafóricas, predominam as funções de retomadas de referentes e a manutenção do nome núcleo dos referentes textuais, as quais mantêm os referentes na memória de curto termo. É interessante observar que a introdução de referentes textuais pode ocorrer em qualquer momento da argumentação, como ocorre com o referente textual ‘2018’, o qual é ativado no último parágrafo e reativado uma única vez neste mesmo parágrafo. A referência a 2018 é uma crítica à própria Dilma Rousseff e a outros políticos que

não buscam resolver os problemas políticos e econômicos, mas já pensam em manter seus cargos no próximo ano eleitoral.

Outro aspecto importante sobre as funções discursivas é o uso de formas encapsuladoras, como o sintagma nominal ‘o governo’, que faz referência de modo generalizado à administração de Dilma Rousseff e, com isto, passa a ser uma informação nova no artigo. Este encapsulador é recategorizado com o sintagma nominal simples ‘o leme’, o qual é um metafórico.

Após a análise dos referentes textuais, com base nas funções discursivas, proponho um esquema que especifique os tópicos discursivos do texto-fonte e os subtópicos para perceber a progressão argumentativa do texto-fonte “Erga Omnes”:

Figura 22 - Tópicos discursivos e subtópicos do Texto-fonte “Erga Omnes”



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

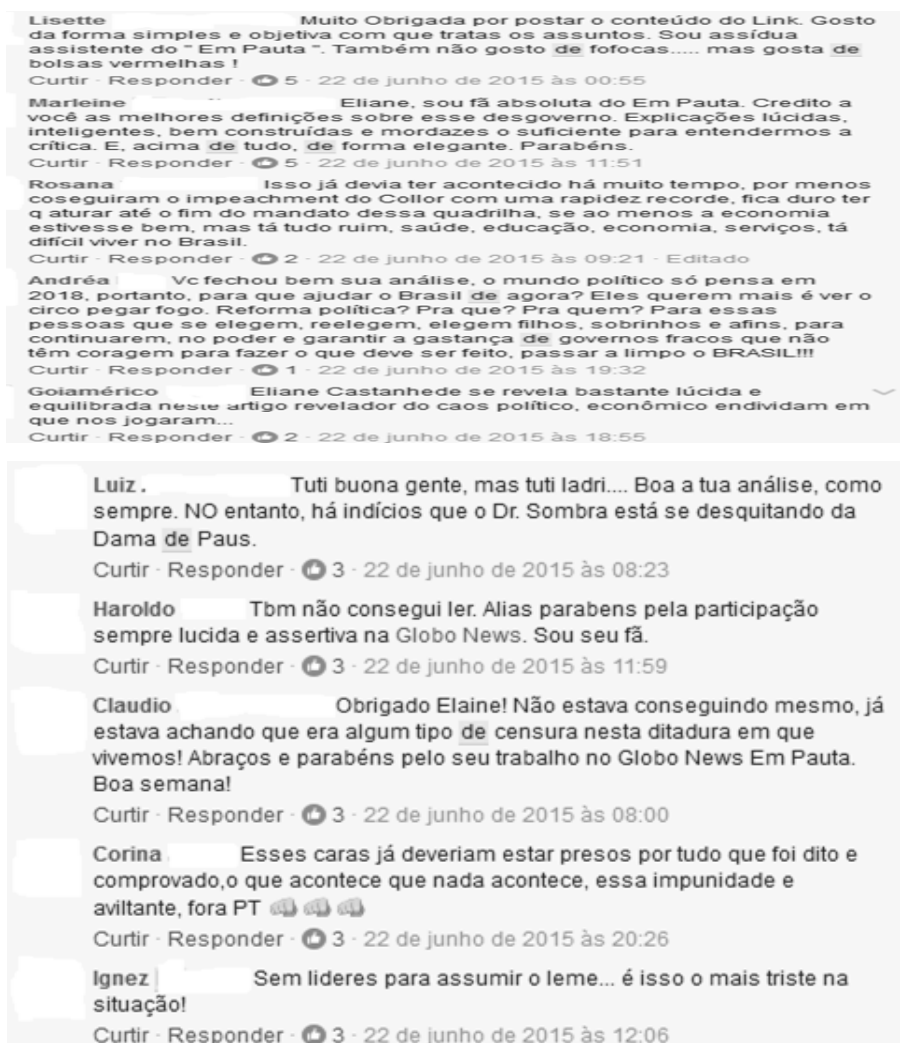
Verifica-se, com o esquema acima, que estas informações são essenciais para a compreensão da discussão, a qual a jornalista Cantanhêde produziu. Assim, se espera que os interactantes reativem estes referentes textuais em seus comentários, sobre o texto-fonte, os quais estão explicitados a seguir.

II- Análise das funções discursivas nos comentários do par metatextual “Erga Omnes”

A seguir, apresenta-se a imagem dos comentários printados do *Facebook* sobre o artigo Erga Omnes. Foram dez comentários escolhidos para a verificação de expressões

anafóricas, direta e indireta, e as funções discursivas que estas estratégias desempenham no gênero.

Figura 23 - Comentários sobre Texto-fonte “Erga Omnes”



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecastanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 06/2015.

O artigo obteve um número considerável de comentários, um total de 36 comentários publicados, além de 28 curtidas e 17 compartilhamentos. A operação da polícia federal *Erga Omnes*, que prendeu Marcelo Odebrecht, foi um fato que inquietou a sociedade brasileira e, principalmente, a esfera política. O primeiro comentário publicado foi da interactante ‘Lisette’, que não reativa qualquer tópico ou subtópico do texto-fonte, como pode ser observado:

Exemplo 71: Comentário da interactante Lisette

Muito Obrigada por postar o conteúdo do Link. Gosto da forma simples e objetiva com que trata os assuntos. Sou assídua assistente do "Em Pauta". Também não gosto de fofocas..... mas gosta de bolsas vermelhas!

No comentário de Lisette, há a reativação do texto-fonte com sintagma nominal simples ‘o conteúdo do Link’, o qual apresenta função de recategorizador. Já o sintagma nominal simples ‘os assuntos’, de função recategorizador, reativa o referente ‘o conteúdo’. A participante Lisette reativa com o recategorizador ‘os assuntos’, todos os temas tratados pela jornalista em seus artigos.

Lisette, ainda, ativa o referente ‘Em Pauta’ programa jornalístico, do qual Cantanhêde participa como comentarista. Este sintagma nominal simples é um caso de anafórico indireto, subtópico ou informação nova.

Os tópicos discursivos desta opinião estão centrados no texto-fonte e na jornalista. A informação nova ‘Em Pauta’ é um subtópico do comentário de Lisette. Na sequência, o comentário da interactante ‘Marleine’ faz referência à jornalista, ao texto-fonte e ao subtópico governo:

Exemplo 72: Comentário da interactante Marleine

Eliane, sou fã absoluta do Em Pauta. Credito a você as melhores definições sobre esse desgoverno. Explicações lúcidas, inteligentes, bem construídas e mordazes o suficiente para entendermos a crítica. E, acima de tudo, de forma elegante. Parabéns.

No comentário, a jornalista é reativada com o nome ‘Eliane’, além de ser acionado o referente ‘Em Pauta’, um anafórico indireto, como fez a interactante Lisette. A participante reativa o texto-fonte ao usar recategorizadores avaliativos: “explicações lúcidas, inteligentes, bem construídas e mordazes”.

Num momento do texto, a interactante usa o sintagma nominal simples ‘esse desgovernos’, o qual reativa e recategoriza o subtópico ‘governo’, introduzido no texto-fonte. O núcleo do sintagma – desgoverno – é uma palavra derivada, a qual expressa uma oposição, com base no prefixo ‘des-’. Está agregada, neste prefixo, uma designação negativa, que, na construção feita por Marleine, adquire sentido depreciativo.

No comentário de Marleine, os tópicos discursivos são a jornalista Cantanhêde, o texto-fonte e subtópico governo, que foi recategorizado pela participante. A informação ‘Em pauta’ é um subtópico, neste comentário. O comentário da interactante Rosana apresenta reativação do subtópico ‘mandato’ e ainda a introdução de referente textual ‘impeachment de Collor’:

Exemplo 73: Comentário da interactante Rosana

*Isso já devia ter acontecido há muito tempo, por menos coseguiram o **impeachment do Collor** com uma rapidez recorde, fica duro ter q aturar até o fim do **mandato dessa quadrilha**, se ao menos a economia estivesse bem, mas tá tudo ruim, **saúde, educação, economia, serviços**, tá difícil viver no Brasil.*

A participante Rosana aciona e introduz o referente ‘o impeachment do Collor’ anafórico indireto, que é subtópico desta opinião, que interrompe a continuidade tópica, pois, os tópicos discursivos deste comentário são os referentes ‘mandato’ e ‘a economia’, os quais eram subtópicos no texto-fonte. O referente ‘mandato’ é recategorizado com o sintagma nominal simples ‘o mandato dessa quadrilha’, em que se observa a indignação da interactante em relação ao governo de Dilma Rousseff. Rosana aciona outras informações novas como ‘saúde’, ‘educação’, ‘serviços’, novos subtópicos em seu texto. A interactante Andréa reativa tópicos e subtópicos do texto-fonte, além de introduzir informação nova:

Exemplo 74: Comentário da interactante Andréa

*Vc fechou bem sua **análise**, o mundo político só pensa em **2018**, portanto, para que ajudar o Brasil de agora? Eles querem mais é ver o circo pegar fogo. **Reforma política**? Pra que? Pra quem? Para **essas pessoas** que se elegendem, reelegendem, elegendem filhos, sobrinhos e afins, para continuarem, no poder e garantir a ganância de **governos fracos** que não têm coragem para fazer o que deve ser feito, passar a limpo o **BRASIL!!!!***

No comentário, Andréa, primeiramente, ativa o referente Eliane Cantanhêde a partir do pronome de tratamento ‘vc’ e do sintagma nominal simples ‘sua análise’, que se refere ao pronome de tratamento. Depois, a participante reativa, a partir da função discursiva retomada, os referentes ‘o mundo político’ e ‘2018’ que são subtópicos do texto-fonte. O referente ‘o

mundo político’ foi introduzido pela jornalista no artigo, no último parágrafo, sem outras reativações neste mesmo parágrafo. Este é um recategorizador que encapsula informações, no texto-fonte.

A participante Andréa, novamente, reativa o referente ‘o mundo político’ com o sintagma nominal simples ‘essas pessoas’, um recategorizador com sentido generalizador, e com o recategorizador avaliativo ‘governos fracos’, um sintagma nominal modificado, que mantém reforçada a ideia de generalização, “qualquer governo é fraco”. Assim, temos a cadeia anafórica:

O mundo político ↔ essas pessoas ↔ governos fracos

Andréa, ainda, introduz a informação nova ‘Reforma política’, um subtópico em seu texto. O termo ‘reforma política’ significa medidas legais que visam a transformar o sistema eleitoral brasileiro, assim, este novo referente está, indiretamente, relacionado com a informação ‘em 2018’, que é o próximo ano eleitoral. Neste comentário, os tópicos discursivos são ‘o mundo político’ e ‘2018’ e o subtópico é ‘Reforma política’. O interactante Goiamérico reativa a jornalista Cantanhêde, o texto-fonte e resume conteúdos do texto-fonte por meio de encapsuladores:

Exemplo 75: Comentário da interactante Goiamérico

Eliane Castanhede se revela bastante lúcida e equilibrada nesse artigo revelador do caos político, econômico endividam em que nos jogaram...

Inicialmente, há a retomada do nome da jornalista, em seguida, o interactante retoma o texto-fonte com sintagma nominal simples ‘nesse artigo’ e, por último, usa os sintagmas nominais simples ‘caos político, econômico’, com função discursiva de recategorizadores, que encapsulam porções do texto-fonte, como o quarto parágrafo do artigo:

Exemplo 76: 4º parágrafo do texto-fonte

Quanto mais Dilma e Lula perdem credibilidade e aura, mais desesperadamente precisam que a economia demonstre fôlego, mas, a cada dado, a recuperação parece ainda

mais distante. A nova previsão de crescimento e os últimos indicadores de inflação e de emprego são de nocautear até os otimistas mais aguerridos.

Neste parágrafo, a jornalista observa a crise política e a econômica vivenciada pelo país. É importante observar que o nome ‘caos’ está elíptico no segundo termo ‘φ econômico’. O substantivo ‘caos,’ que é o núcleo destes recategorizadores, exprime o sentido de desordem, que ocorre tanto na política – caos político - e quanto na economia- φ econômico. O comentário de Goiamérico tem como tópicos discursivos os referentes textuais Eliane Cantanhêde, o texto-fonte e o assunto. O comentário do participante Luiz reativa informações do texto-fonte, de modo criativo:

Exemplo 77: comentário do interactante Luiz

Tuti buona gente, mas tuti ladri ... Boa a tua análise, como sempre. NO entanto, há indícios que o Dr. Sombra está se desquitando da Dama de Paus.

O comentário do participante Luiz é iniciado com dois recategorizadores. O primeiro é um sintagma modificado, constituído pelo adjetivo ‘boa’, com função avaliativa – ‘Tuti buona gente’ -; o segundo é um sintagma nominal simples que similarmente avalia - ‘tuti ladri’- ladrão possui valor qualificador, qualifica os políticos de maneira geral, em que estão incluídos os referentes textuais Dilma Rousseff e Lula.

As expressões ‘Tuti buona gente’ – ‘tudo boa gente’- e ‘tuti ladri’ – ‘tudo ladrão’- são constituídas pelo pronome indefinido ‘tudo’ que indica generalização, sentido este também presente no substantivo ‘gente’ e no adjetivo ‘ladrão’. Estas recategorizações encapsuladoras apresentam perfil de rótulos, que são utilizadas no discurso para expressar um consenso (FRANCIS, 2003), no caso, toda a classe política é constituída por ladrões. Diante do contexto político vivido no Brasil, a classe política brasileira costuma receber rótulos pejorativos.

Diferentemente, as formas anafóricas ‘Dr. Sombra’ e ‘Damas de Paus’, que, da mesma forma, conotam humor e ironia, são recategorizadores dos referentes textuais “Luiz Inácio Lula da Silva” e “Dilma Rousseff”, respectivamente.

O sentido do recategorizador ‘Dr. Sombra’ é de uma pessoa que está nas sombras do governo de Dilma Rousseff. Já, o sentido da recategorização ‘Dama de Paus’ indica que Dilma Rousseff tem comportamento de rainha, pois, a Dama de paus é a rainha no baralho.

Até então, o comentário do participante Luiz foi o primeiro a reativar os tópicos discursivos Dilma Rousseff e Luís Inácio Lula da Silva. Estes também são os tópicos discursivos deste comentário.

É importante destacar o sintagma nominal modificador ‘boa a tua análise’ que recategoriza o referente discursivo texto-fonte. No comentário, também é considerado o tópico discursivo da opinião de Luiz. O comentário do interactante Haroldo reativa apenas a jornalista Cantanhêde:

Exemplo 78: Comentário do interactante Haroldo

*Tbm não conseguir ler. Aliás parabéns pela **participação sempre lúcida e assertiva** na Globo News. Sou seu fã.*

O participante utiliza recategorizadores avaliativos ‘participação sempre lúcida’ e ‘φ assertativa’ para reativar a jornalista Cantanhêde. A jornalista é o tópico discursivo do seu comentário. O comentário produzido pelo interactante Claudio apresenta a reativação dos objetos do discurso Eliane Cantanhêde, o programa Em Pauta, além de ativar novas informações:

Exemplo 79: Comentário do interactante Claudio

*Obrigado **Elaine!** Não estava conseguindo mesmo, já estava achando que era **algum tipo de censura nesta ditadura** em que vivemos! Abraços e parabéns pelo seu trabalho no **Globo News Em Pauta**. Boa semana!*

Os sintagmas nominais ‘algum tipo de censura’ e ‘nesta ditadura’ são informações novas, subtópicos, anafóricos indiretos, em que sua compreensão se realiza com o acionamento do conhecimento de mundo, que também foi acionado ao ativar a informação ‘reforma política’, no comentário da Andréa. O comentário da interactante Corina reativa informação do texto-fonte e introduz o referente textual.

Exemplo 80: Comentário da interactante Corina

Esses caras já deveriam estar presos por tudo que foi dito e comprovado, o que acontece que nada acontece, essa impunidade e aviltante, fora PT.

Corina faz uso do recategorizador ‘Esses caras’ e uso do introdutor ‘essa impunidade’. A primeira forma anafórica é considerada uma recategorização encapsuladora, constituída pelo pronome demonstrativo ‘esses’ e pelo substantivo generalizador ‘caras’, aliás, este apresenta sentido pejorativo. O encapsulador reativa os políticos, neste incluídos os tópicos discursivos Dilma Rousseff e Lula.

Já, a expressão definida ‘essa impunidade’ é uma forma anafórica indireta, uma informação nova, a qual se relaciona com o que está sendo tratado no texto-fonte, de forma indireta. A participante Corina, ainda, reativa o referente ‘PT’, que é subtópico do texto-fonte. Desta forma, Corina determina os políticos, generalizadamente, como o tópico discursivo do seu comentário.

A interactante Ignez reativa o referente textual ‘sem líderes’, introduzido no 9º parágrafo do texto-fonte, além do sintagma que recategoriza o referente textual ‘o governo’, do texto-fonte:

Exemplo 81: Comentário da interactante Ignez

Sem líderes para assumir o leme ... é isso o mais triste na situação!

Logo, no comentário sucinto de Ignez, as formas anafóricas ‘sem líderes’ e ‘o leme’ são os tópicos discursivos no comentário de Ignez. Pode ser constatado na análise destes comentários que os interactantes reativam os referentes discursivos a jornalista Eliane Cantanhêde, o texto-fonte (o artigo Erga Omnes), o conteúdo do artigo (assunto), os tópicos discursivos (informações dadas) e os subtópicos (informações novas).

Após a análise das funções discursivas nos comentários, inicia a terceira etapa da avaliação dos dados, qual seja determinar o perfil de intertextualidade, conforme as funções discursivas constatadas nos comentários dos interactantes.

III - Análise das relações de intertextualidade conforme as funções discursivas presentes nos comentários

O primeiro comentário é da interactante Lisette. As categorias analisadas, neste comentário, são os sintagmas nominais simples ‘o conteúdo do Link’, ‘os assuntos’ ‘Em Pauta’:

Exemplo 82: Comentário de Lisette

Muito Obrigada por postar o conteúdo do Link. Gosto da forma simples e objetiva com que trata os assuntos. Sou assídua assistente do "Em Pauta". Também não gosto de fofocas..... mas gosta de bolsas vermelhas!

Os dois recategorizadores ‘o conteúdo do Link’ e ‘os assuntos’ e o referente textual introdutor ‘Em Pauta’ são funções discursivas que sinalizam para relação de intertextualidade implícita, com perfil de alusão. Esta alusão demonstra uma concordância indireta de ponto de vista entre a participante Lisette com a jornalista Cantanhêde. No comentário da interactante Marleine, as funções discursivas sinalizam para informações que indicam a intertextualidade explícita e informações que indicam a intertextualidade implícita:

Exemplo 83: Comentário da interactante Marleine

Eliane, sou fã absoluta do Em Pauta. Credito a você as melhores definições sobre esse desgoverno. Explicações lúcidas, inteligentes, bem construídas e mordazes o suficiente para entendermos a crítica. E, acima de tudo, de forma elegante. Parabéns.

Os introdutores ‘Eliane’ e ‘Em Pauta’ manifestam a intertextualidade explícita do tipo referência. Os recategorizadores avaliativos ‘esse desgoverno’ e ‘Explicações lúcidas, inteligentes, bem construídas e mordazes’ são alusões às informações do texto-fonte e ao próprio texto-fonte que indicam a intertextualidade implícita.

Neste comentário, a intertextualidade é híbrida ou mesclada, pois, logo, ao fazer, principalmente, referência ao nome da jornalista, a participante Marleine se remete ao “outro” no discurso. Cantanhêde é a sua interlocutora direta. As recategorizações avaliativas, implicitamente, indicam uma identidade discursiva do ponto de vista de Marleine com o ponto de vista de Cantanhêde sobre o tema discutido no texto-fonte. O comentário da participante Rosana é constituído por funções discursivas que sinalizam para uma intertextualidade híbrida:

Exemplo 84: Comentário da interactante Rosana

*Isso já devia ter acontecido há muito tempo, por menos coseguiram o **impeachment do Collor** com uma rapidez recorde, fica duro ter q aturar até o fim do **mandato dessa quadrilha**, se ao menos **a economia** estivesse bem, mas tá tudo ruim, **saúde, educação, economia, serviços**, tá difícil viver no Brasil.*

No perfil da explicitude se enquadra o sintagma nominal simples ‘o mandato dessa quadrilha’, em que o nome ‘mandato’ é uma manutenção do referente. Intertextualmente, é uma citação do referente textual ‘mandato’ numa recategorização. A explicitude intertextual também está no sintagma nominal simples ‘a economia’.

Os referentes introdutores ‘o impeachment do Collor’, ‘saúde’, ‘educação’ fazem alusão a informações que são recuperadas discursivamente.

Esta relação do explícito com o implícito marca uma intertextualidade híbrida, em que a participante Rosana sinaliza uma concordância de ponto de vista com a jornalista, além de marcar uma singularidade ao trazer informações novas ao seu comentário, que determinam o acionamento de maneira mais ampla do contexto sociocognitivo.

O perfil intertextual do comentário da interactante Andréa é híbrido ou mesclado, por causa das funções discursivas de reativação de informações do texto-fonte e de introdução de informação nova, a qual é recuperada discursivamente:

Exemplo 85: Comentário da interactante Andréa

*Vc fechou bem sua **análise**, o mundo político só pensa **em 2018**, portanto, para que ajudar o Brasil de agora? Eles querem mais é ver o circo pegar fogo. **Reforma política?** Pra que? Pra quem? Para **essas pessoas** que se elege, reelegem, elege filhos, sobrinhos e afins, para continuarem, no poder e garantir a ganância de **governos fracos** que não têm coragem para fazer o que deve ser feito, passar a limpo o **BRASIL!!!!***

A intertextualidade explícita ocorre com a referência à jornalista, conforme o uso do pronome de tratamento ‘vc’ e o uso do sintagma nominal simples ‘sua análise’, em que estas categorias determinam a interlocução entre a participante Andréa e a jornalista Cantanhêde. Além da referência, a intertextualidade explícita se dá com a citação de duas informações do texto-fonte ‘o mundo político’ e ‘em 2018’.

A intertextualidade implícita tem como âncora o recategorizador ‘essas pessoas’, um encapsulador, e com o recategorizador avaliativo ‘governos fracos’, dois sintagmas de sentido generalizador, em que a compreensão destes se dá na relação do texto-fonte com o contexto, diferentemente, da intertextualidade implícita presente na informação nova ‘reforma política’, pois, para a compreensão desta é necessário acessar o contexto.

Neste comentário, são observados os dois perfis de explicitude (referência e citação) e duas distintas condições de alusão, uma calcada na relação co-texto com o contexto e a outra calcada na relação com o contexto. É uma intertextualidade complexa, que demonstra uma relação entre pontos de vistas e ainda uma singularidade da interactante Andréa com base nas particularidades de alusão. Esta singularidade pode ser reconhecida como índice de autoria, em que a participante dialoga com a jornalista não se baseando apenas no ponto de vista da jornalista, mas apresentando avaliações e argumentos novos de próprio cunho. No exemplo do comentário do interactante Goiamérico, as funções discursivas indicam que a intertextualidade é marcada pela referência e pela alusão, sendo híbrida:

Exemplo 86: Comentário da interactante Goiamérico

Eliane Castanhede se revela bastante lúcida e equilibrada nesse artigo revelador do caos político, econômico endividam em que nos jogaram...

A intertextualidade explícita ocorre a partir da referência ao nome da jornalista – Eliane Cantanhêde - e ao próprio texto-fonte como se este fosse um objeto do discurso que é reativado pelo uso do sintagma simples ‘nesse artigo’. A intertextualidade por alusão é expressa pelos recategorizadores ‘caos político, econômico’ que é uma menção à crise política e econômica do Brasil, abordada no texto-fonte.

Portanto, no comentário, a relação intertextual é híbrida, pois, o ponto de vista do participante Goiamérico manifesta uma interlocução com a jornalista e seu artigo de opinião, além disto, os recategorizadores orientam para formação da autoria na opinião de Goiamérico. As recategorizações que compõem o comentário do participante Luiz orientam para a intertextualidade implícita:

Exemplo 87: Comentário do interactante Luis

Tuti buona gente, mas tuti ladri ... Boa a tua análise, como sempre. NO entanto, há indícios que o Dr. Sombra está se desquitando da Dama de Paus.

Os recategorizadores ‘*tuti buona gente*’, ‘*tuti ladri*’, ‘o Dr. Sombra’ e ‘Dama de Paus’ expressam a alusão aos referentes textuais apresentados no texto-fonte, em que a sua compreensão demanda da relação do texto-fonte com o contexto. Já o recategorizador ‘boa a tua análise’ faz alusão à abordagem desenvolvida pela jornalista sobre os tópicos discursivos ‘Dilma Rousseff’ e ‘Luis Inácio Lula da Silva’

Logo, o ponto de vista do participante Luiz orienta, indiretamente, para uma concordância com a jornalista Cantanhêde, além de explicitar autoria com base nos recategorizadores ‘*tuti buona gente*’, ‘*tuti ladri*’, ‘o Dr. Sombra’ e ‘Dama de Paus’. O comentário do interactante Haroldo por reativar apenas a jornalista Cantanhêde, a partir de recategorizadores, orienta para uma intertextualidade implícita:

Exemplo 88: Comentário do interactante Haroldo

*Tbm não conseguir ler. Aliás parabéns pela **participação sempre lúcida e assertiva** na Globo News. Sou seu fã.*

O participante Haroldo faz, implicitamente, uma alusão à jornalista com os sintagmas avaliativos ‘participação sempre lúcida’ ‘assertiva’. O comentário produzido pelo interactante Claudio apresenta a reativação dos objetos do discurso Eliane Cantanhêde, o programa Em Pauta, além de ativar novas informações:

Exemplo 89: Comentário do interactante Claudio

*Obrigado **Elaine!** Não estava conseguindo mesmo, já estava achando que era **algum tipo de censura nesta ditadura** em que vivemos! Abraços e parabéns pelo seu trabalho no **Globo News Em Pauta**. Boa semana!*

Essas funções discursivas determinam a intertextualidade híbrida, em que a explicitude é marcada pela referência à jornalista e ao programa jornalístico. Já a implicitude está na informação nova ‘algum tipo de censura nesta ditadura’, alusão esta que é recuperada

no contexto discursivo. Tais aspectos intertextuais, na opinião de Claudio, designam a intertextualidade como híbrida.

Este hibridismo intertextual explicita a existência de uma cumplicidade de ponto de vista, mas com uma autonomia discursiva refletida na informação nova. As funções discursivas presentes no comentário da interactante Corina podem ser classificadas como intertextualidade híbrida, a qual é mesclada pelo uso da citação e da alusão:

Exemplo 90: Comentário da interactante Corina

Esses caras já deveriam estar presos por tudo que foi dito e comprovado, o que acontece que nada acontece, essa impunidade e aviltante, fora PT.

No nível da citação, está a informação ‘PT’. Já no nível da alusão está o recategorizador encapsulador ‘estas pessoas’ e o referente introduzido ‘essa impunidade’. A relação de implicitude textual do recategorizador encapsulador ‘esses caras’ demanda o acionamento do contexto do texto-fonte e também do contexto. Já a implicitude intertextual do introdutor ‘essa impunidade’ é recuperada no contexto discursivo.

O hibridismo intertextual reflete que Corina mantém uma identidade discursiva com Cantanhêde, além de dar uma identidade em sua opinião ao recategorizar os políticos com o encapsulador ‘esses caras’ e, também, acrescentar uma informação nova a partir do sintagma nominal ‘essa impunidade’. A função discursiva usada pela interactante Ignez determina a intertextualidade explícita:

Exemplo 91: Comentário da interactante Ignez

Sem líderes para assumir o leme ... é isso o mais triste na situação!

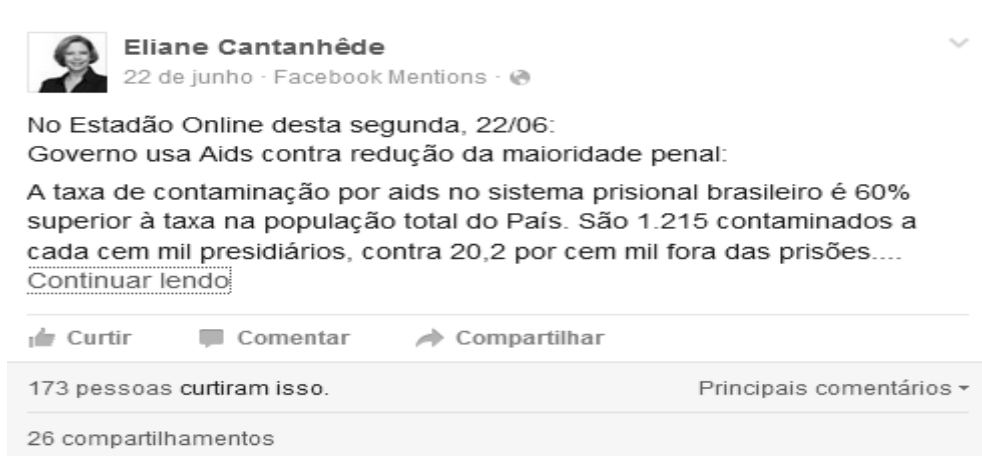
Os dois sintagmas ‘sem líderes’ e ‘o leme’ são citações de informações presentes no texto-fonte. Isto é uma repetição de ideias que indica uma relação entre os pontos de vistas de Ignez com a jornalista Cantanhêde.

O próximo par metatextual tem como texto-fonte o artigo de opinião ‘Governo usa aids contra a redução da maioria penal’. O tema a respeito da maioria penal foi amplamente discutido na sociedade devido a fatos graves de violência urbana cometidos por menores de dezoito anos, como o assalto acompanhado de assassinato a um médico que anda

de bicicleta na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Assim, o congresso colocou em pauta a votação para a redução da maioria penal.

6.3 Par metatextual III: Governo usa AIDS contra a redução da maioria penal

Figura 24 – Texto-fonte Governo usa AIDS contra a redução da maioria penal



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 06/2015.

A taxa de contaminação por aids no sistema prisional brasileiro é 60% superior à taxa na população total do País. São 1.215 contaminados a cada cem mil presidiários, contra 20,2 por cem mil fora das prisões.

Os dados fazem parte de um detalhado estudo que será divulgado oficialmente nesta segunda-feira, 22, pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, em sua cruzada contra os projetos em tramitação no Congresso para a redução da idade penal de 18 para 16 anos.

"Está evidente que um jovem que entrar no sistema carcerário terá uma propensão muitíssimo maior de sair de lá com aids. Se é que vai conseguir sair vivo de lá", disse o ministro à reportagem.

Além da questão de saúde, Cardozo aponta outros problemas graves da eventual redução da maioria penal, em fase de votação pela Câmara dos Deputados. Um deles é a da superlotação dos presídios.

"O sistema vai explodir. Aliás, o sistema já está explodido", disse o ministro, estimando que, caso a redução seja aprovada, esse sistema será sobrecarregado a cada ano

por mais 40 mil jovens que responderem por apenas um tipo de crime, o tráfico de drogas. Ele explicou que os projetos em estudo preveem a redução no caso de crime hediondo. O tráfico é enquadrado nessa categoria.

O estudo, segundo ele, comprova que já há hoje um déficit de 231 mil vagas no sistema prisional e que o tempo médio de construção de presídios é de quatro anos. Em 2011, a presidente Dilma Rousseff autorizou R\$ 1,1 bilhão para 40 mil novas vagas e elas ainda não foram entregues. Ele cita também dados do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) comprovando que 459 mil mandados de prisão não tinham sido cumpridos até novembro de 2014.

Ao enumerar o que considera "efeitos colaterais" da eventual redução, José Eduardo Cardozo disse que a redução vai na contramão do que ocorre em países desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos, onde não há limite de idade para processar e condenar jovens, em alguns estados até mesmo à pena de morte, mas a discussão para estabelecer esse limite cresce a cada ano.

Ele teme, ainda, que, por mais que haja unidades diferenciadas ou espaços reservados para jovens nos grandes presídios, a tendência é que "a molecada passe a ser gado arrebanhado pelas organizações criminosas que agem dentro das penitenciárias". Segundo ele, o risco é que "o jovem entre como 'aviãozinho' (que transporta pequenas quantidades de drogas) e saia com diploma de traficante".

Cardozo defende o projeto do senador José Serra (PSDB-SP), que mantém a idade penal em 18 anos, mas aumenta o tempo de internação com base no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) de três para dez anos em caso de crimes graves. Ao mesmo tempo, o ministro se opõe ao projeto que está sendo negociado entre a bancada do PSDB na Câmara e o presidente da Casa, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que, na sua opinião, reduz a idade penal na prática.

Nesse caso, acrescentou o ministro, o jovem que cometer crimes listados como hediondos deixa de ser julgado pelo ECA e passa a ser julgado pelo Código Civil, como adulto. Assim, deixa de ser inimputável e conquista, por exemplo, dois direitos. Um, diretamente, de dirigir automóveis. Outro, indiretamente, de poder consumir bebidas alcoólicas.

O governo tem pressa na discussão da questão, pois Eduardo Cunha já anunciou que a maioria pode ser votada pela Câmara ainda neste mês.

No artigo, fica evidenciada a posição contra o projeto de redução da maioria de 18 para 16 anos do governo de Dilma Rousseff, representado pelo Ministro da justiça José Eduardo Cardozo, o qual usa o argumento sobre o aumento do vírus da aids no sistema prisional para evitar a presença de menores nos presídios.

I – Análise dos elementos dos referentes textuais no texto-fonte e as suas respectivas funções discursivas

A jornalista Cantanhêde, logo, no início do seu artigo, apresenta para seu leitor as informações sobre um estudo realizado sobre a contaminação por aids no sistema prisional brasileiro. A jornalista, no segundo parágrafo, observa que os dados deste estudo seriam apresentados pelo ministro da justiça, José Eduardo Cardozo, para discutir a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos. Tais informações contextualizam o leitor e orientam os mesmos para as informações principais que serão tratadas no artigo e que são referentes textuais introduzidos, ativados no artigo de opinião:

Exemplo 92: 1º e 2º parágrafos do texto-fonte

A taxa de contaminação por aids no sistema prisional brasileiro é 60% superior à taxa na população total do País. São 1.215 contaminados a cada cem mil presidiários, contra 20,2 por cem mil fora das prisões.

*Os dados fazem parte de um detalhado estudo que será divulgado oficialmente nesta segunda-feira, 22, pelo **ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo**, em sua cruzada contra os projetos em tramitação no Congresso para **a redução da idade penal de 18 para 16 anos**.*

Observa-se, nestes parágrafos, que são introduzidos os referentes textuais: ‘a taxa de contaminação por aids’ ‘sistema prisional brasileiro’, ‘ministro da justiça’ e ‘a redução da idade penal de 18 para 16 anos’. Estes referentes textuais são reativados pela jornalista, no desenvolvimento da argumentação. Entretanto, com base em suas cadeias anafóricas, é verificado que nem todos os referentes introduzidos, nos primeiros parágrafos do artigo, são reativados em todos os parágrafos do texto, além disso, o referente textual ‘a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos’ possibilita a inserção de outro referente textual como é o caso do referente ‘um jovem’, presente no argumento do ministro da justiça:

Exemplo 93: 3º parágrafo do texto-fonte

*"Está evidente que **um jovem** que entrar no sistema carcerário terá uma propensão muitíssimo maior de sair de lá com aids. Se é que vai conseguir sair vivo de lá", disse o ministro à reportagem.*

Isto pode ser constatado também com o referente textual 'a superlotação dos presídios', mencionado pelo ministro da justiça, uma anáfora indireta, conforme o exemplo:

Exemplo 94: 4º parágrafo do texto-fonte

*Além da questão de saúde, Cardozo aponta outros problemas graves da eventual redução da maioria penal, em fase de votação pela Câmara dos Deputados. Um deles é a **superlotação dos presídios**.*

A primeira cadeia anafórica é do introdutor 'a taxa de contaminação por aids', a base da argumentação do governo contra a redução da maioria penal de 18 anos para 16 anos:

1) Cadeia anafórica: a taxa de contaminação por aids

A taxa de contaminação por aids (Introdutor – 1º parágrafo) ↔ à taxa na população total do país (1º parágrafo) ↔ os dados (2º parágrafo) ↔ aids (3º parágrafo)

A cadeia sinaliza que o referente textual 'a taxa de contaminação por aids' é reativado nos três primeiros parágrafos do artigo e, neste processo de reativação, se observa na cadeia anafórica duas recategorizações – 'à taxa na população total do país' e 'os dados' – e a manutenção do nome 'aids'. As recategorizações se dão por meio de sintagmas nominais complexos, sem uso de elementos linguísticos modificadores que transpareçam o ponto de vista da jornalista. A partir destas reativações, é constatado que este referente apresenta poucas reativações no texto, o que o torna um subtópico, uma informação nova, a qual não é reativada com frequência, diferentemente, do referente 'ministro da justiça':

2) Cadeia anafórica: ministro da justiça

Ministro da justiça (Introdutor – 2º parágrafo) ↔ José Eduardo Cardozo (2º parágrafo) ↔ em sua cruzada (2º parágrafo) ↔ o ministro (3º parágrafo) ↔ Cardozo (4º parágrafo) ↔ o ministro (5º parágrafo) ↔ ele (5º parágrafo) ↔ ele (6º parágrafo) ↔ ele (6º parágrafo) ↔ José Eduardo Cardozo (7º parágrafo) ↔ ele (8º parágrafo) ↔ segundo ele (8º parágrafo) ↔ Cardozo (9º parágrafo) ↔ o ministro (9º parágrafo) ↔ na sua opinião (9º parágrafo) ↔ o ministro (10º parágrafo).

Na cadeia do referente textual ‘ministro da justiça’, o qual foi introduzido no 2º parágrafo, a reativação ocorre, em vários momentos do texto, por meio

- a) da recategorização ‘José Eduardo Cardozo’;
- b) das recategorizações com sintagmas nominais simples ‘em sua cruzada’ e ‘na sua opinião’;
- c) da manutenção do núcleo do referente no sintagma nominal simples ‘o ministro’;
- d) da manutenção do sobrenome Cardoso (neste caso, há a manutenção do nome/núcleo de uma recategorização);
- e) da retomada com o pronome de terceira pessoa do singular ‘ele’.

A quantidade de reativações de ‘ministro da justiça’, no artigo, explicita que a jornalista Cantanhêde tem como propósito destacar a opinião do ministro da justiça sobre a questão da redução da maioria penal, o que é confirmado com o sintagma nominal simples ‘na sua opinião’, em que o pronome possessivo orienta para os argumentos do ministro apresentados, no artigo. O ministro da justiça é um dos tópicos discursivos do artigo. As reativações do referente textual ‘o ministro da justiça’, na progressão do texto, o torna uma informação dada (KOCH, 2002), por isso, que este adquire a condição de tópico discursivo.

É ainda interessante observar que a manutenção que ocorre com o uso do sobrenome ‘Cardozo’ expressa um momento de informalidade no modo da jornalista se referir ao ministro da justiça.

O referente textual ‘a redução da idade penal de 18 para 16 anos’ apresenta, igualmente, consideráveis menções no artigo, como pode ser verificado na cadeia anafórica do mesmo:

3) Cadeia anafórica: a redução da idade penal de 18 para 16 anos

A redução da idade penal de 18 para 16 anos (Introdutor – 2º parágrafo) ↔ eventual redução da maioridade penal (4º parágrafo) ↔ a redução (5º parágrafo) ↔ a redução (5º parágrafo) ↔ a redução (7º parágrafo) ↔ a idade penal em 18 anos (9º parágrafo) ↔ a idade penal (9º parágrafo) ↔ discussão da questão (11º parágrafo) ↔ a maioridade (11º parágrafo).

O referente textual foi introduzido no 2º parágrafo do artigo e a sua reativação ocorre no 4º parágrafo pelo sintagma complexo ‘eventual redução da maioridade penal’, o qual se caracteriza como um recategorizador avaliativo, pois, o adjetivo ‘eventual’ sugere a incerteza na aprovação da redução da maioridade penal. O adjetivo neste sintagma não expressa uma valoração, mas uma consideração sobre o referente textual.

Há, ainda, a retomada na manutenção do núcleo do referente textual com o sintagma nominal simples ‘a redução’, com três ocorrências em distintos parágrafos; a retomada a partir da manutenção da informação ‘a idade penal em 18 anos’ e ‘a idade penal’ e as recategorizações ‘discussão da questão’ e ‘a maioridade’, com sintagmas nominais simples. Todas estas reativações tornam o referente textual ‘a redução da idade penal de 18 para 16 anos’ uma informação dada, de modo que as retomadas recategorizações determinam a condição de tópico discursivo do artigo.

Outra informação que apresenta reativações recorrentes é do referente textual ‘sistema prisional brasileiro’, que, com base na cadeia anafórica, pode ser definida como tópico discursivo:

4) Cadeia anafórica: sistema prisional brasileiro

Sistema prisional brasileiro (Introdutor - 1º parágrafo) ↔ cem mil presidiários (1º parágrafo) ↔ prisões (1º parágrafo) ↔ sistema carcerário (3º parágrafo) ↔ o sistema (5º parágrafo) ↔ o sistema (5º parágrafo) ↔ esse sistema (5º parágrafo) ↔ sistema prisional (6º parágrafo) ↔ presídios (6º parágrafo) ↔ grandes presídios (8º parágrafo) ↔ penitenciárias (8º parágrafo).

O referente textual foi introduzido no 1º parágrafo e, no mesmo parágrafo, apresenta duas reativações com as recategorizações ‘cem mil presidiários’ e ‘prisões’. O sintagma nominal ‘cem mil presidiários’ é uma expressão metonímica e o nome ‘prisões’ é uma

variação lexical de prisional. O mesmo ocorre com o nome presídios, os sintagmas nominais simples ‘sistema carcerário’ e ‘grandes presídios’ e ‘penitenciárias’, que são usados em outros parágrafos do artigo. Há, ainda, a retomada pela manutenção de referente em ‘sistema prisional’ e a retomada pela manutenção do núcleo do referente textual com os sintagmas nominais simples ‘o sistema’ e ‘esse sistema’.

É importante frisar que o sintagma nominal ‘a superlotação dos presídios’ é uma informação nova, outro argumento apresentado pelo ministro da justiça contra a redução da maioria penal, referente textual introduzido no 4º parágrafo do artigo.

Exemplo 95: 4º parágrafo do texto-fonte

Além da questão de saúde, Cardozo aponta outros problemas graves da eventual redução da maioria penal, em fase de votação pela Câmara dos Deputados. Um deles é a da superlotação dos presídios.

Esta informação nova não é reativada, mas a sua introdução lhe dá, no texto, o perfil de subtópico como também se enquadram os referentes textuais: o tráfico de drogas (5º parágrafo), crime hediondo (5º parágrafo), a presidente Dilma Rousseff (5º parágrafo), dados do CNJ (6º parágrafo), organizações criminosas (8º parágrafo), o projeto do senador José Serra (9º parágrafo). Alguns destes referentes textuais foram reativados, mas com cadeias anafóricas muito pequenas como é o caso do referente ‘o tráfico de drogas’, o qual é reativado por manutenção do referente no mesmo parágrafo que foi introduzido.

O referente textual ‘um jovem’, no artigo, é outro tópico discursivo que está relacionado com a informação principal ‘a redução da idade penal’, de modo a ser reativado com frequência na progressão do texto:

6) Cadeia anafórica: jovem

Um jovem (Introdutor – 3º parágrafo) ↔ 40 mil jovens (5º parágrafo) ↔ jovens (7º parágrafo) ↔ jovens (8º parágrafo) ↔ a “molecada” (8º parágrafo) ↔ gado arrebanhado (8º parágrafo) ↔ o jovem (8º parágrafo) ↔ aviãozinho (8º parágrafo) ↔ diploma de traficante (8º parágrafo) ↔ o jovem (10º parágrafo) ↔ adulto (10º parágrafo).

O sintagma nominal simples que introduz o referente textual vem com o artigo indefinido ‘um’ que generaliza o nome, qualquer jovem de 18 anos ou 16 anos. As reativações ocorrem com o sintagma nominal ‘40 mil jovens’, em que o valor numérico apresenta informações sobre a quantidade de jovens infratores que aumentariam a população carcerária nos presídios do Brasil.

Na cadeia, há as retomadas com a manutenção do nome ‘jovens’ e duas recategorizações com sintagmas nominais simples ‘o jovem’, que particulariza o referente textual. Além destas recategorizações, há outras mais significativas como ‘a molecada’, ‘gado arrebanhado’, ‘aviãozinho’, ‘diploma de traficante’ e ‘adulto’, este expressa uma mudança na maneira de julgar o referente ‘jovem’, que com a mudança proposta pela redução da idade penal passa a ser julgado pelo código civil e não mais pelo ECA, como adulto.

As recategorizações ‘a molecada’ e ‘gado arrebanhado’ apresentam sentido regional, popular, propostas pelo ministro da justiça e que expressam uma subjetividade. Já as recategorizações ‘aviãozinho’ e ‘diploma de traficante’ são expressões que correspondem ao contexto marginal. Tanto ‘aviãozinho’ quanto ‘traficante’ são funções daqueles que fazem parte do mundo do tráfico de drogas.

Após a análise das cadeias anafóricas do texto-fonte “Governos usa aids contra a maioria penal”, organizo, na figura abaixo, os referentes textuais que são tipificados como tópico discursivo e subtópico:

Figura 25 - Tópicos discursivos e subtópicos de Governo usa AIDS contra a maioria penal



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

A extensão das cadeias anafóricas destes referentes textuais descritos sinaliza que os referentes textuais ‘ministro da justiça’, ‘redução da maioria penal’, ‘sistema prisional’ e ‘jovem’ são informações dadas. Logo, são temas do artigo ou tópicos discursivos do texto. É necessário observar que a jornalista Cantanhêde destaca em seu artigo a opinião do ministro da justiça, o qual é o representante do governo na discussão sobre a ‘redução da maioria penal’. Por isso, o referente ministro da justiça é reativado com frequência no texto. A base do argumento do ministro da justiça são os temas ‘sistema prisional’ e ‘jovem’. Com isto, outros subtópicos são ativados ou introduzidos a partir destes temas, que são: a superlotação dos presídios, o tráfico de drogas, a presidente Dilma Rousseff, dados do CNJ, organizações criminosas, o projeto do senador José Serra.

Com a verificação dos referentes textuais que tanto correspondem aos tópicos discursivos quanto aos subtópicos do artigo, a etapa seguinte é a análise dos comentários dos interactantes que integram o par metatextual “Governo usa aids contra a redução da maioria penal”.

II- Análise das funções discursivas nos comentários do par metatextual “Governo usa aids contra a redução da idade penal”

Devido à temática sobre a redução da maioridade penal, houve a participação dos interactantes que expuseram seus pontos de vista em comentários sobre o texto-fonte, Governo usa aids contra a maioridade penal. Para esta etapa da análise, apresenta-se na figura 26, os comentários, em que será verificada a progressão tópica do texto-fonte.

Figura 26 - Comentário sobre o texto-fonte “Governo usa AIDS contra a redução da idade penal”



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 06/2015.

Nos primeiros quatro comentários sobre o artigo, verifica-se uma breve interação entre os participantes ‘Fidelis’ e ‘Layla’. O participante ‘Fidelis’ produz três comentários e ‘Layla’ lhe responde uma única vez. Os interactantes, nos demais comentários, não interagem entre si, mas, apenas com a jornalista Cantanhêde. Então, para orientar, divido o comentário do interactante ‘Fidelis’ em comentário 1, comentário 2 e comentário 3. No comentário 1, temos:

Exemplo 96: Comentário do interactante Fidelis

Mais um motivo para jovens pensarem em NÃO cometer crimes, como de resto também os adultos.

No início do primeiro comentário de ‘Fidelis’, há o sintagma nominal ‘mais um motivo’, em que o advérbio ‘mais’ apresenta um sentido quantificador, pois, o ministro apresenta dois motivos: o aumento de contágio da aids no sistema prisional e a superlotação do sistema prisional. Neste sentido, o recategorizador encapsulador ‘mais um motivo’ não explicita, claramente, a qual destes motivos apresentados pelo ministro da justiça o participante Fidelis se refere, de forma a manter uma implicitude que demandará maior acionamento do contexto sociocognitivo para a compreensão do seu uso.

Neste seu primeiro comentário, o interactante faz a manutenção do referente ‘jovem’ com o uso de ‘jovens’, no plural para ampliar a generalização, mas também retoma o referente ‘crimes’, mantendo o sentido de generalização, em que há menção ao crime hediondo. Antes do segundo comentário de Fidelis, a interactante Layla publica o seguinte comentário:

Exemplo 97: Comentário da interactante Layla

Perfeito!! A lei é ára⁴⁶ coibir os crimes e não para formentá-los!!!

Na opinião de Layla, verifica-se a recategorização avaliativa ‘perfeito’, que reativa o objeto do discurso/referente texto-fonte (artigo de opinião), o sintagma nominal simples ‘a lei’, o qual recategoriza o referente textual ‘redução da maioria penal de 18 para 16 anos’, que, na época, era ainda um projeto de lei. Há também o sintagma nominal simples ‘os crimes’ que é uma manutenção de referente. Os sintagmas nominais simples ‘a lei’ e ‘os crimes’ são os tópicos discursivos da opinião de Layla. Após o comentário de Layla, o interactante Fidelis opina pela segunda vez. Este é o comentário 2:

Exemplo 98: Comentário do interactante Fidelis

⁴⁶ O texto verbal da interactante Layla apresenta o desvio ortográfico da preposição ‘para’- *ára*-. Não foi feita a correção do desvio ortográfico da preposição, pois, a intenção do estudo é manter o texto verbal tal como está publicado nos comentários dos interactantes.

Pois é. O objetivo é que as pessoas pensem antes e não cometam crimes. Prisão é para isso e para isolar os violentos para que não cometam violência contra pessoas inocentes. Esses são os principais objetivos. Ressocialização é uma tentativa importante e necessária, mas vai ser feita na medida do possível, se possível.

Neste segundo comentário, o participante Fidelis introduz o sintagma nominal simples ‘o objetivo’, com função de recategorizador encapsulador, que resume o propósito do projeto de redução da idade penal. Este sentido é recuperado contextualmente no discurso. Logo após, o interactante usa o sintagma nominal ‘as pessoas’, o qual tem sentido generalizador, com função discursiva de recategorizador encapsulador.

É verificada a retomada do nome ‘crimes’ e o uso do recategorizador hiperônimo ‘prisão’, em que este reativa ‘sistema prisional brasileiro’. Além destes, há a inserção do referente textual ‘ressocialização’, informação nova (anafórico indireto), que está ancorada no contexto da discussão desenvolvida no artigo da jornalista. Esta informação nova é um subtópico no comentário 2. Para finalizar, o participante Fidelis conclui com o comentário 3:

Exemplo 99: Comentário do interactante Fidelis

A vida na prisão é dura. Claro, se fosse boa, quem deixaria de roubar, traficar drogas, estuprar ou matar com medo de ir para cadeia?

Neste último comentário, Fidelis retoma a informação ‘prisão’, de modo que o participante direciona a sua opinião, em seus três comentários, para os referentes textuais: jovens, crimes e prisão, que são os tópicos discursivos deste comentário. A implicitude dos recategorizadores ‘mais um motivo’ e ‘o objetivo’, implicitamente, sugerem que o interactante reativa do texto-fonte o subtópico ‘aids’, o tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’ – em ‘mais um motivo’ -, e ‘a redução da maioria penal’. Fidelis apresenta o subtópico ‘ressocialização’, informação que amplia a sua argumentação.

O próximo exemplo de comentário é da interactante Susi, que não estabelece ato responsivo com os participantes Fidelis e Layla, mas se dirige à jornalista Cantanhêde:

Exemplo 100: Comentário da interactante Susi

Eu não acredito que o ministro disse td isso ... tem consciencia de TODOS os problemas. Não coloca o que está sendo feito ou fará para melhoria no sistema carcerário ... e defende então que criminosos fiquem soltos ... assim ... pq são menores ... deixe os à margem da lei... praticando crimes ... pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas ... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz ... que país é este???

No comentário da interactante Susi, verifica-se a manutenção do núcleo do referente textual ‘ministro da justiça’ com o sintagma nominal simples ‘o ministro’, em que o artigo definido localiza o referente no discurso. O sintagma ‘o ministro’ é uma reativação de uma informação dada, uma retomada do tópico discursivo do texto-fonte.

O comentário apresenta ainda os sintagmas nominais simples - ‘td isso’, ‘TODOS os problemas’ e ‘o governo’ – que são recategorizadores encapsuladores, em que o recategorizador ‘td isso’, implicitamente, faz referência à opinião do ministro e o recategorizador ‘TODOS os problemas’, implicitamente, se refere aos problemas vinculados aos delitos cometidos por menores infratores. Este último sintagma recategorizador apresenta o pronome indefinido em *Capslock* para explicitar a abrangência da grandeza e a complexidade dos problemas sociais do país.

A participante Susi reativa o tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’ com a recategorização ‘sistema carcerário’. Esta recategorização também foi usada no texto-fonte enquanto forma sinônima para evitar a repetição do referente introdutor. Observa-se a retomada do referente ‘crimes’ e dois perfis de recategorização do referente ‘jovem’. A primeira com o uso do substantivo ‘criminosos’, o qual conota uma avaliação, o segundo com o uso do substantivo ‘menores’, o qual denota o indivíduo que ainda não está na maioridade.

O sintagma nominal simples ‘o governo’ é um recategorizador encapsulador, o qual reativa, indiretamente, o ministro da justiça, representante do governo vigente, na época. Após o uso deste recategorizador, a participante Susi introduz os referentes ‘projeto’ e ‘solução’, informações novas (anáforas indiretas), que embasam outra informação nova ‘seus problemas’, em que o pronome possessivo ‘seus’ recupera o recategorizador ‘o governo’.

Assim, a opinião da interactante Susi apresenta como tópicos discursivos ‘o ministro’, ‘sistema carcerário’ e ‘menores’, além dos subtópicos ‘projetos’ e ‘solução’. O exemplo seguinte é do comentário do interactante Gilmar.

Exemplo 101: Comentário do interactante Gilmar

*O mais curiosos **nisso tudo** é que **ele** fala dos **problemas carcerários** como se não fosse problema **dele**. Passa a impressão que é em outro país.*

O participante ‘Gilmar’ reativa, indiretamente, por retomada, o referente ‘ministro da justiça’ a partir do uso do pronome de terceira pessoa ‘ele’ e do uso da aglutinação da preposição ‘de’ com o pronome ‘ele’: ‘dele’.

O sintagma nominal simples “nisso tudo” é um recategorizador encapsulador, usado para sintetizar o assunto desenvolvido no texto-fonte. Há, ainda, o uso de outro recategorizador encapsulador que é ‘problemas carcerários’, o qual não reativa o tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’, pois, este recategorizador encapsulador é utilizado pelo participante com o intuito de resumir, por meio do substantivo/nome ‘problemas’, todas as questões e as dificuldades inerentes no sistema prisional brasileiro, por isso, a adjetivação com o substantivo ‘carcerários’ – ‘problemas carcerários’. Este é o tópico discursivo do comentário de Gilmar, que se contrapõe à opinião do Ministro da Justiça. O exemplo seguinte é o comentário do participante Marco que reativa o tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’:

Exemplo 102: Comentário do interactante Marco

*Estão fazendo de tudo para não **reduzir**, inclusive assumirem as **péssimas condições do sistema prisional** como esculpa. Agora, reformar o **sistema prisional**, nem brincado.*

O interactante ‘Marco’ reativa o tópico discursivo ‘redução da maioria penal’ com a recategorização ‘reduzir’, um processo de derivação do substantivo ‘redução’. Além disto, há a retomada do tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’ com o sintagma nominal simples ‘o sistema prisional’, em que o artigo definido possibilita localizar no discurso o referente textual, o qual se encontra na condição cognitiva de informação dada. Este tópico discursivo ainda é recategorizado avaliativamente com o sintagma nominal modificado ‘as péssimas condições do sistema prisional’, em que fica evidenciada a crítica e o ponto de vista do participante.

No exemplo do comentário do interactante Jango, a função discursiva recategorização reativa o tópico discursivo ‘ministro da justiça’, do texto-fonte:

Exemplo 103: Comentário do interactante Jango

Esse ministro da justiça lembra o Delfim Neto quando ministro da agricultura. Só fala besteira ... Lembram: -“As batatas tem que batatear, não vejo outra saída ...”

O sintagma nominal simples ‘esse ministro da justiça’ é uma retomada do tópico discursivo ‘ministro da justiça’. É interessante observar que há no uso do demonstrativo ‘esse’ um tom de ironia, que dá um sentido de distanciamento e reprovação.

O participante também introduz o referente textual ‘Delfim Neto’, uma informação nova (anáfora indireta), de modo a estabelecer uma comparação de José Eduardo Cardoso com Delfim Neto. Logo, este referente introdutor é um subtópico na argumentação do participante Jango. Neste sentido, o tópico discursivo deste comentário é o ‘Ministro da justiça’. O exemplo do comentário da interactante Sonia apresenta uma extensão maior de informações com reativações de tópicos discursivos do texto-fonte:

Exemplo 104: Comentário da interactante Sonia

Estou impressionada com os argumentos usados para justificar que bandidos continuem soltos. Se o sistema prisional não presta, se está abarrotado de criminosos a solução é deixar os bandidos menores de 18 anos soltos, apavorando a sociedade??? E agora ainda colocam a AIDS como obstáculo à prisão dos menores bandidos. Bandido que mata, estupra, sequestra, etc. tem que ser preso não importa a idade que tenha. E do mesmo modo que a maioria dos menores não são bandidos, ousa dizer que a maioria dos que são bandidos dificilmente vão se regenerar. Outra coisa, prisioneiro não tem que ficar recluso sem fazer nada como acontece nas prisões brasileiras, eles têm que trabalhar pra se manter e estudar.

A análise deste comentário será organizada a partir de tópicos, por causa da quantidade de reativações e ainda ativação feita pela participante Sonia:

- 1) o sintagma nominal simples ‘os argumentos’ é um recategorizador encapsulador, o qual se refere ao conteúdo do ponto de vista do Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo;
- 2) o substantivo/nome ‘bandido’ é um recategorizador avaliativo que reativa o referente e tópico discursivo do texto-fonte ‘jovem’;
- 3) o sintagma nominal simples ‘sistema prisional’ é uma reativação por retomada do tópico discursivo do texto-fonte ‘sistema prisional brasileiro’. É importante observar que o substantivo ‘prisional’ apresenta função adjetiva, entretanto, não é um avaliador;

4) o substantivo/nome ‘criminosos’ é um referente introdutor, o qual faz referência aos que infringem a lei e se encontram presos. Esta compreensão ocorre a partir da ativação do contexto sociocognitivo;

5) o sintagma nominal complexo ‘os bandidos menores de 18 anos’ é uma recategorização avaliativa do tópico discursivo ‘jovem’, introduzido no texto-fonte;

6) o sintagma nominal simples ‘a AIDS’ é uma reativação por retomada do subtópico do texto-fonte ‘aids’;

7) o sintagma nominal simples ‘à prisão’ é uma recategorização com uso de hiperônimo, o qual reativa o tópico discursivo do texto-fonte ‘sistema prisional brasileiro’;

8) o sintagma nominal simples ‘menores bandidos’ é um recategorizador com função avaliativa, em que o substantivo ‘bandidos’ tem função adjetiva que designa um propósito avaliativo;

9) o sintagma nominal simples ‘a maioria dos menores’ é um recategorizador que reativa o tópico discursivo ‘jovem’. No enunciado, nas linhas 6 e 7, ocorre a reativação por manutenção do termo ‘a maioria’;

10) o substantivo/nome ‘prisioneiro’ é um recategorizador que reativa o referente ‘criminosos’, introduzido no comentário;

11) o sintagma nominal simples ‘prisões brasileiras’ é uma recategorização do tópico discursivo do texto-fonte ‘sistema prisional brasileiro’, em que o núcleo é um hiperônimo do tópico discursivo.

Com esta descrição, observa-se que os tópicos discursivos do comentário da participante Sonia são os referentes textuais ‘jovem’, ‘sistema prisional brasileiro’ e ‘aids’. É importante observar que o recategorizador ‘os argumentos’ é uma referência indireta ao conteúdo do ponto de vista do ministro da justiça e que também é o tópico discursivo. Além disto, há o subtópico ‘criminosos’, uma informação mais genérica, recuperada, cognitivamente, no discurso. O último exemplo de comentário é do participante Marcos, que também reativa tópicos discursivos do texto-fonte:

Exemplo 105: Comentário do interactante Marcos

*Está evidente que **um jovem** que entrar no **sistema carcerário** terá uma propensão multíssimo maior de sair de lá com **aids**. Se é que vai conseguir sair vivo de lá, disse o **ministro** à reportagem. **Esse ministrinho**, só fala besteira, e **as vítimas mortas** por **esses bandidos**? **E as famílias** dessas vítimas? **Eles não contam. Ridículo esse senhor.***

No comentário de Marcos, observa-se a reativação por retomada do referente textual e subtópico ‘aids’ e a reativação por recategorização dos referentes textuais: ‘jovem’, ‘sistema prisional brasileiro’ e ‘ministro da justiça’. O referente textual ‘jovem’ é retomado pelo sintagma nominal ‘um jovem’, em que o artigo indefinido ‘um’ generaliza ou indefinido o substantivo/nome ‘jovem’.

No comentário de Marcos, o tópico ‘um jovem’ ainda é recategorizado com o uso do sintagma nominal simples ‘esses bandidos’, o qual demonstra que o ponto de vista de Marcos se opõe ao ponto de vista do ministro da justiça. O participante Marcos define os jovens infratores como bandidos, uma avaliação que expressa o julgamento, de modo a definir este recategorizador como avaliativo.

Já a forma anafórica ‘sistema carcerário’ recategoriza o tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’, com base no uso do sinônimo ‘carcerário’ para o adjetivo ‘prisional’.

No comentário de Marcos, ganha destaque a cadeia anafórica do tópico discursivo do texto-fonte ‘o ministro da justiça’, que é apresentada abaixo:

O ministro da justiça ↔ o ministro ↔ esse ministrinho ↔ ridículo esse senhor.

A primeira reativação ocorre com o sintagma nominal simples ‘o ministro’, que tem a função discursiva de retomada do núcleo do tópico discursivo. O sintagma nominal simples ‘esse ministrinho’, há tanto no pronome demonstrativo ‘esse’ quanto no diminutivo ‘ministrinho’ uma ironia e um julgamento, reforçados pelo recategorizador avaliativo ‘ridículo esse senhor’, em que o adjetivo ‘ridículo’ explicita a desaprovação de Marcos ao Ministro da Justiça.

Os tópicos discursivos do comentário de Marcos são os referentes textuais ‘jovem’, ‘o ministro da justiça’ e ‘o sistema prisional brasileiro’.

A análise destes comentários indicou que os interactantes focaram as suas opiniões nos tópicos discursivos, com destaque para o referente textual ‘ministro da justiça’, ‘jovem’ e ‘sistema prisional brasileiro’, a partir de retomadas de recategorizações avaliativas ou não, as quais evidenciam a relação de intertextualidade, que pode ser explícita ou implícita, como será verificado a seguir.

III - Análise das relações de intertextualidade conforme as funções discursivas presentes nos comentários do par metatextual ‘Governo usa aids contra a maioria penal’

Os primeiros comentários são do interactante Fidelis, em que se verifica que a intertextualidade se desenvolve no nível da explicitude e da implicitude, como pode ser constatado nos exemplos a seguir.

Exemplo 106: Comentário do interactante Fidelis

Mais um motivo para jovens pensarem em NÃO cometer crimes, como de resto também os adultos.

Neste primeiro comentário, o recategorizador encapsulador ‘mais um motivo’ tem perfil de alusão ao que foi proposto no texto-fonte. Os dois elementos linguísticos ‘jovens’ e ‘crimes’ são funções discursivas que indicam retomadas de modo que a intertextualidade se organiza explicitamente, do tipo citação.

Exemplo 107: Comentário do interactante Fidelis

Pois é. O objetivo é que as pessoas pensem antes e não cometam crimes. Prisão é para isso e para isolar os violentos para que não cometam violência contra pessoas inocentes. Esses são os principais objetivos. Ressocialização é uma tentativa importante e necessária, mas vai ser feita na medida do possível, se possível.

Neste segundo comentário, existem quatro informações com funções discursivas que indicam implicitude. Primeiramente, os recategorizadores encapsuladores ‘o objetivo’ e ‘as pessoas’, depois, o recategorizador ‘prisão’ (hiperônimo) e, por último, o referente textual introdutor ‘ressocialização’ (anáfora indireta). Tanto as formas recategorizadores encapsuladores e não encapsuladora quanto o referente introdutor anafórico indireto determinam a alusão. O comentário do interactante Fidelis também apresenta um exemplo de recategorização:

Exemplo 108: Comentário do interactante Fidelis

A vida na prisão é dura. Claro, se fosse boa, quem deixaria de roubar, traficar drogas, estuprar ou matar com medo de ir para cadeia?

Neste terceiro comentário, há, novamente, o uso do recategorizador ‘prisão’, o qual faz alusão ao tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’. O que se nota nos três comentários de Fidelis é que as informações orientam para a intertextualidade híbrida, em que se verifica maior grau de implicitude no uso de recategorizadores encapsuladores e não encapsulador, além da forma anafórica indireta.

Na opinião de Fidelis é desenvolvida uma relação interdiscursiva com a opinião da jornalista Cantanhêde, mas as informações com perfil de alusão sinalizam para autonomia de ponto de vista.

No comentário da participante Layla, a recategorização “a lei” é uma alusão ao tópico discursivo ‘redução da maioria penal’. Na opinião da participante, há, ainda, a citação do subtópico ‘os crimes’, que marca a relação de explicitude intertextual:

Exemplo 109: Comentário da interactante Layla

Perfeito!! A lei é ára coibir os crimes e não para formentá-los!!!

O uso das funções discursivas recategorização (a lei) e a manutenção de referente textual (os crimes) apresentam uma intertextualidade híbrida no ponto de vista da participante Layla. Isto interfere na relação interdiscursiva, que se torna “mesclada”, como, igualmente, se verificou no ponto de vista de Fidelis e será constatado no comentário da interactante Susi:

Exemplo 110: Comentário da interactante Susi

Eu não acredito que o ministro disse td isso... tem consciencia de TODOS os problemas. Não coloca o que está sendo feito ou fará para melhoria no sistema carcerário... e defende então que criminosos fiquem soltos... assim... pq são menores... deixe os à margem da lei... praticando crimes... pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas ... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz ... que país é este???

No nível da explicitude, no perfil da citação, estão a manutenção do referente em ‘o ministro’, que é o tópico discursivo do texto-fonte, e a recategorização ‘sistema carcerário’, que é a reativação do tópico discursivo do texto-fonte ‘sistema prisional brasileiro’. A explicitude, nesta recategorização, está no núcleo do sintagma nominal, com o uso do

substantivo/nome ‘sistema’. A participante reativa por manutenção de referente o subtópico ‘crimes’ que se caracteriza como uma intertextualidade explícita de citação.

Por seu turno, os recategorizadores encapsuladores ‘td isso’, ‘TODOS os problemas’ e ‘o governo’ são consideradas informações que fazem alusão às informações desenvolvidas no texto-fonte, por causa da sua referência genérica. Portanto, indicam a intertextualidade implícita.

As recategorizações ‘criminosos’ e ‘menores’ fazem alusão ao tópico discursivo do texto-fonte, o referente ‘jovem’. Assim, é uma intertextualidade implícita, já que a relação de referência se constrói com o texto-fonte e o contexto.

A participante Susi faz a ativação de duas informações novas ‘projeto’ ou ‘solução’. Essas informações novas, que, momentaneamente interrompem a progressão temática no comentário, fazem alusão ao tópico discursivo ‘o ministro’, um representante do ministério da justiça, cargo responsável pelas questões sociais que envolvem a violência urbana.

Ainda é interessante destacar a expressão ‘que país é este?’ que orienta para a intertextualidade explícita do tipo citação que nos reporta para a música do grupo de rock brasileiro Legião Urbana, “Que país é este?”.

Observa-se, com estas relações intertextuais, que a opinião de Susi concentra um grau de implicitude intertextual mais ampla do que o grau de explicitude, o que demanda o maior acionamento do conhecimento de mundo por parte do leitor. Por isso, a relação interdiscursiva do ponto de vista da participante Susi com a jornalista Cantanhêde é mesclada. No exemplo do comentário do participante Gilmar, a relação intertextual se realiza, particularmente, de forma implícita:

Exemplo 111: Comentário do interactante Gilmar

*O mais curioso **nisso tudo** é que **ele** fala dos **problemas carcerários** como se não fosse problema **dele**. Passa a impressão que é em outro país.*

Tanto o sintagma ‘nisso tudo’ e ‘problemas carcerários’ são encapsuladores, recategorizações que fazem alusão ao assunto tratado pelo texto-fonte e, particularmente, ao tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’. Esta compreensão demanda o acionamento das informações presentes no contexto do texto-fonte com o contexto discursivo. A relação interdiscursiva entre o discurso da participante Susi e a jornalista se desenvolve na implicitude do discurso.

No exemplo do comentário de Marco, há reativações dos tópicos discursivos do texto-fonte ‘redução da maioria penal’ e ‘sistema prisional brasileiro’, que sinalizam para a intertextualidade híbrida:

Exemplo 112: Comentário do interactante Marco

*Estão fazendo de tudo para não **reduzir**, inclusive assumirem as **péssimas condições do sistema prisional** como esculpa. Agora, reformar o **sistema prisional**, nem brincado.*

O verbo ‘reduzir’, recategorizador por derivação, é uma informação que faz alusão ao tópico discursivo ‘redução da maioria penal’; a recategorização avaliativa ‘as péssimas condições do sistema prisional’ e a retomada ‘o sistema prisional’ são citações do subtópico. Na recategorização avaliativa, o participante Marco faz citação do núcleo do referente ‘sistema prisional brasileiro’, o que orienta para a explicitude intertextual. Neste sentido, o ponto de vista de Marco apresenta uma relação interdiscursiva mesclada com o ponto de vista da jornalista Cantanhêde.

O exemplo do comentário do participante Jango mantém a intertextualidade explícita com o texto-fonte, com base na retomada do tópico discursivo ‘o ministro da justiça’ com o sintagma nominal simples ‘esse ministro da justiça’, além da intertextualidade por implicitude:

Exemplo 113: Comentário do interactante Jango

*Esse ministro da justiça lembra o Delfim Neto quando ministro da agricultura. Só fala besteira... Lembram: -“As **batatas tem que batatear, não vejo outra saída....**”.*

A informação ‘esse ministro da justiça’ define a relação intertextual explícita por citação, a partir da retomada do referente ‘ministro da justiça’; o nome ‘o Delfim Neto’ é uma informação nova, um referente anafórico indireto, em que a relação intertextual com o texto-fonte se constrói com o acionamento do contexto discursivo. Toda vez que há a inserção nova de uma informação nos enunciados dos comentários, há o processo dialógico do texto do interactante com o texto-fonte da jornalista e ainda o acionamento de outras informações armazenadas cognitivamente a partir de outras práticas discursivas.

O participante Marco ainda faz a citação da fala do ex-ministro da agricultura Delfim Neto: “As batatas tem que batatear, não vejo outra saída...”.

Estas particularidades sinalizam para a relação intertextual híbrida e para uma relação interdiscursiva mesclada no ponto de vista do participante Marco. As funções discursivas presentes no comentário da participante Sonia indicam que o perfil de intertextualidade é híbrida:

Exemplo 114: Comentário da interactante Sonia

*Estou impressionada com os argumentos usados para justificar que **bandidos** continuem soltos. Se o sistema prisional não presta, se está abarrotado de **criminosos** a solução é deixar os **bandidos menores de 18 anos** soltos, apavorando a sociedade??? E agora ainda colocam a **AIDS** como obstáculo à **prisão dos menores bandidos**. **Bandido** que mata, estupra, sequestra, etc. tem que ser preso não importa a idade que tenha. E do mesmo modo que a **maioria dos menores** não são bandidos, ousa dizer que a maioria dos que são bandidos dificilmente vão se regenerar. Outra coisa, **prisoneiro** não tem que ficar recluso sem fazer nada como acontece nas **prisões brasileiras**, eles têm que trabalhar pra se manter e estudar.*

No comentário da interactante Sonia, o sintagma ‘os argumentos’ funciona como um recategorizador encapsulador que faz alusão ao ponto de vista do ministro da justiça José Eduardo Cardoso. Além disso, o tópico discursivo ‘jovem’ é retomado três vezes por sintagmas nominais diferentes, tais como: ‘bandidos’, ‘os bandidos menores de 18 anos’ e ‘menores bandidos’, além do recategorizador ‘a maioria dos menores’. Nesses casos, há uma recategorização que denota alusão de informações do texto-fonte.

A intertextualidade por meio da citação se dá com a reativação por retomada do tópico discursivo ‘sistema prisional brasileiro’ com o sintagma nominal ‘sistema prisional’, em que é recategorizado com os sintagmas ‘à prisão’ e ‘prisões brasileiras’.

O perfil híbrido da intertextualidade orienta para relação interdiscursiva mesclada, isto é, o comentário de Sonia indica que a sua opinião em relação ao assunto tratado no texto-fonte não concorda com o posicionamento do ministro da justiça em relação à redução da maioridade penal.

O último comentário é do interactante Marcos, que faz a reativação dos tópicos discursivos ‘ministro da justiça’, ‘jovem’, ‘sistema prisional brasileiro’ e do subtópico ‘aids’, mantendo a progressão temática do texto-fonte:

Exemplo 115: Comentário do interactante Marcos

*Está evidente que **um jovem** que entrar **no sistema carcerário** terá uma propensão multíssimo maior de sair de lá com **AIDS**. Se é que vai conseguir sair vivo de lá, disse **o ministro** à reportagem. **Esse ministrinho**, só fala besteira, e as vítimas mortas por **esses bandidos**? E as famílias dessas vítimas? Eles não contam. **Ridículo esse senhor**.*

As reativações de referentes textuais orientam para a intertextualidade híbrida. As informações intertextuais explícitas do tipo citação são as seguintes: ‘um jovem’, ‘aids’ e ‘o ministro’. A citação também está presente na recategorização ‘esse ministrinho’ e na recategorização de ‘sistema carcerário’. Por outro lado, as informações intertextuais implícitas são as recategorizações ‘esses bandidos’ e ‘ridículo esse senhor’, alusões aos tópicos discursivos ‘jovem’ e ‘ministro da justiça’. As informações que aludem o texto-fonte servem de contexto para compreender a crítica implícita nas recategorizações ‘esse ministrinho’ e ‘ridículo esse senhor’ e a indignação implícita no recategorizador ‘esses bandidos’. As informações são citações utilizadas pelo interactante, apenas, para reafirmar o que foi discutido no texto-fonte.

O próximo artigo de opinião é “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’”, de Cantanhêde, de 2015, discute o comentário feito pelo, então, ex-presidente Temer a respeito da crise política e econômica, iniciada nesta época, no segundo mandato presidencial de Dilma Rousseff, como pode ser constatado no texto, a seguir.

6.4 Par metatextual IV: “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha⁴⁷” – 22 de julho de 2015

⁴⁷Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal, Acesso em: 08/08/2017.

Figura 27 – Texto-fonte: “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha”



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 07/2015.

O momento brasileiro não tem graça nenhuma e o vice-presidente Michel Temer, sempre tão sóbrio, foi no mínimo infeliz ao imitar o ex-presidente Lula, sempre tão boquirroto, e dizer que toda essa baita confusão não passa de uma “crisezinha”. A ebulição política não é só uma “crisezinha”, tanto quanto o tsunami econômico internacional de 2008 não foi só “marolinha”.

A “marolinha” de Lula pegou os Estados Unidos, a Europa de jeito e o mundo inteiro de jeito, virou o que virou e até hoje é pretexto, inclusive, para a desordem econômica herdada do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff. Até o presidente do Supremo Tribunal Federal caiu nessa, ou prefere cair nessa.

Quanto à “crisezinha” de Temer: o rompimento declarado do deputado Eduardo Cunha com o governo acentua o clima de guerra entre a Câmara e o Planalto e aumenta a desconfiança mútua entre o PMDB de Temer e o PT de Dilma. Fosse só uma “crisezinha”, o Planalto não estaria de prontidão, menos para atacar, mais para se defender.

Nesse tiroteio, com bala perdida para todos os lados, a Lava Jato segue seu rumo, não propriamente a jato, mas no tempo certo, e cria uma cena inédita na vida nacional: os atingidos não são pobres coitados de favelas e periferias, mas ricos e poderosos encastelados nas grandes empreiteiras. Se o mensalão meteu os corruptos na cadeia, o petrolão chega na outra ponta: a dos corruptores.

A Justiça acaba de condenar três mandachuvas da Camargo Corrêa e a Polícia Federal está indiciando o dono da Odebrecht, nada mais nada menos que a maior empreiteira do País. Vocês lembram de algo parecido? E não vai parar por aí, porque a fila

é grande e a Lava Jato entrou na fase do “anda rápido que atrás vem gente”. Depois dos empreiteiros, diretores da Petrobrás e doleiros, está chegando a vez dos políticos.

Eduardo Cunha pode espernear à vontade, mas ele não vai escapar tão fácil das investigações – e não está sozinho. Além dos colegas do PMDB, inclusive o presidente do Senado, Renan Calheiros, a Lava Jato atinge praticamente todo o PP, aliados governistas do PT e de vários partidos e até gente da oposição. Logo, vice Temer, é até de mau gosto falar em “crisezinha”.

Se diplomatas irritam por falar muito e não dizer nada, políticos falam muito, dizem cobras e lagartos dos adversários e muitas vezes morrem pela boca. Os anais políticos são pródigos em expressões que ficam como carimbos indelévels. O “duela a quien duela” de Collor, o “esqueçam o que escrevi” de Fernando Henrique (que ele nega), o “estupra, mas não mata”, de Paulo Maluf, o “relaxa e goza” de Marta Suplicy, Lula chamando o filho Lulinha de “Ronaldinho” dos negócios e, claro, Dilma enaltecendo a “mulher sapiens” e a “mandioca”. Ela, aliás, bate todos os recordes.

Mas com crise não se brinca, seja política, econômica, ética, ou, como agora, todas juntas. Lula falou de “marolinha” em 2008 por pura esperteza, mas Temer tentou fazer blague com a crise atual chamando-a de “crisezinha” por simples falta do que dizer. Como ele poderia escapar? Nem poderia romper com Cunha, muito menos poderia romper com governo. Então, improvisou uma gracinha, mas, no dia seguinte, já admitiu que, “um dia”, pode ocorrer de o PMDB deixar mesmo o governo.

Enquanto Temer está em Nova York menosprezando a “crisezinha” política, aqui a recessão se aprofunda, o desemprego já empurrou 345 mil famílias no limbo e na incerteza neste semestre e a popularidade de Dilma vai ficando abaixo do volume morto. Segundo a CNT-MDA de ontem, ela tem 7,7% de aprovação e 70,9% de rejeição. Pior: mais de 60% aprovam o impeachment.

E a pesquisa não é dramática só para o PT no presente, mas também para o PT no futuro: se a eleição presidencial fosse hoje, o antes endeusado Lula perderia no 2.º turno para Aécio Neves, José Serra ou Geraldo Alckmin. Vocês acham mesmo que o PMDB vai segurar a onda de uma “crisezinha” assim? É só questão de tempo.

A jornalista, em seu artigo, critica Michael Temer por ter conceituado como ‘crisezinha’ a crise política e econômica de 2015. Por isso, Cantanhêde o compara com Luís Inácio Lula da Silva, que, em 2008, denominou a crise econômica, que ocorria em vários países, por conta da falência de um tradicional banco Americano, de ‘marolinha’.

I – Análise dos elementos dos referentes textuais no texto-fonte e as suas respectivas funções discursivas

No primeiro parágrafo do artigo, a jornalista faz a contextualização do assunto e introduz os referentes textuais ‘o vice-presidente Michel Temer’, ‘o ex-presidente Lula’, ‘crisezinha’, ‘marolinha’, os quais são reativados no desenvolvimento da argumentação:

Exemplo 116: 1º parágrafo – Introdução de referente textual

O momento brasileiro não tem graça nenhuma e o vice-presidente Michel Temer, sempre tão sóbrio, foi no mínimo infeliz ao imitar o ex-presidente Lula, sempre tão boquirroto, e dizer que toda essa baita confusão não passa de uma “crisezinha”. A ebulição política não é só uma “crisezinha”, tanto quanto o tsunami econômico internacional de 2008 não foi só “marolinha”.

Assim, a reativação no texto dos referentes textuais ‘o vice-presidente Michel Temer’, ‘o ex-presidente Lula’, ‘crisezinha’, ‘o tsunami econômico internacional de 2008’ e ‘marolinha’ indica para o leitor quais informações estão na categoria de tópico discursivo e quais estão na categoria de subtópicos no texto. Neste sentido, propõe-se a cadeia anafórica do referente ‘o vice-presidente Michel Temer’:

1) Cadeia anafórica: o vice-presidente Michel Temer

O vice presidente Michel Temer (introdutor – 1º parágrafo) ↔ sempre tão sóbrio (1º parágrafo) ↔ φ foi no mínimo infeliz (1º parágrafo) ↔ φ dizer que toda essa baita confusão (1º parágrafo) ↔ vice Temer (6º parágrafo) ↔ Temer (8º parágrafo) ↔ ele (8º parágrafo) ↔ φ improvisou uma gracinha (8º parágrafo) ↔ já φ admitiu que, “um dia” ... ↔ Temer (9º parágrafo).

Na cadeia anafórica, observa-se a introdução do referente ‘O vice presidente Michel Temer’ no 1º parágrafo e as suas reativações que ocorrem a partir de recategorização avaliativa ‘sempre tão sóbrio’, de ocorrências de elipses do referente; de retomadas com a

manutenção de nome em ‘vice Temer’ e duas repetições do nome ‘Temer’ e o uso do pronome de terceira pessoa do singular ‘ele’.

Na recategorização avaliativa ‘sempre tão sóbrio’, a jornalista ironiza e imprime a sua reprovação em relação à atitude de Michel Temer. A ironia incide com intensidade nos dois advérbios ‘sempre’ e ‘tão’, os quais acentuam o sentido do adjetivo qualificador ‘sóbrio’, de modo que leva o leitor a inferir que alguém com esta qualidade não poderia ter feito um comentário infeliz, como é sinalizado pelo predicativo do sujeito ‘muito infeliz’. A recategorização avaliativa orienta para um momento de parcialidade no artigo, que também será percebido em uma das reativações do referente textual ‘o ex-presidente Lula’.

A cadeia anafórica do referente ‘o vice-presidente Michel Temer’ apresenta uma quantidade expressiva de reativações no texto, o que sinaliza para sua condição de tópico discursivo. Em seguida, verifica-se a progressão do referente textual ‘o ex-presidente Lula’:

2) Cadeia anafórica: o ex-presidente Lula

O ex-presidente Lula (introdutor - 1º parágrafo) ↔ sempre tão boquirroto (1º parágrafo) ↔ Lula (7º parágrafo) ↔ Lula (8º parágrafo) ↔ o antes endeusado Lula (10º parágrafo).

Verifica-se na cadeia anafórica do referente ‘o ex-presidente Lula’ que este é reativado por duas significativas recategorizações avaliativas ‘sempre tão boquirroto’ e ‘o antes endeusado Lula’, além de retomadas com base em manutenção do nome ‘Lula’. As recategorizações avaliativas ‘sempre tão boquirroto’ e o ‘endeusado Lula’ conotam a ironia da jornalista Cantanhêde e também reflete o seu ponto de vista sobre o político.

O primeiro sintagma recategorizador avaliador usado para recategorizar ‘Lula’ é semelhante à estrutura sintagmática do recategorizador avaliador ‘sempre tão sóbrio’, que a jornalista utilizou para se referir a Michel Temer. Em ‘sempre tão boquirroto’, os dois advérbios não intensificam o sentido de uma qualidade, mas o sentido de um defeito, pois, ‘boquirroto’ é sinônimo de ‘falastrão’. Portanto, Lula, para a jornalista, tem o perfil de pessoa falastrona.

No segundo sintagma recategorizador avaliativo, ‘o antes endeusado Lula’, a ironia está na relação semântica que se estabelece na relação do advérbio ‘antes’ com o adjetivo ‘endeusado’, pois, o advérbio ‘antes’ marca o fim de uma dada ação. Este é mais um momento de parcialidade da jornalista Cantanhêde.

As retomadas com a manutenção do nome ‘Lula’ garantem ao artigo o traço da informalidade, como ocorre também na reativação com a manutenção do nome em ‘vice Temer’ e em ‘Temer’.

Em relação à progressão referencial de tópico discursivo ‘vice-presidente Temer’, a progressão do referente textual ‘o ex-presidente Lula’ é menor, de modo que o SN Lula, no artigo, apresenta a condição de subtópico do texto-fonte.

O próximo referente textual é ‘marolinha’, termo criado por Luís Inácio Lula da Silva para definir a crise econômica que derrubou grandes mercados financeiros do mundo, como é observado pela jornalista, no segundo parágrafo do artigo:

Exemplo 117: 2º parágrafo – ‘A “marolinha” de Lula

A “marolinha” de Lula pegou os Estados Unidos, a Europa de jeito e o mundo inteiro de jeito, virou o que virou e até hoje é pretexto, inclusive, para a desordem econômica herdada do primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff. Até o presidente do Supremo Tribunal Federal caiu nessa, ou prefere cair nessa.

A jornalista, no início do segundo parágrafo, sinaliza para o leitor que a palavra marolinha é uma criação de Lula: “a marolinha de Lula”. Este sintagma é um recategorizador presente na progressão anafórica do tópico discursivo ‘marolinha’:

3) Cadeia anafórica: marolinha

O tsunami econômico internacional de 2008 (1º parágrafo) ↔ Marolinha (introdutor – 1º parágrafo) ↔ a “marolinha” de Lula (2º parágrafo) ↔ “marolinha” em 2008 (8º parágrafo).

Na cadeia anafórica, há o sintagma nominal catafórico ‘o tsunami econômico de 2008’ que é uma remissão “para frente”, como nos sugere Koch (1999, p.31), do referente ‘Marolinha’. Este sintagma remissivo situa o leitor no discurso. Após a introdução do referente ‘marolinha’, a sua reativação se realiza com a recategorização ‘a marolinha de Lula’ e a retomada do referente com ‘marolinha’. A locução adjetiva ‘de Lula’, no sintagma nominal simples ‘a marolinha de Lula’ delimita o termo ‘marolinha’ ao referente Lula, pois, foi um termo criado pelo político. Observa-se, ainda, que a palavra marolinha é uma

derivação da palavra marola, que significa mar agitado. Então, a marolinha de Lula possui sentido figurado, e, no contexto do ano 2008, se referia à agitação do mercado econômico no mundo. Para Lula, a crise no mercado mundial sendo uma “marolinha” passaria rápido.

A progressão do referente ‘marolinha’ no artigo é pequena em comparação à progressão do referente textual ‘crisezinha’. Isto se deve porque a marolinha de Lula foi um fato passado, lembrado pela jornalista com o objetivo não apenas de comparar com Michel Temer com Lula, mas para demonstrar como os governantes costumam falar de modo impensado. Por isso, o referente ‘a marolinha’ tem poucas reativações e é caracterizado como um subtópico do artigo.

A ‘crisezinha’ era um problema que afetava o governo de Dilma Rousseff, de quem Michel Temer era vice presidente, e tinha criado um impacto político que refletia na economia, conforme observa Cantanhêde no terceiro parágrafo:

Exemplo 118: 3º parágrafo – “crisezinha” de Temer

Quanto à “crisezinha” de Temer: o rompimento declarado do deputado Eduardo Cunha com o governo acentua o clima de guerra entre a Câmara e o Planalto e aumenta a desconfiança mútua entre o PMDB de Temer e o PT de Dilma. Fosse só uma “crisezinha”, o Planalto não estaria de prontidão, menos para atacar, mais para se defender.

Neste parágrafo, o referente ‘crisezinha’ é reativado duas vezes, mas ao longo do artigo, o referente é reativado outras vezes como pode ser observado na cadeia anafórica de ‘crisezinha’:

5) Cadeia anafórica: “crisezinha”

Uma “crisezinha” (introdutor – 1º parágrafo) ↔ a “crisezinha” de Temer (3º parágrafo) ↔ uma “crisezinha” (3º parágrafo) ↔ “crisezinha” (6º parágrafo) ↔ a “crisezinha” política (9º parágrafo) ↔ uma “crisezinha” (10º parágrafo).

A reativação do referente ‘uma crisezinha’ resulta de duas recategorizações com os sintagmas nominais simples ‘a “crisezinha” de Temer’ e ‘a “crisezinha” política’, além das retomadas com manutenção do referente em uma “crisezinha”, “crisezinha” e uma

“crisezinha”. É interessante observar que o sintagma “crisezinha” sempre aparece com o termo entre aspas, para enfatizar que este termo foi proposto pelo vice presidente e, ainda, sinaliza a apreciação da jornalista em relação ao termo. Neste vocábulo, o sufixo diminutivo indica o tom irônico usado por Temer para se referir à crise político-econômica, vivenciada pelo país. O referente textual ‘marolinha’, também, é utilizado entre aspas pela jornalista com a intenção similar ao uso de ‘crisezinha’. Além disso, ‘marolinha’ igualmente está no diminutivo, o que sinaliza o uso irônico da expressão pelo ex-presidente Lula.

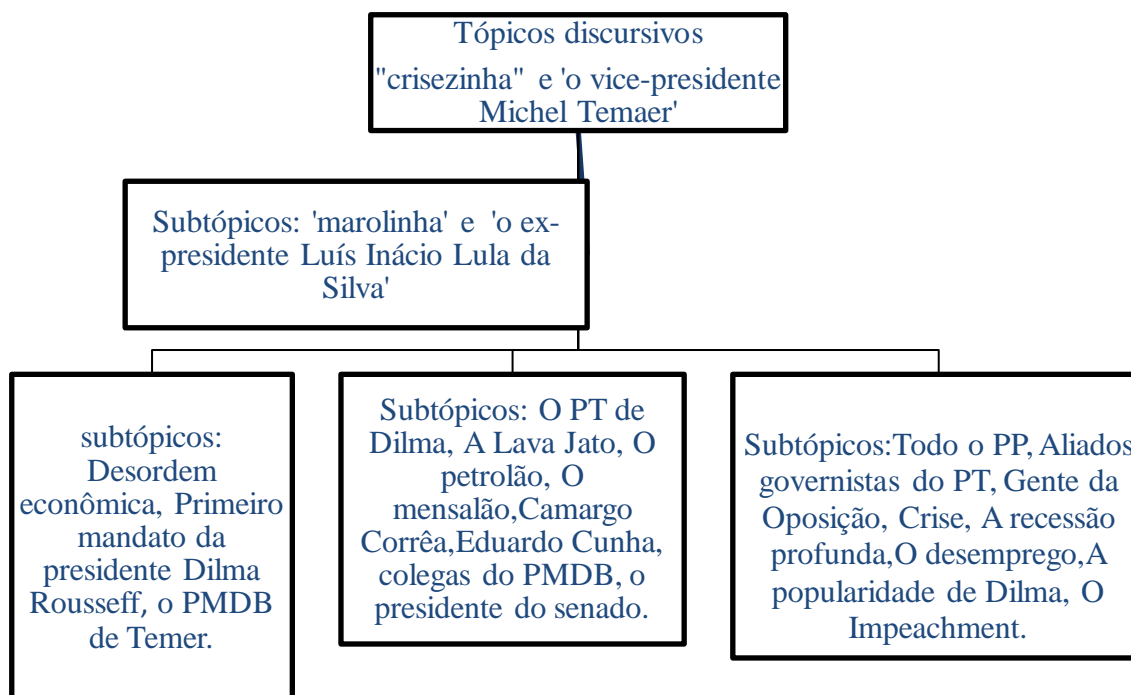
Sobre as recategorizações ‘a “crisezinha” de Temer’ e ‘a “crisezinha” política’, baseadas em sintagmas nominais simples, a locução adjetiva ‘de Temer’ e o adjetivo ‘política’ não são recategorizadores avaliativos. Os qualificadores funcionam no texto como argumentos que orientam o leitor a compreensão do projeto de dizer da jornalista Cantanhêde.

A progressão dos referentes textuais “crisezinha” de Temer e “marolinha” de Lula possibilitaram a inserção de outros referentes, informações que são subtópicas, tais como:

- a) “desordem econômica” e “primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff”- 2º parágrafo;
- b) “o PMDB de Temer” e o “PT de Dilma” – 3º parágrafo;
- c) “a Lava jato”, “o mensalão” e o “petrolão” – 4º parágrafo;
- d) “Camargo Corrêa” – 5º parágrafo;
- e) “Eduardo Cunha”, “colegas do PMDB”, “o presidente do Senado”, “todo o PP”, “aliados governistas do PT”, “gente da oposição” – 6º parágrafo;
- f) “crise” – 8º parágrafo;
- g) “a recessão profunda”, “o desemprego”, “a popularidade de Dilma” e “o impeachment” – 9º parágrafo.

Alguns destes referentes textuais são reativados em alguns momentos do texto, como é o caso dos referentes textuais ‘a Lava Jato’ (retomado no quarto, quinto e sexto parágrafos), ‘presidente Dilma Rousseff’ (retomado uma única vez no sétimo parágrafo), ‘PT’ (retomado no último parágrafo) e ‘PMDB’ (retomado no último parágrafo). Assim, estruturo os referentes textuais do artigo “De “crisezinha” a “marolinha””, na figura abaixo:

Figura 28 - Tópicos discursivos e subtópicos do texto-fonte “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha””



Fonte: Figura proposta pela autora da presente de pesquisa.

A figura 24 apresenta os referentes textuais ‘crisezinha’ e ‘Vice presidente Michel Temer’, tópicos discursivos do texto-fonte ‘De ‘marolinha’ a ‘crisesinha’’. As demais informações são subtópicos como é o caso dos referentes textuais ‘marolinha’ e ‘o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva’, além dos demais referentes textuais, que desenvolvem a progressão argumentativa do texto-fonte.

A próxima análise é dos comentários, em que verificaremos se os leitores reativam tópicos discursivos ou subtópicos ou, ainda, se fazem a inserção de novos referentes. Há uma ressalva em relação aos comentários a respeito do artigo “De crisezinha a marolinha”. Os primeiros comentários se caracterizam por declarações elogiosas dos interactantes para a jornalista como será visto a seguir. Por isso, foram acrescentados mais cinco comentários neste par metatextual, para verificar o processo de reativação, ou não, dos referentes textuais do texto-fonte.

II - Análise das funções discursivas nos comentários do par metatextual “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas””

Os comentários sobre o texto-fonte “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’” foram de estilo mais elogioso como será observado adiante, na análise dos textos verbais dos interactantes Gilda, Marcelo, José, Ilio e Elinor.

Figura 29 - Comentários sobre o texto-fonte “De ‘marolinhas’ a ‘crisezinhas’”



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 07/2015.

É importante sinalizar que, apenas, o comentário da interactante Conceição não foi considerado nesta etapa que analisa os comentários. A partir da ressalva sinalizada, anteriormente, organizo na tabela abaixo os exemplos de comentários dos participantes Gilda, Marcelo, José, Ilio e Elinor, os quais não apresentam reativações de tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte. Há, apenas, a ativação do referente textual Eliane Cantanhêde:

Quadro 5 - Comentários que ativam o referente textual Eliane Cantanhêde

<p>Gilda</p>	<p><i>Olá, Eliane! Tenho muita admiração pelo seu trabalho, que eh impecavel e de maior credibilidade. Por coincidência fomos contemporaneas no Colegio</i></p>
---------------------	---

	<i>Jacobina e colega de sua irmã! Bons tempos com D. Laura! Meu sobrenome de solteira eh Goulart e voce foi colega de classe da Leila, estou certa?</i>
Marcelo	<i>Gosto de ler as suas colunas, Eliane Cantanhêde!</i>
José	<i>Como sempre, você vai ao ponto com a precisão de um cirurgião plástico. Parabéns!!</i>
Ilio	<i>Essa Eliane é demais!!!</i>
Elinor	<i>Eliane sempre brilhante!!!</i>

Fonte: Quadro proposto pela autora da presente pesquisa.

Estes cinco interactantes não fizeram em seus textos reativações de referentes textuais introduzidos pela jornalista Cantanhêde no artigo “De “marolinhas” a “crisezinhas”” e também não introduziram referentes textuais que configurassem numa informação nova anafórica indireta relacionada contextualmente com o texto-fonte. Os participantes optaram por ativar a jornalista Cantanhêde para fazer declarações elogiosas a respeito do trabalho da mesma. Assim, a jornalista é o tópico discursivo dos comentários dos participantes Gilda, Marcelo, José, Ilio e Elinor.

O exemplo seguinte é do interactante Cassio que apresenta funções discursivas que não reativam tópicos discursivos, mas encapsulam informações e reativam subtópico, além da ativação da jornalista Cantanhêde:

Exemplo 119: Comentário do interactante Cassio

Eliane Cantanhêde, infelizmente quase todos estamos chegando à conclusão que os políticos (com raras exceções) são “farinha do mesmo saco”, e deteriorada. Os empreiteiros por sua vez, se não derem dinheiro, não tem obras, se não superfaturam não podem dar tanta propina. Em muitos casos o supefaturamento também serve para benefício próprio. Está na hora de “acabar tudo e começar tudo de novo”. Novas eleições, troca de farinha também deteriorada, pois quase não há opções de escolha. Precisamos mudar a cultura dos que se propõe a cargos eletivos, e de quem os elegem.

Por exemplo: exigir nível superior para os candidatos, e para os que são obrigados a votar. Para tentar melhorar. Parabéns pela matéria.

O comentário de Cassio não apresenta a reativação dos tópicos discursivos, o participante usa o sintagma nominal simples ‘os políticos’, o qual se refere de forma generalizada aos políticos do texto-fonte. Este sintagma nominal é um recategorizador encapsulador que é avaliativamente recategorizado pelo predicativo do sujeito ‘farinha do mesmo saco’ e ‘deteriorado’. Além disto, o participante retoma uma informação secundária com o sintagma nominal simples ‘os empreiteiros’, que a jornalista menciona no 5º parágrafo do artigo.

A opinião de Cassio ativa, ainda, o referente textual ‘novas eleições’, informação nova anafórica indireta que mantém uma relação contextual com o texto-fonte. O referente textual corresponde a um subtópico. Os tópicos discursivos deste comentário são o recategorizador encapsulador ‘os políticos’ e o subtópico do texto-fonte ‘os empreiteiros’. O exemplo do comentário da participante Lorena, indiretamente, reativa o referente textual ‘o vice presidente Michel Temer’, além de ativar a jornalista Cantanhêde:

Exemplo 120: Comentário da interactante Lorena

*Eliana também notei a mão na testa (que diz muita coisa qdo a pessoa tem dúvidas).
Abraços.*

Inicialmente, a participante ativa o referente jornalista com o nome ‘Eliana’. Depois, usa o sintagma nominal simples ‘a pessoa’ que é um recategorizador, o qual reativa o referente discursivo Michel Temer. O uso do termo ‘a pessoa’ dificulta o leitor compreender que esta expressão anafórica direta faz referência ao objeto discursivo ‘Michel Temer’. O termo pessoa tem sentido genérico e o uso deste termo no comentário demonstra que foi utilizado, propositalmente, expressando um distanciamento da interactante em relação ao Michael Temer. O grau de implicitude deste recategorizador é significativo. A sua interpretação é possibilitada pela leitura do texto-fonte, pois, o comentário da participante é uma contrapartida para o texto-fonte.

O interessante no comentário de Lorena é que a compreensão deste depende mais de aspectos que estão fora do texto-fonte. O exemplo do comentário da participante Elizabeth apresenta funções discursivas que reativam um dos subtópicos e um dos tópicos discursivos:

Exemplo 121: Comentário da interactante Elizabeth

Marolinhas, crisezinhasIsso é um tsunami! Socorro!

Na sucinta exposição da interactante Elizabeth, há a retomada dos referentes do texto-fonte: marolinha – subtópico - e crisezinha – tópico discursivo, em que a participante retoma estes referentes com o pronome demonstrativo “isso”, o qual é modificado pelo predicativo “um tsunami”. O predicativo, indiretamente, realiza uma avaliação do referente textual “marolinhas e crisezinhas”. O próximo exemplo é do comentário do interactante Alexandre, o qual utiliza um encapsulador na reativação de tópico discursivo e ativa o referente Cantanhêde:

Exemplo 122: Comentário do interactante Alexandre

Eliane: “Eufenização” do caos!

Primeiro ativa o nome da jornalista, que como dito, se torna um objeto discursivo. Depois, o participante usa o sintagma nominal “Eufenização” do caos que é uma recategorização avaliativa do tópico discursivo ‘crisezinha’. Alexandre com o uso desta recategorização, ironiza a opinião de Michel Temer e também a situação política que é conceituada como “caos”.

Os comentários de Elizabeth e Alexandre apresentam estruturas textuais que não são do estilo de argumentos, mas com estilo de declarações, as quais retomam e recategorizam os tópicos discursivos e subtópico do texto-fonte. Esta estrutura, também, se confirma no exemplo do comentário do interactante Flavio:

Exemplo 123: Comentário do interactante Flavio

está mias prá zona do que pra zinha.

O interactante Flavio utiliza, apenas, o sufixo “zona” para recategorizar, avaliativamente, o referente textual ‘crisezinha’. Já o sufixo diminutivo “zinha” é uma recategorização avaliativa do tópico discursivo ‘crisezinha’.

Ao recategorizar com o sufixo “zona”, Flavio tornou esta forma anafórica direta polissêmica, pois, tanto se pressupõe uma grande crise política ou uma “zona”, que significa desorganização e bagunça política. O participante faz uma brincadeira com os dois sufixos.

Com esta segunda etapa da análise dos comentários a respeito das anáforas diretas e indiretas, se inicia a terceira etapa desta análise que diz respeito ao grau e perfil de relação intertextual existente no par metatextual “De ‘marolinha’ a ‘crisezinha””.

III - Análise das relações de intertextualidade conforme as funções discursivas presentes nos comentários

A análise começa pelos comentários dos participantes Gilda, Marcelo, José, Silvia, Conceição, Adilson, Ilio e Elinor, que não apresentam em sua estrutura textual expressões definidas anafóricas diretas e indiretas, conforme o quadro 5, na página 209.

Nos comentários dos interactantes, a inexistência de funções discursivas, que reativam os tópicos discursivos e subtópicos, aponta para a relação intertextual explícita do tipo referência, porque há em todos os comentários a citação por referência do nome da jornalista.

A frequência deste perfil de intertextualidade, a referência, pode representar um traço deste gênero textual, em que os participantes buscam manter uma “simetria” entre pontos de vista, o que reflete uma relação interdiscursiva contratual.

Já, no exemplo do comentário do participante Cassio, verifica-se uma relação intertextual híbrida, porque, no nível da explicitude, há a referência ao nome da jornalista ‘Eliane Cantanhêde’ e a citação do subtópico do texto-fonte ‘os empreiteiros’, além da inserção da informação nova ‘novas eleições’:

Exemplo 124: Comentário do interactante Cassio

Eliane Cantanhêde, infelizmente quase todos estamos chegando à conclusão que os políticos (com raras exceções) são “farinha do mesmo saco”, e deteriorada. Os empreiteiros por sua vez, se não derem dinheiro, não tem obras, se não superfaturam não podem dar tanta propina. Em muitos casos o superfaturamento também serve para benefício próprio. Está na hora de “acabar tudo e começar tudo de novo”. Novas eleições, troca de farinha também deteriorada, pois quase não há opções de escolha. Precisamos mudar a cultura dos que se propõe a cargos eletivos, e de quem os elegem.

Por exemplo: exigir nível superior para os candidatos, e para os que são obrigados a votar. Para tentar melhorar. Parabéns pela matéria.

As informações intertextuais explícitas são a ativação do nome da jornalista – ‘Eliane Cantanhêde – que se caracteriza no perfil da referência e a retomada do subtópico ‘os empreiteiros’ por citação.

O recategorizador encapsulador ‘os políticos’, implicitamente, alude aos políticos mencionados no texto-fonte, assim, define uma intertextualidade implícita, a qual é verificada na informação anafórica indireta ‘novas eleições’ que mantém uma relação implícita com o contexto discursivo.

A intertextualidade híbrida apresenta a relação interdiscursiva mesclada entre o ponto de vista do participante Cassio com a jornalista Cantanhêde. O uso de informações novas determina uma identidade ao comentário de Cassio, que vai além das informações propostas pelas jornalista, o que configuraria numa autonomia discursiva do interactante. A intertextualidade no comentário da participante Elizabeth é do tipo intertextual explícita por citação:

Exemplo 125: Comentário da interactante Elizabeth

Marolinhas, crisezinhas isso é um tsunami! Socorro!

A função discursiva que retoma informações do texto-fonte indica uma repetição de ideias que orienta para uma relação interdiscursiva de proximidade. No comentário do interactante Alexandre, do tipo declaração, as funções discursivas apontam para uma intertextualidade híbrida.

Exemplo 126: Comentário do interactante Alexandre

Eliane: “Eufenização” do caos!

No início, há a referência ao nome da jornalista a partir da ativação do referente textual Eliane Cantanhêde. Depois, a recategorização avaliativa que, implicitamente, faz a alusão ao tópico discursivo do texto-fonte ‘crisezinha’. Aqui, a intertextualidade híbrida sinaliza para uma relação interdiscursiva mesclada. As funções discursivas presentes no comentário do participante Flavio indicam a intertextualidade implícita:

Exemplo 127: Comentário do interactante Flavio

está mais prá zona do que prá zinha.

O recategorizador avaliativo ‘Eufenização do caos’ faz alusão ao tópico discursivo ‘crisezinha’ presente no texto-fonte. Esta alusão é um contra-argumento de Flavio, em relação ao que foi dito pelo vice-presidente Michel Temer e que foi discutido por Cantanhêde no texto-fonte. Assim, a intertextualidade implícita sinaliza para uma relação interdiscursiva tênue entre os pontos de vista do participante Flavio com o ponto de vista da jornalista Eliane Cantanhêde.

O próximo par metatextual apresenta o texto-fonte “O rei do pixuleco?”, que foi publicado em cinco de agosto de 2015. Neste período, o petista José Dirceu tinha sido preso pela polícia federal, em operação vinculada à operação da Lava Jato, do Ministério Público Federal, em que o político e ex-ministro do governo de Luís Inácio Lula da Silva era investigado por corrupção e por lavagem de dinheiro.

A polícia federal batizou esta operação de “Pixuleco”, termo usado pelo tesoureiro do Partido dos Trabalhadores para se referir ao dinheiro não declarado oficialmente, conforme depoimento prestado pelo empreiteiro investigado e também preso, Ricardo Pessoa. O ex-ministro José Dirceu, de acordo com as investigações, era beneficiado com o “pixuleco”, por isso, o título do artigo é “O rei do pixuleco?”.

6.5 Par metatextual V – “O rei do pixuleco?” – publicado em 5 de agosto de 2015.

Figura 30 – Texto-fonte: “O rei do pixuleco?”



Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2015.

Se o PT lava as mãos e entrega José Dirceu à própria sorte, o que fará quando, e se, o juiz Sérgio Moro e a Operação Lava Jato chegarem até o ex-presidente Lula? Ok, Lula é Lula, mas Dirceu também é Dirceu. Ou será que, de repente, deixou de ser e virou o rei do “pixuleco”?

Lula é o grande líder e o maior símbolo da história do PT, mas José Dirceu foi o grande operador e o maior comandante das tropas petistas nesses 35 anos. Um foi o mito das lutas sindicais, o outro foi o ídolo das lutas estudantis. Um agia à luz do dia, em cima de palanques, o outro agiu boa parte do tempo na penumbra, no anonimato. Os dois são indissociáveis.

Dos tempos heroicos do ABC paulista, megafone em punho, Lula é um sedutor e parecia irremediavelmente sedutor até o petrolão o atingir em cheio e o governo Dilma Rousseff passar por cima. Primeiro, encantou as mulheres, depois os metalúrgicos, em seguida trabalhadores de todos os setores, mais adiante a intelectualidade e a igreja, e finalmente a opinião pública brasileira.

Concorreu cinco vezes à Presidência da República, perdeu três, ganhou duas, ressurgiu das cinzas do mensalão, desceu a rampa do Planalto como um dos líderes mais populares de todos os tempos e levou para casa um troféu: a eleição da inacreditável Dilma, que só foi candidata – e só chegou aonde chegou – pela única e exclusiva razão de que Lula quis.

Logo, o PT abandonar Lula, ou lavar as mãos, parece o fim do mundo, certo? Mais ou menos, porque, ao renegar José Dirceu, o partido sinaliza que já não tem discurso nem energia para defender quem quer que seja – nem para se defender – da profusão de delações e descobertas escabrosas. Digamos, pois, que o PT está a caminho do fim do mundo, depois que sua Executiva Nacional decidiu que, sente muito, não tem como defender o indefensável e não vai mais se associar a Dirceu. Ele virou coisa do passado, além de caso de polícia.

É uma pena, porque Dirceu tem uma vida digna de filme, que começa nos congressos da UNE contra a ditadura, passa por treinamento em Cuba, inclui uma plástica facial, uma vida clandestina no Sul e uma personalidade tão complexa ao ponto de viver durante anos com uma mulher que amava sem revelar a ela sequer o seu nome verdadeiro.

Politicamente, Dirceu é do PT desde a gestação, foi seu presidente de 1995 a 2002, ameaçou se tornar a eminência parda do primeiro mandato de Lula e foi responsável por dois movimentos decisivos tanto para a ascensão e glória quanto para a debacle e vergonha do partido. Foi ele quem deu a guinada “pragmática” para arrecadar dinheiro e levar Lula à vitória. E foi ele o gênio do mal que articulou o mensalão, possivelmente idealizou o petrolão e usufruiu dele com bem mais do que um Fiat Elba. E não é mais primário.

Segundo o então ministro Joaquim Barbosa, fazendo eco à Procuradoria-Geral da República, Dirceu foi o “chefe da quadrilha” do mensalão. Segundo o juiz Sérgio Moro, ele demonstra “profissionalismo na prática de crimes”. E segundo o procurador Carlos Fernando Lima, ele “instituiu o esquema do petrolão e se beneficiou dele”. Conclusão: cartel de empreiteiras existe desde sempre, mas o petrolão inovou ao inverter o organograma. Em vez de os políticos só se aproveitarem do cartel, eles passaram a controlar o cartel a favor de esquemas de poder, de partidos e, como Dirceu, deles próprios.

Dirceu não está sozinho. Ele lidera uma fila de petistas em que o também ex-presidente José Genoíno (caso à parte), dois ex-tesoureiros e figuras como André Vargas jogaram fora as glórias do passado para enfrentar o presente atrás das grades. A fila anda, mas não se sabe ainda onde vai parar. É isso que deixa o PT e Lula muito nervosos.

Ao longo do do artigo, a jornalista faz uma comparação entre o petista Lula e o petista José Dirceu, com o objetivo de constatar quem apresenta maior força política no Partido dos Trabalhadores (PT).

I – Análise dos elementos dos referentes textuais no texto-fonte e as suas respectivas funções discursivas

A jornalista Cantanhêde inicia seu artigo com um questionamento, fazendo referência ao distanciamento do PT com José Dirceu, após a sua prisão, e propõe a reflexão se o partido agiria do mesmo modo com o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, pois, ambas as personalidades políticas possuem grande representatividade no próprio partido e no contexto político. Neste sentido, a jornalista ativa os primeiros referentes textuais, conforme se verifica no parágrafo de introdução do texto:

Exemplo 128: 1º parágrafo – introdução

Se o PT lava as mãos e entrega José Dirceu à própria sorte, o que fará quando, e se, o juiz Sérgio Moro e a Operação Lava Jato chegarem até o ex-presidente Lula? Ok, Lula é Lula, mas Dirceu também é Dirceu. Ou será que, de repente, deixou de ser e virou o rei do “pixuleco”?

A introdução do texto apresenta os primeiros referentes textuais introduzidos pela jornalista Cantanhêde: ‘o PT’, ‘José Dirceu’, ‘o juiz Sérgio Moro’, ‘a Operação Lava Jato’ e ‘o ex-presidente Lula’. Dentre estes já são reativados, no 1º parágrafo, os referentes ‘José Dirceu’ e ‘o ex-presidente Lula’, de forma a ser desenvolvida a progressão dos mesmos, tal como pode ser verificado nas cadeias anafóricas de José Dirceu e o ex-presidente Lula. Começamos pelo referente José Dirceu:

1) Cadeia anafórica: José Dirceu

José Dirceu (introdutor – 1º parágrafo) ↔ Dirceu (1º parágrafo) ↔ Dirceu (1º parágrafo) ↔ o rei do “pixuleco”? ↔ José Dirceu (2º parágrafo) ↔ o grande operador (2º parágrafo) ↔ o maior comandante das tropas petistas nesses 35 anos (2º parágrafo) ↔ o outro (2º parágrafo) ↔ o ídolo das lutas estudantis (2º parágrafo) ↔ o outro (2º parágrafo) ↔ José Dirceu (5º parágrafo) ↔ Dirceu (5º parágrafo) ↔ Ele (5º parágrafo) ↔ Dirceu (6º parágrafo) ↔ que amava sem revelar (6º parágrafo) ↔ o seu nome verdadeiro (6º parágrafo) ↔ Dirceu (7º parágrafo) ↔ φ ameaçou se tornar a eminência parda do primeiro mandato de Lula (7º parágrafo) ↔ φ foi responsável por dois movimentos ... (7º parágrafo) ↔ ele (7º parágrafo) ↔ quem deu ... (7º parágrafo) ↔ ele

(7º parágrafo) ↔ o gênio do mal (7º parágrafo) ↔ φ articulou o mensalão (7º parágrafo) ↔ possivelmente φ idealizou o petrolão (7º parágrafo) ↔ φ usufruiu dele (7º parágrafo) ↔ φ não é mais primário (7º parágrafo) ↔ Dirceu (8º parágrafo) ↔ o “chefe da quadrilha” do mensalão (8º parágrafo) ↔ ele (8º parágrafo) ↔ Dirceu (8º parágrafo) ↔ Dirceu (9º parágrafo) ↔ sozinho (9º parágrafo) ↔ Ele (9º parágrafo).

A progressão anafórica do referente textual José Dirceu sinaliza que este é o tópico discursivo do artigo “o rei do “pixuleco”?”, devido às muitas vezes que a jornalista reativou o referente textual, em quase todos os parágrafos do artigo. Nesta progressão, são verificadas:

a) recategorizações avaliativas como ‘o grande operador’, ‘o maior comandante das tropas petistas nesses 35 anos’;

b) recategorizações como ‘o rei do “pixuleco”’, ‘o ídolo das lutas estudantis’, ‘o seu nome verdadeiro’, ‘o gênio do mal’, ‘o “chefe da quadrilha” do mensalão’, ‘sozinho’;

c) retomadas como ‘José Dirceu’, ‘Dirceu’, ‘o outro’, ‘ele’;

d) ocorrências de elipses do referente que ressaltam as ações realizadas pelo referente textual José Dirceu.

Na progressão de José Dirceu se destacam as recategorizações avaliativas e não avaliativas que são os argumentos que (re)constroem o político na reflexão da jornalista Cantanhêde como, por exemplo, a informação ‘o rei do pixuleco’. Com o objetivo de comparar, a jornalista também ativa e, em seguida, reativa o referente ‘o ex-presidente Lula’:

2) Cadeia anafórica: o ex-presidente Lula

O ex-presidente Lula (introdutor – 1º parágrafo) ↔ Lula (1º parágrafo) ↔ Lula (1º parágrafo) ↔ Lula (2º parágrafo) ↔ o grande líder (2º parágrafo) ↔ o maior símbolo da história do PT (2º parágrafo) ↔ um (2º parágrafo) ↔ o mito das lutas sindicais (2º parágrafo) ↔ um (2º parágrafo) ↔ Lula (3º parágrafo) ↔ um sedutor (3º parágrafo) ↔ irremediavelmente sedutor (3º parágrafo) ↔ o (pronome oblíquo/3º parágrafo) ↔ φ encantou as mulheres (3º parágrafo) ↔ φ concorreu cinco vezes à Presidência da República (4º parágrafo) ↔ φ perdeu três (4º parágrafo) ↔ φ ganhou duas (4º parágrafo) ↔ φ ressurgiu das cinzas do mensalão ↔ φ desceu a rampa do planalto (4º parágrafo) ↔ um dos líderes mais populares de todos os tempos (4º parágrafo)

↔ φ levou para casa um troféu ... (4º parágrafo) ↔ Lula (4º parágrafo) ↔ Lula (7º parágrafo) ↔ Lula (9º parágrafo).

A extensão da cadeia anafórica do referente textual ‘o ex-presidente Lula’ orienta para sua condição de ser o outro tópico discursivo do artigo e as suas reativações ocorrem a partir das funções discursivas seguintes:

- a) recategorizações avaliativas como ‘o grande líder’, ‘o maior símbolo da história do PT’, ‘irremediavelmente sedutor’;
- b) recategorizações como ‘o mito das lutas sindicais’, ‘um sedutor’, ‘um dos líderes mais populares de todos os tempos’;
- c) retomadas como ‘Lula’, ‘um’ (artigo indefinido), ‘o’ (pronome oblíquo);
- d) elipses do referente, que ressaltam as ações praticadas pelo referente ‘o ex-presidente Lula’.

Do mesmo modo que o referente José Dirceu, as recategorizações avaliativas ou não determinam a progressão do referente o (re)construindo no artigo com informações que possibilitam o leitor compreender o perfil de dois políticos importantes, pertencentes ao mesmo partido. Por isso, a jornalista, no final do segundo parágrafo, observa “os dois são indissociáveis”, em que o sintagma nominal simples ‘os dois’ encapsula os referentes textuais José Dirceu e Lula. O predicativo nominal ‘indissociáveis’ expressa o quanto os políticos são ligados um ao outro e também são fortes.

Como um referente textual coadjuvante, a jornalista ativa e reativa o referente textual ‘o PT’, o partido dos dois políticos em questão, o qual é usado para respaldar a (re)construção dos tópicos discursivos. Na progressão deste referente são constantes as retomadas do nome:

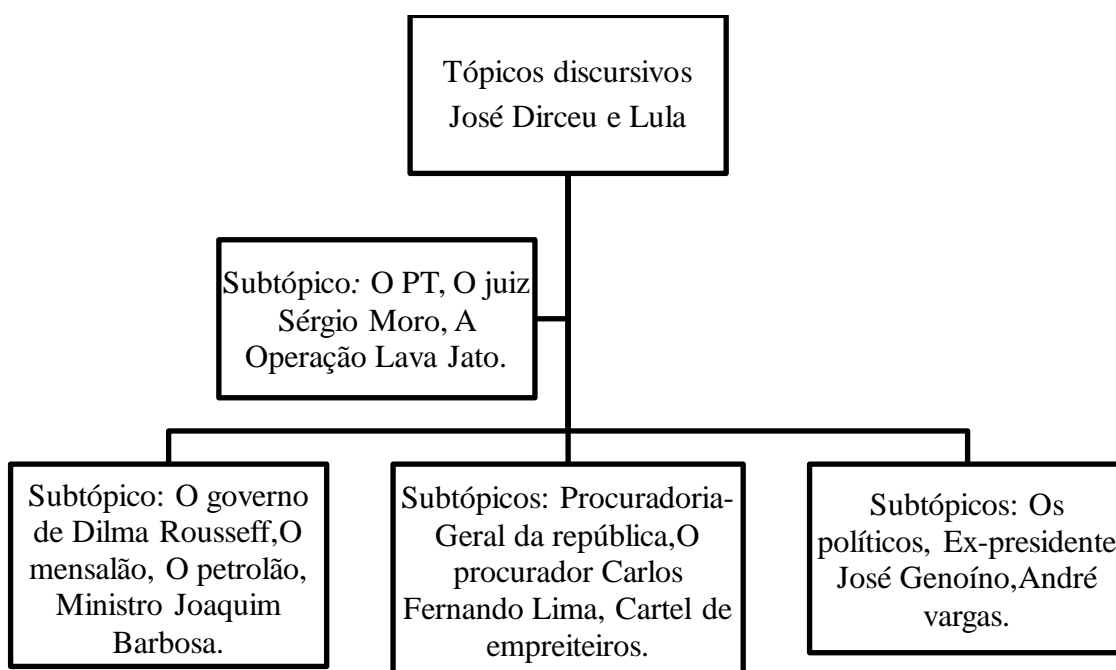
3) Cadeia anafórica: o PT

O PT (introdutor – 1º parágrafo) ↔ o PT (5º parágrafo) ↔ φ lavar as mãos (5º parágrafo) ↔ ao φ renegar José Dirceu (5º parágrafo) ↔ o partido (5º parágrafo) ↔ φ não tem discurso nem energia para defender quem quer que seja ... (5º parágrafo) ↔ o PT (5º parágrafo) ↔ sua Executiva Nacional (5º parágrafo) ↔ PT (7º parágrafo) ↔ seu presidente de 1995 a 2002 (7º parágrafo) ↔ PT (9º parágrafo).

Na cadeia anafórica, a reativação ocorre por retomadas do nome, como já pontuado, por elipses do referente e ainda em recategorizações como ‘o partido’, ‘sua executiva Nacional’, ‘seu presidente de 1995 a 2002’. O referente textual ‘o PT’, no artigo, é uma informação subtópica, que se confirma com a extensão.

Além do subtópico ‘o PT’, o artigo introduz outros referentes com perfil de subtópicos como os referentes ‘o juiz Sérgio Moro’ (reativado duas vezes), ‘a Operação Lava Jato’, ‘o governo Dilma Rousseff’ (reativada duas vezes), ‘o mensalão’, ‘o petrolão’ (reativado três vezes), ‘ministro Joaquim Barbosa’, ‘Procuradoria-Geral da República’, ‘o procurador Carlos Fernando Lima’, ‘Cartel de empreiteiros’, ‘os políticos’, ‘ex-presidente José Genoíno’, ‘André Vargas’. Estes subtópicos são informações complementares, que propiciam o desenvolvimento da argumentação que tem como ideias centrais os tópicos discursivos José Dirceu e Lula. Assim, no esquema, abaixo, se organizam os tópicos discursivos e as informações subtópicas do artigo:

Figura 31 - Tópicos discursivos e subtópicos do texto-fonte “O rei do pixuleco?”



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

Na segunda seção da análise, verificar-se-á se os interactantes reativam os referentes textuais, os tópicos discursivos ou se reativam os subtópicos ou ainda se introduzem novos referentes textuais que passam a ser subtópicos em relação ao texto fonte.

II - Análise das funções discursivas nos comentários do par metatextual “o rei do “pixuleco”?”

O texto-fonte fonte faz referência a personagens importantes do contexto político, os quais apresentam processos na justiça por atos de corrupção. A abordagem despertou o interesse dos interactantes em externas as suas percepções, em comentários, sobre José Dirceu e Luís Inácio Lula da Silva, conforme apresentados na figura.

Figura 32 - Comentários sobre o texto-fonte “o rei do pixuleco?”

Marialva Estou aqui a pensar de como triste é o seu relato Eliane Cantanhêde. Estou vendo o Zé Dirceu do "meu tempo", líder estudantil, ao lado do Luiz Travassos e Vladimir Palmeira, a defender seus ideais, que eram os nossos. Que guri inteligente e admirável !E agora, isso ? Como pode ter acontecido tanta mudança ? Não sei explicar, mas lamento, lamento muito ...
Curtir · Responder · 4 · 5 de agosto de 2015 às 09:33

Emilio Marialva,ao mesmo tempo que exigimos que a justiça seja feita,até as últimas consequências,vem uma tristeza de um sonho maculado.Como ousaram corromper aquela ideia de pureza ,de que tudo era possível. Não sei se as pessoas mudaram ou se revelaram.Realmente da uma tristeza em quem sonhou esta utopia
Curtir · Responder · 2 · 5 de agosto de 2015 às 12:13

Naylde O poder corrói.
Curtir · Responder · 1 · 5 de agosto de 2015 às 15:04

Beatriz Era apenas um comuna travestido de defensor dos direitos dos fracos e oprimidos.
Curtir · Responder · 1 · 5 de agosto de 2015 às 17:05

Samuel Nunca me enganou.
Curtir · Responder · 6 de agosto de 2015 às 14:17

Anibal Eliane, ele vai segurar a onda. Não vai querer entregar todo o esquema. Mas outros, como o irmão dele, podem abrir a boca. Vamos esperar e torcer.
Curtir · Responder · 4 · 5 de agosto de 2015 às 09:30

Hélio Esse "abandono" já é parte da ESTRATÉGIA de LULA /PT para 2018. Se descolar de Zé Dirceu para novamente se CANDIDATAR como SALVADOR da pátria . O que importa de verdade prá todos eles são os dedos ,por isso deixam os anéis se perderem...
Curtir · Responder · 24 · 5 de agosto de 2015 às 09:27

Luis Mas estará impedido em 2018 porque vai passar um tempo em Curitiba e depois vai morar definitivamente na Papuda.
Curtir · Responder · 1 · 5 de agosto de 2015 às 10:06

Heitor Até 2018 o PT vai se descolar do PT pq nak vai sobra ngm
Curtir · Responder · 2 · 5 de agosto de 2015 às 10:09

Lais Concordo com a Leidiane Cadenes. Não é o PT que vai abandonar o Lula. O Lula é que vai abandonar o PT junto com Zé Dirceu, Dilma e outros, mensalão, petrolão etc. Vai dizer que não sabia de nada pra voltar em 2018 "como salvador da pátria". Isso se ele conseguir se livrar do petrolão e do BNDES. Tomara que não!
Curtir · Responder · 2 · 5 de agosto de 2015 às 10:51

Guimaraes Eu não acredito que vai ter 2018 para o PT não viu! Aqui em Ribeirão Preto e região, eles foram banidos e faz tempo viu. Acredito que os que eram adeptos já estão caindo fora tb. Não existe + ninguém bobo não. E além do + o UNIVERSO está cuidando para que essa corja seja Banida de vez! Eu ACREDITO nisso.
Curtir · Responder · 1 · 5 de agosto de 2015 às 12:51

Fonte: Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 08/2015.

O primeiro exemplo de comentário para verificar o uso de funções discursivas é o comentário publicado pela interactante Marinalva, que faz uma reflexão sobre José Dirceu, em seu processo político:

Exemplo 129: Comentário do interactante Marinalva

*Estou aqui a pensar de como triste é o seu relato **Eliane Cantanhêde**. Estou vendo o **Zé Dirceu** do "meu tempo", **líder estudantil**, ao lado do Luiz Travassos e Vladimir Palmeira, a defender seus **ideais**, que eram os nossos. Que **guri inteligente e admirável!** E agora, isso? Como pode ter acontecido tanta mudança? Não sei explicar, mas lamento, lamento muito ...*

Logo, no início, a participante ativa o nome da jornalista ‘Eliane Cantanhêde’. Depois, no comentário, há a reativação do tópico discursivo ‘José Dirceu’, em que é retomado pelo nome ‘Zé Dirceu’. Observa-se que o uso de ‘Zé’ é uma variação de José e um traço de informalidade comum em relação ao nome José. A reativação por retomada organiza uma cadeia anafórica com o uso de sintagmas nominais que indicam a função de recategorização em ‘líder estudantil’. A função de recategorização avaliativa em ‘guri inteligente e admirável’, a utilização do vocábulo ‘guri’ é um caso de regionalismo, além da função por retomadas em ‘seus ideais’ e com o uso do demonstrativo ‘isso’, que expressa um sentido de crítica da interactante. Portanto, no comentário da interactante Marinalva, o tópico discursivo reativado José Dirceu é também tópico discursivo da opinião da participante.

A reativação do tópico discursivo ‘José Dirceu’ e a sua reconstrução no comentário refletem a decepção da participante Marinalva, como também pode ser observada no exemplo de comentário do interactante Emilio:

Exemplo 130: Comentário do interactante Emilio

*Marialva, ao mesmo tempo que exigimos que a justiça seja feita, até as últimas consequências. vem uma tristeza de **um sonho maculado**. Como ousaram corromper **aquela ideia de pureza**, de que tudo era possível. Não sei se **as pessoas** mudaram ou se revelaram. Realmente da uma tristeza em quem sonhou **esta utopia**.*

No início do texto, Emilio ativa o nome da interactante ‘Marinalva’, assim, esta se torna um objeto discursivo. Adiante, o interactante Emilio utiliza o sintagma nominal ‘as pessoas’, recategorizador encapsulador que não reativa de forma direta qualquer tópico discursivo. Este recategorizador faz referência de modo generalizado aos referentes textuais.

Confirma-se, ainda, na opinião explicitada pelo participante Emilio, a inserção de referente ‘um sonho imaculado’, informação nova anafórica indireta, em que seu sentido é recuperado discursivamente. O novo referente ‘um sonho imaculado’ é reativado no comentário de Emílio ao usar a função discursiva recategorizadora nos sintagmas ‘aquela ideia de pureza’ e ‘esta utopia’. Neste sentido, o tópico discursivo da opinião do participante Emílio é ‘um sonho imaculado’. O próximo exemplo de comentário é da participante Naylde, a qual se expressa de modo muito sucinto:

Exemplo 131: Comentário do interactante Naylde

O poder corrói. ...

O sintagma nominal simples ‘o poder’ tem perfil de um novo referente textual, anafórico indireto, um subtópico que mantém relação de sentido com o texto-fonte, indiretamente, a partir do contexto discursivo. O referente textual ‘o poder’ é o tópico discursivo da opinião de Naylde. Logo, este indica uma mudança temática no comentário de Naylde que leva à interrupção temática do texto-fonte, mas sem perder a relação de coerência com o texto-fonte. O exemplo de comentário da interactante Beatriz apresenta a reativação do tópico discursivo ‘José Dirceu’:

Exemplo 132: Comentário do interactante Beatriz

*Era apenas **um comuna** travestido de **defensor dos direitos dos fracoseoprimidos**.*

A participante reativa o referente ‘José Dirceu’ com os sintagmas nominais simples recategorizadores ‘um comuna’ e ‘defensor dos direitos dos fracos e oprimidos’. Tais recategorizações reconstróem o tópico discursivo José Dirceu de acordo com as percepções da interactante Beatriz. Os mesmos, também, explicitam que o referente José Dirceu é igualmente o tópico discursivo da opinião de Beatriz. Em seguida, apresenta-se o exemplo do comentário do interactante Aníbal, em que se nota a reativação de tópicos discursivos:

Exemplo 133: Comentário do interactante Aníbal

***Eliane, ele** vai segurar a onda. **Não vai querer entregar todo o esquema**. Mas outros, como **o irmão dele**, podem abrir a boca. Vamos esperar e torcer.*

O participante Aníbal reativa o referente textual ‘José Dirceu’ com a retomada a partir do pronome de terceira pessoa do singular ‘ele’ e com a elipse do referente na oração “ ϕ não vai querer entregar todo o esquema”. Aliás, o sintagma nominal simples ‘o esquema’ é uma informação nova anafórica indireta o qual a sua compreensão se dá pelo acionamento do contexto discursivo. Assim, este subtópico está indiretamente relacionado com o texto-fonte. Já o tópico discursivo ‘o ex-presidente Lula’ é reativado com o sintagma recategorizador ‘o irmão dele’. O núcleo deste sintagma – ‘irmão’ – expressa a proximidade existente entre José Dirceu e Lula, reforçado pelo vocábulo com função adjetiva ‘dele’, expressando o sentido de posse. O exemplo do comentário do participante Hélio reativa os tópicos discursivos José Dirceu e o ex-presidente Lula:

Exemplo 134: Comentário do interactante Hélio

*Esse "abandono" já é parte da **ESTRATÉGIA de LULA /PT** para 2018. Se descolar de **Zé Dirceu** para novamente se **CANDIDATAR** como **SALVADOR da pátria**. O que importa de verdade prá todos eles são os dedos, por isso deixam os anéis se perderem...*

No início do comentário, Hélio usa o sintagma nominal encapsulador ‘esse “abandono”’, em que o nome está entre aspas para expressar ironia. O recategorizador encapsulador reativa as informações apresentadas na introdução do texto-fonte, em que a jornalista Cantanhêde questiona se o PT lavaria as mãos para José Dirceu: “Se o PT lava as mãos e entrega José Dirceu à própria sorte...”.

Os referentes Lula e PT são reativados no sintagma nominal simples ‘ESTRATÉGIA de LULA/PT’, os quais apresenta a função de locução adjetiva. Além disso, nota-se que os termos estão em caixa alta (*capslock*) para enfatizar o plano do político e do partido. O sintagma ‘estratégia de Lula/PT’ apresenta função encapsuladora, que sintetiza as atitudes de Lula e do PT.

O interactante Hélio ainda retoma o referente José Dirceu com o nome ‘Zé Dirceu’, além de recategorizar o tópico discursivo Lula com o sintagma nominal avaliador ‘SALVADOR da pátria’. O nome salvador está intencionalmente em caixa alta, para, mais uma vez, manifestar sua crítica e sua desaprovação.

O participante Hélio insere em seu texto a informação nova ‘2018’, em que estabelece uma relação discursiva com o texto-fonte. A informação ‘2018’ é um subtópico do

comentário e José Dirceu e Lula os tópicos discursivos da opinião de Hélio. O exemplo do comentário do interactante Luis, indiretamente, reativa o referente textual Lula:

Exemplo 135: Comentário do interactante Luis

Mas ϕ estará impedido em 2018 porque ϕ vai passar um tempo em Curitiba e depois vai morar definitivamente na Papuda.

O tópico discursivo Lula está elíptico. Logo, o mesmo é reativado implicitamente pelas terminações verbais. Neste comentário, se destacam as informações novas anafóricas indiretas, introduzidas por Luís que são os circunstanciadores temporal e espacial ‘em 2018’, ‘em Curitiba’ e ‘na Papuda’, três informações subtópicas recuperadas discursivamente. O subtópico 2018 se refere ao ano eleitoral; já, as informações Curitiba e Papuda fazem referência à prisão da polícia federal para onde são enviados os políticos presos na Lava Jato. Deste modo, o tópico discursivo do comentário é o referente textual Lula e os circunstanciadores são subtópicos da opinião. O exemplo do comentário do interactante Heitor está centrado no subtópico ‘o PT’:

Exemplo 136: Comentário do interactante Heitor

Até 2018 o PT vai se descolar do PT pq nak vai sobra ngm

Há o uso do circunstanciador temporal ‘até 2018’, que é uma retomada de referente textual ativado no comentário do participante Luis, e a retomada do subtópico do texto-fonte ‘o PT’, sem fazer referência aos tópicos discursivos do texto-fonte. Estas duas informações são os tópicos discursivos do comentário de Heitor.

O último exemplo é do comentário da participante Laís, a qual reativa os tópicos discursivos José Dirceu e o ex-presidente Lula e os subtópicos: o PT, Dilma Rousseff, mensalão, petrolão e 2018:

Exemplo 137: Comentário da interactante Laís

Concordo com o Hélio. Não é o PT que vai abandonar o Lula. O Lula é que vai abandonar o PT junto com Zé Dirceu, Dilma e outros, mensalão, petrolão etc. Vai dizer que não sabia de nada pra voltar em 2018 "como salvador da pátria". Isso se ele conseguir se livrar do petrolão e do BNDES. Tomara que não!

A participante Laís, no início do seu comentário, demonstra concordar com o participante Hélio, pois, reativa o interactante e o torna um objeto discursivo; além disso, Laís retoma do comentário de Hélio as informações ou referentes ‘2018’ e ‘salvador da pátria’.

Verifica-se que Laís faz a reativação dos tópicos discursivos do texto-fonte ‘José Dirceu’ e ‘o ex-presidente Lula’ com as retomadas a partir dos nomes ‘Zé Dirceu’ e ‘o Lula’.

É importante observar que, ao retomar o sintagma nominal ‘salvador da pátria’, a interactante recategoriza, avaliativamente, o tópico discursivo Lula. Deste modo, o foco da opinião de Laís é o tópico discursivo Lula, pois, este apresentou no comentário outras reativações. Já os referentes reativados por retomada – o PT, Dilma, mensalão, petrolão – são informações subtópicas, pois, não obtiveram uma progressão referencial neste comentário. Da mesma forma, a informação nova BNDES, anafórico indireto, é um subtópico relacionado semanticamente com o discurso.

A próxima etapa é a análise da intertextualidade nas funções discursivas presentes nos comentários dos interactantes sobre o texto-fonte ‘o rei do “pixuleco”?’.

III - Análise das relações de intertextualidade conforme as funções discursivas presentes nos comentários

Os perfis das reativações dos tópicos discursivos e subtópicos orientam para os tipos de intertextualidade presentes nos comentários, em que podem apresentar explicitude ou implicitude de sentidos, especificidades analisadas nesta terceira etapa, que se inicia pelo comentário de Marinalva:

Exemplo 138: Comentário do interactante Marinalva

*Estou aqui a pensar de como triste é o seu relato **Eliane Cantanhêde**. Estou vendo o **Zé Dirceu** do "meu tempo", líder estudantil, ao lado do Luiz Travassos e Vladimir Palmeira, a defender seus ideais, que eram os nossos. Que guri inteligente e admirável! E agora, isso? Como pode ter acontecido tanta mudança? Não sei explicar, mas lamento, lamento muito ...*

No comentário de Marinalva, há referência ao nome da jornalista e a retomada do tópico discursivo com o nome ‘Zé Dirceu’, dois aspectos que indicam intertextualidade explícita do tipo referência e citação, que defino como intertextualidade explícita composta.

Esse perfil composto é determinado pela referência à jornalista e pela citação do referente textual ‘Zé Dirceu’, mencionado pela jornalista em seu artigo ‘O rei do pixuleco?’. Ao fazer referência à Cantanhêde, a interactante Marinalva dá destaque à abordagem da jornalista sobre o referente José Dirceu que, ao ser citado pela interactante Marinalva, adquire novos sentidos no discurso.

As informações que definem a intertextualidade explícita composta no ponto de vista da participante Marialva marcam uma relação interdiscursiva de proximidade de perspectivas, entre a participante e a jornalista. A referência ao nome da jornalista determina uma interlocução, a qual reforça a proximidade de pontos de vista. No exemplo do comentário do interactante Emilio, as informações destacadas refletem outro perfil de intertextualidade:

Exemplo 139: Comentário do interactante Emilio

*Marialva, ao mesmo tempo que exigimos que a justiça seja feita, até as últimas consequências. vem uma tristeza de **um sonho maculado**. Como ousaram corromper aquela ideia de pureza, de que tudo era possível. Não sei se **as pessoas** mudaram ou se revelaram. Realmente da uma tristeza em quem sonhou esta utopia.*

As três informações destacadas indicam relações intertextuais distintas, enquanto o termo ‘Marinalva’ é uma intertextualidade explícita por referência, os sintagmas ‘um sonho imaculado’ e ‘as pessoas’ fazem alusão a aspectos distintos. A primeira informação, um sonho imaculado, é um dado novo, um anafórico indireto que indica a inserção de um novo referente textual, de modo a aludir a algo que é recuperado no discurso. O sintagma ‘as pessoas’, por sua vez, é um recategorizador encapsulador que faz alusão aos tópicos discursivos do texto-fonte. Logo, o perfil de intertextualidade que prevalece no comentário de Emílio é híbrido, explícito (referência) e implícito (alusão). O hibridismo da intertextualidade transparece a relação interdiscursiva mesclada. Em seguida, o exemplo do comentário do participante Naylde apresenta relação intertextual de perfil implícita:

Exemplo 140: Comentário do interactante Naylde

O poder corrói...

O sintagma nominal simples ‘o poder’ se configura como um dado novo, não ativado no texto-fonte, mas que alude, implicitamente, ao assunto discutido no texto fonte. Esta implicitude intertextual marca uma tênue relação interdiscursiva entre os pontos de vista da participante e da jornalista Cantanhêde. No exemplo do comentário da participante Beatriz, as informações estabelecem relação intertextual implícita:

Exemplo 141: Comentário da interactante Beatriz

*Era apenas **um comuna** travestido de **defensor dos direitos dos fracos e oprimidos**.*

As recategorizações ‘um comuna’ e ‘defensor dos direitos dos fracos e oprimidos’ fazem alusão ao tópico discursivo ‘José Dirceu’, de forma a manter a implicitude intertextual, a qual orienta para um vínculo interdiscursivo subjacente. No comentário do participante Aníbal, as reativações dos referentes textuais determinam para uma relação intertextual híbrida:

Exemplo 142: Comentário do interactante Aníbal

***Eliane**, **ele** vai segurar a onda. Φ Não vai querer entregar todo **o esquema**. Mas outros, como **irmão dele**, podem abrir a boca. Vamos esperar e torcer.*

A intertextualidade explícita é mantida na referência ao nome da jornalista Cantanhêde e a intertextualidade implícita é mantida na retomada do referente ‘José Dirceu’ com uso do pronome de terceira pessoa ‘ele’ e uso da elipse do referente, além da recategorização ‘irmão dele’, o qual reativa o referente ‘Lula’.

Tais casos de retomada e de recategorização são tipos de alusões aos tópicos discursivos do texto fonte. Por isso, este comentário apresenta uma relação intertextual híbrida, explícita (referência) e implícita (alusão), que é determinada pela interdiscursividade mesclada. O comentário do interactante Hélio apresenta também intertextualidade híbrida com base em recategorizador encapsulador e em reativações de referentes textuais:

Exemplo 143: Comentário do interactante Hélio

*Esse "abandono" já é parte da **ESTRATÉGIA de LULA /PT para 2018**. Se descolar de **Zé Dirceu** para novamente se **CANDIDATAR** como **SALVADOR** da pátria. O que importa de verdade prá todos eles são os dedos, por isso deixam os anéis se perderem...*

O recategorizador encapsulador ‘esse “abandono”’ é uma informação que faz alusão ao texto-fonte. A compreensão é, implicitamente, estabelecida por meio do acionamento do cotexto do texto-fonte com o contexto sociocognitivo.

O outro sintagma encapsulador ‘estratégia de Lula/PT’ apresenta a intertextualidade por citação do tópico discursivo Lula e do subtópico ‘o PT’. Igualmente, há a citação na retomada com o nome ‘Zé Dirceu’. Estas especificidades orientam para uma intertextualidade híbrida explícita (citação) e implícita (alusão), que orientam para a interdiscursividade mesclada. O exemplo do comentário de Luís não apresenta sintagmas nominais que reativam os tópicos discursivos e os subtópicos:

Exemplo 144: Comentário do interactante Luís

*Mas ϕ estará impedindo **em 2018** porque ϕ vai passar um tempo em **Curitiba** e depois vai morar definitivamente na **Papuda**.*

A reativação do referente textual Lula por elipse marca para a intertextualidade implícita por alusão. As informações novas ‘em 2018’, ‘em Curitiba’ e ‘na Papuda’ são alusões às informações recuperadas no discurso pelo contexto sociocognitivo. No comentário do interactante Heitor, as funções discursivas determinam para a intertextualidade explícita:

Exemplo 145: Comentário do interactante Heitor

*Até **2018 o PT** vai se descolar do **PT** pq nak vai sobra ngm*

A retomada do referente textual ‘2018’, subtópico do comentário de Luís, e a retomada do subtópico ‘o PT’ do texto-fonte determinam a intertextualidade explícita, que permite observar uma relação interdiscursiva de proximidade entre os participantes Heitor, Luís e Cantanhêde. A intertextualidade híbrida é verificada no comentário publicado pela interactante Laís:

Exemplo 146: Comentário do interactante Laís

Concordo com o Hélio. Não é o PT que vai abandonar o Lula. O Lula é que vai abandonar o PT junto com Zé Dirceu, Dilma e outros, mensalão, petrolão etc. vai dizer que não sabia de nada pra volta em 2018 “como salvador da pátria”. Isso se ele conseguir se livrar do petrolão e do BNDES. Tomara que não!

As informações grifadas no texto verbal do comentário da interactante Laís indicam a intertextualidade explícita (citação e referência) e a intertextualidade implícita (alusão), de modo a refletir a existência de uma intertextualidade híbrida, em que o projeto de dizer estabelece diálogo com o texto-fonte e com outros textos armazenados no conhecimento de mundo.

No comentário de Laís, fica evidente que o nível de explicitude intertextual é maior que o de implicitude intertextual. Neste sentido, o ponto de vista da interactante mantém relação interdiscursiva de proximidade com o ponto de vista de Cantanhêde e também com o ponto de vista do interactante Hélio. É a intertextualidade implícita da informação ‘BNDES’ que garante a autonomia discursiva do texto verbal da interactante Laís.

6.6 Análise qualitativa do corpus da pesquisa⁴⁸

Após uma meticulosa análise dos cinco pares metatextuais, apresento, nesta seção, uma apreciação dos dados coletados dos cinco pares metatextuais. Primeiramente, a presente análise qualitativa dos dados nos embasa a afirmar que

1) há estratégias de anáfora direta que orientam para as propriedades de intertextualidade explícita e implícita do gênero digital comentário com os textos-fonte, que lhes servem de referência;

2) há estratégia de anáfora indireta que orientam para a propriedade de intertextualidade implícita do gênero digital comentário fundamentada cognitiva e discursivamente com os textos-fonte, que lhes servem de referência.

⁴⁸ Na análise qualitativa, foram retomados alguns exemplos de comentários dos pares metatextuais que compõem o capítulo 6.

As funções discursivas nortearam a análise dos dados dos gêneros discursivos artigo de opinião (texto-fonte) e os comentários que compõem os cinco pares metatextuais. Foram consideradas as cinco funções discursivas que estabelecem na superfície textual as estratégias anafóricas direta e indireta, que são: a introdução de referente discursivo ou textual, a retomada de referente discursivo, a manutenção de referente discursivo, a recategorização de referente discursivo e a recategorização avaliativa de referente discursivo.

A primeira função discursiva, a introdução de referentes no processamento do texto, foi essencial para compreender os referentes que na progressão do artigo de opinião da jornalista Cantanhêde estabeleciam a relação de informações dadas e informações novas, em que as primeiras, devido às reativações no texto-fonte adquiriam o *status* de tópicos discursivos e as segundas por não serem reativadas no texto-fonte, adquiriam *status* de subtópicos no artigo jornalístico.

A consideração da relação informação dada e informação nova nos artigos de opinião foi necessária para perceber a progressão tópica nos comentários dos interactantes, isto é, a progressão dos temas políticos, que foram propostos por Cantanhêde, nos comentários dos interactantes que leem as suas publicações jornalísticas.

As demais funções discursivas, evidentemente, foram consideradas a partir do desenvolvimento de cadeias anafóricas dos objetos discursivos do artigo de opinião, pois, a quantidade de reativação dos objetos discursivos, nas cadeias anafóricas, apontava os que eram o tópico discursivo e os que eram o subtópico como, por exemplo, no artigo de opinião *Impeachment or not impeachment*, que tem como tópicos discursivos os referentes textuais: ‘a presidente Dilma Rousseff’, ‘*Impeachment*’, ‘o esforço da oposição’ e ‘uma ação penal’; e como subtópicos os referentes ‘o procurador-geral Rodrigo Janot’, ‘crime de responsabilidade’, ‘crime comum’ e ‘PSDB’.

As funções discursivas, a partir das cadeias anafóricas, ainda foram pistas para a percepção do ponto de vista da jornalista Cantanhêde, em seu artigo. Cito o exemplo do tópico discursivo ‘a presidente Dilma Rousseff’ (Par metatextual I, cadeia na página 135), em que se constatou, na sua cadeia anafórica, a manutenção do núcleo do referente com o nome ‘Dilma’, que expressa um modo informal de Cantanhêde se referir à presidente, por ser a mesma uma pessoa pública. Nesta mesma cadeia, ainda foi verificado que a jornalista usa o recategorizador avaliativo ‘meio estropiada’, o qual evidencia a opinião da jornalista em relação à Dilma Rousseff, no contexto da aprovação de medidas políticas relativas aos temas de reforma trabalhista e de reforma da previdência, num tom irônico. A ironia é um dos

recursos estilísticos utilizados em gêneros discursivos compostos por sequências argumentativas como é o caso do gênero argumentativo artigo de opinião

A identificação dos tópicos discursivos e subtópicos, no artigo de opinião, permitiram que fosse confirmada a reativação dos temas no gênero discursivo comentário, no *Facebook*, a partir das mesmas funções discursivas: introdução de referentes discursivos, retomadas, manutenção de referentes discursivos, recategorização, recategorização avaliativa. Por exemplo, o referente discursivo Dilma Rousseff, tópico discursivo do texto-fonte *Impeachment or not impeachment*⁴⁹, é reativado no comentário do interactante Sergio:

Exemplo 147: Reativação de referente discursivo do artigo de opinião (texto-fonte)

Elane, jornalista do melhor Jornal do Brasil, não é porque seja paulistano, mas é o melhor, no que se refere ao Impeachment, o Collor por muito pouco levou esse remédio jurídico, a Dilma quebrou o Brasil, é psicopata, e quer ela e o PT, implantar a ditadura, cercear o povo se manifestar, veja no facebook, jornalista faz comentários cortar. infelizmente nós estamos num país sem lei. Parabéns novamente.

O interactante Sergio reativa o referente Dilma Rousseff a partir da função discursiva manutenção do núcleo do referente textual ‘Dilma’, de modo a manter, no enunciado, o referente na sua condição de tópico discursivo.

Assim, a retomada de referente, a manutenção do núcleo do referente, a recategorização e a recategorização avaliativa de tópicos discursivos e subtópicos do artigo de opinião (texto-fonte) indicam que houve a progressão temática nos comentários publicados pelos interactantes a respeito dos textos-fontes ‘*Impeachment or not impeachment*’, ‘*Erga Omnes*’, ‘*Governo usa AIDS contra a maioria penal*’, ‘*De ‘marolinha’ a ‘crisezinha’*’ e ‘*O rei do pixuleco?*’.

No caso específico desta pesquisa, o texto-fonte dos comentários são artigos de opinião produzidos pela jornalista Eliane Cantanhêde, o que torna mais interessante a percepção da organização discursiva dos comentários, pois, o jornalista tem por objetivo informar e, ao considerar o gênero artigo de opinião, que é de natureza argumentativa, o informar pode resultar na persuasão ou no convencimento ou, ainda, pode resultar nos dois momentos discursivos. Entretanto, não há como garantir que a persuasão e o convencimento ocorram, concomitantemente, em quaisquer situações discursivas, inclusive no gênero

⁴⁹ O artigo de opinião “*Impeachment or not impeachment*” encontra-se na página 137, no capítulo 6.

comentário, no perfil do *Facebook*. Por isso, o uso diversificado de categorias discursivas instrumentaliza o produtor do texto para atingir seu propósito comunicativo, como por exemplo, na persuasão e no convencimento. Neste sentido, a progressão referencial dos referentes textuais do texto-fonte nos comentários, já confirma, pelo menos, a persuasão.

Assim, a incidência das funções discursivas determina a organização discursiva dos comentários que estruturam os cinco pares metatextuais do *corpus*. O uso de expressões anafóricas diretas nos comentários conserva tanto os tópicos discursivos quanto os subtópicos do texto-fonte, conforme o exemplo do comentário da interactante Elizabeth⁵⁰, a qual retoma o tópico discursivo Crisezinha e o subtópico Marolinha:

Exemplo 148: Comentário de Elizabeth

Marolinhas, crisezinhasIsso é um tsunami! Socorro!

Verificou-se que dos quarenta e sete comentários que compõem os cinco pares metatextuais, quarenta e cinco comentários são constituídos por funções anafóricas diretas que reativam os tópicos discursivos e os subtópicos do texto-fonte. Logicamente, que há particularidades no uso das funções discursivas pelos interactantes, isto é, os interactantes usam as funções discursivas, de acordo com seu propósito comunicativo. Por isso, houve comentários com retomadas e recategorizações avaliativas de referentes do texto-fonte, tal como o exemplo do comentário do interactante Marco:

Exemplo 149: Comentário de Marco⁵¹

*Estão fazendo de tudo para não **reduzir**, inclusive assumirem as **péssimas condições do sistema prisional** como esculpa. Agora, reformar o **sistema prisional**, nem brincado.*

A análise do *corpus* apontou que dos quarenta e cinco comentários com expressões anafóricas diretas, onze destes eram compostos por recategorizadores encapsuladores, junto das demais funções discursivas, como o comentário da participante Susi⁵²:

⁵⁰ O comentário da interactante Elizabeth encontra-se na página 209/10, no capítulo 6.

⁵¹ O comentário do interactante Marco encontra-se na página 184, Capítulo 6.

⁵² O comentário da Interactante Susi encontra-se na página 189/190, no capítulo 6.

Exemplo 150: Comentário de Susi (Governo usa aids contra a maioria penal – Texto-fonte)

*Eu não acredito que o ministro disse **td** isso ... tem consciencia de **TODOS os problemas**. Não coloca o que está sendo feito ou fará para melhoria no sistema carcerário ... e defende então que criminosos fiquem soltos ... assim ... pq são menores ... deixe os à margem da lei... praticando crimes ... pq o governo não tem projeto ou solução para seus problemas ... mas que báh!!! O ultimo q sair apaga a luz ... que pais é este???*

O uso de recategorizadores encapsuladores em comentários revela que os interactantes costumam opinar, em ambientes digitais como o *Facebook*, a respeito das informações do texto-fonte com menções genéricas ou generalizadas que tanto implica numa imprecisão argumentativa quanto um uso intencional do recategorizador encapsulador. Entre os trinta e dois comentários com função discursiva anafórica direta, doze comentários apresentaram recategorizadores encapsuladores em relação ao texto-fonte. A imprecisão argumentativa ocorre pela rapidez na produção de informações nos comentários. Essa rapidez própria do ambiente digital, a qual interfere na produção do texto, caracteriza os encapsuladores usados no comentário de Susi. Em relação à intencionalidade, o uso de expressões que generaliza pode conotar uma forma de não expor, claramente, um ponto de vista sobre referente(s) discursivo(s), por isso uma referência generalizada. Expor, claramente, um ponto de vista em redes sociais pode implicar numa contrapartida de outro interactante que discorde de um ponto de vista específico, principalmente, quando se opina a respeito de fatos políticos, o que cria animosidades.

A avaliação dos dados indicou comentários com funções discursivas que reativam os referentes textuais do texto-fonte e reativam a jornalista Eliane Cantanhêde, sendo um uso comum em enunciados dos comentários. Dos quarenta e cinco comentários com funções discursivas anafóricas diretas, onze reativam referentes textuais do texto-fonte e a própria jornalista Cantanhêde. A jornalista Cantanhêde foi reativada no comentário, pois, a mesma é ativada/introduzida em seu perfil do *Facebook*, de modo a ser um objeto discursivo, por ser o grande interlocutor deste processo discursivo. Ao reativar a referente Cantanhêde no enunciado, confirma-se o processo dialógico da linguagem, em que o referente textual apresenta a função sintática de vocativo, conforme o exemplo do comentário produzido pela interactante Sandra, referente ao artigo:

Exemplo 151: Comentário de Sandra⁵³

Impeachment ou afastamento é o que todos os brasileiros mais desejam nesse momento Eliane Cantanhêde!

Verificaram-se comentários entre os quarenta cinco com expressões anafóricas diretas que somente ocorria a reativação do referente Eliane Cantanhêde, sem qualquer reativação de tópicos discursivos ou subtópicos do texto-fonte. Especificamente, foi um total de sete comentários que, apenas, reativavam o referente Cantanhêde, como o comentário do interactante Narenda⁵⁴, sobre o texto-fonte “*Impeachment or not impeachment*”:

Exemplo 152: Comentário de Narenda

Seguidor assíduo dos comentários no Globonews em Pauta com outros de igual naipe. Vc tem pensado e falado didaticamente tudo que eu não aprendi a expressar. Já meio véinho ainda estarei sempre aprendendo com essa linda jornalista.

Estes foram os exemplos de comentários com estrutura textual constituída por funções discursivas anafóricas diretas, de acordo com a apuração dos dados. Além destes, os dados revelaram sete comentários que, além das funções discursivas relacionadas com a anáfora direta, havia a introdução de novos referentes que determinam a anáfora indireta.

Nesses comentários, as expressões anafóricas diretas reativam referentes textuais do texto-fonte e reativam a própria jornalista Cantanhêde. Mas, este estilo de comentário não fica “preso” à argumentação da jornalista, pois, novas informações são introduzidas de forma a explicitar o desenvolvimento dos pontos-de-vista dos interactantes. As novas informações introduzidas são expressões anafóricas indiretas. Portanto, há uma complexidade nesta organização discursiva dos enunciados desses comentários. Verifica-se que as expressões anafóricas diretas mantêm a continuidade tópica e as expressões anafóricas indiretas realizam uma ruptura momentânea das informações tópicas, algo comum em prática de linguagem da oralidade como a conversação. Isto não implica em dizer que a relação dos comentários com o texto-fonte é uma conversação.

A interação da linguagem em ambientes digitais direciona para o uso virtual da linguagem que configura uma terceira modalidade, a qual mantém a propriedade do

⁵³ O comentário da interactante Sandra encontra-se na página 153, no capítulo 6.

⁵⁴ O comentário do interactante Narenda encontra-se na página 153, no capítulo 6.

continuum no uso da língua, com particularidades que indicam o grau as especificidades de formalidade e informalidade. Estas particularidades diferenciam o gênero digital comentário do gênero conversação que se realiza na modalidade oral da linguagem.

O primeiro exemplo de comentário anafórico direto e indireto é constituído por expressões anafóricas que reativam a jornalista Cantanhêde e reativam os referentes textuais dos textos-fonte, além de inserirem expressão anafórica indireta que são informações novas ancoradas cognitivamente e discursivamente no texto-fonte, tal como o comentário da interactante Andréa⁵⁵ sobre o artigo:

Exemplo 153: Comentário Andréa

Vc fechou bem sua análise, o mundo político só pensa em 2018, portanto, para que ajudar o Brasil de agora? Eles querem mais é ver o circo pegar fogo. Reforma política? Pra que? Pra quem? Para essas pessoas que se elegem, reelegem, elegem filhos, sobrinhos e afins, para continuarem, no poder e garantir a ganância de governos fracos que não têm coragem para fazer o que deve ser feito, passar a limpo o BRASIL!!!!

Quando a interactante Andréa introduz a informação nova *reforma política* em seu enunciado, determina um índice de autoria em seu comentário. Neste ínterim, é importante fazer uma ressalva sobre a questão da autoria em comentários compostos por expressões anafóricas diretas, a partir da função recategorizadora avaliativa. É evidente que o adjetivo ou qualquer vocábulo numa função adjetiva desenvolve a argumentatividade, no entanto, a função avaliativa do adjetivo está vinculada a um julgamento de cunho particular que pode ser ou não contra-argumentado por outro participante da rede social. Diferentemente, de uma informação concreta ou fundamentada que amplia o processo argumentativo do gênero comentário. Ou seja, os recategorizadores avaliativos são informações menos consistentes, por causa do seu caráter pessoal; já, as informações anafóricas indiretas nos comentários substanciam o ponto de vista desenvolvido. No entanto, o uso de recategorizadores, avaliativos ou não, demonstram que os interactantes apresentam seus comentários um repertório diversificado de categorias discursivas.

Assim, os comentários com recategorizadores avaliativos são utilizados em sequências discursivas que indicam posicionamento. Em contrapartida, as informações anafóricas

⁵⁵ O comentário da interactante Andréa encontra-se na página 167, no capítulo 6.

indiretas sustentam as sequências discursivas ao fazer alusão a uma situação discursiva, que se considera essencial para o projeto de dizer. O uso de informações novas nos comentários direciona para a “bagagem” cognitiva dos interactantes, a partir do acionamento do conhecimento de mundo. Dito isso, destaca-se o comentário do participante Fidelis⁵⁶, referente ao artigo “Governo usa aids contra a maioria penal”:

Exemplo 154: comentário de Fidelis

*Pois é. O objetivo é que as pessoas pensem antes e não cometam crimes. **Prisão** é para isso e para isolar os violentos para que não cometam violência contra pessoas inocentes. Esses são os principais objetivos. Ressocialização é uma tentativa importante e necessária, mas vai ser feita na medida do possível, se possível.*

O interactante Fidelis introduz a informação nova ressocialização que sustenta o argumento prisão, o qual é reativado do texto-fonte. A inserção desta informação indica que a relação dialógica não ocorre apenas com o texto-fonte, mas com outras informações discursivas, que fazem parte das experiências dos interactantes, no dia a dia, e são armazenadas na memória semântica dos interactantes, ou seja, o conhecimento de mundo.

Na análise dos comentários, foi raro encontrar exemplares que apresentassem, apenas, expressão anafórica indireta, mas foram localizados somente dois com este tipo de organização discursiva, nos cinco pares metatextuais, compostos por quarenta e sete comentários. Estes dois comentários apresentam uma organização discursiva peculiar, completamente inferencial. Os dois únicos comentários anafóricos indiretos foram publicados pela interactante Vania⁵⁷, sobre o texto-fonte “*Impeachment or not Impeachment*” e pela participante Naylde⁵⁸, sobre o texto-fonte “O rei do pixuleco?”.

Para a compreensão das informações contidas nestes dois exemplos de enunciados, organizados com um único período, é necessário que o interactante, na condição de leitor, saiba sobre o assunto que é abordado no texto-fonte e acione o contexto sociocognitivo para realizar a interpretação, pois, do contrário, tornam-se enunciados soltos, descontextualizados, sem sentido.

⁵⁶ O Comentário do interactante Fidelis encontra-se na página 187, no capítulo 6.

⁵⁷ O comentário da interactante Vania encontra-se na página 154, no capítulo 6.

⁵⁸ O comentário da interactante Naylde encontra-se na página 221/2, no capítulo 6.

Esses dois únicos casos de comentários constituídos pela função anafórica que introduz novos referentes discursivos lembram, novamente, o gênero discursivo conversação, da modalidade oral. Na atividade discursiva da conversação é comum a inserção de subtópicos, o que equivale a uma mudança de tópico (MARCUSCHI, 2007), algo esperado numa interação coletiva como a que ocorre no *Facebook*. Entretanto, estes dois exemplos revelam uma mudança completa do tópico discursivo, mas sem perderem a relação de coerência com o texto-fonte, pois, o contexto sociocognitivo possibilita esta mudança de tópico discursivo sem comprometer a coerência da atividade discursiva que está sendo desenvolvida no gênero digital comentário.

Nesse sentido, percebe-se que os comentários estruturados com funções discursivas anafóricas diretas mantêm a sequenciação do mesmo tópico discursivo (MARCUSCHI, 2007) do texto-fonte. No que tange aos comentários organizados com funções discursivas anafóricas, direta e indireta, esses indicam a sequenciação do mesmo tópico discursivo (MARCUSCHI, 2007), mas que sofre uma quebra de tópico em que se retoma em algum momento. Finalmente, os comentários anafóricos indiretos interrompem a progressão tópica ao inserir um novo tópico para a discussão que em relação ao texto-fonte é um subtópico.

Estas funções discursivas foram importantes para confirmar a heterogeneidade discursiva numa superestrutura discursiva que é o perfil do *Facebook*, apreciado como um gênero discursivo digital, com estrutura linguística, temática e estilo, mas também apresenta a qualidade de suporte de gêneros discursivos, digitais ou não digitais. Por exemplo, o perfil do *Facebook* é o suporte do gênero discursivo digital comentário. Junto desta atividade discursiva, há ainda as atividades discursivas digitais Curtir e Compartilhar, conforme organizo na figura 33:

Figura 33 - Superestrutura discursiva: Gênero discursivo digital perfil do *Facebook*



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

A conclusão da existência desta superestrutura discursiva é determinante para compreender as conexões que acontecem entre diversos gêneros digitais que transitam em perfis do *Facebook*. É importante para entender, principalmente, a função discursiva do gênero digital comentário, um dos gêneros digitais com uso frequente nos perfis privados e públicos do *Facebook*. No gênero comentário, os interactantes, constantemente, expõem seus pontos de vista e suas emoções sobre temas publicados por proprietários de perfis privados e públicos. As publicações textuais realizadas por estes proprietários de perfis, como a jornalista Eliane Cantanhêde, são consideradas textos-fonte que inspiram a publicação de comentários ou estimulam a existência dos gêneros discursivos Curtir e Compartilhar. Estes três gêneros digitais - Curtir, Comentar e Compartilhar – são as essências discursivas que tornam o entretenimento em perfis do *Facebook* possível e interessante para os usuários da rede.

Logo, esta superestrutura discursiva se organiza, composicionalmente, com um texto-fonte (que pode ser formado pelo gênero digital *Link* ou por outros gêneros não digitais como o artigo de opinião, entre outros gêneros discursivos) e com os gêneros digitais comentário, curtir e compartilhar. Tais gêneros confirmam o traço da coletividade, base do entretenimento digital, que é entendido pela conexão de muitos com muitos na *Internet*, a comunicação em rede, o princípio da “Sociedade em rede”, postulado por Castells (1999).

O aspecto da coletividade é uma característica que explicita tanto o processo dialógico da linguagem nos ambientes digitais quanto determina a terceira modalidade da linguagem que foi conceituada, neste estudo, como digital, conforme o primeiro capítulo da pesquisa. Assim sendo, o gênero discursivo digital perfil do *Facebook* apresenta aspectos composicionais de qualquer gênero discursivo: estrutura linguística, tema e estilo, bem como o gênero discursivo comentário, igualmente, apresenta estas propriedades discursivas que determinam um gênero.

É necessário frisar que, neste estudo, o interesse foi analisar a composição verbal do gênero digital comentário. Mas, é ainda necessário fazer outra observação a respeito deste gênero. Este também pode ser um suporte para outros gêneros discursivos como, por exemplo, o comentário do participante Evanir, referente ao artigo *Impeachment or not impeachment*, que não foi contemplado para o fim de análise do *corpus*, o qual é constituído somente por *Link*:

Exemplo 155: Comentário como suporte de outros gêneros digitais

Evani <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=548861235251895&set=a.172245469580142.41283.100003840701641&type=1&theater>

Curtir · Responder · 2 a

Fonte: Disponível em:

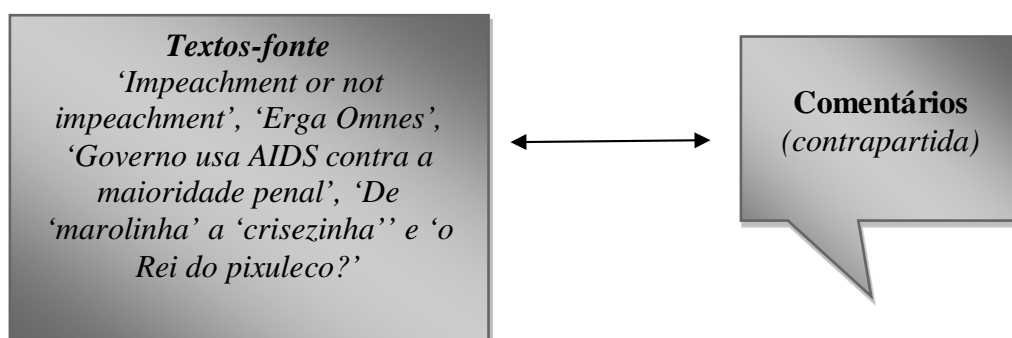
https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11/2017.

Essa outra particularidade do gênero digital comentário confirma o caráter híbrido e hipertextual dos gêneros digitais e permite que se pense no aspecto coletivo entre os gêneros discursivos em ambientes digitais como o *Facebook*. Neste sentido, a coletividade em ambientes digitais assinala para a heterogeneidade discursiva, propriedade essencial da linguagem, e para conexão de gêneros discursivos tanto digitais como não digitais, de acordo com a verificação do *corpus*. Isto demonstra a propriedade intertextual dos gêneros discursivos digitais, aspecto que está na ordem macro do discurso.

Portanto, qualquer publicação de comentário estará sempre fundamentada num texto-fonte que lhe serve de referência, o que implica a relação intertextual, como ocorre em práticas sociais da linguagem da modalidade oral, por exemplo, o diálogo e a conversação.

O diálogo e a conversação são atividades discursivas habitualmente desenvolvidas na relação intertextual entre um texto-fonte e uma contrapartida para este texto. Do mesmo modo, os comentários publicados pelos interactantes do *Facebook* são contrapartidas para textos-fontes publicados no perfil do *Facebook*, de modo a orientar para a relação intertextual. Com base neste raciocínio, é importante pontuar que as curtidas e os compartilhamentos, igualmente, são contrapartidas para textos-fonte publicados em perfis do *Facebook*. Nesta lógica, podemos representar a relação intertextual entre os textos-fonte e os comentários do *corpus*:

Figura 34 - Relação intertextual entre os textos-fontes e os comentários



Fonte: Figura proposta pela autora da presente pesquisa.

A relação intertextual, estabelecida entre o comentário e o texto-fonte, caracteriza a relação metatextual, que justifica a conceituação de pares metatextuais proposta para a organização do *corpus* da presente pesquisa. A contrapartida dos comentários é desenvolvida a partir das funções discursivas anafóricas direta e indireta, que refletem a relação de copresença do comentário com o texto-fonte. Assim, dos quarenta e sete comentários que fundamentam os pares metatextuais, vinte comentários apresentaram relação intertextual híbrida, como o exemplo do comentário da interactante Andréa:

Exemplo 156: Comentário de Andréa

Vc fechou bem sua análise, o mundo político só pensa em 2018, portanto, para que ajudar o Brasil de agora? Eles querem mais é ver o circo pegar fogo. Reforma política? Pra que? Pra quem? Para essas pessoas que se elegem, reelegem, elegem filhos, sobrinhos e afins, para continuarem, no poder e garantir a ganância de governos fracos que não têm coragem para fazer o que deve ser feito, passar a limpo o BRASIL!!!!

A intertextualidade é híbrida porque há informações que mantêm relação explícita com o texto-fonte e há informações que se relacionam implicitamente com o texto-fonte. No comentário de Andrea, as informações que são explícitas são as que apresentam as funções discursivas de retomar referentes textuais do texto-fonte, como é o caso do sintagma nominal 'o mundo político' e o sintagma adverbial 'em 2018'.

As informações que se relacionam implicitamente com o texto-fonte são as que apresentam as funções discursivas de recategorizador encapsulador, recategorizador avaliativo e ainda introdutor de novos referentes textuais; como é o caso do recategorizador encapsulador 'essas pessoas', do recategorizador avaliativo 'governos fracos' e do novo referente 'Reforma política'. A intertextualidade híbrida indica que o interactante, no seu enunciado, dialoga com as informações propostas pela jornalista no texto-fonte e com outros discursos. Especificamente, os recategorizadores encapsuladores e avaliativos orientam para a percepção de Andréa, que está implícita. O novo referente Reforma política indica a relação com outros discursos e as informações explícitas orientam para a relação com o discurso do texto-fonte.

Logo, o que se nota com a análise da intertextualidade nos comentários é que a ocorrência das funções discursivas: recategorizador encapsulador, recategorizador avaliativo e introdutor de novos referentes, determinam relações de co-presença do tipo implícito. Assim, dos quarenta e sete comentários avaliados, onze estabelecem relação implícita com o texto-fonte, em que destes onze, apenas dois são alusões baseadas na estratégia anafórica indireta, conforme os comentários dos interactantes Vania e Naylde sobre o texto-fonte “*Impeachment or not Impeachment*”. Nos demais comentários, a implicitude/a alusão se concentra nas recategorizações avaliativas e encapsuladoras, tal como o exemplo do comentário de Luiz⁵⁹:

Exemplo 157: Comentário de Luiz

Tuti buona gente, mas tuti ladri ... Boa a tua análise, como sempre. NO entanto, há indícios que o Dr. Sombra está se desquitando da Dama de Paus.

De acordo com o comentário de Luiz, a relação intertextual implícita a partir das funções discursivas recategorização avaliativa e encapsuladora indicam que o diálogo acontece entre o ponto de vista do interactante, estruturado no gênero comentário, com o texto-fonte, de forma a manter a relação com o tópico discursivo. A intertextualidade implícita, com base em informações novas, anafóricas indiretas, indica que o ponto de vista do interactante relaciona-se com outros discursos, de modo a ocorrer, nestes comentários, a mudança de tópico discursivo, conforme o exemplo da participante Naylde (p.219).

Há ainda o predomínio da explicitude intertextual nos comentários que compõem o *corpus* da pesquisa. Considerando o total de quarenta e sete comentários que constituem os pares metatextuais, apenas dezesseis comentários apresentaram intertextualidade do tipo citação, conforme o comentário da interactante Ignez, apresentado na página 164, o qual a função discursiva de retomada de referente implicou na citação de informações do texto-fonte “*Erga Omnes*”.

Outro perfil de intertextualidade explícita é do tipo referência, a partir da função discursiva retomada. Dos dezesseis comentários com intertextualidade explícita, seis eram do tipo referência ao nome da jornalista Eliane Cantanhêde, conforme o comentário de Marleine⁶⁰:

⁵⁹ O comentário do interactante Luiz encontra-se na página 168/9, no capítulo 6.

⁶⁰ O comentário da interactante Marleine encontra-se na página 166, no capítulo 6.

Exemplo 158: Comentário de Marleine

Eliane, sou fã absoluta do Em Pauta. Credito a você as melhores definições sobre esse desgoverno. Explicações lúcidas, inteligentes, bem construídas e mordazes o suficiente para entendermos a crítica. E, acima de tudo, de forma elegante. Parabéns

Apenas cinco comentários, dos dezesseis que se relacionam explicitamente com o texto-fonte, apresentam uma intertextualidade explícita composta por citação e referência, estruturados com as funções discursivas retomadas e manutenção do núcleo de referentes textuais, como o exemplo do comentário de Sandra, já propostos na página 99, sobre o texto-fonte “*Impeachment or not Impeachment*”.

A relação intertextual explícita indica a manutenção temática do texto-fonte nos comentários e indica, ainda, a reafirmação do ponto de vista da jornalista Cantanhêde. Deste modo, a análise crítica dos dados apresentou como a intertextualidade se torna uma característica de gêneros discursivos digitais como o gênero digital comentário.

A intertextualidade nos comentários é construída com base na sua relação semântica com o texto-fonte, por isso, ela é metatextual, a qual se constrói na contrapartida do comentário com o texto-fonte e nesse processo a estrutura textual do gênero comentário pode apresentar particularidades intertextuais. Uma destas é a intertextualidade híbrida, em que as funções discursivas anafóricas, direta e indireta, apontam para o processo de interação entre os pontos de vista do produtor do comentário (conforme as recategorizações avaliativas e encapsuladoras) com o ponto de vista do produtor do texto-fonte e ainda com outros pontos de vista que estão armazenados na memória semântica.

A segunda particularidade é a intertextualidade implícita em que o ponto de vista presente no comentário tanto alude o texto-fonte quanto alude informações de outros textos que se encontram armazenados no conhecimento de mundo. Por fim, a intertextualidade explícita, em que a contrapartida está apenas calcada no ponto de vista desenvolvido no texto-fonte, fundamentada na citação de referentes textuais do texto-fonte (a partir de retomadas e manutenções de referentes textuais) e na referência à referente textual Cantanhêde (por meio da função discursiva retomada).

É preciso assentar que as funções discursivas propostas por Tedesco (2002) para as estratégias anafóricas, direta e indireta, foram essenciais para compreendermos a prática social da linguagem em ambientes digitais como a rede social *Facebook*.

A partir dessas funções foi possível concluir acerca da existência de uma superestrutura discursiva, a qual, no nível micro do discurso, apresenta comentários cuja organização discursiva pode apresentar: a) expressões anafóricas que mantêm a continuidade tópica no gênero comentário em relação ao texto-fonte; b) expressões anafóricas diretas e indiretas que determinam a continuidade tópica do texto-fonte e a interrupção momentânea do tópico discursivo a partir da inserção de um referente novo (informação nova); c) expressões anafóricas indiretas que indicam a ruptura da continuidade tópica com o texto-fonte para a inserção de um novo tópico discursivo, mas que mantém coerência com as informações desenvolvidas no texto-fonte.

Os perfis de intertextualidade constatados na análise do *corpus* confirmaram as hipóteses propostas na pesquisa, as quais propunham a compreensão da intertextualidade, fenômeno de coerência textual, a partir das estratégias anafóricas, direta e indireta, aspectos de coesão textual. Logo, a comprovação das hipóteses permitiu que fosse alcançado o objetivo geral da presente tese que era avaliar a organização discursiva do gênero digital comentário, conforme as estratégias cognitivas e discursivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino de língua portuguesa, o desempenho dos alunos em leitura e produção textual e o contexto da sala de aula são fatores considerados por pesquisadores em língua portuguesa em projetos de pesquisas. A formação de professor de língua materna e a nossa atuação como tal, normalmente, nos aspiram a buscar estudar o funcionamento da língua em gêneros discursivos que fazem parte do contexto escolar, com o fim de atuar de modo mais efetivo na orientação do uso da língua em contextos em que imperam o uso da modalidade escrita, conforme o contexto dos concursos do ENEM e vestibulares.

Este é nosso movimento natural, porque estamos, em nosso cotidiano, em constante busca de conhecimento que vise a melhorar os índices de desempenho no uso da língua, que ainda, no Brasil, estão abaixo do que espera o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)⁶¹. A consequência disto é “ignorar” o movimento da língua em outros contextos sociais, como é o caso do contexto da *Internet*. Por isso, pesquisar a estrutura textual do gênero comentário e as funções linguísticas e discursivas, na rede social *Facebook*, foi um estudo complexo e trabalhoso, por estar “caminhando” num “lugar” estranho e difuso, distinto dos gêneros discursivos praticados na sala de aula, os quais são relacionados aos contextos literário e não literário, e também inusitado por estar adentrando no universo da comunicação social.

Esse afastamento dos gêneros escolares permitiu que me desprendesse do contexto do ensino e me inserisse de maneira plena nos estudos descritivos da língua portuguesa no âmbito da comunicação de massa, contexto que inspira reflexões de especialistas de filosofia, de sociologia, de antropologia e de comunicação social. Com o crescimento do consumo de comunidades virtuais presentes na *Internet*, percebi a importância de estabelecer a confluência das percepções teóricas da Linguística textual com a prática social da linguagem desenvolvida na comunidade virtual do *Facebook*. Por isso, nesta lógica, se deu a escolha do gênero digital comentário, gênero de estrutura textual híbrida, que condiz com as expectativas de entretenimento coletivo da popular comunidade virtual, o *Facebook*. As possibilidades textuais do gênero comentário são uma das formas de entretenimento da comunidade virtual, pois, além desta, há o modo não verbal de opinar pelo gênero digital “curtir”. Foi defendido nesta pesquisa que o “curtir” é gênero digital, pois, o mesmo apresenta em sua

⁶¹ Avaliação internacional que avalia o nível educacional de estudantes de 15 anos com base em avaliação em leitura, matemática e ciências.

essência as três características necessárias que definem e determinam qualquer gênero discursivo: o estilo, informal, a estrutura linguística, não verbal, e o tema, no sentido de apreciar. Igualmente, foi proposto que a rede social Facebook tem função discursiva de suporte de gêneros discursivos digitais, entre estes os perfis da rede social *Facebook*, os variados *Links*, o comentário e o próprio curtir.

O uso da linguagem no gênero comentário é um uso estruturado por sequências textuais verbais, não verbais e sonoros, utilizadas de forma simultânea, ou não, de acordo com o propósito do interactante. De modo a determinar o perfil híbrido da linguagem em interações virtuais, como as praticadas no *Facebook*.

Esse uso híbrido da linguagem no gênero comentário reflete a interferência cultural da *Internet*, a mídia de massa, nas relações sociais. Em função disto, a nossa comunicação no cotidiano tem se desenvolvido numa relação constante do textual com o imagético e com o sonoro. Trata-se de um uso virtual da linguagem com suas especificidades linguístico-discursivas, que confirma a prática da linguagem por uma terceira modalidade da língua, totalmente consolidada na sociedade, a qual merece um estudo continuado.

Os “passos” iniciais, no ambiente virtual de entretenimento, definiram a complexidade do estudo. Em razão disto, houve a necessidade de buscar cursos com informações que me ajudassem a analisar a estrutura do texto verbal no gênero comentário, na comunidade virtual do *Facebook*, pois, se tratava de pesquisa com viés em comunicação de massa. Infelizmente, os cursos propostos para a minha área de conhecimento estavam voltados, especificamente, para a descrição da língua, normalmente, em gêneros de cunho literários e não literários, conforme os gêneros de domínio discursivo jornalístico ou de domínio discursivo escolar.

A pesquisa demandou, principalmente, informações a respeito de metodologias de pesquisas empregadas em ambientes digitais. Por isso, realizei um curso em nível de pós-graduação *Stricto Sensu* em etnografia para ambiente digital, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Outro curso, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tinha o foco nas distintas abordagens sobre gênero discursivo e sobre multimodalidade.

Por influência destes cursos e também pelo curso proposto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro relativo ao processo de referenciação, houve uma mudança no meu objetivo inicial de pesquisa, que era analisar os aspectos linguísticos nos níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos no gênero comentário, em perfis de ex-alunos do ensino fundamental e médio.

O curso a respeito de etnografia em ambiente digital deu a direção metodológica para a pesquisa. Compreendi que a minha postura metodológica diante de um ambiente digital

como o *Facebook* deveria ser de observação-participante. Logo, da proposta etnográfica, apenas foi assimilado o comportamento do pesquisador diante dos enunciados publicados no *Facebook*. O meu interesse de pesquisa não implicou num estudo etnográfico *de per se*; não estava em foco à análise do comportamento dos usuários da rede social *Facebook*, conforme especifiquei no capítulo 5 (página 118), sobre a “Metodologia da pesquisa”. A análise visava às sequências textuais do gênero comentário, o que implicou numa metodologia com perspectiva etnográfica, para observar as estruturas textuais de comentários e participar, distanciadamente, das interações no *Facebook*.

Antes da pesquisa, em leituras, havia constatado a metodologia etnográfica em estudos a respeito da comunicação na Internet e também na análise da conversação. No entanto, desconhecia a metodologia etnográfica e suas especificações em campo de pesquisa. A pesquisa me permitiu conhecer e apreender a metodologia etnográfica, de modo a assimilar desta o comportamento diante do objeto de estudos em ambiente digital.

A observação-participante, que se desenvolveu de modo distanciado, foi importante para perceber que a estrutura verbal dos comentários publicados em perfis pessoais de ex-alunos não seria suficiente para atender ao objetivo do projeto inicial de pesquisa, a respeito dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de textos verbais, em contexto virtual. Os jovens ex-alunos não costumam comentar verbalmente no *Facebook*. Os jovens, no *site*, gostam, principalmente, de curtir publicações de vídeos e de fotos. Quando há comentários verbais sobre publicações são, extremante, sucintos. Linguisticamente, estruturados com frases nominais do tipo ‘melhor família’, ‘maravilhosa’, ‘lindaaa’, ou com a utilização de expressões que expressam risadas ou deboches.

Percebi nestas sequências textuais com frases nominais, porém, que o processo de referenciação, especificamente, por anáfora direta, além de alguns perfis de textos verbais com anáforas indiretas, o que me instigou realizar um estudo tanto linguístico quanto discursivo. Neste sentido, com base nas anáforas, direta e indireta, que determinam o nível textual, foi possível reconhecer e compreender as relações de intertextualidade no gênero comentário, as quais orientam para o discursivo, nas interações verbais.

No entanto, mesmo identificando as estratégias anafóricas nos comentários publicados pelos meus ex-alunos, seus textos verbais foram considerados insuficientes para o novo objetivo geral da pesquisa. Por esta razão, optou-se por textos verbais em comentários publicados em perfis públicos, particularmente, em perfis jornalísticos, pois, gosto de acompanhar as publicações de jornalistas como Noblat (O Globo), Lauro Jardim (O Globo), Anselmo Gois (O Globo), como Eliane Cantanhêde (Estadão).

Esta percepção somente foi possível pela atitude de observadora-participante e pelo tempo de observação e de participação no perfil jornalístico, de Eliane Cantanhêde. Ressalto que pesquisas, em ambiente digital, com o fim de estudar aspectos linguísticos e discursivos de gêneros que circulam na *Internet*, demandam tempo considerável de observação-participante, porque nem sempre os textos verbais publicados nos comentários dos interactantes são relevantes para o objetivo da pesquisa. O período de doze meses em “navegação”, no *Facebook*, me permitiu perceber as problemáticas de pesquisar e de coletar dados textuais relevantes, em gênero digital.

Tais dificuldades da pesquisa me fazem considerar a necessidade de existirem mais pesquisas linguístico-discursivas em ambiente digitais, em qualquer perspectiva teórica com foco na língua portuguesa. Como aponte na introdução deste estudo, no processo de revisão bibliográfica no *site* da CAPES, foi constatada uma quantidade ainda tímida de pesquisa linguísticas sobre o uso da língua em gêneros discursivos digitais. A razão pode ser, justamente, a complexidade metodológica para realizar o estudo linguístico na *Internet*. É preciso enfrentar o obstáculo metodológico e produzir ou publicar mais estudos sobre o uso virtual da língua.

Como pontuado, a dificuldade na seleção de estrutura verbal significativa em comentários ocorreu porque os interactantes que curtem ou seguem o perfil da jornalista Cantanhêde, costumam fazer comentários de conteúdos subjetivos, do tipo “sou seu fã, curto o seu trabalho”. Algo considerado habitual, pois, um dos propósitos em redes sociais é a realização de um entretenimento mais subjetivo, conforme fazem os meus jovens ex-alunos.

Esse tipo de comentário não foi considerado na análise dos dados, mas a partir deles foi possível “supor” algumas coisas, como, por exemplo, a possibilidade de muitos interactantes do perfil da jornalista Cantanhêde não ter lido o artigo de opinião com função de texto-fonte para a publicação de comentários ou para a publicação de curtidas. Também é possível supor que os interactantes não se sintam confortáveis em expressar opinião de sentido polêmico, num perfil público, constituído por desconhecidos. Opiniões polêmicas podem gerar contrapartidas mais emotivas. Principalmente, externar a opinião sobre assuntos vinculados ao contexto político que implica em divergências extremas de pontos de vista.

Tais suposições não foram comprovadas na análise do *corpus* e para confirmá-las seria interessante a realização de entrevistas com alguns interactantes que frequentam perfis públicos, porém, como dito, este não foi o meu interesse.

Nessa perspectiva, considero ter sido uma grande contribuição para os estudos linguístico-discursivos a análise do *corpus* desta pesquisa, porque os comentários indicaram

por meio da estrutura linguística, com base em expressões anafóricas direta e indireta, e por meio de relações discursivas, a partir da intertextualidade, um significativo manancial de informações que explicita a heterogeneidade discursiva em comunidades virtuais, como a pesquisada: o *Facebook*.

Assim, a heterogeneidade discursiva é construída, no *Facebook*, numa superestrutura discursiva, sistematizada por pares metatextuais, baseada na relação dos comentários com textos que lhes servem de fonte (GENETTE, 2010). A dedução dos pares metatextuais foi importante, porque determinou o primeiro aspecto de intertextualidade em ambientes virtuais, cujo entretenimento é coletivo. Desta forma, foi possível perceber pelos pares metatextuais a existência de formações discursivas similares ou distintas entre os pontos de vistas dos interactantes e da jornalista.

A análise das funções discursivas de expressões definidas anafóricas diretas, fundamentada em retomada, em manutenção de referente e em recategorização avaliativa, explicitaram uma similitude entre os pontos de vista de interactantes e da jornalista Cantanhêde. No jogo argumentativo, é um aspecto que confirma a persuasão e o convencimento. Os interactantes nos textos verbais dos seus comentários usam os mesmos argumentos da jornalista a respeito de algum fato.

No caso dos pontos de vista que se complementam, estes ficaram evidentes em comentários cuja estrutura textual apresentava tanto expressões anafóricas que retomavam ou ainda que recategorizavam avaliativamente, quanto expressões anafóricas indiretas, as quais indicavam a introdução de nova informação. Os produtores deste perfil de comentário são apreciados por sua autonomia discursiva. Eles concordam com o ponto de vista da jornalista, isto é, são persuadidos, mas também apresentam argumentos, os quais não foram propostos pela jornalista em seu artigo de opinião.

Houve comentários, extremamente, pontuais em que foi constatado sequência textual constituída, apenas, por expressão definida anafórica indireta que exigia dos leitores da estrutura verbal dos comentários maior acionamento do conhecimento de mundo, para compreender a alusão a outros discursos, sem referência a tópicos ou subtópicos discursivos do texto-fonte. A constatação deste perfil de estrutura textual é interessante para vermos uma semelhança na organização discursiva do gênero comentário com o gênero conversação. Na conversação, é comum a inserção de estrutura textual anafórica indireta que leva a conversação para outro subtópico discursivo.

Os perfis de intertextualidade apresentadas pelos comentários, conforme as funções discursivas das expressões anafóricas direta e indireta, são dados importantes para estudos de

perfil cognitivo realizado pela Linguística textual e para pesquisas voltadas para a análise do discurso. Nas abordagens da Linguística textual, a intertextualidade é um fator de coerência textual, porque indica as relações dialógicas construídas entre textos, os quais se encontram armazenados em nossa memória semântica ou discursiva. As abordagens da análise do discurso costumam chamar a atenção dos usuários da linguagem para os “já-ditos” e para os “não-ditos” no discurso. A intertextualidade orienta para os “já-ditos” de acordo com as relações de explicitudes, as quais estavam presentes nas estruturas textuais dos comentários com base em citações ou referências ou, ainda, com base na explicitude composta de citação e de referência. Os “não-ditos” que ficam no horizonte da implicitude do texto foram indicados na intertextualidade que alude para outros textos. A intertextualidade implícita está linguisticamente determinada em expressões definidas anafóricas diretas com função discursiva que recategoriza por encapsulamento e está linguisticamente determinada em expressões definidas anafóricas indiretas.

Esses dados permitem afirmar que as redes sociais, como o *Facebook*, converteram-se num influente instrumento jornalístico para a formação da opinião, com *Feedback* imediato dos interactantes, por meio de contrapartidas concretizadas tanto pelos comentários quanto pelas curtidas e, igualmente, pelos compartilhamentos. Este é um aspecto que merece atenção daqueles que estudam a linguagem e a comunicação, porque, como observou Castells (2010), a *Internet* enquanto mídia de massa descentralizou a transmissão da informação. Logo, cada comentário produzido por um interactante é uma informação apresentada para uma coletividade que vai além da jornalista Cantanhêde. Esta informação pode ser utilizada e compartilhada por milhares de pessoas para atender interesses diversificados, como os interesses políticos com fins eleitorais, o que confirma a mudança cultural vivenciada pela sociedade, nos últimos vinte anos. Essa mudança, também, ocorre no universo do ensino, a partir da educação a distância. O processo de ensino e aprendizagem, contemporaneamente, ocorre por meio de uma interação hipertextual.

Essas duas concepções foram essenciais no processo de avaliação das categorias linguísticas no micro discursivo, pois, foram “pistas” que me levaram a conclusões no nível macro discursivo. No macro discursivo, houve o diálogo com as abordagens de Bakhtin (2010), de Orlandi (2003), de Possenti (2003), de Marcuschi (2008), de Barros (1994), de Koch, Bentes, Cavalcante (2012), de Dijk (2012), Fiorin (1994) e Genette (2010).

A análise dos textos verbais dos comentários favoreceu para perceber as relações de intertextualidade mais comuns como a citação, a referência e a alusão, e favoreceu reconhecer as relações intertextuais singulares como a intertextualidade explícita composta por citação e

por referência; e a intertextualidade híbrida (explícita e implícita); todas fundamentadas nas funções discursivas exercidas pelas expressões definidas anafóricas. A alusão em expressões anafóricas indiretas foi uma contribuição importante deste estudo, como também as relações intertextuais explícitas compostas e híbridas.

Aliás, a intertextualidade é reconhecida com aspecto significativo do hipertexto. Entretanto, durante a pesquisa percebi a limitação a respeito do assunto em ambientes digitais que são de natureza hipertextual.

Pesquisar o uso da língua portuguesa em textos verbais no gênero comentário me permitiu estudar o processo de textualização num hipertexto, circunscrito à realidade virtual. O aspecto significativo da pesquisa para as aulas de língua portuguesa é ressaltar que a linguagem sempre está no mesmo ritmo das transformações sociais e culturais, não a par disso. Por isso, é relevante problematizar, nas nossas aulas de língua portuguesa, os fatores discursivos que interferem no processo de produção de ponto de vista em gêneros discursivos digitais, nas redes sociais. Questão interessante porque atenta os nossos alunos para a intencionalidade implícita nos propósitos comunicativos dos comentários publicados nas redes sociais. A intencionalidade, apenas, é explícita ao observarmos as escolhas linguísticas feitas na construção do texto verbal. Este não é mais um conteúdo de língua a ser ensinado, mas é uma discussão intrínseca a várias temáticas de língua portuguesa imputadas pelos currículos escolares.

O interessante é despertar os jovens para perceberem as influências culturais das novas tecnologias por meio da linguagem, porque é a linguagem significativa e possível qualquer que seja a interação social. Seja qual for a transformação cultural exercida pela *Internet* e suas ferramentas tecnológicas, esta somente se concretiza pela linguagem, porque a linguagem constitui o homem.

Para os pesquisadores de língua portuguesa, o significativo deste estudo não está apenas na compreensão desta complexa e híbrida organização discursiva do gênero digital comentário, mas este estudo visa a abrir “caminhos” para outros pesquisadores, peço licença para Ingedore Koch, com interesse de desvendar os segredos do texto na realidade virtual.

Neste contexto da mídia virtual, “Navegar é preciso”, mas produzir comentários coesos, coerentes e com autonomia discursiva também; pois, um uso fragilizado desta mídia, poderá torná-la, com o tempo, centralizada. Isto é, aquele que sabe usar a língua significativamente, também irá controlar significativamente as informações que circulam na *Internet*, com propósitos comunicativos heterogêneos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. *A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.
- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In.: CAVALCANTE, M.M; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.53-84.
- BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Tradução P. Bezerra.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In.: BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. (Org.) *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p.1-9.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção dos sentidos. In: FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 19-43.
- CASTELLS, Manoel. *A Sociedade em Rede*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Tradução R. V. Majer.
- _____. *A Sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, p. 345-354, 1998.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MESQUITA, Lívia de Lima. Argumentação e polifonia em anáforas encapsuladoras. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 55-63, jan. 2011.
- CONTE, Maria Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In.: CAVALCANTE, M.M; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.191-228.
- CRYSTAL, David. O princípio: Entrevista com David Crystal. In: SALIÉS, Tania G.; SHEPHERD, Tania G. (Org.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-35.
- CUNHA, Gustavo Ximenes. A articulação discursiva do gênero artigo de opinião à luz de um modelo modular de análise do discurso. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 73-97, jun. 2012.
- HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2016. 272 p. 2. reimp.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva A Voz, 2010. Extratos traduzidos por Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda, Miriam Vieira.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. *Argumentação e Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *As tramas do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz C.. *A coerência textual*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BENTES, Anna Cristina. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; FELTES, Heloisa P. de Moraes. A construção dos referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de (Org.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

_____. *A questão do suporte dos gêneros textuais*. EUA: Mimeo, 2003b.

_____. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Análise da conversação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore G. Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Cristina (Org.). *Referenciação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MILNER, Jean-claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228.
- MONDANA, L.; DUBOIS, D.. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- ORLANDI, Eni P.. *Análise de discurso. Princípios e Procedimentos*. 5. ed. Campinas: Editora Pontes, 2003.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 68-90.
- PIMENTEL, Carmem. *Blog: da Internet à sala de aula*. Curitiba: Appris, 2012.
- POSSENTI, Síriu. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, p. 253-269, 2003. Especial.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 206 p. Coleção Cibercultura.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. *A Constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo*. 2001. 347 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- RONCARI, Luiz. Prefácio. In: BARROS, Diana L.P.; FIORIN, José L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 9-12.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 2, n. 9, p. 206-216, ago./dez. 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31. Tradução Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel.
- SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. Discursividade e espaço discursivo. In: FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 99-118.

TEDESCO, Maria Teresa. *O processo de referenciação e a construção do texto argumentativo*. 2002. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Letras e Artes, Pós-graduação Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____. Educação a distância: o processo de interação e autoria em EAD na perspectiva da linguagem. In.: SIMÕES, Darcília (Org.). *Semiótica, linguística e tecnologias de linguagem. Homenagem a Umberto Eco*. Dialogarts, 2013.

VAN DIJK, Teun A.. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Contexto, 2012. Tradução Rodolfo Ilari.

XAVIER, Antonio Carlos; SANTOS, Carmi Ferraz. O texto eletrônico e os gêneros discursivos. *Veredas: Revista de Estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 51-57, jan./jun. 2000.

ANEXOS

Os pares metaextuais “Lula lá, Dilma cá” e “Histórias mal contadas” foram utilizados nos exemplos do capítulo 4. Estes juntamente com os pares metatextual “O centro do universo”, “Arrastão familiar” e “Mais liberdade” não fizeram parte da análise do *corpus*. No entanto, foram considerados na etapa inicial da observação-participante.

I - PAR METATEXTUAL “LULA LÁ, DILMA CÁ”



Eliane Cantanhêde
18 de setembro de 2015 · Facebook Mentions · 🌐

Lula no meio da duração
<http://politica.estadao.com.br/.../geral,lula-la--dilma-ca,17...>



Lula lá, Dilma cá - Política - Estadão
Lula lá, Dilma cá Tags: Eliane Cantanhêde, Eliane Cantanhêde 18 Setembro 2015 | 05h 00 Sem apoio majoritário do Congresso, dos trabalhadores, dos...
POLITICA.ESTADAO.COM.BR

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 446 Principais comentários ▾

69 compartilhamentos

Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 09/2015.

*Lula lá, Dilma cá*⁶²

Sem apoio majoritário do Congresso, dos trabalhadores, dos empresários, dos funcionários públicos e dos movimentos sociais para o seu novo pacote, a presidente Dilma Rousseff fez o de sempre: chamou o Lula! Ou será que o ex-presidente é que se escalou para dar mais um dos incontáveis conselhos que entram por um ouvido e saem pelo outro de sua pupila?

⁶² O artigo de opinião “Lula lá, Dilma Cá” está disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 09/2015.

O fato é que Lula não tem mais apenas comichões e urticárias diante dos erros políticos, econômicos e de gestão de Dilma e do seu governo. Ele disfarça razoavelmente, mas agora está à beira de um ataque de nervos, à beira de um colapso, vendo o barco afundar e, pior, afundando com o barco.

***Dilma** pode estar mal informada sobre Lula, mas Lula está muitíssimo bem informado sobre **Dilma**, as brigas internas do governo, o zigue-zague das decisões, a insistência da **sucessora** em menosprezar todos os sinais óbvios de que a coisa está feia na economia e principalmente na política.*

*O ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, é uma das pedras no sapato do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, e, apesar de **tão dilmista** quanto Aloizio Mercadante, Edinho Silva, Miguel Rossetto, Ricardo Berzoini e José Eduardo Cardozo, ele vive de ti-ti-ti com Lula, ou diretamente ou via algum companheiro confiável. Quem conhece a história sugere consultar a agenda do Instituto Lula em São Paulo, sobretudo às sextas-feiras. Se é que isso entra na agenda formal.*

*Nessas conversas, ardem muitas orelhas, principalmente a de Levy, mas talvez a mais ardida seja sempre a de Mercadante. Teimoso, chegado a desafios e à competição, Lula parece não descansar enquanto não sacá-lo da Casa Civil para jogá-lo no ostracismo. **Dilma** vem resistindo, mas até quando?*

*Lula tira, lula põe. Pelo menos insiste em tentar tirar e por. Queria porque queria Henrique Meirelles para a Fazenda, perdeu para Levy. Agora quer porque quer trocar Mercadante por Cesar Borges, que foi do grupo de Antonio Carlos Magalhães e ex-governador da Bahia pelo PFL/DEM. Trata-se de um homem sensato, afirmativo e mais técnico do que partidário, numa hora em que **Dilma** tem de estar acima de partidos.*

*Lula, porém, precisa combinar com os adversários, especialmente com **a adversária Dilma**, porque, como se lê nas páginas, se **ela** realmente rifar Mercadante, dará preferência a Kátia Abreu, atual ministra da Agricultura, líder ruralista, mulher forte e batalhadora como **Dilma** e fiel à presidente, algo que parece estar se tornando cada vez mais raro.*

Kátia Abreu, porém, tem dois inconvenientes graves. Um é que ela, como ruralista, será imediatamente rejeitada pelo MST e pelo que resta governista das bases sociais do lulismo, já indóceis com Levys, pacotes e ajustes. Outro é que circulam fartamente nas redes sociais as fotos dela, quando ainda era DEM (hoje é PMDB) – e, portanto, de oposição – comemorando, feliz da vida, a derrubada da CPMF. Teria mudado de ideia?

*De duas, uma, já que a recriação da CPMF é o coração do pacote anunciado há poucos dias e já todo desvirtuado na outra ponta, a do corte de gastos: ou **Dilma** desiste de nomear*

Katia Abreu para a Casa Civil ou desiste do pacote de Levy, o que equivale a dizer do próprio Levy. Isso, aliás, vem sendo mais e mais cogitado no centro e nos arredores do lulismo, como mostrou ontem o Valor Econômico.

*Com a palavra, a **presidente da República**, que continua produzindo um erro atrás do outro, confundindo aliados, irritando as bases sociais do PT, enlouquecendo o setor produtivo e, assim, abrindo rombos no casco do próprio barco. Que, por mais que Lula tente escapular, é também o barco dele.*

*Mesma fala. Ex-aliados do governo, sobretudo na área empresarial, têm unificado o discurso com setores da oposição: não se faz impeachment do nada, mas se, como diz FHC, o governo “vai ficando no ralo” e for configurada a responsabilidade **da presidente**, aí não vai ter jeito. A resposta pode ser dada pelo TCU, antes do TSE.*

COMENTÁRIOS

Thomé⁶³ – O Brasil em pleno 2015 está cada vez mais parecido com a República Weimar dos anos 20; guardadas as devidas proporções, a ingovernabilidade é a mesma; o vácuo do poder se criou e nada o segura; rezemos para que Lula não seja Bormann...

Loriana – Lula percebeu, a duras penas, que o plano de ajuste fiscal de Dilma-Levy-Barbosa é a única saída que o governo tem para driblar a crise, mesmo sabendo que pode ser um rotundo fiasco no Congresso..Lula, não adianta insistir, uma vez perdida a credibilidade.

Irene – Ninguém tá perdido, estão é bem achados, estão fazendo tudo com uma cartilha??? Então se assim for tá tudo certinho com os pingos nos is do PT@ pra um resultado já achado há tempos, desde o dia que Lula pisou ou pousou no governo bem atrás. Gente boba!

Neusa -Olha! Eu não gosto de fazer fofoca, mas que o PT tá esperando um Milagre pois tiveram tempo demais para reverter a situação em que se encontra nosso País maravilhoso Brasil. Saiam feche a porta e jogue a chave bem longe. Vamos trocar todas as fechaduras e novas chaves vamos consertar o que tem que ser feito. DEMOROU Será que conseguiremos.!???

⁶³ Os comentários dos interactantes Thomé, Loriana, Irene, Neusa e Luiz estão disponíveis em:https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 09/2015.

Luiz – Governo da Dilma está completamente perdido. Trabalha de forma improvisada. Não tem plano, equipe coesa e competente, credibilidade, popularidade, apoio político e o pior de tudo carência total de liderança. Quando a presidente abre a boca só fala abobrinha.

II – PAR METATEXTUAL “O CENTRO DO UNIVERSO”



Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal Acesso em: 10/2015.

O centro do universo⁶⁴

Quem diria? O deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) virou o centro do universo, o eixo da política nacional, o alvo de todas as mídias e, principalmente, o foco das articulações da oposição e do governo. Isso tudo costuma custar bastante caro. Principalmente para quem gosta de poder e de dinheiro – de muito poder e muito dinheiro.

Cunha já era um imenso complicador para o impeachment, porque não tem conduta ilibada, nem imagem imaculada, nem respeito consensual de seus pares para comandar um processo contra qualquer presidente da República.

Além disso, sua presença gerou a desconfortável sensação de que, empossado, o vice Michel Temer arrastaria tanto Cunha quanto Renan Calheiros para o epicentro do poder. Tirar o PT e Dilma Rousseff para por “esse” PMDB no lugar?

⁶⁴ O artigo de opinião “Centro do Universo” disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 10/2015.

Agora, Eduardo Cunha virou caso de polícia, imbróglio jurídico e uma enorme enrascada política, tudo embolado depois das delações premiadas da Lava Jato, da descoberta de contas secretas milionárias na Suíça e da incapacidade de Cunha de justificar a origem de toda a dinheirama.

Foi nesse quadro constrangedor que o Supremo Tribunal Federal acatou os mandados de segurança de dois deputados do PT e um do PC do B – os três, claro, aliados de Dilma – contra o rito combinado entre Cunha e a oposição para tocar o impeachment adiante. Essa a manobra governista deixou todo mundo com uma pulga atrás da orelha.

Em resumo: o Supremo determinou liminarmente que, caso Eduardo Cunha rejeite um pedido de impeachment, a oposição não pode entrar com recurso e levar a decisão final para o plenário. Numa primeira leitura, isso significa que cabe exclusivamente a Cunha, como presidente da Câmara, decidir se defere ou indefere o pedido de impeachment. Ponto.

Se for assim, fica uma enorme interrogação no ar político: por que os três deputados governistas induziram essa saída que, na prática, significa jogar a abertura do processo contra Dilma totalmente nas mãos do inimigo número um da presidente? Aparentemente, ele fica ainda mais forte e Dilma fica ainda mais nas mãos dele.

A não ser que o voto da ministra Rosa Weber, muito eclético, confuso, incompreensível para leigos e meros mortais, também impeça que Eduardo Cunha dê qualquer palavra a favor ou contra Dilma até o julgamento final da questão pelo Supremo. Ou seja, o objetivo dos petistas e o resultado do mandado de segurança seriam o adiamento da análise dos pedidos para o final do ano, ou o próximo ano, ou... para depois da renúncia ou cassação de Cunha?

A não ser também que, numa segunda hipótese, Eduardo Cunha tenha mudado de lado. Ele tinha acertado tudo com a oposição para rejeitar o pedido de Hélio Bicudo e Miguel Reale Jr., mas depois acatar o recurso do PSDB, do DEM e de outros para levar a questão para o plenário. Mas agora, com a corda no pescoço, pode estar combinando com o governo uma fórmula em que, entre mortos e feridos, salvem-se todos. Leia-se: salve-se Dilma por um lado e salve-se ele pelo outro.

O que reforça essa segunda opção é o fato de Cunha andar, subitamente, de tititi com ministros políticos com assento no Palácio do Planalto. Eles conversam sobre alguma coisa e não me venham dizer que é sobre flores.

Só que, se é claro o que Eduardo Cunha tem a oferecer a Dilma Rousseff, definitivamente não é claro o que Dilma Rousseff tem a oferecer a Eduardo Cunha. Ele pode muito bem enterrar os processos de impeachment e, mantida a decisão de ontem do Supremo,

não se fala mais nesse assunto. Mas ela não pode mandar na Procuradoria-Geral da República, na Polícia Federal, na Justiça e no Conselho de Ética para livrar a cara dele. Ou será que pode?!!!!

COMENTÁRIOS

Nilton⁶⁵ – Como comenta constantemente o ex-ministro e presidente do STF, sua Excelência o senhor Carlos Ayres Brito... A LEI suprema CONSTITUIÇÃO não é suprema por ter como guardião o Supremo.. o supremo é supremo por ser guardião da LEI suprema ...simples!!!

Corretor – A tal política mais do mesmo...Os atores mudam, o apno de fundo é sempre o mesmo...

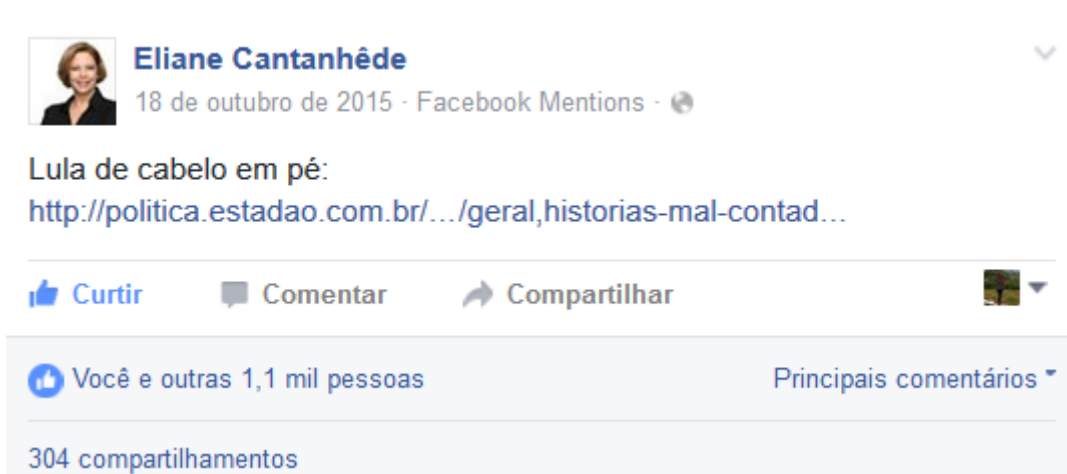
Adriana – Sim. tá confuso, mas vamos combinar, o Edurado Cunha, corrupto comprovado, tem alguma legitimidade para pedir o impeachment de quem quer que seja???

Marcus – O STF não atrapalhou jogo político algum, apenas está protegendo a nossa democracia de um golpe paraguaio.

Selvo – Essa geração do STF pois o dedo na poítica como nunca haviam feito seus antecessores. Engordaram, desvirtuaram-se.

⁶⁵ Os comentários de Nilton, Corretor, Adriana, Marcus, Selvo , disponíveis em:https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 10/2015.

III – PAR METATEXTUAL “HISTÓRIAS MAL CONTADAS”



Disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 10/2015.

*Histórias mal contadas*⁶⁶

O ex-presidente Lula entrou de cabeça na defesa do deputado Eduardo Cunha e da presidente Dilma Rousseff, mas ele deve estar tenso e preocupado mesmo com ele próprio e com a sua família. E, atenção, isso não tem a ver com um confronto entre esquerda e direita, é genuinamente uma questão de polícia e de justiça.

“A convite”, Lula já teve de dar explicações à Procuradoria-Geral da República, na sexta-feira, sobre suas intrincadas relações com as maiores empreiteiras do País, nas asas das quais voava pela África e pela América do Sul, esbanjando carisma e dando uma forcinha para os negócios.

Na Polícia Federal, há dúvidas se Lula funcionava como chefe das empreiteiras brasileiras com vultosos negócios no exterior ou se, na verdade, ele acabou virando uma espécie de alto funcionário a serviço delas ainda como presidente da República.

A dúvida é reforçada por mensagens e dados levantados na Operação Lava Jato, como um e-mail escrito por um executivo da Odebrecht às vésperas de um almoço de Lula com o presidente da Namíbia: “Seria importante eu enviar uma nota memória antes via Alexandrino com eventualmente algum pedido que Lula deve fazer por nós”. O “deve” soou

⁶⁶ O artigo de opinião “Histórias mal contadas” disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 10/2015.

como uma ordem. E o tal Alexandrino, que foi preso na Lava Jato, era o companheiro de viagem de Lula nos jatos da empreiteira.

Para os defensores incondicionais de Lula, o presidente interferia a favor das empreiteiras em defesa dos “interesses nacionais”. O problema é que as dúvidas sobre Lula não são isoladas. Ocorrem em meio a grandes suspeitas envolvendo o seu governo com histórias do arco da velha na Petrobrás e arrastando seus filhos e uma nora para o centro do noticiário que deveria ser político.

Segundo o Estado, Luiz Cláudio Lula da Silva abriu uma empresa na mesma época em que escritórios de lobby despejaram R\$ 32 milhões para aprovar uma medida provisória que prorrogou isenções fiscais para montadoras de automóveis. Ato contínuo, a empresa do filho de Lula – que atua na área do “marketing esportivo” – recebeu a bolada de R\$ 2,4 milhões de um desses escritórios – que não tem nada a ver com marketing esportivo. Nem quem pagou nem quem recebeu sabe explicar que negócio foi esse.

Segundo o O Globo, o delator Fernando Baiano, operador do PMDB na Petrobrás, disse em depoimento que pagou R\$ 2 milhões de despesas pessoais de outro filho de Lula, Fábio Luiz (o “Ronaldinho” da Gamecorp), que também virou empresário de sucesso depois que o pai virou presidente. E, segundo a TV Globo, Baiano especificou aos procuradores que teria dado R\$ 2 milhões para que uma nora de Lula quitasse parte (só parte...) de um imóvel. O intermediário teria sido o “irmão” de Lula José Carlos Bumlai, depois de uma negociação suspeita com a Petrobrás.

Na primeira vez, pode ser exagero ou simplesmente fofoca. Na segunda, começa a ficar esquisito. Na terceira, quando atinge o pai, um filho, outro filho e a nora, começa a assumir ares de verdade. É por isso que Lula gasta muita energia para salvar Dilma e Cunha – neste caso sem tanto sucesso, vide o racha na bancada do PT –, mas deveria guardar alguma para se defender e aos seus.

Esses delegados, procuradores e juízes que andam por aí azucrinando ricos e poderosos têm uma formação impecável, sabem o que estão fazendo e têm fortes conexões com os Estados Unidos, a Itália, o Uruguai, a Suíça... Eles não são nem de direita nem de esquerda. E não estão aí para brincadeira.

Anuncia-se nos bastidores que Lula já está em campanha para voltar ao Planalto em 2018 e dizem que, quando o leão passa, mesmo ferido, os outros bichos se escondem. Lula é sem dúvida um leão da política, mas, para passar, precisa estar livre, leve, solto e sem ter de explicar o tempo todo mil e uma histórias mal contadas.

COMENTÁRIOS

Santos⁶⁷ – Estou sempre torcendo pela legião do bem da justiça!

Beth - O Lula teto de vidro cara de pau!

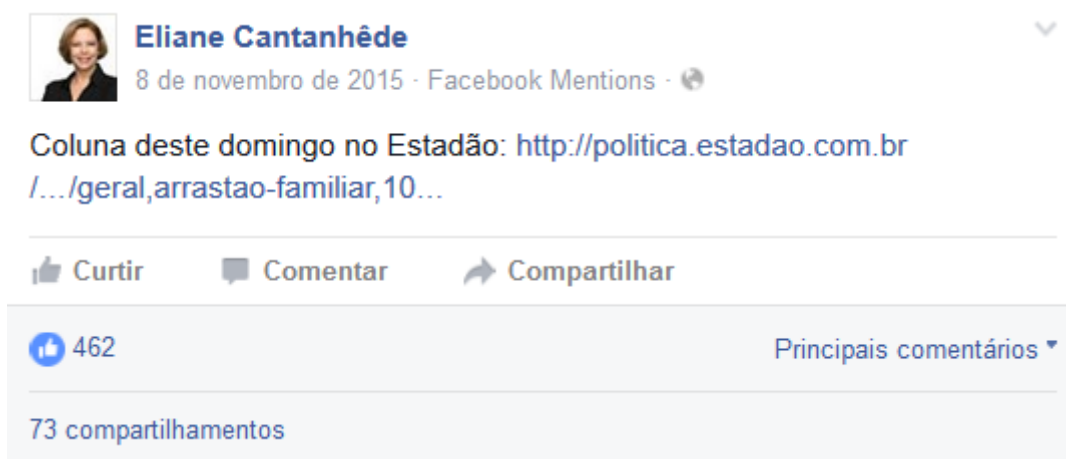
Luiz - Como vc bem descreve, sua história é mal contada e suas estórias é que nos deixam de cabelos em pé. Parabéns.

Mauro – até que ponto os 50% mais simples da nossa população são influenciados por estes fatos? Eles sabem sobre isto? Eles sabem sobre isto? Faço esta pergunta porque é nos mais “simples”, ou apenas economicamente “pobres”, que parece residir o estoque de votos do Lula.

Redes - a mídia está trucidando o filho do Lula, mas até agora os fatos e a prisão do vice-presidente da ANFAVEA só provam que os beneficiários do esquema foram as montadoras de veículos. A corrupção não tem apenas um lado, o corruptor é sempre o maior beneficiário.

Maria –É Nojento tudo isso que estamos vivenciando Eliane, a cada hora fatos novos de corrupcao, sensação de que tudo isto não tem fim.

IV- PAR METATEXTUAL “ARRASTÃO FAMILIAR”



Eliane Cantanhêde
8 de novembro de 2015 · Facebook Mentions · 🌐

Coluna deste domingo no Estadão: <http://politica.estadao.com.br/.../geral,arrastao-familiar,10...>

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 462 Principais comentários ▾

73 compartilhamentos

Arrastão familiar⁶⁸

⁶⁷ Os comentários de Santos, Beth, Luiz, Mauro, Redes, Maria disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 10/ 2015.

⁶⁸ O artigo “Arrastão familiar” disponível em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11/2015.

O que mais se ouve de políticos e de acusados e suspeitos da Lava Jato, da Zelotes e de contas secretas na Suíça é que eles já se acostumaram com “as injustiças” e só há uma coisa que não suportam: o envolvimento de mulheres, filhos, filhas, noras e genros nas investigações e nas manchetes. Tipo assim: “Eu aguento o tranco, mas não mete a família no meio”. O que vem sendo um trunfo da Polícia Federal para obter as fundamentais delações premiadas.

O problema é que quem meteu a família no meio não foram os policiais, procuradores, juízes ou repórteres. Quem jogou mulheres, filhos, filhas, noras e genros no meio foram os próprios envolvidos. Ou jogaram diretamente, ou criaram as condições ou, no mínimo, fecharam os olhos quando um ou outro passou a tirar proveito da situação. Agora, não adianta por a culpa nos outros nem chorar sobre o leite derramado.

Em entrevista a Kennedy Alencar, do SBT, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva recorreu a uma imagem familiar ao afirmar que não sabia de nada de nada do que se passava na Petrobrás: “O que as pessoas têm que compreender é o seguinte: quantas coisas acontecem dentro da sua casa, com seus filhos, que você não sabe? Quantas vezes acontece?”

Pode-se supor que ele não sabia que os filhos criaram nada mais nada menos que 17 empresas a partir do momento em que subiu a rampa do Planalto e sentiu o gosto do poder. Empreendedores esses meninos! Luís Cláudio, o caçula, é dono da LFT, que sofreu busca e apreensão da Polícia Federal e ele já passou pelo constrangimento de depor na PF para explicar negócios com uma empresa de lobby para lá de enrolada na Operação Zelotes.

Isso foi uma surpresa. Até então, o alvo da curiosidade geral era Fábio Luis, o “Ronaldinho” da Gamecorp, como reconheceu Lula na entrevista: “Você acompanha a vida do meu filho Fábio. Acompanha na internet: ele tem avião, ele tem a torre Eiffel, ele tem a Casa Branca, ele tem todos os bois da Friboi. Você não sabe a quantidade de desmentido que é feita todo santo dia”.

Nem José Dirceu, escaldado pela investigação, pelo julgamento e pela condenação no mensalão, escapou de meter a mãe e a família no meio. Lá está ele de novo enrolado, agora com a Lava Jato, tendo de explicar a dinheirama para a casa de uma, para o apartamento de outra. Um homem com uma história cinematográfica como ele...

O ex-diretor da Petrobrás Paulo Roberto Costa foi bem mais direto. Aproveitou-se da facilidade – falha de processos, fiscalização e responsabilização –, expandiu as tarefas para dentro de casa e transformou a família numa quadrilha com papéis bem definidos: a mulher

era laranja das contas no exterior, as filhas fechavam os negócios com fornecedores da Petrobrás, os genros cuidavam da contabilidade. Agora, faz ares de arrependido.

Esse envolvimento familiar vale para o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, que abria uma empresa aqui, fechava ali, mudava para lá, trocava o nome de cá, sempre com a família de alguma forma envolvida. Hoje, chora as pitangas porque mulher, filha e filho estão com o nome na praça. Quanto mais ele tenta explicar, mais se enrola. Primeiro, diz que não mentiu ao negar que tivesse contas, porque essas contas não eram dele, eram de empresas. Ah, bem! Depois, saiu-se com essa da carne enlatada para a África. Ah, bem!

Cunha saca essas histórias fantasiosas para se defender no Conselho de Ética da Câmara, ocupar espaço na mídia e empurrar o desfecho – com provável condenação – para o mais distante possível em 2016. Mas se esquece de que esse é só um dos seus problemas, e nem é o maior. O principal problema de Cunha é na Justiça, que, ao julgar pessoas, passa a julgar também famílias inteiras.

COMENTÁRIOS

Ana⁶⁹ - Filhos de políticos são diferentes.

Marli - Arrasta a família inteira para o meio da sujeira, mas esquecem que ninguém acredita mais no que falam

Ricardo - Algumas coisas, os filhos podem fazer sem percebermos, mas duvido que um enriquecimento destes, o pai não note.

É a raposa acobertando os filhotes, após atacarem o galinheiro.

Nélio - Pois é, Eliane, todo mundo sabe que eu não gosto de fofoca, mas... Essa história de dizer: eu não sabia, só convence quem quer ser convencido ou acredita em Papal Noel. Nós não precisamos de provas contundentes, pois não vamos colocar ninguém na cadeia. Colocar na cadeia é com a justiça. Não é preciso muita perspicácia para entender o esquema que foi montado no país há 12 anos. Um abraço. Nélio.

⁶⁹ Os comentários dos interactantes Ana, Marli, Ricardo, Nélio e Santiago disponíveis em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11/2015.

Santiago - Talvez o que pode explicar o que leva esses indivíduos a envolverem familiares (esposas, filhos, irmãos, noras sobrinhos, etc) em falcatruas seja o "Efeito Pitta". Lembra? O Celso Pitta, aquele que foi denunciado pela ex esposa. Será que ela o teria denunciado se estivesse envolvida? Alias essa é a tática que usam sempre, envolvem as pessoas que podem de alguma forma saber das falcatruas, tornando-as cúmplices. Tipico de máfias.

Stenio - Novo programa do PT: EMBOLSA Família

V - PAR METATEXTUAL “MAIS LIBERDADE”



Eliane Cantanhêde
4 de novembro de 2015 · Facebook Mentions · 🌐

Com tantos escândalos, estamos deixando de lado debates fundamentais para o país. Um deles é a Petrobras.
<http://politica.estadao.com.br/.../geral,mais-liberdade,10000...>

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👍 1 mil Principais comentários ▾

152 compartilhamentos

Mais liberdade⁷⁰

A presidente Dilma Rousseff tinha dito que não, mas o ministro Joaquim Levy diz agora que sim, é preciso mudar as regras para a exploração do pré-sal para que haja “mais liberdade” e a coisa comece a andar. Com tantas crises, tantos Cunhas e tantos Lulinhas, esse assunto passa sempre batido pela maioria e é tratado como questão ideológica pelo PT e setores da “esquerda”, mas é da maior importância.

O objetivo de projetos em tramitação, como o do senador tucano José Serra, é simplesmente inverter a lógica: a Petrobrás não será proibida de ser a operadora única do pré-sal, mas deixará de ser obrigada a sê-lo. Tudo passará a ser uma questão de opção, não de obrigação. Quando for do interesse estratégico da Petrobrás e do País, ela será; quando

⁷⁰ O artigo de opinião “Mais liberdade” disponível em:
https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11/2015.

for um empecilho para a empresa e para o País, não será mais. A Petrobrás terá sempre a preferência, mas outras poderão participar.

Isso significa parar de engessar e de achatar o plano de investimentos da maior e mais simbólica companhia brasileira, tão machucada nos anos Lula, pelo assalto de partidos, de empreiteiras e de diretores inescrupulosos, que precisa desesperadamente se recuperar. Não é questão ideológica, mas estratégica.

“O meu projeto não discute o regime de exploração, só faz uma única coisa: retira da Petrobrás a obrigatoriedade de estar presente em todos os poços e de bancar 30% do investimento”, diz Serra, lembrando que, neste momento, a Petrobrás não tem como sustentar todo esse porcentual de investimento. Sem contar, cá para nós, os bilhões em refinarias como Abreu e Lima e Pasadena, envoltas em intensas suspeitas de desvios e má-fé.

A Petrobrás passou a ser o principal alvo da Polícia Federal, do Ministério Público e da Justiça e trocou a condição de maior vitrine pela de maior vidraça do Brasil no exterior. De empresa exemplar, orgulho de gerações, virou a mais endividada do mundo, tendo que cortar investimentos e vender ativos e áreas de operação. O resultado é em cadeia, em todos os setores que dependem da Petrobrás, e desemboca nos índices crescentes – e preocupantes – de desemprego.

Enquanto precisa tanto do que o pré-sal pode oferecer à Petrobrás e ao País, fica-se nesse lengalenga de “nacionalismo” à antiga, muito apropriado aos anos 50, não mais a um mundo global, dinâmico, em que a perda de um minuto hoje pode significar anos de atraso amanhã. Ao invés de privilegiar o interesse realmente nacional, discutem-se velhas ideias populistas.

Segundo ainda Serra, desde a descoberta do pré-sal até a implantação do modelo de partilha, foi realizado apenas um leilão e, desde 2010 até meados deste ano, a produção de petróleo no País cresceu apenas 12,6%. Ou seja, o setor está parado. É preciso revigorá-lo, arejá-lo, concordam o ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, e os governadores peemedebistas Paulo Hartung (ES) e Luiz Fernando Pezão (RJ) – que defendem mudanças para a retomada dos investimentos no setor, tão fundamental a seus Estados e para o País.

Ok. Então, por que essa correção não anda? Porque, além da resistência de setores ditos de “esquerda”, que equivocadamente se imaginam defendendo a Petrobrás, há um obstáculo ainda mais subjetivo: a resistência da presidente Dilma Rousseff.

A troca do regime de concessões pelo de partilha, com a obrigação da Petrobrás de estar em todos os consórcios e entrar com 30% do investimento é de... 2010. Ou seja, foi uma outra bandeira defendida com unhas e dentes pela campanha do PT e de Dilma, que, como se sabe,

é dura na queda, detesta reconhecer erros e raramente volta atrás. Mas vamos ser otimistas. Se Dilma cedeu a Lula, empurrou Mercadante para a Educação e engoliu o baixíssimo clero do PMDB no ministério, quem sabe não decide agora ouvir o seu próprio ministro da Fazenda?

COMENTÁRIOS

Mariana⁷¹ - Pois é Eliane. Pq será que a mídia convencional tb só fala em Eduardo Cunha, será medo de perder patrocinadores que tb tem rabo preso. Ninguém quase não falou sobre o que aconteceu com os manifestantes em Brasília, a não ser a mídia independente. Triste realidade desse nosso Brasil.

Denise - As coisas vão caindo no esquecimento... Já nem Lembrava mais da Graça Foster até ver aquele Cidadão que queria fugir de um assalto usando uma máscara muito parecida...!!!! E quando recebo o extrato e vejo As pouquinhas ações que comprei daquela Empresa...

Emilson - Cara Eliane Cantanhêde, as ideias - e corretas ideias - do PMDB para que saíamos dessa atual crise no seu aspecto econômico, são típicas do ideário econômico de um verdadeiro partido político de direita. Como, por exemplo, o Partido Republicano dos EUA, o Conservador da Grã-Bretanha e o PP da Espanha. Mas se você perguntar a PMDBistas como o Moreira Franco se ele é de direita, ele vai se indignar. Assim como se indigna qualquer PSDBista que defende privatizações e se acha de esquerda. Há, no Brasil, uma espécie de acordo não declarado entre a imprensa, academia e a esquerda brasileira, como um todo, para que não se revele à população que as ideias de direita são fartamente plagiadas.

Eduardo - No caso da Petrobrás a solução é simples: privatiza tudo!

Lucia - Mas isso sempre aconteceu, eles criam uma forma de chamar a atenção para alguma coisa diferente que hoje é o Eduardo Cunha, o povo se desliga e fica na expectativa se ele vai

⁷¹ Os comentários dos interactantes Mariana, Denise, Emilson, Edurado, Lucia disponíveis em: https://www.facebook.com/pg/elianecantanhedejornalista/posts/?ref=page_internal. Acesso em: 11/2015.

ser preso ou não é esquecermos do Moro. O Brasil sempre faz isso é o povo se desliga e começa a pensar só no Eduardo Cunham